

MARIA CÂNDIDA BECKER

**TREINAMENTO EM SAÚDE MENTAL PARA
CONSELHEIROS ESPIRITUAIS**

CAMPINAS

Unicamp

2008

MARIA CÂNDIDA BECKER

**TREINAMENTO EM SAÚDE MENTAL PARA
CONSELHEIROS ESPIRITUAIS**

Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de
Doutor em Ciências Médicas, área de concentração
em Saúde Mental

Orientador: Prof. Dr. Joel S. Giglio

CAMPINAS

Unicamp

2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

B388t Becker, Maria Cândida
Treinamento em saúde mental para conselheiros espirituais /
Maria Cândida Becker. Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Joel Sales Giglio
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Psicologia . 2. Saúde mental. 3. Aconselhamento. 4.
Religião. 5. Treinamento. I. Giglio, Joel Sales. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências
Médicas. III. Título.

Título em inglês : Training in mental health to spiritual counselors

Keywords: • Psychology
• Mental health
• Counseling
• Religion
• Training

Titulação: Doutor em Ciências Médicas
Área de concentração: Saúde Mental

Banca examinadora:

Prof. Dr. Joel Sales Giglio
Prof. Dr. Paulo Dalgolarrondo
Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto
Prof. Dr. James Reaves Farres
Profa. Dra. Elizabeth Bauch Zimmerman

Data da defesa: 31 - 01 - 2008

Banca examinadora da tese de Doutorado

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Joel Sales Giglio

Prof. Dr. Joel Sales Giglio

Prof. Dr. Paulo Dalgarrondo

Profa. Dra. Elizabeth Bauch Zimmerman

Prof. Dr. Francisco Lotufo Neto

Prof. Dr. James Reaves Farris

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 31/01/2.008

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à:

Clauss, marido e companheiro

D. Lina (in memoriam),

Tios Zé Garcia e Roberto (in memoriam), Tio

Bockman, Tias Aracy e Juracy (in memoriam),

Tias Arany, Julia, Maria Helena e Maria Cléo

Primos Ângela, Maria Cecília, Ana Maria,

Maria Luiza, Gláucia, Paulo Augusto, Cleuza,

Eliezer

que em diferentes momentos da minha vida,

partilharam da minha vivência, dos meus sonhos

e lutas para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao Clauss, marido, companheiro das horas certas e incertas, incentivador, compreensivo nas horas furtadas de sua companhia para estudar, escrever, viajar, entrevistar e especialmente por partilhar dos custos financeiros da pesquisa e do Treinamento.

Aos professores que colaboraram no Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais: Dr. Joel Giglio, Dr. João Batista Laurito Junior, Dra. Renata Azevedo, Dr. Fernando Tomita, Dr. Carlos Cais, Dra. Marisa Mauro, Ms. Paulo Augusto Costivelli de Moraes.

Aos “alunos”, companheiros que com perseverança e entusiasmo me ajudaram na realização do Treinamento.

Ao meu professor-orientador Joel Sales Giglio, pela sensibilidade, competência e apoio incondicional, para que fosse possível a realização desta pesquisa. Considero um privilégio compartilhar essa tese com Joel. Por tudo que ele representa como pessoa, pesquisador, educador e amigo.

Ao Rev. Ricardo Agreste, meu pastor, que me apresentou ao diretor do Seminário Presbiteriano do Sul, conseguindo um local para a realização do Treinamento.

Ao Rev. Adão Carlos, diretor do Seminário Presbiteriano do Sul, pela acolhida e permissão para que usássemos uma sala do edifício para o Treinamento, gratuitamente.

Aos professores: Zula Garcia Giglio, Paulo Dalgalarro, Francisco Lotufo Neto, Sérgio Saboya Arruda, Elizabeth Zimmerman e James Reaves Farris que contribuíram de forma preciosa durante o processo de pesquisa, nas “pré-bancas” e “bancas” que enfrentei.

Ao Paulo Augusto, pela amizade e companheirismo durante tantos anos e que junto com a Tia Sylvia e Sylvia Regina, me emprestaram o refúgio, onde pude terminar com tranqüilidade o texto desta tese.

Aos meus “velhos” amigos: kumbayanos, abeuenses, da Faculdade Teológica e de diferentes igrejas por onde passei, que nestes últimos tempos têm me dado muita alegria com encontros pessoais e virtuais, o que facilitou atravessar momentos difíceis.

À minha família, tios e tias, primos e primas que mesmo à distância me incentivaram nesta jornada.

Aos amigos que me suportaram em oração durante esta longa jornada.

Aos meus pacientes, alguns que estão comigo desde o mestrado, que acompanharam este processo, orgulhosos da sua terapeuta.

Ao meu Deus, que me deu o sonho, a força durante a caminhada e a vitória no final.

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu...
o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro...”

Isaías 9:6

	Pág.
RESUMO	<i>xxi</i>
ABSTRACT	<i>xxv</i>
1 - INTRODUÇÃO	29
2 - JUSTIFICATIVA	35
3 - HIPÓTESE E PRESSUPOSTO	43
4 - OBJETIVOS	45
4.1 - Objetivo Geral	45
4.2 - Objetivos Específicos	45
5 - REVISÃO DA LITERATURA	47
5.1 - As Ciências Sociais e a Religião	49
5.2 - A Psicologia e a Religião	57
5.3 - A Psicologia e o Aconselhamento	59
5.4 - Aconselhamento: Histórico e conceitos	63
5.5 - Aconselhamento Espiritual	66
5.5.1 – Conceitos.....	66
5.5.2 – Histórico.....	75
5.6 - O Conselheiro Espiritual	77
5.6.1 - Necessidade de Treinamento.....	78
5.7 - Saúde – Conceitos	80
5.8 - Saúde Mental – Conceitos	81
5.9 - Saúde e Religião	84
5.10 - Saúde Mental e Religião	84
6 - METODOLOGIA	87

6.1 - Levantamento de material bibliográfico.....	89
6.2 - Coleta dos Dados.....	89
6.3 – O Projeto Pedagógico (Anexo 2).....	89
6.4 - Recrutamento, Seleção e Treinamento dos Profissionais.....	89
6.5 - Realização das entrevistas.....	92
6.6 - Análise das Entrevistas.....	93
6.7 - Interpretação das Entrevistas.....	98
6.8 - A Pesquisa Qualitativa.....	100
6.9 - A Pesquisa-Ação.....	102
7 - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	109
7.1 - Conselheiro 1 – Entrevista 1.....	111
7.1a - Conselheiro 1 – Entrevista 2.....	117
7.2 - Conselheiro 2 – Entrevista 1.....	122
7.2a - Conselheiro 2 – Entrevista 2.....	132
7.3 - Conselheiro 3 – Entrevista 1.....	136
7.3a - Conselheiro 3 – Entrevista 2.....	142
7.4 - Conselheiro 4 – Entrevista 1.....	145
7.4a - Conselheiro 4 – Entrevista 2.....	151
7.5 - Conselheiro 5 – Entrevista 1.....	157
7.5a - Conselheiro 5 – Entrevista 2.....	164
7.6 - Conselheiro 6 – Entrevista 1.....	170
7.6a - Conselheiro 6 – Entrevista 2.....	181
8 - DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	185

8.1 - O Treinamento.....	187
8.2 - A Discussão das Entrevistas 1.....	189
8.2.1 - A caracterização dos sujeitos.....	189
8.2.2 - Como é a vivência no Aconselhamento.....	190
8.2.3 - Como é fazer Aconselhamento.....	194
8.2.4 - O que é usado no Aconselhamento.....	196
8.2.5 - As pessoas que mais procuram e os problemas mais freqüentes no Aconselhamento.....	207
8.2.6 - As maiores dificuldades.....	211
8.3 – Discussão das Entrevistas 2.....	215
8.3.1 - A Opinião dos Participantes.....	216
8.3.2 - Os casos relatados.....	223
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	233
9.1 - Com relação ao Objetivo Geral.....	237
9.2 - Com relação aos Objetivos Específicos.....	238
10 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	243
11 - ANEXOS.....	257
Anexo 1 - Entrevistas.....	259
Anexo 2 - Projeto pedagógico.....	286



RESUMO

Nossa intenção foi capacitar clérigos e leigos que trabalham com Aconselhamento Espiritual, em Saúde Mental e Técnicas Psicoterápicas.

Nosso objetivo foi: planejar, realizar, analisar o resultado do Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais, e pesquisar a vivência no Aconselhamento dos participantes antes e depois do Treinamento.

O modelo da Pesquisa-Ação foi a base da metodologia utilizada para o Treinamento, as entrevistas semi-estruturadas foram analisadas pelo método fenomenológico e interpretadas através do referencial da Psicologia Analítica e abordagens Bíblico-Teológicas.

Tivemos seis alunos, três pastores e três conselheiros leigos; quatro são Batistas e dois Presbiterianos. A experiência em Aconselhamento Espiritual variou entre seis e vinte e um anos.

Os resultados indicam que é possível para os Conselheiros Espirituais reunir os recursos da tradição do Aconselhamento, as elucidações aprendidas da Psicologia e as noções de Psicopatologia para um trabalho mais eficaz em Aconselhamento Espiritual.



ABSTRACT

Our intention was to train clergy and laymen who work with Spiritual Counseling, in Mental Health and Psychological Techniques.

Our objectives were: to plan, accomplish, analyze the results of *Training in Mental Health to Spiritual Counselors*, and to research the Counseling living experience of the participants before and after the Training period.

The model of the Research-action was the methodology basis used for the Training; the semi-structured interviews were analyzed by the phenomenological method and interpreted through the referential of the Analytical Psychology with Biblical-theological approaches.

We had six students, three clergy and three layman counselors; there were four Baptists and two are Presbyterians. The experience in Spiritual Counseling there is between six and twenty one years.

The results indicate that it is possible for the Spiritual Counselors to gather the resources of the tradition of Counseling, the learned elucidations of Psychology and the notions of Psychopathology to a more effective work in Spiritual Counseling.



1- INTRODUÇÃO

A maioria das oportunidades de Aconselhamento Espiritual surge em torno das crises. Há vários tipos de crises, entre os quais podemos destacar dois: crises no desenvolvimento, que ocorrem por ocasião das transições estressantes, porém normais na jornada da vida, tais como: casamento, nascimento, formatura, aposentadoria, e crises acidentais, que causam tensões e perdas não esperadas, tais como: doenças, acidentes, cirurgias, mudanças de moradia, desemprego, catástrofes naturais e que podem sobrevir em qualquer etapa da vida. Um dos objetivos do Aconselhamento Espiritual é capacitar as pessoas a reagir às suas crises, encarando-as como oportunidade de crescimento. Toda crise é também uma oportunidade de crescimento espiritual.

No contexto brasileiro vamos encontrar o Aconselhamento Espiritual como parte integrante das funções clericais, pois não temos como em outros países a profissão de Conselheiro, regulamentada. Desta forma o que podemos observar é que a orientação espiritual faz parte do Aconselhamento Pastoral em nosso contexto, quer seja realizada nos gabinetes pastorais ou clericais, nas capelanias hospitalares, educacionais, presidiárias ou nas forças armadas.

A literatura fala da possibilidade do Aconselhamento informal (Rollo May 1976, Clinebell 1987, Collins 1982, Clarkson 1992 e outros). Encontramos na pesquisa realizada por esta pesquisadora (Aconselhamento Pastoral na Depressão – tese de Mestrado) tanto pastores que fazem o Aconselhamento no gabinete com um modelo semelhante ao de médicos e psicoterapeutas, como pastores que contam com uma rede de voluntários para o Aconselhamento. Estes não têm necessariamente uma de formação para este trabalho. Encontramos também pastores-capelães que contam com a ajuda de voluntários.

Hillman (1985) critica o novo modelo de atendimento quase exclusivamente nos gabinetes pastorais: *"Devido à influência do modelo médico do analista e da psicoterapia, os ministros tendem cada vez mais a atender os problemas de seus paroquianos no escritório (estúdios, retiros ou coisa assim)"* (pág. 30). E Clinebell (1987) mostra o valor do conselheiro leigo e/ou voluntário: *"Quando pessoas leigas engajadas tornam-se pastores informais para seus vizinhos, colegas e companheiros membros da igreja, 'eles se tornam igreja' – o corpo de Cristo servindo a quem esta passando necessidade"* (pág.385).

Observamos ainda uma falta de preparo dos pastores, especialmente com relação à psicopatologia e idéias confusas sobre técnicas psicoterápicas.

Surgiu então, através do pedido dos entrevistados para a referida pesquisa, o desejo de proporcionar um treinamento, visando desenvolver ao máximo, aptidões nos conceitos teóricos para uma prática no Aconselhamento tanto de clérigos como de leigos, que seja eficaz, promova qualidade de vida, encaminhamentos adequados, sem deixar de lado a espiritualidade.

Como encontramos além de clérigos outros profissionais, tais como: psicólogos, enfermeiros, médicos, professores e líderes de igrejas que formal ou informalmente fazem Aconselhamento, propusemos este Treinamento em Saúde Mental para os profissionais de diferentes áreas envolvidos com o que podemos chamar de "Conselheiro Espiritual".

Nossa preocupação central neste Treinamento foi mostrar aos Conselheiros Espirituais a possibilidade de adquirir conhecimentos em Saúde Mental e em Técnicas Psicoterápicas que sejam relevantes ao Aconselhamento Espiritual.

Nestes termos, vou me permitir parafrasear Hillman (1985) dizendo que nesta pesquisa, *Minha tentativa de colaboração poderá escapar à linha costumeira de Aconselhamento Espiritual, pois acredito que o trabalho do Conselheiro, ao invés de tentar atingir a sofisticação clínica, poderia agir de modo mais amplo e profundo, atingindo mais pessoas, caso fosse desenvolvido dentro de sua própria tradição; sendo que na tradição do Aconselhamento Espiritual, a missão do orientador espiritual difere fundamentalmente daquela do analista e dos psicólogos clínicos e acadêmicos, sua tradição remonta a Jesus, que curava e cuidava das almas de muitas maneiras: pregando, andando por aí, fazendo visitas, contando histórias, tocando com a mão, orando, compartilhando, chorando, sofrendo, morrendo... Que o Conselheiro Espiritual, siga a 'imitatio Chisti'...* (págs. 8 e 45), pois quando estamos adoentados precisamos de ajuda e parte da ajuda significa sentir coragem suficiente para arriscar mais uma vez a experiência imediata do numinoso, na visão de Jung.

Assim, a cura significará *"revivificar a ligação com o transcendente que traz consigo a capacidade de levantar-se e caminhar rumo a nosso destino em vez de ser arrastado para ele pela neurose"* (Ulanov, in Young coord., 2000, pág. 278).



2- JUSTIFICATIVA

O tema proposto e os objetivos traçados que serviram de fio condutor para a pesquisa em questão, foram criados a partir das necessidades apontadas pelos entrevistados na pesquisa feita para a realização do mestrado (2003). Ao todo foram vinte e duas entrevistas, das quais na dissertação de mestrado foram analisadas nove. Foram vários os pedidos para que esta pesquisadora lhes proporcionasse um curso, um treinamento, que fornecesse ferramentas e maior conhecimento para a atividade por eles realizada e que segundo nossa pesquisa tem colaborado de forma positiva para diferentes aspectos da Saúde Mental. Desta forma nasceu a intenção desta Pesquisa e o Projeto Pedagógico que norteou o Treinamento.



3- HIPÓTESE E PRESSUPOSTO

Não foram explicitadas hipóteses tendo como norteadores as opiniões de Thiollent (2005), Triviños (1987), Chizzotti (1991), Bardin (1995), Kvale (1996), Huguette (1995).

De acordo com Thiollent: *“Muitos autores consideram que, na pesquisa-ação, não se aplica o tradicional esquema: formulação de hipótese/coleta de dados/comprovação (ou refutação) de hipótese. Este esquema não seria aplicável nas situações sociais de caráter emergente, com aspectos de conscientização, aprendizagem, afetividade, criatividade etc. (Liu, s/d, in Thiollent 2005). A pesquisa-ação seria um procedimento diferente, capaz de explorar as situações e problemas para os quais é difícil, senão impossível, formular hipóteses prévias e relacionadas com um pequeno número de variáveis precisas, isoláveis e quantificáveis”* (pág. 36). Este autor fala da *quase-hipótese* (pág. 38-39), o que permitiria ao pesquisador *“organizar o raciocínio estabelecendo 'pontes' entre as idéias gerais e as comprovações por meio de observação concreta”* (pág. 39).

Diferente é a opinião de Turato (2003) que nos adverte com relação à falta de hipóteses na elaboração de projetos de pesquisa, dizendo que ela *“funciona como chave para um empreendimento bem dirigido em todas as suas etapas, culminando o trabalho com conclusões com real caráter científico”* (pág. 140). Turato utiliza diferentes termos que se aproximam do termo “Hipótese” em Pesquisa Qualitativa em substituição a este, porém com *“significado etimológico e/ou sentido norteador”* diferentes: *“pressuposto, premissa, pergunta, palpite, problema, postulado”* (págs. 136-143). Este autor é incisivo na exigência da formulação de uma pergunta/pressuposto bem feito para que o trabalho científico seja completo em suas fases.

Sobre o mesmo tema diz Minayo (1994): *“Na abordagem qualitativa, as hipóteses perdem a sua dinâmica formal comprobatória para servir de caminho e de baliza no confronto com a realidade empírica. Costuma-se até a usar o termo PRESSUPOSTOS para falar de alguns parâmetros básicos que permitem encaminhar a investigação empírica qualitativa, substituindo-se assim o termo Hipótese com conotações muito mais formais da abordagem quantitativa”* (pág. 95). Segundo esta autora a Pesquisa Qualitativa tem uma natureza mais aberta e interativa, *“envolvendo uma observação participante”*, que

“permite que o investigador combine o afazer de confirmar ou infirmar hipóteses com as vantagens de uma abordagem não-estruturada. Colocando interrogações que vão sendo discutidas durante o processo de trabalho de campo, ela elimina questões irrelevantes, dá ênfase a determinados aspectos que surgem empiricamente e reformula hipóteses iniciais e provisórias.” (pág. 96).

Nosso pressuposto é: Após o Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais, estes terão maior facilidade em desempenhar a atividade de Aconselhamento por ter adquirido informações que não tinham até então.



4- OBJETIVOS

4.1- Objetivo Geral

Realizar um Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais e pesquisar os resultados desse treinamento.

4.2- Objetivos Específicos

- a. Planejar e realizar um treinamento para “Conselheiros Espirituais”, com o auxílio de outros profissionais da área da Saúde Mental, para capacitar pessoas que trabalham em Aconselhamento em áreas nas quais tenham pouco conhecimento, tais como: Psicopatologia, Fundamentos de Psicofarmacologia, Técnicas de Psicoterapia.
- b. Pesquisar a vivência no Aconselhamento Espiritual, dos que participaram do Treinamento, antes do Treinamento e após sua conclusão.
- c. Observar o Treinamento e analisar o resultado deste através da avaliação do atendimento em Aconselhamento Espiritual dos que participaram do Treinamento.



5- REVISÃO DA LITERATURA

5.1 – As Ciências Sociais e a Religião

Emile Durkeim, pai da sociologia moderna, considera o sistema religioso um reflexo das relações sociais no interior de um grupo. Em sua obra *“As formas elementares da vida religiosa”*, examina o fundamento da religião nas sociedades humanas. Ele busca compreender a forma e a natureza da autoridade moral inerente a tudo que é religioso. Utiliza para isto o método que os estudiosos da época consideravam a forma mais arcaica de religiosidade, a religião mais primitiva e simples, o totemismo australiano. De acordo com Otto, Durkheim concluiu que a religião seria um fenômeno social universal, marcado menos por crenças mágicas ou fé numa transcendência, do que pela oposição fundante entre o sagrado e profano. O totem seria uma força impessoal, um poder anônimo, exterior ao indivíduo, um sistema de símbolos que se irmanam pela noção básica do “sagrado”. Essa força especial que caracteriza o sagrado supera todo e qualquer indivíduo concreto, e, de fato, a própria sociedade, oculta por trás das concepções e experiências religiosas vividas.

“Na linha de desenvolvimento das ciências sociais concernentes à religião, na França, Claude Lévi-Strauss desenvolve e transforma as teses de Durkeim e Mauss, que deságua em seu influente estruturalismo. Dando seguimento à elaboração etnológica de Mauss, Lévi-Strauss dará ênfase às trocas simbólicas que viabilizam o vínculo social e constituem a sociedade. A ênfase da análise etnológica lévi-straussiana da religião é certamente seu estudo detalhado e aprofundado sobre o mito. Sua perspectiva irá resultar num estruturalismo radical que sustenta, que subjaz a todo fenômeno cultural significativo uma estrutura inconsciente, constituída por díades, por pares de oposição cuja significação é dada pela própria oposição.” (Dalgarrondo, 2006)

Tanto Lévi-Strauss como Mircea Eliade parecem ser mais sensíveis do que Durkeim aos aspectos intrínsecos do fenômeno religioso. Para eles a Religião guarda uma independência psicológica, ou seja, existem características essenciais da Religião que independem, até certo ponto, da sociedade em que ela se manifesta.

A Sociologia de maneira geral estuda as religiões de acordo com este modelo, que serve também de modelo para a interpretação de Freud ao fenômeno religioso. Giglio (1997) sugere que poderíamos chamar de "*modelo sociológico ou psico-sociológico de entendimento do fenômeno religioso*".

Para Weber (2001) a religião tem uma importância central na formação da base cultural do ocidente, que está intimamente relacionada ao processo específico de racionalização que produziu (e foi produto) do capitalismo moderno.

A religião cristã, em particular, as formas protestantes têm uma relação intrincada, na opinião de Weber, uma "*afinidade eletiva*", com racionalidade econômica e social do capitalismo moderno. Nos seus textos clássicos "*A ética protestante e o espírito do capitalismo*" e "*Seitas protestantes e o capitalismo*", ele expõe como a religião gera ou constitui estilos de vida culturalmente viáveis num dado contexto histórico e econômico. Para ele, não há determinismos de um lado ou de outro (o econômico configurando o cultural ou vice-versa). A análise de Weber do protestantismo e sua relação com a vida social e econômica moderna ilustram as relações entre dimensão religiosa e esfera social e econômica mais ampla. Weber busca articular o *etos* econômico no decurso da história. Para ele a religião estabelece modos de agir particulares no interior das comunidades. Ele pensa a religião não como sistemas de crenças, mas mais como "*sistemas de regulamentação da vida que reúnem massas de fiéis*". Assim seu interesse volta-se para os comportamentos práticos e o sentido que o *ethos* religioso atribui à conduta. (Dalgarrondo, 2006)

Da Filosofia destacam-se múltiplas áreas do estudo da Religião. Na época de Platão e Aristóteles, partia-se do princípio de que a Filosofia deveria abranger a totalidade dos conhecimentos. Hoje, a Filosofia já não se ocupa da totalidade dos conhecimentos, entretanto continua investigando a origem das primeiras coisas, a busca do conhecimento universal e o questionamento do próprio conhecimento.

Na história da Filosofia surgiram muitos pensadores, que comprometidos pelo seu posicionamento religioso, procuraram demonstrar a existência de Deus. Como exemplo podemos citar, entre outros, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Kierkegaard, Paul Tillich.

Os filósofos divergem através de suas teorias sobre o conhecimento e suas concepções acerca de Deus e da Religião, fornecendo um acervo de contribuições muito extenso e complexo. Alguns pensadores usam o método da demonstração filosófica para equacionar as origens do conhecimento, porém quanto a Deus e à Religião usam o fideísmo. Outros, concluem que é impossível afirmar ou negar a existência de Deus; há ainda os que usam argumentações e demonstrações filosóficas para afirmar a existência de Deus, e há também aqueles que afirmam categoricamente a não existência de Deus, afirmando que ele é uma criação da mente do homem (Amaro, 1996, pág. 217).

Não sendo nosso objetivo o estudo específico das ciências sociais e a religião vamos apenas percorrer o pensamento dos filósofos mais importantes para o estudo da Religião na intersecção com a Psicologia, restringindo ao nosso campo de pesquisa.

Platão (427-327 a.C.) – Dizia que o mundo, tal como o percebemos, é mutável, imperfeito e consiste apenas na aproximação do mundo das idéias, que é única realidade perfeita. Considerava a alma como princípio da vida do corpo, e que ela possui três partes: a mente, o afeto e o desejo, que residem respectivamente na cabeça, no peito e no ventre. Elaborou um programa terapêutico da “*cura pela palavra*”. Afirmava que a palavra, quando expressada em um belo discurso, pode produzir na vida anímica uma harmoniosa e justa ordenação de todos os seus elementos, tais como crenças, sentimentos, impulsos, saberes, etc. Essa harmonia da alma produz efeitos somáticos benéficos e é condição para que a ação dos remédios seja maximamente eficaz. A terapia, portanto, para ser eficaz requer o uso da palavra do médico.

Aristóteles (384-322 a.C.) – dizia que o ser humano, assim como todas as substâncias corporais, é composto de matéria e forma, e que esta confere ao ser a sua plenitude. Em todas as criaturas vivas a alma é a forma do organismo, é a concretude ou a realização da existência potencial do corpo. A alma abrange todos os graus de vida,

manifestando-se nos níveis vegetativo, sensitivo e humano. A forma mais elementar de manifestação da alma é encontrada nas plantas e a mais elevada, no homem, nas suas faculdades intelectuais. Considerava todas as sensações como agradáveis ou dolorosas e o pensamento como um esforço orientador no sentido de eliminar a dor e obter prazer, e que prazer mais elevado acontece na atividade mais alta, a razão. Os sonhos podem anunciar as doenças, pois estas são precedidas de movimentos insólitos no organismo que escapam ao estado de vigília. Recomendava a terapia da palavra dialética ou convincente, e da retórica ou persuasiva.

Hipócrates (460-377 a.C.) – Foi quem conseguiu separar definitivamente a Medicina da religião, pois embora alguns de seus antecessores já tivessem começado a considerar as doenças racionalmente, o seu tratamento ainda era feito nos templos. É conhecido como o pai da Medicina. A partir dele, pela primeira vez, foram elaboradas uma filosofia e uma ética destinadas a orientar a Medicina futura. Combatia o uso exagerado de medicamentos, pois acreditava que a própria natureza é que cura, para que isso aconteça, o médico precisa adotar procedimentos que despertem a vitalidade do paciente.

Santo Agostinho (354-430) – Influenciado pelas idéias de Platão, retoma a teoria das idéias inatas com algumas modificações à luz do Cristianismo. Agostinho procura estabelecer relações entre a razão e a fé. A fórmula que ele coloca é: “*crer para compreender*”. A fé, segundo Agostinho, daria a chave do universo e do destino humano. O pecado seria o afastamento do bem universal a favor do bem particular.

São Tomás de Aquino (1227-1274) – Foi influenciado por algumas das idéias de Aristóteles e transformou algumas delas para demonstrar a existência de Deus. Para Tomás de Aquino, Deus é único e a verdade é única, não podendo haver a menor contradição entre a verdade da fé e a verdade da razão. Para ele, quando houver uma contradição entre a verdade de um dogma e a da razão é porque há um equívoco no pensamento racional. Aquino coloca uma supremacia indiscutível da fé sobre a razão e da Teologia sobre a Filosofia.

Dando um salto da contribuição dos gregos e romanos, vamos para o início do século XVII quando já começaram a ocorrer realizações intelectuais, que se constituíram nos primeiros alicerces do mundo moderno.

René Descartes (1596-1650) – foi o mais extremado racionalista. Preocupou-se principalmente com a busca de um método que representasse um caminho para a descoberta e a invenção. Duvidou de tudo que fosse suscetível de dúvida, decidindo que a única coisa da qual poderia ter certeza era o próprio processo de duvidar. Este implica a existência de alguém que duvida. Daí a sua famosa máxima: “*Penso logo existo*”. Era partidário do dualismo corpo e alma, mas também era um interacionista, procurando sempre se referir à interação entre os atos psíquicos e as funções orgânicas por meio da glândula pineal, situada no cérebro. Reconheceu a existência do que hoje denominamos inconsciente.

Spinoza (1632-1677) – Importante filósofo desse período. Estabeleceu um dos fundamentos epistemológicos da psicossomática, reconhecendo que a alma e o corpo constituem uma unidade básica (monismo). O físico e o psíquico manifestam-se juntos; assim, as emoções são, ao mesmo tempo, estados do corpo e da alma. Denominou “*vacilação da alma*” as emoções opostas de amor e de ódio que podem surgir ao mesmo tempo em relação a uma mesma coisa – duzentos anos depois, Bleuler (1857-1939) chamou esse fenômeno de ambivalência.

Liebniz (1648-1716) – Filósofo, teólogo, matemático, jurisconsulto e historiador, foi um dos maiores gênios da humanidade. Com sua obra *Monadologia* desenvolveu uma teoria de substâncias infinitamente numerosas, todas independentes, porém coordenadas. Definiu-as como átomos auto-suficientes que não podem ser alterados por nenhuma coisa criada. Admitia o livre arbítrio, no sentido em que as razões pelas quais o ser humano age carecem da rígida compulsão da necessidade lógica. Seu otimismo metafísico reflete-se na sua célebre frase “*tudo corre pela melhor maneira, no melhor dos mundos possíveis*”.

Kant (1724-1804) – Deu significativa contribuição aos fundamentos filosóficos da psiquiatria. Chamou a atenção dos médicos para o ser humano primitivo, que considerou mentalmente *são* por ser livre em suas ações. Deduziu, então, que a enfermidade mental relaciona-se às necessidades, exigências e contratempos que a sociedade passou a impor e opor ao ser humano, contrariando-o e cerceando-lhe a liberdade.

Schopenhauer (1788-1860) – Deu forte ênfase à volição, considerando-a como o princípio básico da Psicologia. Afirmou que o fato de a pessoa sentir e querer é o processo primordial do ser humano. Afirmou também que o intelecto não tem existência independente, pois está a serviço da vontade, que é uma força dinâmica irracional ou super-racional que a pessoa experimenta como sentimento e esforço.

Kierkegaard (1813-1855) – É considerado por muitos filósofos e psicólogos, como precursor do existencialismo. Disse que a excessiva preocupação do ser humano com o universo levou-o a perder o contato com o que está mais próximo dele: o seu próprio eu. É preciso viver a verdade, em lugar de apenas a pensar. O ideal de pura objetividade de sistema e especulação não é possível, pois a nossa vida está entrelaçada à de nossos semelhantes e ao mundo, por isso não nos é possível contemplar a verdade com um coração desinteressado. Conseqüentemente, o que existe não é uma verdade em si mesma, mas como a pessoa se relaciona com o objeto ou qualquer fato, já que o observador precisa incluir a si mesmo como parte da investigação. Há uma necessidade de entrega ou de envolvimento do sujeito com a verdade. Um indivíduo pode falar sobre seus problemas sem sentir-se atingido. Sem pretender ser psicólogo, fez uma análise penetrante da angústia, da depressão e do desespero do ser humano decorrentes de sua alienação de si mesmo.

Nietzsche (1844-1900) – Embora não tivesse conhecimento das obras de Kierkegaard, apresentou algumas idéias iniciais semelhantes às dele. Afirmou que a ciência aliena a pessoa de si mesma. Ela deve experimentar cada verdade não ao observar outra pessoa, e sim na sua própria carne. Assinalou a desintegração psicológica do ser humano, existente em sua época, e a perda de fé em sua dignidade essencial, em sua humanidade. Consagrou-se ao enobrecimento do ser humano e buscou uma base sobre a qual ele pudesse restabelecer sua própria dignidade. Propôs, então, que se cultivasse a “*vontade de poder*”

como objetivo supremo da vida humana. Nas suas obras encontramos enunciados psicológicos profundos que, provavelmente, cerca de meio século mais tarde, influenciaram várias das idéias de Freud, que foi um estudioso de Nietzsche.

James (1842-1910) – Foi um filósofo pragmatista que considerou a Filosofia não deveria divorciar-se da concretude das aspirações e esforços humanos. Afirmava que os conteúdos mentais são produtos da atividade organizadora da mente que cria um todo com os elementos. Sob a corrente de pensamento há sempre um propósito adaptador e a serviço do organismo em sua luta para sobreviver. Sobre a experiência religiosa, Willian James em sua obra diz: “*Religião significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar divino*”. (Forghieri, 2007; Amaro, 1996)

Tillich (1886-1965) - Teólogo, alemão, pastor luterano. Influenciou intensamente o pensamento teológico do século XX. Trabalhou na I Guerra Mundial como capelão, experiência que afetou profundamente seu pensamento pelo resto de sua vida. Já na década de 1930, nos tempos de Hitler e do Nazismo, Paul Tillich teve de fugir para os Estados Unidos. Durante a II Guerra Mundial, já nos Estados Unidos, Tillich fez programas de rádio contra o regime de Hitler, onde tentou consolar e despertar seus conterrâneos para a luta contra o ditador. Escreveu muito e sobre vários assuntos. Sua obra abrange história da teologia, textos filosóficos, políticos, estéticos. O pensamento de Tillich era marcado por duas influências filosóficas fundamentais: o *essencialismo* e o *existencialismo*. Trabalhou de maneira consistente a relação entre a teologia e a cultura naquilo que ele mesmo chamou de *método da correlação*. Em seu livro *Teologia da Cultura*, ele detalha como deveria ser a relação entre a teologia e a cultura, entre Deus e o mundo; ou seja, entre Deus, a essência, o fundamento da vida e a existência humana.

De acordo com a visão da Antropologia, a Religião é uma das manifestações culturais mais arcaicas da humanidade. É possível inferir daí que a Religião antecedeu o pensamento discursivo linear, uma característica do homem moderno e é anterior também ao que caracteriza nossa civilização, que são as organizações sociais mais sofisticadas (Giglio, 1997, pág. 12).

Cardoso & Rodrigues (1993) trazem a idéia de sofrimento e da representação cultural da doença na construção da pessoa. Pensa-se em histórias de vida, trajetórias pessoais e em visões de mundo, remetendo à noção de pessoa. Logo, a noção de pessoa sugerida corresponde a um plano de realização da identidade, na medida em que os autores utilizam várias formas de discurso para construí-la quando falam de si ou mesmo ao serem observados em diferentes situações. Neste sentido, as narrativas são de importância vital para o entendimento desta identidade. Ao pensar em narrativas, os interlocutores utilizam categorias como doença, cura e sofrimento para descrever sua existência como marcada pelo sofrimento, pela dor ou por outros fatores, como por exemplo, relações pessoais, amorosas, situações econômicas ou afiliação religiosa. Falando em narrativas, ela pode ser vista como fora de um contexto, rompendo com um fluxo, criando condições para se falar da crise e criando mecanismos para que dentro da crise haja possibilidade de superação. A narrativa neste caso terá sempre um sentido de expressão de conflitos e de relação. Além desta perspectiva, a narrativa é vista como forma de ajudar no processo terapêutico, com sentido de persuasão, convencendo mais que a explicação lógica, e de forma muito eficaz. Ou seja, contar uma história pode ser um processo terapêutico muito eficiente. Vale lembrar, ainda de que forma breve, que é importante diferenciar narrativa de discurso. A narrativa é vista como encerrando uma experiência, um evento. E este é o diferencial do discurso. Já quanto à categoria de sofrimento, para os autores ela parece constituir um “significante flutuante”, abarcando contradições de significados, os quais se movimentam entre os planos mais concretos (relacionados a doenças físicas) e os mais abstratos (no sentido de cognitivos), determinando que a pessoa sofredora construa sua identidade social a partir do evento do sofrimento. Logo, o sofrimento é, ao mesmo tempo, a experiência da fragmentação ou experiência de caráter negativo, representada pela doença, mas é também o ponto de partida para a construção ou reconstrução da identidade social.

A narrativa da qual os autores falam é semelhante à narrativa no processo terapêutico e ao Aconselhamento, e também a uma confissão, a um momento de catarse. Jung fala da catarse ou purificação como o primeiro dos quatro “*estágios*” do tratamento analítico ligando este momento aos momentos de confissão, de ritos e práticas de iniciação. Um momento para aliviar o *self* de alguém. Quando alguém se abre para outro ser humano, provoca ruptura de defesas pessoais e do isolamento neurótico, preparando-se para um

novo estágio de crescimento. O Conselheiro pode propiciar este momento ajudando as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento pessoal de seus aconselhados.

Pensando na possibilidade de construção ou reconstrução da identidade social, somos levados a pensar também em performance ritual, expressa no texto de Rabelo (1993). Considerando que o ritual produz uma transformação da experiência dos participantes, Rabelo cita Fernandez ao falar sobre o papel das metáforas na cultura. Rabelo explica:

As metáforas estendem a experiência informe do sujeito a domínios mais concretos e reconhecíveis. Através da atribuição de predicções metafóricas sobre si mesmos e os outros, os indivíduos procuram se situar mais favoravelmente em um determinado contexto relacional.

Ao explicar Fernandez, Rabelo argumenta que este autor parte da analogia entre cultura e texto, teorizando sobre as estratégias textuais das quais o ritual é capaz de orientar a atitude dos seus participantes (e aqui a narrativa entra novamente). Rabelo argumenta que analisar o ritual é exatamente examinar como os símbolos, significados e metáforas são manipulados em um contexto de ação. A eficácia do ritual está baseada na eficácia que o trabalho de transformação se realiza, e estudar o ritual acaba sendo muitas vezes a tentativa de compreensão de como diferentes modelos religiosos de cura são transformados em imagens e práticas que possibilitam uma ressignificação da experiência do doente. Vale lembrar que nos referimos aqui à saúde e doença espiritual.

5.2 - A Psicologia e a Religião

Com relação à Psicologia, o fenômeno religioso também tem sido estudado de diferentes formas, algumas antagônicas entre si. Como exemplo característico disto podemos citar as posições de Freud e Jung, que representam duas vertentes diferentes e em alguns momentos, opostas. Giglio (1997) sugere chamarmos estas duas formulações de reducionista e multideterminada, respectivamente.

Para Freud em seu livro *O Futuro de uma Ilusão*, o desamparo do homem primitivo frente às forças na natureza e à morte, promove o anseio de ser protegido pelo pai e pelos deuses. Essas condições existenciais do homem primitivo promoveriam segundo Freud, o nascimento da idéia da existência de uma Providência benevolente que o protegeria dos perigos da natureza. Ao elaborar a idéia de Deus, o homem poderia ter restaurado a intimidade da relação boa do filho com o pai. Através de muitas civilizações e com muitas transformações, teriam sido formadas as bases das religiões atuais.

Poderíamos resumir a opinião de Freud sobre a Religião, através de suas próprias palavras em *O Futuro de uma Ilusão*: “... *a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai*” (pág. 69).

A Ilusão de um Futuro é um texto-resposta de Pfister, pastor e psicanalista, que com coragem pessoal, crítica metodológica e teológica contrapõe-se a seu mestre. Em uma carta a Freud, Pfister expressa a sua opinião sobre o ponto de vista de Freud em relação à Religião: “*A principal diferença entre nós reside provavelmente em que o senhor cresceu perto de formas patológicas de religião, as quais considera como 'a religião', enquanto eu tive a sorte de poder dirigir-me a uma forma livre de religião. Ao senhor, esta religião parece ser um esvaziamento do cristianismo, mas, para mim, é o centro e a subsistência do evangelho*” (Freud, E. e Meng, H., org., 1998, pág. 151).

Oskar Pfister é sem dúvida o pioneiro na aplicação da psicanálise com uma inserção do Cristianismo, um defensor da psicanálise e ao mesmo tempo do Cristianismo, colocando uma reflexão sempre atual sobre a intersecção entre a teoria e a clínica psicanalítica e a fé religiosa.

As manifestações religiosas e simbólicas que cercavam Carl Gustav Jung, filho de um pastor protestante, sempre lhe chamaram a atenção. Através de uma cuidadosa observação e atenta análise destas representações na mente humana ele pode reconhecer como conteúdos arquetípicos da alma as manifestações coletivas que são bases para as mais diversas religiões. Jung via a Religião mais como atitude da mente do que qualquer credo, sendo este uma forma codificada da experiência religiosa original.

"Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: 'religio', poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como 'potências: espíritos demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados". (Jung, 1984, §8)

Ao falar de Religião Jung fala de suas imagens e símbolos, de ambos os lados da lacuna entre o ego e o Si-mesmo. Sua contribuição à Religião concentra-se em relacionar a realidade psíquica inconsciente com nossas confissões de fé conscientes. Ele afirma, explicitamente, que uma função importante de sua psicologia é estabelecer ligações entre as verdades contidas nos símbolos religiosos tradicionais e nossa experiência psíquica. Se realmente reconhecermos a lacuna entre o ego e o Si-mesmo, ela se transforma em um espaço de diálogo entre os mundos. *"Sentimos a conexão que ocorre em nós e em todos os aspectos de nossas vidas. Somos tomados por um sentimento de envolvimento que nos leva a uma vida ao mesmo tempo emocionante e reverente. Pois é precisamente neste espaço que descobrimos nossas imagens de Deus. Estas imagens apontam em duas direções: para a noção de finitude oculta em nossa vida consciente, e para o outro lado da lacuna em direção ao Deus desconhecido"* (Ulanov, in Young, coord., pág. 276).

5.3 – A Psicologia e o Aconselhamento

De acordo com Hillman (1985) as expectativas que levam uma pessoa a procurar o Aconselhamento não são as mesmas que o fariam buscar um analista.

Polischuk (1994) nos apresenta uma lista do que pode levar uma pessoa a consultar ou buscar ajuda:

<i>Problemas pessoais, intrapsíquicos</i>
Depressão
Sentimentos de culpa
Ansiedade
Temor
Vergonha
Angústia
Preocupação
Ira
Stress
Esgotamento, colapso
Dependência química
Problemas de identidade sexual

<i>Problemas interpessoais</i>
Problemas familiares
Problemas matrimoniais
Disputas, querelas entre amigos
Problemas eclesiais
Problemas extras familiares (escola, polícia, etc.)

<i>Problemas situacionais</i>
Problemas financeiros
Crises e catástrofes repentinas
Mudanças drásticas na família e igreja

<i>Problemas espirituais</i>
Interpretação doutrinária
Hábitos
Ajuste na comunidade

Estes motivos podem ser agrupados de acordo com fatores presentes nos objetivos daqueles que ajudam: *a)* perspicácia e entendimento em relação aos problemas, *b)* melhora na comunicação interpessoal, *c)* sustento e ajuda em tempos de crises, *d)* mudança na conduta indesejável e aprendizagem do adequado, *e)* descoberta de potenciais humanos e espirituais, crescimento e maturidade.

Isto nos leva a considerar que a maior parte dos problemas humanos é o resultado de uma mescla de fatores psicológicos, sociológicos e históricos e o uso inapropriado de nossa liberdade (o que a tradição bíblica chama pecado). Por esta razão o Aconselhamento tem uma dupla tarefa: *a)* deve identificar os problemas de desenvolvimento e os fatores ambientais que têm distorcido o crescimento da pessoa; *b)* deve identificar aqueles padrões de conduta inadequados que respondem a valores éticos e morais alheios à fé cristã e que destroem o ser humano (Schipani y Jiménez, 1997).

Seria contraproducente afirmar como Jay Adams em seu livro "Conselheiro Capaz": que todos os problemas psicológicos são, na realidade, manifestações de enfermidades físicas ou conseqüências do pecado da pessoa aconselhada. Para Adams a Bíblia só tem duas categorias de causas para a vida desajustada: *a)* causas orgânicas, *b)* causas não orgânicas (pecado). As causas orgânicas podem ser hereditárias ou adquiridas, por meio de acidentes, devido ao pecado do indivíduo (abuso de drogas), etc. Os problemas não orgânicos estão representados nas Escrituras como procedentes do pecado do aconselhando. Não existe uma categoria neural ou subcategoria que permita dificuldades não orgânicas pela qual o aconselhando não possa ser responsabilizado pessoalmente (Adams, 1975).

Podemos sugerir que o conselheiro pode beneficiar-se dos aportes da psicologia, especialmente da psicologia profunda. O conselheiro que desconhece estes aportes da psicologia se empobrece em um extremismo tão perigoso como seu oposto, isto é, o abraçar qualquer aporte da psicologia sem uma atitude crítica. Autores como Freud, Jung, Fromm, Adler e outros, podem enriquecer o trabalho do Aconselhamento sem que os conselheiros tenham que estar de acordo com todos seus postulados teóricos.

A carência de uma formação conceitual adequada no campo da psicologia pode induzir a práticas catastróficas (Martínez et. al, 1993).

Exemplos:

- Confundir *esquizofrenia* com *possessão demoníaca*. A falta deste conhecimento básico tem levado alguns conselheiros a organizar sessões de exorcismo, com resultados frustrantes, quando o mais adequado seria um encaminhamento a um serviço de saúde mental. O maior prejudicado é o doente, podendo ter um agravamento de suas condições de saúde mental.
- Confundir as *dúvidas* de uma *neurose obsessiva* com a *falta de fé*. Há cristãos que não participam da Eucaristia porque no momento de tomar o pão ou o vinho em suas mentes se apresentam imagens ofensivas a Deus e blasfêmias contra Cristo. Se o conselheiro não tem uma idéia clara de que estamos diante um problema nitidamente psíquico que requer um tratamento psiquiátrico ou psicológico, recomendará que a pessoa não participe da Eucaristia até que desapareçam estes "maus pensamentos".
- Confundir uma personalidade *depressiva, astênica*, com *preguiça*. Às vezes podem caminhar juntos e à sombra de um problema depressivo pode esconder-se um problema secundário (rechaçar qualquer esforço, tudo o que supõe trabalho). Porém nem sempre o depressivo é preguiçoso.
- Confundir o *medo* da pessoa *ansiosa* com *falta de fé*. "Se você tivesse mais fé, não teria esse temor", esta é uma frase comum e que é verdade em certos casos; porém não resolve a angústia de uma pessoa ansiosa que vive muitos momentos de sua vida esmagada sob o peso dos medos irracionais e ilógicos.

O conhecimento destes temas facilitará o exercer o trabalho como conselheiro de uma maneira mais eficaz.

5.4 - Aconselhamento: Histórico e conceitos

Para conceituar o Aconselhamento, Schmidt sugere (in Rapport, 1987) deslocar-se em vários sentidos e fazer vários desdobramentos. Buscando pelo sentido original da palavra aconselhar, precisamos ir ao verbo latino *consiliare*, que vem de *consilium*, cujo significado é: com/unidade, com/reunião. Abstraímos daí que aconselhar é uma ação que reúne duas ou mais pessoas que consideram algum assunto.

James Hillman (1985, pág. 23) diz que: "*Quem procura o Aconselhamento, o faz para livrar-se da opressão de incidentes, para encontrar o que é verdadeiro, desvencilhando-se de banalidades que ele próprio reconhece como tais, mas das quais não consegue libertar-se por estar obsessivamente preso numa armadilha interior*".

Para Rollo May (1976), a prática de ajudar pelo conselho, Aconselhamento, orientação, simpatia, encorajamento, tanto informalmente (de amigo para amigo), quanto profissionalmente (sacerdote para fiel, doutor para paciente, professor para aluno) é antiqüíssima. A prática contemporânea de Aconselhamento consiste, na sua essência, em uma tentativa de tornar o ato de ajuda mais eficiente, baseando-o no conhecimento do caráter humano, a sua construção, destruição e reconstrução, de maneira que possa ser auxiliado pelas diferentes abordagens da psicologia.

Há outras possibilidades de conceituação, como Garret que considera o Aconselhamento uma simples "*conversa profissional*", ou o conceito de Rogers, "*como uma série de contatos diretos com o indivíduo, com o objetivo de lhe oferecer assistência na modificação de atitudes e comportamentos*", ou de Robinson: "*ajudar as pessoas normais a obter um nível mais elevado de ajustamento que se manifesta por maturidade crescente, independência, integração pessoal e responsabilidade*" (in Lotufo, 1985). Para este último, estaria então excluído o Aconselhamento à pessoa que tenha uma doença física ou mental, desde que, para ele, a ajuda deva dar-se a "pessoas normais".

Vamos utilizar a seguir alguns conceitos da United Kingdom Council for Psychotherapy, instituição que congrega, treina e normatiza as funções de conselheiro na Inglaterra. Não há instituição similar no Brasil, pois a profissão de "Conselheiro" não é

reconhecida. A United Kingdom Council for Psychotherapy (Clarkson, 1994) define Aconselhamento como: *"a habilidade e principalmente o uso do relacionamento para facilitar o auto-conhecimento, a aceitação emocional e o crescimento, e otimizar o desenvolvimento e os recursos pessoais. A ajuda total é provida de uma oportunidade de trabalho através da vivência mais satisfatória. O relacionamento do Aconselhamento variará de acordo com a necessidade, mas pode ser concebidos com o desenvolvimento, direcionamento e resolução de problemas específicos, tomada de decisões, desenvolvimento da criatividade e conhecimento pessoal, trabalhando através dos sentimentos o conflito interno ou melhorando os relacionamentos com os outros"* (pág. 12 tradução livre da autora).

Para esta instituição uma regra para o conselheiro é facilitar o trabalho dos clientes de maneira que se respeitem os valores deste, as habilidades pessoais e a capacidade de determinação própria.

Os conselheiros devem ter treinamento especial, experiência e habilidade para a relação de Aconselhamento, para capacitar pessoas a encontrar seu próprio crescimento e alcançar seus objetivos pessoais. Os conselheiros são capacitadores e facilitadores, ajudando o cliente em problemas específicos e enfatizando mudança. Para esta instituição, o Aconselhamento pode ser um campo geral ou específico, ex.: Aconselhamento para aposentadoria, conjugal ou sexual, Aconselhamento do pecado, HIV, de saúde ou de luto.

A United Kingdom Council for Psychotherapy tem um corpo de conselheiros, um código de ética e prática para conselheiros. Para eles o Aconselhamento têm que estar dentro de 3 áreas principais:

- da natureza do Aconselhamento
- demonstrar responsabilidade
- demonstrar competência.

Muitos conselheiros argumentam que são psicoterapeutas e podem ter razão, pois um conselheiro bem treinado pode trabalhar como qualquer pessoa de outra área. Algumas características do Aconselhamento são: os conselheiros trabalham por menos tempo, trabalham com pessoas com distúrbios menos sérios e com áreas de ajustamento da vida, acompanham pacientes terminais, dão suporte nas crises, dão orientação e ajudam na solução de problemas e trabalham com pessoas imaturas. "*Os conselheiros ajudam a lubrificar a engrenagem da experiência de alguém de forma que ele possa gerenciar um melhor funcionamento*". (op. cit. pág. 9 - tradução livre da autora)

Os conselheiros normalmente não são graduados em psicologia, não usam a psicologia como uma disciplina acadêmica como base da sua prática e são os centros de Aconselhamento que treinam conselheiros na prática e na teoria psicodinâmica. A United Kingdom Council for Psychotherapy acredita que falta treinamento para os conselheiros.

Clarkson (1994) assim como Hillman (1985), dizem que Aconselhamento e psicoterapia não são o mesmo processo. Para Clarkson a diferença entre eles é histórica. O Aconselhamento enfatiza o que pertence ao aqui e agora. Isto pode ser alcançado através de cuidado e cognição. A psicoterapia por outro lado toma o agora como uma história de vida, onde as coisas aprendidas então, são acontecimentos de agora, mas em contexto diferente. Para esta autora no Aconselhamento o mais importante é o resultado final e na psicoterapia o principal é o treinamento do diagnóstico em patologia.

Na United Kingdom Council for Psychotherapy há uma classe ainda não categorizada como Psicólogo Conselheiro. A diferença mais importante entre o conselheiro e o psicólogo conselheiro é o uso consciencioso da psicologia acadêmica como extensão prática da habilidade do Aconselhamento. O psicólogo conselheiro tem diploma de psicólogo e faz um treinamento em psicologia do Aconselhamento.

5.5 - Aconselhamento Espiritual

5.5.1 – Conceitos

O tema deste trabalho foi definido como **Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais**, em face do oferecimento do Treinamento não somente a clérigos, o que chamaríamos de Aconselhamento Pastoral, mas também a “leigos”, ou seja, profissionais de outras áreas que estivessem envolvidos com o Aconselhamento.

Por Aconselhamento Espiritual entendemos que o que o diferencia do Aconselhamento Pastoral é porque pode ser realizado por leigos, treinados para o atendimento daqueles que buscam além de uma orientação para suas crises, também respostas para suas dúvidas espirituais, seu vazio existencial. Neste caso o Aconselhamento Espiritual significa a presença na fé, a presente ação de Deus. O que mais se destaca no Aconselhamento Espiritual é a crença da presente ação de Deus nessa relação, que pode não existir numa relação psicoterapêutica, com psicólogo ou psiquiatra. Muitas vezes as técnicas parecem bem semelhantes, mas a atitude, a presença, é diferente, o espírito é diferente (Becker, 2003).

Ruth Tiffany Barnhouse (1979) nos fala quanto as semelhanças e diferenças entre Aconselhamento Espiritual e Psicoterapia secular. Barnhouse comenta que eles são semelhantes na medida em que ambos implicam em motivação interior para mudar; ambos são utilizados por uma pessoa mais objetiva (terapeuta ou conselheiro) para ajudar a identificar áreas cegas na percepção; ambos lidam com questões específicas e singulares da vida das pessoas; ambos implicam em treinamento de técnicas para sua prática. Eles são diferentes nos critérios pelos quais o resultado é avaliado: a Psicoterapia enfoca as mudanças no ser interior e nos relacionamentos da pessoa, enquanto o Aconselhamento Espiritual enfoca o relacionamento da pessoa com Deus e com a comunidade cristã. O Aconselhamento Espiritual reconhece a distinção entre alma e psique, porém está orientada para questões de saúde espiritual. (Barnhouse in *The Journal of Pastoral Care*, 33, set. 1979, pág. 154, tradução livre da autora)

Para conceituar o Aconselhamento Espiritual, nesta pesquisa através de conselheiros cristãos, protestantes, que foi o nosso público durante o Treinamento, temos que recorrer aos conceitos do Aconselhamento Pastoral para nos auxiliar.

O Aconselhamento Pastoral surge como um desdobramento da Teologia Pastoral que é responsável pela *práxis*. A Teologia Pastoral articula o pensamento teológico com a realização prática desta teologia e é ela que oferece subsídios para o trabalho do pastor, dos quais o Aconselhamento Pastoral é parte da sua vivência.

Clinebell (1987) nos diz que o Aconselhamento consiste “*no estabelecimento e na subsequente utilização de um relacionamento cuja qualidade pode ser descrita como ‘terapêutica’ (curativa), ‘maiêutica’ (facilitadora de nascimento e crescimento) e ‘reconciliadora’ (restauradora de relacionamento alienados)*” (pág. 71). O Aconselhamento Espiritual nas igrejas protestantes pode ser feito no gabinete pastoral, pelo pastor, e também durante a visitação às casas, hospitais, escolas, cadeias, e vai desde rápidas conversas até encontros sistematizados com horário marcado com duração de até um mês, por pastores ou leigos. (White, 1987, Ellens, 1982).

Este relacionamento no Aconselhamento Espiritual cresce na medida em que o conselheiro se aplica no sentido de *estar* com a pessoa aflita, concentrando-se em *ouvir* e responder de maneira empática. Os conselheiros devem concentrar sua energia no sentido de estar consciente da pessoa e estar com ela em um relacionamento humano vivo, isto é, presente (Clinebell 1987, pág. 72).

Jorge León (2000) nos fala de uma “*tensão metodológica e uma identidade semântica*” com relação à Psicoterapia e o Aconselhamento: ambos significando *cuidado de almas ou cuidado do homem*. Etimologicamente, Psicoterapia, Psiquiatria têm a mesma raiz - *therapéu* = cuidar, fazer um serviço; o que se ocupa do homem e lhe presta um serviço, e *iatrós* = o curador, ajudador da alma. Nos dizeres de Hillman o que a Psicologia e a Teologia têm em comum é a *alma*.

O Aconselhamento Pastoral surge no contexto da poimênica. No dizer de Lothar Hoch (1980): "*Poimênica é a intervenção pastoral e comunitária em amor fraternal que visa restaurar a vida em todas as suas dimensões ali onde ela se encontra ameaçada, através de uma ação libertadora que busca restabelecer um relacionamento sadio da pessoa consigo mesma, com a sociedade e com Deus*" (pág. 267).

Mais algumas definições:

"É um ministério de ajuda, isto pressupõe um indivíduo que enfrenta algum tipo de confusão, frustração ou desespero e uma segunda pessoa disposta a ajudá-lo analisando a situação do aconselhando" (MacArthur, 1996, pág. 86).

"Busca promover o bem-estar e caráter maduro das pessoas, ajudando estas a entrar em uma experiência mais profunda e significativa de relação, adoração e serviço a Deus" (Polischuk, 1994, pág. 249).

Palomino (1996, pág. 6) citando três autores dá sua definição: *"é um processo contínuo antes de um produto terminado. É um veículo que leva o indivíduo a uma maturidade integral. Deve animar e estimular o indivíduo a um estado de desenvolvimento de interdependência e integração consigo mesmo, seu próximo e com Deus"*.

Fazendo um contraponto entre o que é e o que não é Aconselhamento Pastoral podemos usar alguns conceitos de Ronaldo Sathler-Rosa (1996):

"O Aconselhamento Pastoral é um processo no qual as pessoas se encontram para repartir lutas e esperanças. Este processo é animado e iluminado pela esperança do Reino de Deus que restabelece a dignidade humana. Utiliza, como instrumentais necessários para a compreensão da psiquê humana e de suas interações sociais os recursos das ciências que estudam e servem à promoção da pessoa em sua integralidade, de todas as pessoas e da família humana" (pág. 66).

"Aconselhamento Pastoral não é dar conselhos, no sentido usual do termo, que denota a idéia de aconselhar as pessoas a fazerem isto ou aquilo, ou a não tomarem uma ou outra decisão... Aconselhamento Pastoral não é resolver 'problemas dos outros'. As

diversas situações-problemas das pessoas são oportunidades de avanços em termos de capacidade para enfrentar e superar condições adversas... No Aconselhamento Pastoral não deve haver espaço para julgamento moral a respeito de atitudes ou comportamentos das pessoas. Aconselhamento Pastoral não é 'exortação', 'pregação' ou censura..." (pág. 63).

O Aconselhamento Espiritual se diferencia da psicoterapia pela atenção que se dá a pessoas relativamente normais, apesar de se encontrarem perturbadas por sérias dificuldades, ou crises religiosas, ou existenciais. A dinâmica do Aconselhamento Espiritual pode ajudar a pessoa a superar a alienação consigo mesmo, com os demais e com Deus.

Por tudo isto, podemos dizer como Hillman: a tarefa do conselheiro não é médica. *"Ele não está lá para curar, no sentido médico do termo. Não se trata também de uma tarefa paternal; não lhe compete dar amor materno. Nem é espiritual, no sentido de precisar saber e ser sempre um modelo de perfeição e sabedoria. Como um pastor que encaminha almas para Deus, sua missão central é a dedicação à alma, a começar pela sua própria. Só o homem convicto dessa realidade poderá transmiti-la aos outros"* (pág. 46).

5.5.2 - Histórico

O cuidado espiritual tem uma longa e rica tradição, mas pelos delineamentos deste trabalho não nos será possível aprofundar este assunto. É preciso dizer que aqueles que fazem o trabalho de Aconselhamento Espiritual, caminham nas pegadas de uma longa fila de pessoas sensíveis e dedicadas que atravessa os séculos até chegar a um jovem carpinteiro judeu, cujas palavras e contato trouxeram saúde e crescimento às pessoas do primeiro século.

Nos primeiros séculos da igreja, o Aconselhamento Espiritual recebia o nome de "cura de almas". Isto indicava em alguns casos "curar", mas geralmente significando "cuidar", cujo conceito incluía tanto o conceito de saúde como o de crescimento. A tradição do Aconselhamento Espiritual inclui grandes ministros como Juan Crisóstomo, que em 380 d.C. dava seus conselhos em uma carta a uma viúva jovem; tais conselhos tratavam dos aspectos globais da conduta humana (Polischuk, 1994, pág. 23).

Os pais da igreja que residiram no Egito, Síria e Palestina eram procurados pelos cristãos do quarto e do quinto séculos por seus conselhos espirituais. Como representantes desta tradição temos Pôntico e Casiano. Gregório, o Grande, no século VI, deixou princípios de Aconselhamento Espiritual que foram seguidos por mais de mil anos pela igreja. Lutero escreveu seus quatorze pontos de consolação aos aflitos e carregados (1520). Santo Agostinho, em suas confissões introspectivas, nos deixou um modelo de auto-análise próprio. Os séculos XIV e XV foram em geral os tempos de maior ênfase no cuidado das almas por meio do guia espiritual (Polischuk, 1994, pág. 24, tradução livre da autora).

Os pastores puritanos, reconhecidos como “médicos da alma”, estabeleceram a primeira escola protestante de Aconselhamento Bíblico, por volta de 1560. O sermão constituía um meio de aconselhar toda a audiência. A pregação consistia o que hoje pode ser denominado como Aconselhamento preventivo. A consciência tinha um papel preponderante no Aconselhamento puritano. A chave para o funcionamento da consciência era a lei revelada nas Escrituras e a piedade consistia em obter e manter limpa a consciência diante de Deus por meio da obediência a Bíblia (Sarles, 1999, págs. 62-63).

Os puritanos enfatizavam a natureza humana como radicalmente defeituosa caracterizada pela propensão à maldade e a sua rejeição profunda às coisas boas. O centro do pecado consistia em se auto-adorar; assim a solução oferecida pelos pastores era a mortificação, isto é, fazer morrer as obras da carne (Romanos 8:13). Os puritanos lutavam contra si mesmos para ganhar determinado grau de domínio próprio e produzir uma vida piedosa (Polischuk, 1994, págs. 62-64).

O Aconselhamento Espiritual também inclui uma lista longa de mulheres religiosamente motivadas, dedicadas aos necessitados como Anne Seton, Harriet Beecher Stowe, Jane Addams e Dorothy Day. O florescimento deste antigo ministério não deve de nenhuma maneira cegar os conselheiros e os pastores ante a preciosa herança do Aconselhamento Espiritual e com raízes profundas na sabedoria do passado. Este florescimento é o resultado da convergência de quatro correntes: a) o movimento de qualificação para a clínica pastoral; b) um novo conceito dos seres humanos graças às

Ciências Sociais e das Ciências do Comportamento; c) o florescimento das psicoterapias contemporâneas; d) o interesse crescente na psicologia e na psicoterapia (Clinebell, 1995, pp.45-46).

O renascimento do Aconselhamento Espiritual começou em meados da década de vinte do século passado, com a contribuição de Richard Cabot, de Ánton Boisen, de Philip Quiles, de Russell Dicks e outros que iniciaram o movimento para a educação em clínica pastoral. Boisen e Dicks, dois capelães, iniciaram o treinamento de seminaristas e pastores em seus próprios hospitais onde aconselhavam pessoas em crise sob uma supervisão cuidadosa. Nestes primeiros anos até as décadas de 40 e 50 por influência da psicanálise o Aconselhamento Espiritual foi orientado mais para as patologias. Sem dúvida, nas décadas seguintes Carl Rogers influenciou o Aconselhamento Espiritual levando-o a ganhar um equilíbrio centrado no crescimento, mesmo que com entrevistas com tendências psicoterapêuticas formais e a perspectiva intrapsíquica como meta (Polischuk, 1994, p.47).

De um outro ponto de vista, segundo historiadores, um dos principais precursores do Aconselhamento Pastoral foi Oskar Pfister (1873 - 1956), na Europa. O Pastor Pfister era doutor em Filosofia e em Teologia. Nasceu em Zurich, Suíça em 1873, faleceu em 1956. Era pastor e professor na Faculdade de Teologia de Zurich. Em 1934 recebeu o título de "*doutor honoris causa*" pela Faculdade de Teologia da Universidade de Genebra, Suíça. Foi discípulo de Freud. Durante trinta anos mantiveram uma freqüente correspondência, publicado em português como: *Cartas entre Freud & Pfister*, Ultimato Editora, Viçosa, 1998.

Em artigo publicado no Manual de Psicologia (1977), Robert Thouless refere-se ao fato de que a primeira pessoa que combinou a Psicoterapia com a cura de almas, foi Oskar Pfister. Thouless cita Pfister: "*A Teologia não pode dar respostas satisfatórias às perguntas dos anseios mais profundos, do desamparo mais aterrador, da esperança brilhante, que não permitia compreender o processo da salvação, do renascimento, da cura, porque não se ocupava da fé viva, senão somente de seus fundamentos teóricos, dos dogmas e opiniões religiosas, em lugar de ocupar-se das necessidades da personalidade vivente.*" Thouless diz ainda que Pfister encontrou a resposta que "*buscava na psicanálise, ainda que não podia aceitar seu fundo ideológico...*". Segundo Thouless, o problema que

preocupava Pfister era em resumo: *"que o Cristianismo, no princípio, havia tido a finalidade de libertar os homens da angústia e capacitá-los para o amor, porém no curso de sua história havia perdido esta finalidade e havia produzido angústia e ódio. Na Psicanálise se falava de um aspecto do amor, e Pfister procurou aplicar à cura de almas os novos conhecimentos e sentiu a alegria de um descobridor e colaborador..."* (Thouless, 1977, pág. 345).

Os três autores que mais contribuíram na história do Aconselhamento no Brasil foram: Jay Adams, Gary Collins e Howard Clinebell. Todos americanos, com diferentes visões do homem e da Teologia.

Uma das principais afirmações de Jay Adams (1977) é que o pecado gera doenças e conseqüências na vida do ser humano que não podem ser corrigidas pela psicoterapia ou por outra pessoa (por mais especialista que seja). A necessidade das pessoas está no âmbito da espiritualidade, do contato com Deus e a raiz de todos os seus problemas está justamente no seu comprometimento com o pecado. A partir daí, todo seu trabalho é permeado da seguinte lógica: se o problema não é psicológico, mas espiritual ou, se os sintomas não são de natureza emocional ou psíquica, mas são produtos de uma vida pecaminosa, o profissional mais indicado não é o psicólogo, o psiquiatra ou o médico, mas, sim, o pastor e a única literatura usada é a Bíblia. Seu primeiro livro traduzido e publicado no Brasil "Conselheiro Capaz" em 1977, teve milhares de exemplares vendidos. Um segundo livro chamado de "Manual de Aconselhamento Cristão", publicado no Brasil em 1982, foi direcionado a quem já conhecia seu método, servindo este como material de consulta.

Outro conhecido autor que tem a mesma linha de pensamento e metodologia de Adams é Lawrence Crabb, publicado no Brasil em 84, também elege a Bíblia como manual de Aconselhamento.

Collins traz uma nova abordagem do Aconselhamento Pastoral; apresenta um método que pretende garantir uma aproximação entre os princípios da Teologia e os da Psicologia. Para ele, esta aproximação é saudável e relevante. Por isso, sua abordagem vai propor um diálogo e não uma separação. Ele fala que o Aconselhamento deve levar em

consideração os *conflitos íntimos* dos aconselhados, *buscando estimular o desenvolvimento da personalidade*. Sua definição de Aconselhamento é: “... *ajudar as pessoas, o Aconselhamento busca estimular o desenvolvimento da personalidade; ajudar os indivíduos a enfrentarem mais eficazmente os problemas da vida, os conflitos íntimos e as emoções prejudiciais; prover encorajamento e orientação para aqueles que tenham perdido alguém querido ou estejam sofrendo uma decepção; e para assistir às pessoas cujo padrão de vida lhes cause frustração e infelicidade. Além disso, o conselheiro cristão busca levar o indivíduo a uma relação pessoal com Jesus Cristo e seu alvo é ajudar outros a se tornarem, primeiramente, discípulos de Cristo e depois discipularem outros*” (pág. 12).

Este pensamento de Collins concorda com o que diz Hillman (1985) quando afirma que “*o treinamento pastoral se confunde cada vez mais com o clínico, na medida em que jovens pastores cursam pós-graduações preenchendo parte dos créditos com leitura psicanalítica e trabalhos em clínicas psiquiátricas.*” (pág. 44).

Clinebell teve seu primeiro livro publicado no Brasil em 87, “Aconselhamento Pastoral - Modelo Centrado em Libertação e Crescimento”. Construiu um método que ele mesmo denomina de *Aconselhamento de crescimento*, (que será nosso texto básico em Aconselhamento). O alvo a ser alcançado é o crescimento do ser humano como um todo, em uma visão holística, globalizante e integradora do indivíduo com ele mesmo, com Deus e com a sociedade. A seu ver, há uma grande dificuldade na sociedade atual que pode ser trabalhada em Aconselhamento Pastoral: a fragilidade de relacionamentos ou relacionamentos superficiais. Para Clinebell, o Aconselhamento pode ser uma ferramenta eficaz para produzir, na sociedade atual, relacionamentos profundos, reparando ou restaurando *a capacidade do ser humano de dar e receber amor*. Clinebell defende um Aconselhamento integrado à noção da poimênica, dizendo que a essa se constitui num ministério mais amplo e abrangente de cura dentro de uma comunidade, e o Aconselhamento Pastoral é:

“... uma dimensão da poimênica é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, experimentar a cura de seu quebrantamento...”

(além disso), é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises". (pág. 25).

Desde o final da década de 70, o Aconselhamento Pastoral no Brasil tem sido muito influenciado por pesquisas, realização de cursos, produção e publicação de literatura por psicólogos e psiquiatras que compõem o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), dentre eles podemos mencionar: Francisco Lotufo Neto, Zenon Lotufo, Ageu Heringer Lisboa, Uriel Hekcert, José Cássio Martins, Esly de Carvalho, Ronald Scott Bruno.

Na América Latina destaca-se o grupo EIRENE (Associação Internacional de Assessoramento e Pastoral Familiar), sediado em Quito, Equador, no treinamento de pastores para o Aconselhamento, com cursos e publicação de literatura. Fazem parte deste grupo pastores, psicólogos e psiquiatras, entre eles: Jorge Maldonado, Jorge Atiencia, Kenneth Mulholland.

Na Argentina destacam-se o Carlos Hernandez, psiquiatra, diretor do Hospital Baliñas, especializado no trabalho com esquizofrênicos e migrantes. Teve o seu primeiro livro publicado no Brasil em 1985 com o título: O Lugar do Sagrado na Terapia e Jorge León, pastor e psicólogo cubano, radicado na Argentina, autor de diversos livros sobre Psicologia Pastoral, entre eles: Psicologia Pastoral para todos los Cristianos, Psicologia de la Experiencia Religiosa, Psicologia Pastoral de la Iglesia, Hacia una Psicologia Pastoral para los años 2000, Introdução a Psicologia Pastoral (publicado pela Editora Sinodal – São Leopoldo, R.S.), Psicologia Pastoral para la Familia e Psicología Patoral de la Depression (2002).

Cada denominação tem seus próprios expoentes na área do Aconselhamento Pastoral. Hoje se destacam: Lothar Hoch (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), Werner Haeuser (Igreja Luterana), Ronaldo Satler-Rosa (Igreja Metodista do Brasil), José Cássio Martins (Igreja Presbiteriana do Brasil), Silas Molochenco (Igreja Batista) entre outros, com pesquisas e produção de literatura.

Novos livros têm sido publicados no Brasil nos últimos anos, além dos citados na Bibliografia, os mais conhecidos são:

CRABB Jr., LAWRENCE J., Como compreender as Pessoas: Fundamentos Bíblicos e Psicológicos para desenvolver relacionamentos saudáveis, São Paulo: Vida, 1998.

_____ Aconselhamento Bíblico Efetivo: Um modelo para ajudar Cristãos Amorosos a tornarem-se Conselheiros Capazes. Brasília, Refúgio, 1985.

FABER, H. e VAN DER SCHOOT, E., A prática do Aconselhamento Pastoral, São Leopoldo, Sinodal, 1993.

FRIESEN, A., Cuidando do Ser: Treinamento em Aconselhamento Pastoral, Curitiba, Esperança, 2000.

HACKNEY, H. e NYE, S., Aconselhamento: Estratégias e Objetivos, São Paulo, EPU, 1997.

HURDING, R. F., A Árvore da Cura: Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia, São Paulo, Vida Nova, 1995.

MANNOIA, V. J. Aconselhamento Pastoral: A Dinâmica no Desenvolvimento da Personalidade, São Paulo, Palavra da Cruz, S/d.

MIRANDA, C. F. e MIRANDA, M. L., Construindo a Relação de Ajuda, 6ª Ed. Belo Horizonte, Crescer, 1990.

ROGERS, C. R., Quando Fala o Coração: A Essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

SANTOS, O. B., Aconselhamento Psicológico & Psicoterapia, São Paulo, Pioneira, 1992.

SCHEEFFER, R., Aconselhamento Psicológico, 7ª Ed. São Paulo, Atlas, 1991.

5.6 – O Conselheiro Espiritual

*“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”
(Gálatas 6:2).*

O fato de que, sob determinadas condições, o ser humano é capaz de ajudar seu semelhante, foi repetidamente evidenciado ao longo da história da humanidade. As sociedades institucionalizaram esta capacidade em uma variedade de ocupações que têm sido denominadas de profissões de ajuda ou, “*profissões de ministério*” (Guggenbühl-Craig, 1971). Esta escolha vem acompanhada por valores altruístas, sendo esta ajuda realizada ao próximo no contexto de uma relação direta, íntima e de variada duração.

Inúmeras pesquisas (Belford & Belford, 1985; Holmstrom, 1975; Kadushin, 1976; Polanky, 1959; Rosenberg, 1957; Rutheford, 1977) investigaram a personalidade de profissionais de ajuda e trouxeram resultados convergentes que mostram um conjunto estável de valores e traços. Destacam-se a apreciação empática e a preocupação com as necessidades alheias mais do que com ambições pessoais, a desatenção a recompensas externas tais como status e dinheiro. Este mesmo perfil encontramos nos profissionais que participaram do Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais, tanto pastores, como leigos.

O Aconselhamento Espiritual realizado por leigos tem sido redescoberto nas últimas décadas, não só por cristãos, mas especialmente por estes, pela retomada da premissa de que todos os cristãos têm um ministério pela razão de serem cristãos, tanto os ordenados (clérigos) como os não ordenados (leigos). O pastor não carrega sozinho todo o trabalho espiritual de sua paróquia. De acordo com Clinebell (1987), os leigos têm um ministério vital e singular para com os de fora da igreja: vizinhos, parceiros de negócios, amigos, colegas de trabalho e especialmente com os: desprivilegiados, rejeitados e explorados. Para este autor, “*as potencialidades desse desenvolvimento são quase ilimitadas*” (pág. 383).

Para Rollo May (1976) as qualidades aparentes do bom conselheiro são: “*simpatia, aspectos físicos agradáveis, capacidade de manter-se calmo na companhia de outras pessoas...*” (pág. 143). Diz ainda que não existe conselheiro inato, e que “*há uma necessidade de treinamento e desenvolvimento, que o treinamento fará a diferença na profundidade do seu trabalho*” (grifo nosso).

Sugere que o Conselheiro Espiritual deve desenvolver a *coragem da imperfeição*, isto é, ser capaz de falhar; e, estar certo de que está *interessado nas pessoas, sem quaisquer outros interesses a não ser elas mesmas*, acreditar que as ama por amor a Deus e que isto não seja desculpa por não conseguir admirar as pessoas pelo que elas são em si mesmas (pág. 154).

5.6.1 – Necessidade de Treinamento

O trecho do Relatório da Segunda Assembléia do CLAI (Conselho Latino Americano de Igrejas), citado por Clinebell (1987, pág. 383) diz: *“Qualquer ênfase sobre o ministério leigo implica não somente treinamento, mas um tipo especial de poimênica. Leigos e leigas deveriam ser estimulados a usar os dons pastorais que muitos possuem. Assistência recíproca dos membros entre si, bem como entre clérigos, é necessária na igreja, os cristãos têm muitas oportunidades naturais de poimênica aos vizinhos, aos colegas de trabalho e outras pessoas”*.

O objetivo desses eventos de treinamento é de aumentar as aptidões de relacionamento de maneira que ajudem e fortaleçam outras pessoas (Clinebell, 1987, pág. 394).

Treinamento é um processo de aprendizagem, onde ocorrem mudanças de comportamento, através da incorporação de novos hábitos, atitudes, conhecimentos e destreza (Carvalho, 1988).

Até algum tempo atrás, o conceito de treinamento estava associado ao fato de que o mesmo era o meio para adequar cada pessoa à sua função. Recentemente, passou-se a ampliar o conceito, considerando o treinamento como um meio para alavancar o desempenho na função ou cargo. Quase sempre o treinamento tem sido percebido como o processo pelo qual a pessoa é preparada para desempenhar de maneira excelente as tarefas específicas da função que deve ocupar. Atualmente, o treinamento é considerado um meio de desenvolver competências nas pessoas para que elas se tornem mais produtivas, criativas e inovadoras, a fim de contribuir melhor para os objetivos organizacionais.

Desta forma, o treinamento passa a ser entendido como uma maneira eficaz de agregar valor às pessoas. Ele enriquece as relações, é responsável pelo capital intelectual das organizações e pelo desenvolvimento do patrimônio humano (Kanaane, 2001)

Portanto, compreendemos que treinamento é orientado para o presente, focalizando a função atual e buscando melhorar aquelas habilidades e capacidades relacionadas com o desempenho imediato da função.

5.7 - Saúde – Conceitos

Falar, hoje, em saúde sem levar em conta o modo como o homem se relaciona com o seu meio social e ambiental é voltar à época em que a doença era um fenômeno meramente biológico, desprovido de qualquer outra interferência que não fosse tão somente o homem e seu corpo.

A evolução do conceito de saúde, decorrente de reflexões e vivências que pouco a pouco vão sendo apropriadas pelo conjunto da sociedade. Engloba hoje questões referentes ao ambiente, ao grau de desenvolvimento sócio-cultural, à possibilidade de renda e trabalho, à redução da violência, à organização do trânsito, entre outros, superando o conceito originário de saúde que desencadeou as ações tradicionais da saúde pública.

Historicamente saúde tem sido definida por diversos modos. Os antigos médicos gregos acreditavam que saúde era uma condição de equilíbrio do corpo. Para os índios do Novo Mundo, estar saudável era estar em harmonia com a natureza. Os chineses antigos acreditavam que saúde era o reflexo de uma força chamada "QI" (Edelman 1987).

Em contraste, a medicina ocidental aborda saúde analisando seus componentes, ao invés da análise da interconexão entre eles. Essa abordagem tem sido defendida através dos tempos, o que levou ao foco primário de doença e incapacidade. Só recentemente esta postura médica começou a mudar para uma visão mais holística.

Há algumas décadas, em 1946, a OMS introduziu uma dimensão mais positiva de saúde em sua definição: saúde é um estado de completo bem estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença ou enfermidade. (OMS, Actas Oficiales de la OMS, nº 2, pág. 100).

Uma perspectiva similar diz que: saúde é a qualidade de vida envolvendo as aptidões individuais do ponto de vista social, emocional, mental, espiritual e físico, as quais são conseqüências das adaptações ao ambiente em que vivem os indivíduos.

Rey (2003) discute a trajetória da conceituação de saúde, mostrando que, ao longo do tempo, tal conceito esteve ligado ao modelo semiológico descritivo, que concebe a saúde como “ausência de sintomas”. Segundo o autor, essa ótica separou a saúde somática, da saúde mental. Considerando tal conceituação equivocada, Rey descreve que a saúde é um complexo processo qualitativo que define o funcionamento completo do organismo, integrando-se de forma sistêmica, o somático e o psíquico que formam uma unidade, onde o que afeta um irá atuar necessariamente sobre o outro.

Almeida (2000) nos diz que as primeiras tentativas sistemáticas de construir teoricamente o conceito de Saúde, ainda na década de 70, partiram da noção de saúde como ausência de doença. No idioma inglês, matriz da literatura específica sobre o tema, há sutis diferenças de sentido em relação aos conceitos de doença, através da série significativa: disease-disorder-illness-sickness (Merriam-Webster, 1969, in Almeida, 2000).

Estas são utilizadas em nosso idioma com os sentidos correlatos:

Disease	Patologia
Disorder	Transtorno
Illness	Enfermidade
Sickness	Doença

Ainda, de acordo com este autor, o conhecimento sobre a saúde localmente construído é plural, fragmentado e até contraditório, expressando-se como uma semiologia popular. Modelos culturais de interpretação não existem como um corpo de conhecimento explícito, mas são formados por um conjunto variado de elementos imaginários e simbólicos, ritualizados como racionais.

5.8 – Saúde Mental – Conceitos

As diferenças dos valores entre países, culturas, classes e gêneros podem parecer demasiadamente grandes para permitir um consenso sobre uma definição de Saúde Mental.

A publicação do DSM-III em 1980 introduziu na psiquiatria o termo *mental disorder* como nomenclatura mais adequada do que *mental illness*, em concordância com sua abordagem descritiva e a tentativa de neutralidade quanto às teorias etiológicas. No Brasil, de acordo com Mari (1995), essa orientação determinou a substituição gradual do uso do termo *doença* por *distúrbio, transtorno ou desordem*.

A publicação do CID 10, segundo o mesmo autor, propôs o uso do termo *transtorno* em toda a classificação, em uma tentativa de padronização da nomenclatura, visando dessa maneira evitar “*problemas ainda maiores inerentes ao uso de termos, tais como doença ou enfermidade*”.

Dalgarrondo (2000) nos dá uma explicação detalhada do conceito de saúde mental: “*São vivências, estados mentais e padrões comportamentais que têm, por um lado, uma especificidade psicológica (as vivências dos doentes mentais têm uma dimensão própria, genuína, não sendo apenas ‘exageros’ do normal), e têm também, por outro lado, conexões complexas com a psicologia do normal (o mundo da doença mental não é um mundo totalmente estranho ao das experiências psicológicas ‘normais’)*” (pág. 22).

Saraceno e Funk (2001) relatam que, na atualidade, cerca de 450 milhões de pessoas padecem de algum tipo de transtorno mental e do comportamento, no mundo.

Os últimos cálculos aproximados da OMS sobre a incidência mundial de morbidade correspondente nas pessoas de 15 a 44 anos de idade, indicam que os transtornos mentais e do comportamento representam cinco das dez principais causas de morbidade, em todo o mundo. Além disso, a porcentagem da morbidade mundial atribuível aos transtornos mentais e do comportamento aumentarão de 12% em 1999 a 15% no ano de 2020.

Esse aumento é particularmente acentuado nos países em desenvolvimento, devido a fatores como o envelhecimento da população, a rápida urbanização, a violência e a globalização.

Dados de um estudo realizado em 1990 pela OMS, através da Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard e pelo Banco Mundial demonstram que entre as dez maiores causas de incapacitações em todo o mundo, cinco são os transtornos mentais (Jorge, 2001).

Para Galvis (1999), os transtornos mentais são comuns na população geral e isto pode ocasionar severas conseqüências na pessoa, na família e na sociedade. Relata ainda que existem 500 milhões de pessoas no mundo que sofrem com algum tipo de distúrbio mental os quais, por sua vez, dão origem a um índice de 40% de incapacidades para o trabalho.

Algumas explicações para estes índices estão relacionadas ao aumento da expectativa de vida, ao aumento estresse, às crises na família e à falta de suporte social.

Galvis comenta ainda que os transtornos mentais de longa evolução, frequentemente produzem no indivíduo grandes incapacidades em áreas fundamentais do funcionamento psicológico e social, o que obstaculiza sua integração comunitária e interrompe o caminho para a formação e inserção no trabalho.

5.9 – Saúde e Religião

“A ciência sem religião é paralítica; a religião sem a ciência é cega”.

Albert Einstein

Do ponto de vista antropológico, partimos da perspectiva de Laplantine (1991), que ao estabelecer uma relação entre religião e saúde e entre doença e sagrado, coloca em evidência a doença como caso particular da desgraça social e a saúde como obtenção da salvação. O autor, ao tratar deste assunto, estabelece uma relação entre fé, saúde e doença,

sugerindo dois modelos em diferentes momentos. Em um primeiro momento, a justificação pelas obras está relacionada com o aspecto da doença vista como punição e a saúde como recompensa. Neste modelo, a doença é vista como consequência de algo que o próprio indivíduo provocou, sendo punido por uma negligência ou por excesso, mas sempre por mau comportamento, logo, por uma falta com relação à ordem social. Neste caso são identificáveis dois aspectos. Em um aspecto, a doença é vista como uma transgressão coletiva de regras sociais, sempre exigindo uma reparação. Em outro aspecto, a doença é encarada como consequência do pecado coletivo e individual. A justificação pelas obras foi uma postura desenvolvida pelo pensamento cristão, e a medicina partindo desta perspectiva, trabalha de forma correlata: o indivíduo que obedece as prescrições médicas, “merece” a longevidade. Logo, neste aspecto da justificação pelas obras, a doença é vista como punição, enquanto que a saúde é vista como uma recompensa. Em um segundo momento, Laplantine relaciona fé, saúde e doença não mais partindo da perspectiva da justificação pelas obras, mas de outra perspectiva, através da justificação pela graça. Neste caso, o indivíduo não é mais responsável pelo que lhe acontece. Aqui o ressurgimento da justificação pela graça, onde a salvação independe das obras, ou da predestinação (influência da perspectiva Calvinista), a ordem natural “*salva ou amaldiçoa*” independente de sua obediência à lei. A doença aqui vem como um destino, uma fatalidade. A pessoa se considera vítima de algo que não provocou. Assim como no caso anterior, aqui também são identificáveis dois aspectos. Em um deles, a doença é atribuída à má natureza (por exemplo, o câncer). Em outro aspecto, a doença é vista como expressão de uma relação entre indivíduo e sociedade apreendida como má. Para Laplantine, vale lembrar que essas representações são marcas de todas as culturas.

Do ponto de vista lingüístico, saúde e salvação são termos co-originais, nascidos de um mesmo conceito e partilharam durante muito tempo a mesma sorte e um mesmo significado global, que foi separado, somente muito mais tarde. Trata-se de um significado sânscrito de *svastha* (bem estar, plenitude), que assumiu a forma do nórdico *heill* e mais recentemente de *heil*, *whole*, *hall* nas línguas anglo-saxônicas, que indicam integridade e plenitude.

O mesmo se passa com a expressão *soteria* na língua grega, em que Asclépio é *sotér*, isto é, aquele que cura, o salvador. Na língua latina é emblemático o significado de *salus*, expressão que incorpora em termos recentes o significado de saúde e salvação.

Em outras línguas ocorre a mesma combinação. Por exemplo, o termo hebraico *shalom* (paz, bem estar, prosperidade) e a forma egípcia *snb* que indica bem estar físico, vida, saúde, integridade física e espiritual. Estas várias expressões exprimem a salvação como “*integridade da existência*”, como “*totalidade das situações positiva, não tocadas pelo mal, doença, sofrimento e desordem*” (Pessini, 2002).

A partir desta perspectiva histórica lingüística, não seria de bom tom naturalizar demais o conceito de saúde ao ponto de entendê-lo negativamente como: não ter doenças. Outro perigo a ser evitado é cair em um reducionismo no nível histórico-religioso, mistificando o conceito de salvação.

Do ponto de vista da medicina, Heinrich (1997), nos diz que o médico não vê apenas a doença de seu paciente, mas também o indivíduo. Para o doente, a doença é *uma experiência que a põe diante de dificuldades espirituais*. Lidar com estas dificuldades é atribuição do pastor, do conselheiro, porém o médico não pode desconsiderar as dificuldades espirituais do paciente, e isto o põe diante de questões que talvez preferisse deixar para o Conselheiro Espiritual de seu paciente. Não obstante, *o médico simplesmente não desprezará o sofrimento espiritual associado à doença* (pág. 296).

Diz-nos ainda Heinrich, que qualquer que seja a doença, ela é percebida pelo doente como uma intrusão nos planos e intenções da vida. Sendo assim, o homem moderno precisa admitir que está sujeito a forças mais fortes do que ele. Neste sentido “*a primeira preocupação do médico é com as medidas práticas que a situação exige*”, porém é necessário que ele esteja aberto ao sofrimento humano e à difícil experiência espiritual envolvida, “*de outro modo, não forma relacionamento adequado com seus pacientes, não encontra ‘rapport’, e suas ordens e intervenções geralmente permanecem inúteis*” (pág. 298).

5.10 – Saúde Mental e Religião

A literatura sobre o relacionamento entre psiquiatria e religião poderia formar uma pequena biblioteca, se acrescentarmos a literatura sobre psicologia da religião, essa biblioteca cresceria muito (Blazer, 2002). Pelo delineamento deste trabalho, vamos citar apenas os textos que se relacionam ao tema.

O estudo da saúde mental interage com outras religiões além do cristianismo: a fé judaica, o islamismo e as religiões orientais. A prática psiquiátrica entre judeus ortodoxos ou muçulmanos fundamentalistas assume características qualitativas completamente diferentes da psiquiatria praticada entre os cristãos. O diálogo do profissional em saúde mental com a Igreja Católica é qualitativamente diferente daquele com o protestantismo (Blazer, 2002).

Na opinião de Almeida (2004), *“as dimensões espirituais e religiosas da cultura estão entre os fatores mais importantes que estruturam a experiência humana, crenças, valores, comportamento e padrões de adoecimento. Apesar disso a psiquiatria, em seus sistemas diagnósticos bem como em sua teoria, pesquisa e prática, tende a ignorar ou considerar patológicas as dimensões religiosas e espirituais da vida. As próprias relações históricas entre a psiquiatria e a religião são alvo de controvérsias”*.

De acordo com este autor, do mesmo modo que tradicionalmente a psiquiatria vê a religiosidade de modo negativo, *“as experiências místicas e espirituais são tidas como evidências de psicopatologia”*.

Freud considerou as experiências místicas como manifestações do *“desamparo infantil”* e *“regressão ao narcisismo primário”*; outros descrevem como: psicose borderline, disfunção do lobo temporal, quadros histéricos ou como um perigo para o indivíduo e a comunidade.

Almeida ainda comenta: *“Esse enfoque se refletiu na postura da comunidade psiquiátrica brasileira frente à disseminação de religiões que valorizam as experiências místicas”*.

Do mesmo modo algumas linhas da Psicologia interpretam determinadas práticas religiosas como fuga da realidade ou alienação.

Em Lotufo (1997) encontramos os pontos levantados por SCHUMAKER (1992) mostrando os argumentos dos dois lados os que afirmam ser a religião prejudicial à saúde mental e os acham que a religião é positiva:

1. Os que afirmam ser a religião prejudicial:

- a. Gera níveis patológicos de culpa;
- b. Promove o auto-denegrir-se e diminui a auto-estima, através de crenças que desvalorizam nossa natureza fundamental;
- c. Estabelece a base para a repressão da raiva;
- d. Cria ansiedade e medo através de crenças punitivas (por exemplo: inferno, pecado original, etc.);
- e. Impede a autodeterminação e a sensação de controle interno, sendo um obstáculo para o crescimento pessoal e funcionamento autônomo;
- f. Favorece a dependência, conformismo e sugestionabilidade, com o desenvolvimento da confiança em forças exteriores;
- g. Inibe a expressão de sensações sexuais e abre caminho para o desajuste sexual;
- h. Encoraja a visão de que o mundo é dividido entre "santos" e "pecadores", o que aumenta a intolerância e a hostilidade em relação "aos de fora";
- i. Cria paranóia com a idéia de que forças malévolas ameaçam nossa integridade moral;
- j. Interfere com o pensamento racional e crítico;

2. Os que acham que a religião tem um impacto positivo sobre a saúde:

- a. Reduz a ansiedade existencial ao oferecer uma estrutura cognitiva que ordena e explica um mundo que parece caótico;
- b. Oferece esperança, sentido, significado e sensação de bem estar emocional;
- c. Ajuda as pessoas a enfrentarem melhor a dor e o sofrimento, através de um fatalismo reasegurador;
- d. Fornece soluções para uma grande variedade de conflitos emocionais e situacionais;
- e. Soluciona o problema perturbador da morte, através da crença na continuidade da vida;
- f. Dá às pessoas uma sensação de poder e controle, através da associação com uma força onipotente;
- g. Estabelece orientação moral que suprime práticas e estilos de vida auto-destrutivos;
- h. Promove coesão social;
- i. Fornece identidade, satisfazendo a necessidade de pertencer, ao unir as pessoas em torno de uma compreensão comum;
- j. Fornece as bases para um ritual catártico coletivo.

De acordo com Dalgarrondo (2006), *“Pode-se... constatar uma rica multiplicidade de temas abordados sobre religiosidade e saúde mental. A presença do religioso no modo de construir e vivenciar o sofrimento mental tem sido observado por muitos pesquisadores. Assim é o caso, tanto em estudos com contornos mais qualitativos e etnográficos, como com os mais bem quantitativos e epidemiológicos. Isto também é constatável tanto nos transtornos mentais mais leves, como ansiedade e depressão, assim como para os mais graves, como nas psicoses. A busca por algum alívio do sofrimento, por alguma significação ao desespero que se instaura na vida de quem adoece parece ser algo marcadamente recorrente na experiência, sobretudo para as classes populares”*.



6- METODOLOGIA

6.1 - Levantamento de material bibliográfico em livros e periódicos produzidos nas áreas afins.

6.2 - Coleta dos Dados:

A pesquisa com abordagem qualitativa foi desenvolvida através da operacionalização de um Programa de Treinamento e, por esta razão é classificada como Pesquisa-Ação. Teve como instrumento básico para a coleta de dados duas entrevistas abertas semi-estruturadas, a primeira para colher dados de cada um dos participantes, de como é feito o Aconselhamento Espiritual e a segunda teve como tema principal o Relato de um Caso de Atendimento em Aconselhamento com ênfase nas atitudes aprendidas durante o Treinamento.

Segundo Bogdan & Biklen (1994) a investigação-ação, ou Pesquisa-Ação é definida como a coleta de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais e que pode ser desenvolvida tanto com métodos qualitativos como quantitativos.

6.3 – Objeto de Investigação – Projeto Pedagógico do treinamento em saúde mental para conselheiros espirituais (Anexo 2)

6.4 - Recrutamento, Seleção e Treinamento dos Profissionais

Segundo Pinto (1994) o treinamento em serviço, ou seja, programa que visa preparar o profissional para o desempenho de determinada função ou tarefa só pode obter resultados satisfatórios se incluir as seguintes etapas: Análise do Trabalho, Descrição do Trabalho, Desenvolvimento de Padrões de Desempenho e Análise da Situação dos Treinandos Envolvidos. Para o desenvolvimento destas etapas existem vários sistemas de treinamento e entre eles o “Vestibule Training” (Treinamento Vestibular).

Pinto (1994) define o Treinamento Vestibular como aquele que é realizado em local separado da produção normal da empresa, permitindo melhores condições de aprendizagem para o treinando e melhor atuação do instrutor. Segundo este autor a técnica que deve ser desenvolvida nesta modalidade de treinamento é o ‘Ensino Correto do Trabalho’.

No Programa de Treinamento que desenvolvemos nesta tese de doutorado tivemos como base o Treinamento Vestibular descrito por Pinto (1994), através deste método pudemos treinar os profissionais para desenvolver o Aconselhamento Espiritual no seu ambiente cotidiano de trabalho. A intenção foi a de facilitar e favorecer a concentração dos treinandos no tema proposto e permitir a realização do Programa de Treinamento em um período compatível com o tempo disponível daqueles que tem na sua profissão a necessidade de fazer Aconselhamento ou aqueles que têm o interesse em aprofundar seus conhecimentos na área.

As etapas da Pesquisa-Ação sugeridas por Pinto (1994) caracterizam-se nesta pesquisa da seguinte forma:

- Análise do Trabalho – seleção dos participantes e primeiras entrevistas;
- Descrição do Trabalho – descritos no Projeto Pedagógico, na Análise das Entrevistas no corpo desta tese;
- Desenvolvimento de Padrões de Desempenho – durante o Treinamento;
- Análise da Situação dos Treinandos Envolvidos – descrito na Análise e na Discussão da segunda entrevista, abaixo.

Quanto ao perfil dos que foram contatados para fazer o treinamento, foi dada a preferência a:

- a) Profissionais ou alunos do último ano dos seguintes cursos: Teologia, Psicologia, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Pedagogia.

b) Capelães

c) Professores, Clérigos

Quanto aos requisitos pessoais, foi observado que os profissionais tivessem em sua personalidade características como: respeito próprio, solicitude para com os outros, capacidade de compreensão empática e autenticidade ou congruência, e capacidade de lidar com a espiritualidade em situações de Aconselhamento (Clinebell, 1987).

A pesquisadora fez contato pessoal com coordenadores dos cursos afins de faculdades de Campinas e região para divulgação da proposta para os alunos do último ano dos referidos cursos, com igrejas, instituições, hospitais, escolas para divulgar o treinamento.

Para a seleção, a pesquisadora realizou uma reunião com os interessados que preencheram os requisitos citados, para explicar-lhes os objetivos e a natureza do trabalho. Em seguida a pesquisadora fez uma entrevista com cada um dos selecionados para conhecer como era o envolvimento em Aconselhamento e para a assinatura do Termo de Compromisso.

O Treinamento aconteceu nas dependências do Seminário Presbiteriano do Sul, Avenida Brasil 1200, Campinas – SP, que cedeu gratuitamente uma sala de suas dependências, no período de agosto a dezembro de 2004, uma vez por semana. Contou com a participação de seis Conselheiros, os temas propostos (vide Projeto Pedagógico acima) foram ministrados por professores convidados e por esta pesquisadora.

Os Conselheiros, ao participarem do TREINAMENTO EM SAÚDE MENTAL, assumiram o compromisso de atender pessoas em Aconselhamento por no máximo um mês ou quatro/cinco encontros, após o término do Treinamento, o que foi relatado em entrevista posterior.

6.5 - Realização das entrevistas

Os resultados foram obtidos através de duas Entrevistas Abertas Semi-Estruturadas, aplicadas com os profissionais que participaram do Programa de Treinamento em dois momentos, o primeiro antes do início do treinamento e outro cerca de oito meses após.

Na primeira entrevista, pesquisamos como é feito o Aconselhamento por cada Conselheiro. Na segunda, pesquisamos a vivência no Aconselhamento após o Treinamento, buscando observar como foram desenvolvidas as instruções aprendidas durante o treinamento e o relato de um caso onde tivessem utilizado o aprendizado do Treinamento.

Segundo Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada é um importante método de investigação porque ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

De acordo com a opinião deste autor, a duração da entrevista foi flexível e dependeu das circunstâncias que rodearam principalmente o informante e o teor do assunto em estudo, não ultrapassando uma hora.

Os propósitos foram esclarecidos quanto aos objetivos da entrevista e do trabalho pela pesquisadora de forma mais explícita possível.

Quanto ao registro as entrevistas foram gravadas e a pesquisadora foi anotando o desenvolvimento da entrevista, escrevendo as idéias principais ou procurando reter tudo na memória para, imediatamente após o término da mesma, reelaborá-la e analisá-la. As entrevistas foram transcritas e estão anexadas.

Antes de iniciar a entrevista foram anotados os dados de identificação, a saber:

- Caracterização do Sujeito (denominação eclesiástica)
- Grau de Escolaridade (incluindo o tipo de formação específica para o Aconselhamento)

- Tempo de Atuação em Aconselhamento
- Tempo Semanal Disponível para o Aconselhamento

As questões chaves foram elaboradas baseadas na experiência pessoal da pesquisadora e dados colhidos nas entrevistas para a pesquisa que resultou na dissertação de mestrado.

As questões chaves foram:

Primeira Entrevista:

- 1) Como é a sua vivência no Aconselhamento?**
- 2) Como é para você fazer Aconselhamento?**
- 3) O que você usa no Aconselhamento?**
- 4) Quais as pessoas que mais o procuram e quais os problemas mais freqüentes?**
- 5) Quais são as maiores dificuldades?**

Segunda Entrevista

- 1) Como foi o Aconselhamento depois do Treinamento? Se tiver, por favor, conte algum caso que tenha usado algo aprendido no Treinamento.**

6.6 - Análise das Entrevistas

Os resultados observados nesta Tese de Doutorado foram analisados com base no método fenomenológico na busca do estudo do vivido, visando descrever seu significado, pois é uma pesquisa que lida com o significado da vivência antes e depois de um Treinamento. Isto foi feito de acordo com a opinião de AmatuZZi (1996): "*A fenomenologia pressupõe que o vivido seja um caminho importante, e em alguns momentos insubstituível, para a verdade, isto é, para a formulação de conhecimentos e para as decisões que devemos tomar*".

Forghieri (1993) nos fala de dois momentos "*paradoxalmente inter-relacionados e reversíveis*" na pesquisa fenomenológica na Psicologia, a saber:

a - *Envolvimento Existencial* - neste momento o pesquisador deve procurar colocar fora de ação os conhecimentos já adquiridos por ele sobre a vivência que está pesquisando, para "*então tentar abrir-se a essa vivência e nela penetrar de modo espontâneo e experiencial.*" Neste sentido, "*o pesquisador precisa iniciar seu trabalho procurando sair de uma atitude intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo, para deixar surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, dessa vivência.*" (pág. 60).

b - *Distanciamento reflexivo* - "*Após penetrar na vivência de uma determinada situação, nela envolvendo-se e dela obtendo uma compreensão global pré-reflexiva, o pesquisador procura estabelecer certo distanciamento da vivência, para refletir sobre essa sua compreensão e tentar captar e enunciar, descritivamente, o seu sentido ou o significado daquela vivência em seu existir.*" (pág. 60).

Entretanto, este distanciamento não é total, ele deve manter uma ligação com a vivência, voltando a ela a cada instante, para que a descrição seja a mais próxima possível da própria vivência. Estes momentos têm como ponto de partida a vivência do próprio psicólogo. No caso desta pesquisadora, também a vivência no Aconselhamento e no estudo Bíblico-Teológico.

O primeiro a aplicar o método fenomenológico em Psicopatologia - ou pelo menos algo próximo ao método fenomenológico - foi Karl Jaspers, na sua obra *Psicopatologia Geral* (original alemão de 1913). Essa abertura foi, provavelmente, a primeira de todas que iriam se seguir, consolidando ao longo das décadas seguintes o método fenomenológico como ferramenta de Pesquisa Qualitativa.

Moreira (2002) comenta: *O primeiro capítulo da Psicopatologia Geral (no original em alemão) chama-se 'Os Fenômenos Subjetivos da Vida Abnormal da Psique', tendo entre parênteses o título alternativo de 'Fenomenologia'.* Jaspers reconhecia que o material indireto fornecido pelas descrições dos pacientes devia ser interpretado pelo psiquiatra em analogia com seus próprios meios de experienciar... Essa interpretação haveria de basear-se nos procedimentos seguintes, que o psiquiatra deveria seguir:

- a. *Imersão no comportamento e nos movimentos expressivos do paciente.*
- b. *Exploração ou questionamento levado a cabo pelo psiquiatra, resultando em informação fornecida pelos pacientes a cerca de si próprios.*
- c. *Relatos espontâneos dos pacientes por escrito.*

Desta forma nota-se que há muita semelhança entre o método fenomenológico (ou, melhor dizendo, entre as muitas variantes do método fenomenológico), tal como praticado hoje na pesquisa empírica, e na metodologia sugerida por Karl Jaspers no início do século XX. Em particular, a fonte básica de informações, isto é, as descrições dos fenômenos ainda são frequentemente representadas pelos relatos dos sujeitos (co - pesquisadores ou participantes, numa linguagem mais atual, ou 'pacientes', na terminologia de Jaspers).

Na trajetória da pesquisa, o primeiro passo foi dado com um modo peculiar de ir ao fenômeno. A pesquisadora interrogou o fenômeno tão amplamente quanto possível e procurou captar o fenômeno desvinculado de suas próprias idéias, julgamentos ou teoria. Assumir esta postura foi querer captar o fenômeno com sua significação e estrutura própria. De posse das entrevistas, a análise dos dados foi realizada a partir de uma adaptação do método sugerido por Giorgi (1985), um dos mais conhecidos e utilizados no campo da Psicologia Fenomenológica. Partindo das descrições dos entrevistados, o método propõe utilizar quatro passos para a análise, com o objetivo de se obter "*unidades significativas*", isto é, temas ou essências contidas nas descrições que revelem a estrutura do fenômeno. Os passos são os seguintes:

- *O sentido do todo* - as entrevistas foram lidas procurando-se obter um sentido geral do todo, tendo esta leitura também a intenção de compreender a linguagem do entrevistado, assim como de chegar a um sentido geral expresso pelo conjunto das entrevistas. Neste momento não se interrogou nem se explicitou o sentido geral dos textos. Porém já havia a preocupação de fundamentar as possibilidades de identificação das unidades significativas que poderiam surgir do texto. Foi necessária também uma releitura atenta de cada entrevista para que fosse possível aprofundar o entendimento da linguagem utilizada pelos sujeitos em seus discursos.
- *A identificação das unidades significativas* - neste ponto o fato de as entrevistas serem semi-estruturadas facilitou esta etapa do processo, assim, neste momento foram anotados os significados da situação para o sujeito a partir das perguntas formuladas. Quanto a isto Giorgi (1985) nos diz: “*As discriminações de unidade significativa são notadas diretamente na descrição sempre que o pesquisador, ao reler o texto, torna-se consciente de uma mudança de significado da situação para o sujeito, a qual parece ser psicologicamente sensível*”. (pág. 11) As unidades foram tomadas tendo como critério básico em mente, pressupostos da Psicologia e do Aconselhamento, tematizando determinado aspecto de uma realidade complexa trazida pelo mundo do dia-a-dia. As unidades de sentido são discriminações espontaneamente percebidas dentro da descrição do sujeito, tendo o pesquisador a postura adequada em relação a essa descrição e considerando-a como um exemplo do fenômeno em questão. Giorgi (1985) nota que este passo indica a prática da ciência dentro *do contexto da descoberta* antes que *no contexto da descoberta*. A atitude usual é que a ciência é sempre definida pela verificação. Diz ainda Giorgi (1985) que a verificação é importante para a ciência, mas não exaure a definição de prática científica, porque é impossível somente verificar sem descobrir.

De forma muito importante, este autor ressalta que as unidades de sentido discriminadas são constituintes e não elementos. Constituinte significa uma parte determinada de forma que seja apoiada no contexto, enquanto que um elemento é uma parte determinada de tal forma que seu sentido seja o mais independente possível. Enfatiza que as unidades de sentido não necessariamente existem no texto como tais, isto é, elas existem apenas em relação à atitude do pesquisador. Na prática, isso quer dizer que as unidades de sentido não vão ser nem unívocas nem arbitrárias e o esforço de clarificá-las costuma levar à auto-correção.

- *A transformação das expressões dos sujeitos em linguagem psicológica* - as unidades significativas identificadas em linguagem do cotidiano dos Conselheiros, o que inclui uma linguagem bíblico-teológica, foram transformadas em linguagem psico-teológica. Nesta etapa seguimos a sugestão de França (1989) "*Interroga-se amplamente o texto para verificar o que exatamente o narrador quis dizer com seus termos; reflete-se sobre as possibilidades emergentes na unidade, com o intuito de tematizar percepções e intenções do sujeito, que são importantes para se compreender como sua descrição refere-se ao fenômeno enfocado e que significado atribui ao mesmo*". (pág. 41)
- *Síntese das unidades significativas transformadas* - neste último momento da análise dos dados, transformou-se a linguagem dos sujeitos sintetizando a vivência de cada um frente às questões formuladas, de forma que o pesquisador pudesse comunicá-la aos leitores da pesquisa, para fins de confirmação ou réplica. Verificamos as convergências e divergências encontradas entre os sujeitos analisados dentro de uma mesma categoria de unidades significativas, tomando-se como bases as perguntas das entrevistas semi-estruturadas.

Para a Fenomenologia é necessária a utilização de um método próprio que focalize a experiência vivida e seu significado, descrevendo o fenômeno em sua singularidade, tal como se apresenta na consciência do sujeito que a expressa através do

discurso falado. Para a Psicologia uma pesquisa que adote uma atitude fenomenológica para sua investigação poderá examinar as experiências vividas e as significações atribuídas pelo experienciador (França, 1989).

De acordo com Damiano (2004), *“o termo ‘fenomenologia’ começou a ser utilizado por Jung na década de 1930, quando ele reconhece ser ‘sem dúvida importante’ para a formulação de seu método a abordagem fenomenológica”*. De acordo com este autor, Jung utilizará constantemente este termo para identificar de alguma forma seu método.

A “fenomenologia” para Jung interessa-se pela fenomenologia da psique. No sentido positivo, é a *“experiência pura” – “a percepção direta que um indivíduo tem de si mesmo e do mundo, anterior a qualquer teorização”*. (CW 8, § 32).

Esta metodologia mostrou-se bastante profícua para a análise dos conteúdos das entrevistas, acreditando-se que desta forma ter ultrapassado, ao menos minimamente, o senso comum e a subjetividade a que se expõe o pesquisador durante este processo, procurando sempre preservar a atitude de objetividade necessária a esta atividade científica.

Para facilitar a compreensão do leitor permitindo uma visão ampla, as entrevistas foram resumidas e apresentadas em quadros-resumos. No modelo sugerido por Giorgi os quadros-resumo devem apresentar três colunas: primeira, o recorte da fala pertinente do entrevistado; segunda, as unidades significativas e a terceira, a interpretação psicológica. Nesta pesquisa apresentamos nos quadros-resumo somente as duas primeiras colunas. A terceira é apresentada logo após o quadro-resumo de cada entrevista, por um motivo técnico, visto que a terceira coluna é muito mais extensa que as duas primeiras.

6.7 - Interpretação das Entrevistas

Para a interpretação da entrevistas tomamos como base o corpo teórico-metodológico da Psicologia Analítica que nos pareceu o que possui maiores elementos para compreendermos a interface entre Psicologia e Religião, buscando desvelar o invisível, compreendendo os símbolos e discriminando fatores objetivos e subjetivos encontrados na temática da pesquisa.

Baseada nas descobertas e conceitos de Carl Gustav Jung, médico psiquiatra suíço (1875-1961), a Psicologia Analítica é uma escola de psicologia profunda, que possui um panorama amplo e compreensivo sobre a psique humana.

Os escritos de Jung formam uma teoria completa sobre a estrutura da psique e de seus dinamismos, em seus aspectos conscientes e inconscientes, uma teoria detalhada sobre tipos de personalidade e também, uma descrição completa das imagens universais, primordiais, que derivam das camadas mais profundas da psique inconsciente. Essas imagens primordiais são chamadas Arquétipos do Inconsciente Coletivo. Esta descoberta possibilitou a Jung descrever paralelos vívidos entre as imagens inconscientes produzidas por indivíduos em sonhos e visões e os motivos universais encontrados nas religiões, na alquimia e na mitologia.

Para Jung nossa própria psique, que é parte da psique coletiva, é o meio pelo qual podemos sentir o divino, ele "*considerava o objetivo de sua psicologia analítica ajudar a restabelecer a ligação com as verdades contidas nos símbolos religiosos, encontrando seus equivalentes em nossa própria experiência psíquica*". (Ulanov, 2002)

As manifestações religiosas e simbólicas que cercavam Carl Gustav Jung, filho de um pastor protestante, sempre lhe chamaram a atenção. Através de uma cuidadosa observação e análise destas representações na mente humana ele pode reconhecer como conteúdos arquetípicos da alma as manifestações coletivas que embasam as mais diversas religiões. Jung via a religião mais como atitude da mente do que qualquer credo, sendo este uma forma codificada da experiência religiosa original.

O próprio Jung procura explicar seu conceito de religião antes mesmo de discorrer sobre o assunto: "*Antes de falar da religião, devo explicar o que entendo por este termo. Religião é - como diz o vocábulo latino religere - uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de 'numinoso', isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade*". (Jung, 1984, §6)

Do ponto de vista da Psicologia, utilizamos a Psicologia Analítica para a interpretação de nossas entrevistas, porque Jung nos oferece um método de interpretação da tradição religiosa diferente dos conhecidos métodos da crítica histórica, literária e sociopolítica. As idéias de Jung fornecem um modo de investigar símbolos arquetípicos recorrentes que os rituais ou as doutrinas religiosas específicas corporificam e empregam, por meio da vinculação deles a experiências equivalentes em nossas psiques. Ele aplica este método às religiões do oriente e do ocidente (CW vol. 11). "*Este método não reduz a revelação à psicologia mais do que, digamos, a crítica histórica ou sociológica reduz Deus ao acontecimento histórico, à metáfora literária ou à amostragem sociológica*" (Ulanov, 2002).

Jung nos deixou formas práticas e espirituais, de nos ligarmos às raízes arcaicas de nossa religião, seja ela qual for, e os métodos clínicos necessários para que tenhamos todas as condições de incluirmos a experiência do numinoso no empreendimento da cura.

6.8 - A Pesquisa Qualitativa

Foi na década de 50 que houve os primeiros debates entre os defensores dos procedimentos quantitativos e qualitativos, com ardentes defesas de ambos os lados. Na década de 70, surgiu na América Latina um crescente interesse pelos aspectos qualitativos na educação e em outras áreas. Porém, não podemos esquecer que uma das raízes da pesquisa qualitativa está no campo da Antropologia e que foi Malinowski, positivista, que criou o método etnográfico. O uso do método etnográfico, apoiado na teoria estrutural-funcionalista, não determina apenas um método de emprego restrito a Antropologia, de forma que outras disciplinas tais como a Psicologia, a Educação, continuam usando este método.

A pesquisa qualitativa considera o significado e o processo como elementos chaves, propicia estudos que se fundamentam nos paradigmas da Nova Ciência, diferente dos paradigmas que norteiam a Ciência Clássica e que priorizam, números, pesos, medidas e estatísticas. As bases históricas do momento presente (1990 até hoje) orientam a Pesquisa

Qualitativa nos seguintes aspectos: abandono do conceito de pesquisador afastado, pesquisa mais orientada e ativa, maior crítica social, teorias que se ajustam a problemas e situações específicas, biografia pessoal do entrevistador por trás do processo. (Denzin & Lincoln, 1994).

A compreensão holística, sistêmica, monista, circular dos fatos, diferente dos paradigmas que fundamentam a Ciência Clássica são os paradigmas que norteiam a Nova Ciência e que são a verificação cartesiana, dual, racional, mecânica dos fatos. (Capra, 1982)

O benefício da Pesquisa Qualitativa é justamente não colocar como ponto principal da investigação, o sim ou não à hipótese formulada ou qualificada em termos de probabilidade, mas priorizar o estudo do significado e do processo das proposições formuladas.

As posições qualitativas baseiam-se especialmente na fenomenologia e no marxismo.

De acordo com Triviños (1987), podem-se distinguir dois tipos de enfoques na pesquisa qualitativa, correspondentes a concepções ontológicas e gnosiológicas, a fim de compreender e analisar a realidade:

- a - *“Os enfoques subjetivistas-compreensivistas, com suporte na idéias de Schleiermacher, Weber, Dilthey e também Jaspers, Heidegger, Marcel, Husserl e ainda Sartre, que privilegiam os aspectos conscienciais, subjetivos dos atores (percepções, processos de conscientização, de compreensão do contexto cultural, da realidade a-histórica, de relevância dos fenômenos pelos significados que eles têm para o sujeito (para o ator, etc.).*
- b - *Os enfoques crítico-participativos com visão histórico-estrutural - dialética da realidade social que parte da necessidade de conhecer (através de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos (Marx, Engles, Gramsci, Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm, Harbemas, etc.)”* (pág. 11).

Esta pesquisa está situada no enfoque subjetivista-compreensivista porque estudou dados relacionados às novas informações obtidas através de entrevistas sobre o atendimento em Aconselhamento, antes e depois de um Treinamento.

6.9 - A Pesquisa-Ação

Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim são citados como pais da sociologia. Cada um deles desenvolveu uma teoria social e os respectivos métodos de investigação. Marx investigou as condições de vida da classe trabalhadora; Weber estudou o fenômeno burocrático nas organizações; Durkheim utilizou a estatística no estudo do suicídio e Marx não só analisou a concentração do capital a partir da mais-valia sobre o trabalho dos operários como propôs a estes sua organização para lutar contra esta alienação e exploração. Quando o pesquisador participa das ações pesquisadas com um esforço de planejamento com vistas à resolução de problemas ou transformação de situações, estamos diante de uma metodologia de *Pesquisa-Ação*.

Nas primeiras décadas deste século, pesquisadores sociais norte-americanos iniciaram um novo tipo de pesquisa, aquela em que o pesquisador apenas *participa* do fenômeno, mas não influi em sua trajetória. Exemplo pioneiro foi o do pesquisador Nels Anderson, em 1923, vivendo como um ‘*homeless*’ de Chicago (Nogueira, 1985, pág. 92). A uma pesquisa deste tipo, no qual o pesquisador mergulha no mundo do fenômeno observado, convivendo com as pessoas deste mundo, mas não influenciando em seus destinos, chamamos de *pesquisa-participante*.

Vamos melhor caracterizar a linha de Pesquisa-Ação através de Michel Thiollent, que a define como “*linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva (...) orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação*” (Thiollent, 1992, pág. 7), buscando uma interação entre o pesquisador e os participantes das situações pesquisadas.

Na Pesquisa-Ação o planejamento das ações é realizado pelos atores sociais, podendo ser o pesquisador um animador ou até mesmo um participante ativo. Na pesquisa-participante o único planejamento é o do próprio pesquisador. Outra característica marcante da Pesquisa-Ação é seu compromisso com a resolução dos problemas da situação pesquisada.

Thiollent apresenta sete aspectos principais da Pesquisa-Ação enquanto estratégia metodológica (pág. 16):

- “a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisador e pessoas implicadas na situação investigada;*
- b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;*
- c) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;*
- d) o objetivo da Pesquisa-Ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;*
- e) há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;*
- f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo); pretende-se aumentar o conhecimento ou o ‘nível de consciência’ das pessoas e grupos considerados.”*

Com respeito aos objetivos da Pesquisa-Ação, eles devem tanto perseguir “o melhor equacionamento possível do problema considerado”, como produzir conhecimentos “que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos” (Thiollent, pág. 18). Esta característica dialógica entre prática e teoria permeia todo o esforço de exigências epistemológicas e científicas da Pesquisa-Ação, de modo a evitar aquela que é sua maior fragilidade: a ideologização da pesquisa por parte do pesquisador.

A Pesquisa-Ação é uma forma de experimentação em tempo e espaço reais, nos quais o pesquisador tem uma participação consciente e compartilha seus métodos e epistemes com os demais participantes. Desta forma há uma valorização do saber e da experiência das pessoas envolvidas, bem como das imprecisões, ambigüidades, conflitos e contradições observadas e para as quais o pesquisador utiliza o poder mediador da linguagem e de técnicas comparativas e construtivistas de consenso.

Podemos entender que os fenômenos estudados pela Pesquisa-Ação refletem um comportamento difuso, para o qual as variáveis lingüísticas podem auxiliar na sua representação. Thiollent aponta quatro aspectos argumentativos que vão nesta direção de entendimento lingüístico:

- “a) na colocação de problemas a serem estudados conjuntamente por pesquisadores e participantes;*
- b) nas ‘explicações’ ou ‘soluções’ apresentadas pelos pesquisadores e que são submetidas à discussão entre os participantes;*
- c) nas ‘deliberações’ relativas à escolha dos meios de ação a serem implementados;*
- d) nas ‘avaliações’ dos resultados das pesquisas e da correspondente ação desencadeada.” (pág. 31).*

De acordo com Minayo as pesquisas em saúde devem ser entendidas *“dentro de uma sociologia de classe”*. Diz ainda a autora que este tipo de pesquisa deve ter ser realizada: *“tanto nos espaços formais da economia e da política como nas matrizes essenciais da cultura como a família, a vizinhança, os grupos etários, os grupos de lazer, etc., considerando como espaços inclusivos de conflitos, contradições, subordinação e resistência tanto as unidades de trabalho como o bairro, o sindicato como a casa, a consciência como o sexo, a política como a religião”* (Minayo, 1994, pág. 15).

Em nossa dissertação de mestrado (2003) utilizamos para a interpretação das entrevistas tanto a Psicologia Analítica como a Teologia, o que nos permitiu uma perspectiva dialógica e conjugada; isto nos levou à opção pela Pesquisa-Ação que tem este caráter de acordo com Thiollent (2005).

Diz ainda Thiollent que sem a necessidade de abandonarmos o espírito científico, “*podemos conceber dispositivos de pesquisa social com base empírica nos quais, em vez de separação, haja um tipo de co-participação dos pesquisadores e das pessoas implicadas no problema investigado*”. De acordo com este autor, a observação e a interpretação de cada pesquisador “*nunca é independente da sua formação, de suas experiências anteriores e do próprio 'mergulho' na situação investigada*”, o que acontece com esta pesquisadora, que também atua como Conselheira Espiritual. Tanto Minayo como Thiollent afirmam que características qualitativas da pesquisa-ação tais como: *compreensão da situação, seleção dos problemas, busca de soluções internas, aprendizagem dos participantes* não fogem ao espírito científico.

De acordo com Thiollent, a Pesquisa-Ação não se limita apenas a uma forma de ação, pois isto incorreria em um risco de ativismo, mas com ela se pretende: “*aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o nível de consciência das pessoas e grupos considerados*” (Thiollent pág. 19), o que foi nossa intenção no Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais. Durante o processo da pesquisa, o pesquisador deve também acompanhar as decisões, as ações e as atividades intencionais dos atores. Esta atitude foi bem evidente tanto durante o Treinamento como nos meses que se seguiram pelo acompanhamento e colaboração com participantes do Treinamento em suas decisões no Aconselhamento além da colaboração mútua entre os participantes, pois tínhamos tanto conselheiros mais experientes, como conselheiros com experiência em diferentes áreas, o que será descrito na Análise dos Resultados.

Outro aspecto de nossa pesquisa que acreditamos estar dentro dos propósitos da Pesquisa-Ação é que, segundo Thiollent, a realização da pesquisa deve ser orientada de modo que o grupo possa propor soluções ou ações concretas, ao mesmo tempo em que proporcionem novas habilidades ou conhecimentos. É também associada à Pesquisa-Ação a operação de treinamento.

Nas frequentes avaliações e discussões durante o Treinamento, tivemos vários depoimentos, que estão descritos na Análise dos Resultados, acerca dos benefícios que os Conselheiros obtiveram a partir do Treinamento para sua prática, mesmo antes do final.

Thiollent também nos diz que há a pressuposição que o pesquisador disponha de um *conhecimento prévio a partir do qual serão resolvidos os problemas de concepção do objeto* (pág. 81) e que a Pesquisa-Ação não é apenas um método de se obter informação, mas “*nesse caso particular, é um método de ‘injeção’ de informação na configuração do projeto*” (pág. 81-82).

Uma outra característica do Treinamento para Conselheiros foi a oportunidade que os participantes tiveram de expor suas dúvidas, contar seus “casos”, pedir orientação para encaminhamentos junto àqueles que vieram trazer mais “informação” e proporcionar-lhes um conhecimento mais profundo e também mais científico para suas atividades no desempenho da função de Conselheiro Espiritual. Isto condiz com a opinião de Thiollent “*... os membros representativos da situação-problema sob investigação nunca são considerados como meros informantes. Também desempenham uma função interrogativa, fazendo perguntas e procurando elucidar os assuntos coletivamente investigados*” (pág. 104) e que o “*saber informal dos usuários não é desprezado e sim posto em relação com o saber formal dos especialistas no intuito de um enriquecer mútuo*” (pág. 107).

De acordo com Thiollent, também citado por Minayo (1994): “*a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação (grifo nosso) ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo*” (Thiollent pág. 16, Minayo, pág. 26).

Segundo os autores citados a Pesquisa-Ação não é adequada ao enfoque macrosocial. Ela é *um instrumento de trabalho e de investigação apropriada para pequenos grupos, instituições, coletividades de pequeno ou médio porte* (Thiollent, pág. 11). A partir da vivência no processo desta pesquisa, podemos parafrasear Thiollent: *o tema e problema metodológico, aqui apresentado está limitado ao contexto da pesquisa com base empírica, isto é, da pesquisa voltada para a descrição de uma situação concreta e*

para a investigação e ação em função da resolução do problema detectado: a 'falta de conhecimento técnico' em Saúde Mental e Técnicas Psicoterápicas, pelo grupo de conselheiros que faz Aconselhamento Espiritual e suas conseqüentes dificuldades para o desenvolvimento de seu trabalho.



7- ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

7.1 - Conselheiro 1 – Entrevista 1

QUADRO RESUMO -

Igreja: Batista	
Formação: Bacharel em Teologia	
Tempo de Aconselhamento: 14 anos	
Frequência de atendimento: 1 por mês	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como é a sua vivência no Aconselhamento?	
- ... <i>não me envolvo muito com Aconselhamento</i> -... <i>não é o meu forte</i>	- pequeno envolvimento - aconselhamento ocasional
Pergunta 2: Como é para você fazer Aconselhamento?	
- <i>Totalmente incapaz...</i> - ... <i>eu me vi diante de uma situação que eu não sabia o que fazer</i> - ... <i>uma tentativa frustrada</i> - ... <i>procuro não me envolver com este ministério</i> - ... <i>muitas vezes frustrado...</i>	- incapacidade - frustração - evitação
Pergunta 3: O que você usa no Aconselhamento?	
- ... <i>oração</i> - ... <i>texto bíblico como apoio</i> - ... <i>uma ou outra técnica como apoio</i>	- oração - texto bíblico
Pergunta 4: Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais freqüentes? (trabalho na favela)	
- ... <i>pessoal ligado a álcool e drogas</i> - ... <i>o maior problema na favela era a bebida</i>	- dependência química
Pergunta 5: Quais são as maiores dificuldades?	
... <i>compreender a verdadeira raiz do problema</i> - ... <i>chegar ao cerne da questão</i>	- dificuldade de apreender a(s) causa(s) do problema

O Conselheiro 1 é pastor, bacharel em Teologia, atualmente é pastor auxiliar de uma igreja com mais de quinhentos membros e sua atividade principal está voltada para a área de evangelização. Faz Aconselhamento há quatorze anos, porém tem atendido com pequena frequência, cerca de 1 por mês.

Esta entrevista foi realizada no gabinete pastoral, um local reservado nas dependências do edifício da igreja, tendo a duração de cerca de quarenta minutos.

Como resposta à primeira pergunta o Conselheiro 1 afirma que não se envolve muito com Aconselhamento, que este não é o seu lado forte, pois sua atividade principal é a evangelização. E é no desenvolvimento de seu trabalho de evangelização que surgem, nos seus dizeres, os *vários problemas familiares, álcool, droga, problemas com filhos, e aí a gente vai aconselhando...*

Na opinião do grande teólogo, pastor e escritor John Stott (1982), a evangelização é parte essencial da missão da igreja. *Euangelizomai* significa trazer ou anunciar o *euangelion*, as boas novas. Esta palavra aparece duas vezes no Novo Testamento como notícias de caráter secular, mas no emprego regular do verbo, o sentido sempre faz referência às boas novas cristãs. A divulgação dessas boas novas constitui a evangelização.

A evangelização traz consigo duas outras palavras: diálogo e conversão.

A palavra diálogo deriva do verbo grego *dialegomai*, discutir ou argumentar. O diálogo é uma conversação séria, onde aqueles que dialogam devem estar preparados para ouvir e para falar. Diz o Dr. John Stott que desta forma o diálogo na evangelização: “... *se converte em sinal de humildade e caridade cristãs, portanto indica a resolução de livrarmos o nosso espírito dos preconceitos e das caricaturas que poderiam desviar nossa atenção da pessoa; a resolução de ouvirmos através dos ouvidos dela e vermos através dos olhos dela, a fim de percebermos o que a impede de ouvir o Evangelho e de ver a Cristo; a resolução de simpatizarmos-nos com ela em todas as suas dúvidas, temores e inibições*”.

A conversão indica que o anúncio das boas novas na evangelização requer uma resposta. Esta resposta é a conversão. *Epistrepho*, no grego, traduzido normalmente na voz passiva por “*ser convertido*”, na verdade possui um sentido ativo: *volver*. No Novo

Testamento significa “*virar para trás*” ou “*retornar*”. Quando usada no sentido teológico, a palavra também significa “*voltar de uma direção para outra*” ou “*retornar de um lugar a outro*”. Portanto a evangelização a que se refere o Conselheiro 1 é o anúncio do Evangelho, que é parte da missão da Igreja, inclui o diálogo e gera uma resposta que é a conversão. (Stott, 1982)

No que se refere a como se sente quando aconselha, o Conselheiro 1 diz sentir-se *totalmente incapaz...* conta-nos de uma tentativa frustrada de aconselhar um casal com vários problemas de relacionamento, onde encontrou mágoa e comportamentos do marido que magoavam a esposa. Não conseguindo lidar com a situação sentiu-se frustrado o que o levou a distanciar-se do Aconselhamento nas igrejas onde tem trabalhado.

Outras frases suas que caracterizam este sentimento de incapacidade, frustração e evitação são: *depois que eles expuseram a dificuldade que estavam tendo, eu fiquei diante deles me perguntando: o que eu falo, o que eu faço, porque eu me vi diante de uma situação que eu não sabia o que fazer...; foi assim uma tentativa frustrada, desde então eu procuro cuidar daqueles casos que me procuram, mas não procuro me envolver assim com o este ministério...; muitas vezes frustrado por não conseguir fazer nenhum sucesso por assim dizer...; Então eu tenho que me aperfeiçoar nessa área, eu vejo que as minhas frustrações são mais pela minha falta de preparo, falta de incentivo próprio...*

De acordo com Laplanche (1988) a frustração é uma “*condição do indivíduo a quem é recusada ou a que a si mesmo recusa a satisfação de uma exigência pulsional*” (pág. 263), a frustração é uma condição de um organismo que se recusa a responder a um estímulo, como diz o Conselheiro 1: *falta de incentivo próprio*. Ainda de acordo com este autor a frustração serve de base para o “*princípio da abstinência*”, que é o que leva este Conselheiro a dizer: *desde então eu procuro cuidar daqueles casos que me procuram, mas não procuro me envolver... com este ministério...*

Podemos ainda entender este sentimento de incapacidade, de frustração como sendo esta a Sombra deste Conselheiro. Por Sombra, Jung nos dá a definição que é “*a coisa que uma pessoa não tem desejo de ser*” (CW 16 § 470). Na teoria junguiana, a sombra representa tudo aquilo que não conhecemos de nós, mas que podemos ainda vir a conhecer,

tais como potencialidades das quais ainda não tivemos consciência ou, se tivemos pode não ter havido oportunidade para desenvolvê-las e, desta forma, elas ainda se encontram lá, na obscuridade da nossa sombra. Fazem parte de nossa Sombra também, tudo aquilo que mais detestamos em nós e que, conhecemos sim, mas desejaríamos não ter conhecido jamais e, procuramos esquecer e reprimir da maneira mais eficiente possível. Diz ainda Jung: “*Se uma inferioridade é consciente, sempre se tem uma oportunidade de corrigi-la...*” (CW 11 § 131).

Isto é o que faz este Conselheiro, através do Treinamento e do interesse posterior comentados na segunda entrevista.

Os sentimentos de incapacidade, de frustração e de evitação podem acontecer a todos nós conselheiros, pois temos nossas próprias dificuldades e conflitos que podem estar adormecidos, porém quando confrontamos com alguém que esteja vivenciando a mesma aflição, somos acordados e é provável que em um primeiro momento também tenhamos a mesma reação de evitação desta aproximação. Nosso primeiro impulso é evitar o adoecimento (Forghieri, 2007, pág. 112).

Este Conselheiro nos diz que utiliza no Aconselhamento, textos bíblicos, oração e algumas técnicas de apoio.

No protestantismo, a referência máxima de conduta é a Bíblia. No Aconselhamento ela vai ocupar um lugar proeminente, sendo utilizada como referência no trato de questões trazidas pelo Aconselhando. A pessoa que procura um pastor buscando orientação, um modo de solucionar seu problema, o procura sabendo e esperando que a Bíblia possa ser usada na orientação de sua dificuldade. O Aconselhamento Espiritual parte do princípio de que a espiritualidade faz parte do todo do ser humano. Assim, o exercício da espiritualidade pode contribuir para o crescimento integral do indivíduo enquanto pessoa. É neste sentido que este pastor faz o Aconselhamento utilizando textos bíblicos que ele conhece, crê e aplica (Becker, 2003), e a oração.

Um dos assuntos mais comentados nos meios médicos e científicos nos últimos anos têm sido os resultados obtidos nas pesquisas e experiências envolvendo o que alguns já vêm chamando de “*o poder da oração*”, ou “*o poder da fé*”. O que antes estava relegado única e exclusivamente às religiões ou às diferentes posturas espirituais, é objeto de estudo na comunidade científica. Tem sido descoberto que a oração é um instrumento real, efetivo, para ajudar a curar as pessoas, e que os efeitos positivos das orações na saúde podem ser identificados e medidos. Jeff Levin, pesquisador do National Institute for Healthcare Research publicou estudos de como fatores espirituais previnem a incidência de enfermidades e da mortalidade em determinadas regiões, e promovem a saúde e o bem estar – fortalecendo o relacionamento entre a ciência, a medicina e a espiritualidade.

Seu trabalho estabelece pontes entre diferentes campos de atividade, como epidemiologia, gerontologia, sociologia, psicologia e medicina alternativa. Além destes estudos, publicou o livro com o resultado de suas pesquisas: Deus, Fé e Saúde (Editora Cultrix).

Como este Conselheiro trabalhou muitos anos em favelas e agora trabalha em um bairro de periferia com população carente, perguntamos entre essas populações quais são os problemas mais frequentes na procura por Aconselhamento. De acordo com sua experiência, estes problemas estão na área da dependência química, mães, esposas de usuários de drogas e de álcool, e alguns dos próprios dependentes são os que mais o procuram para Aconselhamento.

Para Dalgarrondo (2000):

“Os quadros de abuso e dependência ao álcool e a outras drogas psicoativas caracterizam-se por uma forma particular de relação dos seres humanos com as substâncias químicas que possuem uma ação definida sobre o sistema nervoso central (SNC) e, conseqüentemente, sobre o psiquismo”.

“O ‘abuso de drogas’ ocorre quando há um uso de uma substância psicoativa que é lesivo ou excessivo (o que quase sempre é lesivo), ocasional ou persistente, em desacordo com os padrões culturais e com a prática médica vigente. A ‘dependência a

drogas' é um estado mental e, muitas vezes, físico, que resulta da interação entre um organismo vivo e uma droga psicoativa. A dependência sempre inclui uma compulsão de usar a droga para experimentar seu efeito psíquico ou evitar o desconforto provocado pela sua ausência". (pág. 212).

Com relação especificamente ao alcoolismo, diz ainda o mesmo autor: *"O abuso e a dependência ao álcool, além de extremamente frequentes, têm algumas particularidades relevantes, dignas de serem enfatizadas. O abuso do álcool caracteriza-se por um padrão patológico de ingestão repetitiva de bebidas alcoólicas (padrão mais qualitativo que quantitativo), ocorrendo repercussões sobre a saúde física, sobre o bem estar psicológico e sobre o funcionamento familiar e profissional". (págs. 213-214).*

Diz ainda Dalgalarrodo em seu texto de 2006, que *"refletindo uma tendência internacional, o maior número de trabalhos em epidemiologia da religião realizados no Brasil tratam da associação entre religiosidade e uso de álcool e drogas".*

Como tínhamos a intenção de através do Treinamento oferecer ferramentas para que os Conselheiros Espirituais pudessem desenvolver melhor suas atividades, perguntamos quais eram as maiores dificuldades de cada um dos participantes afim de melhor ajudá-los. A isto, o Conselheiro 1 respondeu que sua maior dificuldade *é compreender qual a verdadeira raiz do problema, chegar ao âmago da questão...*

Esta dificuldade se estende às profissões de ajuda ou, *"profissões de ministério"* para Guggenbühl-Craig (1971). Para estes Hillman (1985) diz que quanto mais se conhece uma pessoa, tanto maior é a dificuldade de afirmar, com certeza, qual a raiz de seu problema, uma vez que a *"verdadeira raiz é sempre a própria pessoa, e a pessoa não é nem uma doença nem um problema, mas sim um mistério fundamentalmente insolúvel"* (pág. 23).

7.1a - Conselheiro 1 – Entrevista 2

QUADRO RESUMO -

<p>Igreja: Batista</p> <p>Formação: Bacharel em Teologia</p> <p>Tempo de Aconselhamento: 14 anos</p> <p>Frequência de atendimento: 1 tarde por semana</p>	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
<p>Pergunta 1: Como foi o Aconselhamento depois do treinamento e se tiver, por favor, conte algum caso onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento</p>	
<p><i>... despertou para o assunto</i></p> <p><i>... tive mais Aconselhamentos após o curso</i></p> <p><i>... um pouco frustrante a gente ver que precisa de mais</i></p> <p><i>... nós tivemos 4, 5 encontros e a pessoa não progrediu, eu vi que a questão dela não era espiritual, mas investigando eu vi ...</i></p> <p><i>tinha outro quadro de depressão na família, o pai se suicidou e ela estava apresentando um quadro depressivo, então eu trabalhei com ela umas questões teológicas, pois ela estava se condenando pela situação que ela estava vivendo, a questão do perdão na vida dela... eu disse: olha a gente chegou até aqui e como nós não estamos progredindo eu proponho que você faça um acompanhamento com psicólogo, sobre este assunto a gente não conversa mais, porque depois de 5 encontros você não progrediu, não adianta nós nos vermos mais. Então eu creio que se fosse em outra ocasião, pela falta de conhecimento que eu perdi com o curso, eu teria espiritualizado, teria continuado... eu não sei que danos eu poderia trazer à pessoa</i></p> <p><i>Fiquei um pouco frustrado... mas não como antes, foi frustrante porque eu não identifiquei antes e cheguei a atender 5 vezes...</i></p> <p><i>Tive dois Aconselhamentos mais longos depois do curso, antes eu não atendia mais do que 1 vez, agora tenho usado como parâmetro que é possível ir um pouco mais longe com cada um.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - despertar para o assunto - maior disponibilidade - descoberta de possibilidades e limites - frustração menor - maior conhecimento de sintomas de transtornos mentais

O que nos contou o Conselheiro 1 em sua segunda entrevista, realizada oito meses após o Treinamento está de acordo com os pressupostos sobre treinamento citados na Revisão de Literatura. Esta entrevista foi realizada no gabinete pastoral, com duração de cerca de 30 minutos.

Suas palavras expressam dois aspectos do Treinamento, por um lado a novidade em termos de conhecimento em áreas de necessidade, porém pouco conhecidas ou até desconhecidas, e por outro a consciência que há a necessidade de buscar maior aprofundamento posterior. O Conselheiro 1 diz: ... *achei importante, o tempo bastante limitado, porém os temas bem abrangentes... deu pra aprofundar um pouco da teoria, na prática eu não pude tirar muita coisa para o dia-a-dia... deu para ter uma noção de algumas áreas... o curso foi o ponto de partida, mas também é um pouco frustrante a gente ver que precisa mais...*

É de nosso conhecimento que os cursos teológicos em sua grande maioria têm poucas disciplinas em que os estudantes possam criar um alicerce à aptidão de Aconselhamento. Esta é uma atividade que o pastor não pode escolher se quer fazer ou não, de acordo Oates. Em sua opinião o pastor (qualquer que seja sua formação) não possui o privilégio de decidir se vai fazer Aconselhamento ou não, a opção é apenas a de *“fazer Aconselhamento de uma forma disciplinada e competente e fazê-lo de uma forma indisciplinada e incompetente.”* (Oates, in Clinebell, 1987, pág. 44).

O Conselheiro 1 aprofundou conhecimentos para esta atividade, porém sentiu que deve preparar-se mais para continuar a exercê-la.

Entre os casos de atendimento mais longo, feitos pelo Conselheiro1 após o Treinamento, pois antes não atendia mais que uma vez por mês, ele nos conta do atendimento de uma jovem por 4 ou 5 encontros. Durante a investigação dos motivos que estavam levando aquela jovem aos problemas atuais, o Conselheiro 1 teve conhecimento de dificuldades enfrentadas por esta aconselhanda como a morte do pai por suicídio e de outros casos de depressão na família. Isto o levou a observar que os sintomas de depressão apresentados poderiam ser de natureza endógena. Este conhecimento foi adquirido durante o Treinamento, com isto mudou a direção de seu Aconselhamento que se tornou mais voltado para a espiritualidade, procurou lidar com o sentimento de culpa da aconselhanda gerado por imaginar que a doença seria de natureza espiritual.

O conceito de que a doença mental é originada pelo pecado é uma das principais afirmações de Jay Adams (1977), segundo este autor o pecado gera doenças e conseqüências na vida do ser humano que não podem ser corrigidas, sendo que a raiz de todos os seus problemas está justamente no seu comprometimento com o pecado. Seu trabalho é permeado da seguinte lógica: o problema não é psicológico, mas espiritual ou, os sintomas não são de natureza emocional ou psíquico, mas são produtos de uma vida pecaminosa, o profissional mais indicado é o pastor e a única literatura usada é a Bíblia.

Destas afirmações são gerados muitos sentimentos de culpa que somente poderão ser trabalhados através do perdão. É aí que o Conselheiro 1 trabalha com sua aconselhanda.

Giglio, J. e Giglio, Z. (2006) falando sobre a questão do perdão na psicoterapia (e que tomamos emprestado para o Aconselhamento Espiritual), dizem: *“Embora nós, terapeutas, saibamos que a psicoterapia tem um aspecto ‘confessional’, isto é, que se assemelha à confissão católica, como já afirmou Jung (1985), é somente na religião que o perdão de Deus é exercido em sua forma plena... Em situações clínicas onde existe uma mágoa muito difícil de ser trabalhada analiticamente, porque o orgulho do ego foi muito ferido, lesando perigosamente a persona, ou mesmo quando a alma está atingida no seu íntimo, às vezes a única saída é o perdão religioso.”* (Cadernos Junguianos, nº 2, 2006, pág. 159)

O Dr. Paul Tournier, médico e psicoterapeuta suíço, autor de vários livros, entre os quais Culpa e Graça (ABU Editora, 1985), trata da culpa nos seus diversos aspectos e como a graça de Deus pode ajudar a pessoa que se sente culpada. Diz o Dr. Tournier: *"a consciência culpada é a constante da nossa vida"* e na verdade, não se pode *"abordar o problema da culpa sem levantar questões religiosas que ele suscita"* (pág. 8).

O Conselheiro 1 indica o mesmo caminho que Paul Tournier e Giglio, para a libertação da culpa: o perdão. Diz ainda o Tournier: *"Por vinte séculos a igreja tem proclamado a salvação, a graça e o perdão de Deus à humanidade oprimida pela culpa..."*, as pessoas que se sentem culpadas não abrem mão de suas faltas no passado e nem aceitam que elas já foram perdoadas. Para este psicoterapeuta *"muitos problemas psicológicos estão*

ligados a um sentimento de culpa semiconsciente, confuso, vago... Muitas doenças nervosas e físicas e mesmo acidentes e frustrações na vida profissional são revelados pela psicanálise como sendo tentativas de expiação da culpa que é totalmente inconsciente". Para Tournier, no processo terapêutico, como para este Conselheiro, no Aconselhamento, o caminho é o perdão e a assimilação deste perdão, sentir-se perdoado (págs. 200-201).

Depois disso ele faz o encaminhamento, chega a marcar a primeira entrevista com uma psicóloga do serviço de atendimento da própria igreja, mas a aconselhanda não segue sua orientação.

O encaminhamento que o Conselheiro 1 fez e o seu limite estão de acordo com a orientação de diferentes autores.

White (1987) nos fala de duas áreas indicadas para o Aconselhamento na depressão: a) o *“deformante sentimento de culpa que brota na pessoa, por causa de uma assimilação inadequada da graça de Deus diante das acusações satânicas”*; b) *“ensinar e encorajar os sofredores (se tiverem suficiente capacidade de concentração) a estudar a Bíblia de maneira sólida, indutiva...”* Sugere aos Conselheiros: *“quando lidarem com pacientes seriamente deprimidos, os conselheiros pastorais devem entender que essas pessoas estão desesperadamente presas por algo que não conseguem controlar... devem evitar de acusar o aconselhando.”* (págs. 166 - 167).

No entender de White, um sinal de um limite para os conselheiros é: se depois de mais ou menos um mês de Aconselhamento o desânimo continuar, eles devem *“suspeitar da necessidade de outro tipo de tratamento e devem encaminhar o aconselhando a um médico, um psicólogo ou um psiquiatra competente.”* (pág. 168).

Clinebell (1987) cita Thomas Klink, ao falar das diretrizes para o encaminhamento: *“O encaminhamento não é um fracasso pastoral. Trata-se de uma arte de ajudar muito sutil e importante (...) Proponho que consideremos o encaminhamento uma ilustração da habilidade - de utilidade mais genérica - que consiste em ajudar as pessoas a focalizarem suas necessidades e esclarecerem seus sentimentos”.* (pág. 300).

Ellens (1982) afirma que a base para um encaminhamento está no fato do conselheiro considerar que está tratando de uma necessidade de seus paroquianos e não a sua própria; isto faz parte de sua integridade; e deve sentir-se bem quanto ao encaminhamento, quando consegue aceitar suas próprias patologias e limitações humanas. Diz ainda que existem patologias facilmente reconhecíveis, que são aquelas que envolvem alienação psicótica da realidade, além de: rigidez excessiva, ansiedade neurótica não proporcional à ameaça, obsessão ou compulsividade, culpa exagerada, auto-estima diminuída, depressão mascarada, raiva internalizada e achatamento do afeto, acompanhado de compensação exagerada em uma forma falsa de excitação, que indicam psicopatologias e não apenas deficiências espirituais. Seus critérios para o encaminhamento são: as patologias mencionadas acima, quando há tristeza profunda e insuperada por uma perda que cresce desproporcionalmente, quando há uma defasagem entre a percepção cognitiva e racional de uma situação e a reação emocional, quando há uma defasagem entre a vontade (ou intenção) e a ação comportamental (pág. 56).

O Conselheiro 1 comenta que tanto os limites, como detectar os sintomas da depressão ele aprendeu no Treinamento, e se fosse antes deste ele teria *espiritualizado, teria continuado... não sei que danos eu poderia trazer à pessoa...*

Como já comentamos na Revisão da Literatura, os conselheiros que não têm conhecimentos básicos em saúde mental e psicologia podem trazer sérios danos ao aconselhando, quando insistem no Aconselhamento, sem perceber que esse necessita de outro tipo de tratamento.

Porém para este Conselheiro o Aconselhamento foi ainda um pouco frustrante, *mas não como antes*. Sentiu-se frustrado porque percebe que ainda lhe faltam alguns conhecimentos a mais e para isto ele tem buscado maior aperfeiçoamento.

7.2 - Conselheiro 2 – Entrevista 1

QUADRO RESUMO -

<p>Igreja: Batista</p> <p>Formação: Bacharel em Teologia, Bacharel em Direito</p> <p>Tempo de Aconselhamento: 21 anos</p> <p>Frequência de atendimento: até 11 por semana</p>	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como é a sua vivência no Aconselhamento?	
<p>- ... as pessoas nos procuram aqui, basicamente são os membros da igreja...</p> <p>- ...uns 5%... devem ser de fora... de outras igrejas evangélicas</p> <p>- ... problema de relacionamento... depressão, um número grande de pessoas em situação depressiva... aconselhamento a respeito de decisões que querem tomar, que é um outro aspecto do aconselhamento... para uma orientação em algum aspecto, seja de educação cristã, filho, seja de escolha de carreira... também pré-conjugal, que também é um aconselhamento educativo, formativo, não é aconselhamento no aspecto psicológico... gente começa a descobrir questão de culpa também...</p> <p>- Numa outra igreja... eu tive uma incidência muito grande de pessoas com perturbações espirituais... de endemoninhamento e algumas não era endemoninhamento, era distúrbio mesmo mental... nós encaminhamos... graças a Deus, todos os casos que eu detectei que não era, que não tinha nada a ver com as questões espirituais, era mental, eram realmente mentais e foram tratadas e ajustadas ao tratamento, hoje essas pessoas estão ajustadas à sociedade, graças a Deus.</p>	<p>- atende protestantes de diferentes denominações</p> <p>- problemas diversos: relacionamentos, depressão, orientação para tomada de decisões, educação de filhos</p> <p>- faz aconselhamento educativo, formativo</p> <p>- faz diferença entre doença mental e endemoninhamento</p>
Pergunta 2: Como é para você fazer Aconselhamento?	
<p>- Eu me sinto bem, eu gosto de fazer aconselhamento, tenho procurado fazer mais cursos, conhecer novas técnicas para me aperfeiçoar, para me dedicar melhor a este ministério.</p>	<p>- sente-se bem</p> <p>- gosta de aconselhar</p> <p>- procura crescimento na área</p>

Pergunta 3: O que você usa no Aconselhamento?	
<p>... encontros, eu reservo 1h, de 45m a 1h esse encontro, nesse primeiro encontro eu pergunto tudo que eu acho que é importante saber sobre a pessoa, sobre a vida da pessoa... eu uso muito a pergunta reflexiva, eu vou investigando a pessoa mais com reflexão do que com perguntas... depois eu pego a Palavra, trabalho muito na área da esperança, na área do amor de Deus... eu receito pra ela três textos bíblicos, pra ela ler todos os dias</p> <p>- Eu tenho visto coisas maravilhosas, de elas chegarem recuperadas mesmo, de forma admirável.</p> <p>... eu não tenho limite, mas se eu faço em torno de 6 encontros se a melhora não é significativa, aí eu já fico meio perturbado... eu não faço aqui o trabalho do psicólogo... eu faço o trabalho pastoral ... mas a melhor coisa que eu faço é mandar ela se tratar, encaminhar, dou nome, ligo pra psicólogo, ligo pra psiquiatra, pra médico da igreja, esse encaminhamento é diretivo...</p> <p>- ... no aconselhamento de casais eu tenho um acompanhamento, um envelope, tipo um prontuário, aonde vou anotando tudo, porque eu passo tarefas.</p> <p>- Eu atendo muitas pessoas, dou aconselhamento em média pra uma 6 pessoas por semana, em média... Eu marco até 11 horários regulares por semana. Na quinta eu divido entre atendimento aqui ou visita.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - entrevista agendada de 45m a 1h - pergunta que induz à reflexão - receita textos bíblicos - não tem limite para atendimentos - faz trabalho pastoral, não clínico-psicológico - faz encaminhamento - diretivo - utiliza “prontuário”
Pergunta 4: Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais frequentes?	
- respondido na primeira pergunta	
Pergunta 5: Quais são as maiores dificuldades?	
- Talvez saber diferenciar os problemas emocionais, as doenças mentais, quando encaminhar...	- fazer a diferença entre problemas emocionais e doença mental

O Conselheiro 2 é pastor, bacharel em Teologia e em Direito, atualmente é pastor de uma igreja com mais de quinhentos membros e reserva cerca de onze horários por semana para atendimento em Aconselhamento e visitação. É pastor há 21 anos e durante todo este tempo tem feito Aconselhamento.

Esta entrevista foi realizada no gabinete pastoral, numa das salas do edifício ao lado do templo da igreja na qual é pastor, com duração de cerca de uma hora.

Quando perguntado como é a sua vivência no Aconselhamento, o Conselheiro 2 fala dos tipos de problemas que aparecem, as pessoas que mais o procuram e também de uma procura freqüente que teve a algum tempo em outra igreja que pastoreou.

Este Conselheiro atende basicamente seus paroquianos e membros de outras igrejas protestantes, assim como os outros entrevistados nesta pesquisa e também como os vinte e dois entrevistados para a pesquisa de mestrado desta pesquisadora.

As queixas que lhe são apresentadas: problemas de relacionamento, depressão, tomada de decisões, educação de filhos, escolha de carreira, culpa, são os mesmos apresentados por Polischuk (1994), divididos em: Problemas Pessoais, Problemas Intrapsíquicos, Problemas Interpessoais, Problemas Situacionais, Problemas Espirituais (citados na Metodologia).

Hillman (1985) nos diz que o conselheiro e o analista são chamados a “*intervir quando os relacionamentos humanos se tornam destrutivos e insuportáveis*” e que este trabalho começa “*a partir das sombras que caem entre as pessoas*” (pág. 11).

De acordo com Clinebell (1987) o Aconselhamento é uma resposta à necessidade da pessoa de receber *calor, sustento, apoio e cuidado* e que esta necessidade aumenta em épocas de *estresse pessoal e de caos social*. Afirma ainda que não só as pessoas que fazem parte ou freqüentam uma igreja procuram o Aconselhamento, mas também as pessoas que são “*solitárias e alienadas em nossa sociedade, cuja necessidade de ajuda é aguda*”, porém acrescenta que não menos dolorosas são as necessidades das “*pessoas perdidas dentro de si mesmas em nossas próprias congregações*” (pág. 43).

De acordo com a experiência do Conselheiro 2, um grande número de pessoas que o procuram está em *situação depressiva*, isto não quer dizer que estejam sofrendo de Depressão no uso nosológico do termo, *mas desânimo, ansiedade... desânimo especialmente*, em suas palavras. Entendemos que estas pessoas não apresentam os sintomas especificados pelos **Crítérios para Episódio Depressivo Maior**, do DSM IV, mas que apresentam alguns sintomas depressivos gerados pela situação de crise em que estão ou como tão bem descreve Hillman: "*A alma conhece o caos da cultura em que vivemos. De alguma forma, se você não está de luto, você está desconectado do mundo. Então, a depressão subjacente é uma adaptação à condição obscura do mundo... Na vida comum, apenas nos levantamos e nos movemos novamente para evitar a depressão*" (newtherapist.com/hillman8.html).

Para este Conselheiro os problemas que são trazidos para Aconselhamento na igreja que pastoreia atualmente não são difíceis, porém em outra igreja que trabalhou antes enfrentou uma grande incidência de *pessoas com perturbações espirituais*. Em sua opinião muitos casos eram de endemoninhamento e algumas tinham distúrbios mentais.

Embora este tema não fosse pertinente ao assunto desta pesquisa, decidimos aprofundar um pouco devido ao interesse atual e publicações recentes de pesquisas sobre este tema, por exemplo, a Revista de Psiquiatria Clínica, vol. 34, 2007, então perguntamos: - Como é para o senhor detectar isto, a diferença entre o endemoninhamento e uma questão de doença mental?

Harold G. Koenig descreve o porquê do interesse em estudos entre religião, espiritualidade e saúde mental. Diz ele: "*Há várias razões. Os resultados dessas pesquisas têm importantes implicações para o cuidado clínico dos pacientes. O conhecimento do impacto que as crenças religiosas podem ter na etiologia, diagnóstico e evolução dos transtornos psiquiátricos ajudará os psiquiatras a compreender melhor seus pacientes, avaliar quando as crenças religiosas ou espirituais são utilizadas para lidar melhor com a doença mental e quando podem estar exacerbando essa doença. A vasta maioria das pesquisas em populações saudáveis sugere que as crenças e práticas religiosas estão associadas com maior bem-estar, melhor saúde mental e um enfrentamento mais exitoso de situações estressantes. Essas associações entre religiosidade e melhor saúde mental são*

encontradas de modo mais marcante em situações de alto estresse. De certo modo, esses achados também são verificados entre pacientes psiquiátricos, já que estes enfrentam um enorme estresse ambiental e psicossocial em razão de seus transtornos, necessitando de estratégias eficazes de enfrentamento. Por outro lado, alguns poucos estudos indicam associação entre envolvimento religioso e maior psicopatologia.” (in Revista de Psiquiatria Clínica, vol. 34, 2007, pág. 6)

Por outro lado os Conselheiros Espirituais têm como base opiniões como de Jay Adams (1977) a qual já nos referimos, de que toda doença é fruto do pecado, ou autores como White (1987), Ellens (1982), Clinebell (1987), que os orientam quanto ao cuidado que devem ter ao lidarem com pessoas que apresentam sintomas de transtorno mental.

O Conselheiro 2 descreve seus procedimentos: *primeiro eu levanto o histórico da pessoa, a gente tem aprendido que pessoas que mexeram com religiões afro ou mesmo catolicismo... são mais propensas a manifestar estas questões de endemoninhamento... eu faço... oração por ela... as pessoas endemoninhadas... manifestam alguma coisa, ou não se sentem bem, se sentem incomodadas... peço pra ela ler (a Bíblia) há resistência em grande parte delas... se bem que, as que estão com distúrbios mentais, têm resistência... a gente tem tido a experiência de que quando a pessoa está endemoninhada ela rejeita a leitura da Bíblia... se eu faço esse trabalho em uma, duas, três sessões, levo a pessoa ao ponto de aceitar a Cristo e fazer uma oração de entrega e o assunto não resolve, eu concluo que não é... mas eu peço no mínimo pra pessoa passar por uma avaliação psiquiátrica... eu sempre faço essa pergunta... você toma medicamento? Você já consultou algum médico? Pra fazer esse levantamento do histórico da pessoa, não tenho uma coisa objetiva... é mais uma coisa do dia-a-dia do ministério... energia física, de bater, de pular, de coisas extremadas muitas vezes, bater várias vezes com a cabeça na parede sem fazer hematoma...*

Suas perguntas são feitas sem "curiosidade", são feitas no sentido de fazer a diferenciação entre endemoninhamento e transtorno mental. Esta atitude concorda com a crítica de Hillman (1985) com relação a “*curiosidade*”, muitas vezes presente tanto na entrevista terapêutica, como no Aconselhamento. Para este autor: “*A curiosidade não só persegue e captura, como também morde e segura como um buldogue. Quando certos segredos afloram e são confessados, não é mais necessário lembrá-los a toda hora... a*

finalidade da confissão é purificar. A água que lavou deve ir embora... O inconsciente tem o dom de absorver os nossos pecados. Ele os deixa descansar, dando a sensação do perdão concedido a si mesmo" (pág. 21). Então este Conselheiro ouve seus aconselhados como um confessor, levando a pessoa a refletir sobre a pergunta feita, procurando com isto fazer com que a pessoa comece a encontrar caminhos junto com o Conselheiro.

A atitude do Conselheiro 2 com relação ao encaminhamento é semelhante à que está descrita na tese de mestrado desta pesquisadora, cujo limite está em encaminhar quando o Aconselhamento Espiritual não traz resultados, ou quando a história de vida do aconselhando traz indetificadores de transtornos mentais, como indicam White (1987) e Ellens (1987).

Além disto, o Conselheiros 2 diz que: *primeiro eu levanto o histórico da pessoa... eu sempre faço essa pergunta... você toma medicamento? Você já consultou algum médico? Pra fazer esse levantamento do histórico da pessoa, não tenho uma coisa objetiva... é mais uma coisa do dia-a-dia do ministério...*

Daí abstraímos que na situação de Aconselhamento este Conselheiro manifesta a figura do médico.

A primeira característica que podemos mencionar da figura do médico que tanto este como outros Conselheiros entrevistados manifestam é com relação a levantar a história da pessoa. Esta atitude peculiar ao médico compreende os processos e procedimentos, que com base em observação cuidadosa das características clínicas de uma pessoa doente e a coleta de informação relevante advinda de fontes diversas, permitem a categorização de uma condição clínica e a formulação de hipóteses etiológicas e patogênicas. Na ausência de marcadores biológicos, este tipo de “diagnóstico” dos conselheiros é eminentemente clínico, isto é, baseado no contato pessoal entre ele e o aconselhando. Implica em uma série de mecanismos interpretativos que incluem a análise da contribuição de fatores culturais (religiosos) na formação dos sintomas, sua expressão manifesta (sintomas) ou latente (problemas de relacionamentos, problemas financeiros, sexualidade, etc.), de acordo com Gorenstein 2000. (pág. 54).

Este “diagnóstico” dos conselheiros é feito através de perguntas de modo semelhante a uma entrevista profissional do médico. Quando um doente procura um médico, espera que este lhe proporcione alguma forma de auxílio, no desejo de obter alívio. A esperança de obter ajuda para aliviar seu sofrimento motiva o paciente a expor-se e “contar tudo”. Este processo, segundo Mackinnon & Michels (1987) é facilitado pelo caráter confidencial da relação médico-paciente. Contudo que o paciente veja o médico como fonte potencial de auxílio, comunicará de modo mais ou menos livre, qualquer matéria que lhe pareça estar relacionada com sua dificuldade. Desse modo é possível obter-se, com frequência, considerável quantidade de informações sobre o paciente e seu sofrimento simplesmente escutando-o (págs. 16-17).

Estas características foram observadas nas entrevistas de diferentes conselheiros: ouvir, perguntar, observar a descrição dos sintomas, relacioná-los com fatores e aspectos da religiosidade e da espiritualidade. Também observamos o caráter confidencial da relação.

Sua definição quanto a diferenciação entre endemoninhamento e transtorno mental é clara: ... *se eu faço esse trabalho em uma, duas, três sessões, levo a pessoa ao ponto de aceitar a Cristo e fazer uma oração de entrega e o assunto não resolve, eu concluo que não é... mas eu peço no mínimo pra pessoa passar por uma avaliação psiquiátrica...*

Aceitar a Cristo e fazer uma oração de entrega é o momento da *conversão*, como descrito na interpretação da entrevista 1 do Conselheiro 1.

O Conselheiro 2 gosta de fazer Aconselhamento, sente-se bem, demonstra muito entusiasmo ao falar do assunto e ao contar alguns casos. Está sempre procurando fazer cursos na área e já foi professor de Aconselhamento Pastoral em uma faculdade de teologia de sua denominação. Demonstra ter uma firme noção de sua identidade como Conselheiro, desta forma sendo “*capaz de responder com sensibilidade às necessidades*” de outros na medida em que possui a consciência de seu valor próprio e de sua identidade (Clinebell, 1987 pág. 407).

Este Conselheiro reserva entre quarenta e cinco minutos a uma hora para os encontros de Aconselhamento. No primeiro contato procura obter informações sobre a história de vida do aconselhando, usando o que ele chama de *pergunta reflexiva*. Depois utiliza textos bíblicos que se referem à esperança. E diz: *na área do amor de Deus e sempre mostrando para ela que há um caminho, que o caminho é viável, isso amarro com que ela volte outra vez, eu receito pra ela três textos bíblicos, pra ela ler todos os dias, um pela manhã, um à tarde e um à noite, de caso a caso eu escolho os textos bíblicos.*

De acordo com Clinebell (1987), há várias razões para integrar *insights* bíblicos com a prática do Aconselhamento Espiritual. *“Sendo a Bíblia a nascente de nossa tradição espiritual ocidental, permanecer em íntimo contato com ela pode ajudar a manter-nos enraizados em suas veredas fomentadoras de integralidade. Em segundo lugar, estar em contínuo diálogo com os insights bíblicos pode gerar em quem presta assistência, atitudes e uma consciência que facilitam a cura e o crescimento. Em terceiro lugar, ao trabalhar com pessoas cujo background tornou as imagens bíblicas algo vivo para elas, imagens e verdades arquetípicas da Bíblia podem ser usadas como instrumentos de transformação criativa. Imagens, histórias e metáforas bíblicas vivas são formas de comunicar verdades profundas sobre a vida...”* (pág. 48).

White (1987) indica como usar a Bíblia em Aconselhamento: *“... a esperança é exatamente o que as pessoas desesperadas precisam. Ela é o enxergar à frente, o equivalente a fé, a fé no que Deus vai finalmente fazer por causa do que ele é e por causa de suas misericórdias que são renovadas diariamente. Por isso eu levo os meus pacientes seriamente deprimidos a observar passagens bíblicas escritas por pessoas profundamente deprimidas (sempre é reconfortante saber que as pessoas da Bíblia ficaram também desanimadas)... As Escrituras têm muito a dizer sobre o 'esperar no Senhor'. Muitas e diferentes palavras hebraicas foram traduzidas para a palavra esperança. Algumas têm conotação de silêncio e quietude (Salmo 62:1-2; 65:1). Outras implicam em uma escolha ativa, aguardando a resposta (Jó 32:4; Salmo 33:20; 106:13; Isaías 18:17)... Aguardar cheio de esperanças, com expectativa e com calma paciência, é um tema do Antigo e do Novo Testamento. Qualquer pessoa que se ocupa do aconselhamento deveria estudar, no*

grego e no hebraico, as palavras que foram traduzidas para esperança e esperar... Esquecemos a importância de tal idéia em nosso século de soluções instantâneas, rápidas..." (págs. 167-8).

Falando dos resultados desta sua metodologia diz: *Eu tenho visto coisas maravilhosas, de elas chegarem recuperadas mesmo, de forma admirável...*

Aqui observamos uma manifestação da figura arquetípica do médico no Conselheiro 2 que é o aspecto da cura. Groesbeck (1983) nos diz que embora esta seja a preocupação central na busca por ajuda, ela pode estar implícita e às vezes abstrata. Porém a urgência maior *"é obter ajuda para a cura daquilo que o faz sofrer"* (pág. 72).

Este Conselheiro tem os mesmos conceitos de Ruth Tiffany Barnhouse (1979) quanto as semelhanças e diferenças entre Aconselhamento Espiritual e Psicoterapia secular, vemos isto quando diz: *eu não faço aqui o trabalho do psicólogo... eu faço o trabalho pastoral ...*

Barnhouse comenta que eles são semelhantes na medida em que ambos implicam em motivação interior para mudar; ambos são utilizados por uma pessoa mais objetiva (terapeuta ou conselheiro) para ajudar a identificar áreas cegas na percepção: ambos lidam com questões específicas e singulares da vida das pessoas e ambos implicam em treinamento de técnicas para sua prática. Eles são diferentes nos critérios pelos quais o resultado é avaliado: a Psicoterapia enfoca as mudanças no ser interior e nos relacionamentos da pessoa, enquanto que o Aconselhamento espiritual enfoca o relacionamento da pessoa com Deus e com a comunidade cristã. O Aconselhamento espiritual reconhece a distinção entre alma e psique, porém está orientada para questões de saúde espiritual. (Barnhouse in *The Journal of Pastoral Care*, 33, set. 1979, pág. 154, tradução livre da autora)

O conselheiro 2 diz nesta entrevista que não tem limite de atendimentos, porém se depois de 6 encontros não há melhora, isto o incomoda. Diz ainda que não faz o trabalho psicológico, mas pastoral, e no caso de não haver melhora encaminha o aconselhando para

tratamento psicológico, porém seu encaminhamento é diretivo, isto é, ele indica médicos, psicólogos e psiquiatras de sua confiança, e na maioria das vezes ele mesmo marca a primeira consulta.

No Aconselhamento de Casais seus procedimentos são semelhantes às técnicas de Terapia Cognitiva/Comportamental e Terapia Familiar Sistêmica, elaborando um tipo de “prontuário”, passando tarefas para serem realizadas em casa.

Sua atitude está de acordo com o que indica Clinebell (1987): *“Manter um fichário esmerado é parte essencial de um método disciplinado de aconselhamento pastoral, especialmente se fazemos aconselhamento de longo prazo ou com uma variedade de pessoas, de modo que a memória por si só é insuficiente”* (pág. 83)

O tempo que reserva em cada semana é de onze horários, porém atende cerca de seis pessoas por semana. Nestes horários inclui um tempo para visitação. Esta é uma ação que diferencia o pastor do psicoterapeuta, pois o pastor não somente pode como deve ir ao encontro de suas ovelhas (Hillman, 1985; Clinebell, 1987; Wicks, Parsons and Capps, edit., 1992; Tone and Clements, edit., 1993). *“... o ministro tem essa oportunidade única de entrar em casa e desempenhar as funções pastorais dentro do habitat natural de seu encargo”*. (Hillman, 1985, pág. 29).

Sua maior dificuldade é diferenciar problemas emocionais, as doenças mentais e quando encaminhar. De acordo com Dalgallarrondo (2005) esta dificuldade é também comum aos psiquiatras: *“Na distinção entre fenômenos religiosos radicais e fenômenos psicopatológicos as experiências associadas ao êxtase religioso e aos estados de transe e possessão representam um campo de questionamento constante... De modo geral, atualmente não se interpretam esses fenômenos como centralmente psicopatológicos; são estados culturalmente constituídos e sancionados de diferentes repercussões (psicopatológicas ou não) sobre os indivíduos”*.

7.2a - Conselheiro 2 – Entrevista 2

QUADRO RESUMO -

Igreja: Batista Formação: Bacharel em Teologia e Direito Tempo de Aconselhamento: 21 anos Frequência de atendimento: até 11 horários por semana	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como foi o Aconselhamento depois do treinamento e se tiver, por favor, algum caso que possa contar onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento	
<p><i>- Eu gostei de ter feito... pelos conteúdos e pela abertura de visão... porém só o curso é difícil a gente sair e aplicar, pois a visão foi sintética.</i></p> <p><i>- ... o que lá aconteceu teve influência em nossa vida profissional, foi o ponta pé inicial... A partir de lá a gente faz uma leitura diferente, tem uma visão diferente... encaminha com mais facilidade, com mais segurança, neste sentido a gente usa bastante... Foi a primeira coisa tão científica que eu fiz nessa área... eu acho que todos os conselheiros deviam passar por aquela experiência...</i></p> <p><i>- Tenho vários casos para contar, casos que me senti capacitado para agir, para encaminhar. Caso com casais... onde eu pude perceber que o problema não era um problema de relacionamento, era um problema na vida afetiva de um deles, que se a pessoa não resolvesse aquilo, ela não iria dar certo com aquele relacionamento, como com qualquer outro. Então a gente precisou encaminhar, eu tenho pelo menos uns três casais, quatro casais, que eu encaminhei exatamente porque tive a capacidade de avaliar que o problema não era comportamental, nem de instrução que é a atividade do conselheiro, de propor mudanças, mas problema da vida psíquica... a constituição do mundo interior da pessoa que estava complicado, por causa de situações lá da infância... área sexual, a gente trabalha muito com isso, é a proporção maior, não só do adolescente, mas de casais que vem com aquela noção de imoralidade, de pecado, e se isto está acontecendo há uma causa... muitas vezes inconsciente, basicamente inconsciente, inclusive criança. Eu não trabalho com crianças... mas eu trabalho com os pais... e pelo que o pai fala já dá pra ter uma idéia do que está acontecendo com essa criança e o quanto isto está acontecendo por causa de como os pais estão criando esta criança...o que aconteceu e começa a ter uma visão melhor das causas dos problemas por causa do que aprendemos lá no curso.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - bom conteúdo, boa abertura de visão - difícil aplicar imediatamente - faz uma leitura diferente - faz encaminhamento com maior segurança - adquiriu maior conhecimento científico na área

Com seu peculiar entusiasmo ao falar em Aconselhamento, o Conselheiro 2 nos recebeu para a segunda entrevista no gabinete pastoral, cerca de oito meses após o Treinamento. Esta entrevista teve a duração de cerca de 30 minutos, foi gravada e os dados anotados.

O Conselheiro 2 tem uma profícua atividade em Aconselhamento Espiritual, pois reserva até 11 horários por semana para esta atividade, incluindo a visitação. É certo que não são todas as semanas que todos os horários são preenchidos.

No primeiro momento ele fala da importância e de suas impressões sobre o Treinamento: *Eu gostei de ter feito, foi importante na minha vida, na minha formação, pelos conteúdos e pela abertura de visão, foi interessante, um estímulo a continuar pesquisando, estudando, aprofundando... a gente não podia sair de lá e se achar capacitado para aplicar tudo aquilo, nem poderíamos, mas o que lá aconteceu teve influência em nossa vida profissional... A partir de lá a gente faz uma leitura diferente, tem uma visão diferente, então você encaminha com mais facilidade, com mais segurança, neste sentido a gente usa bastante.*

A experiência deste Conselheiro durante e após o Treinamento confere com a orientação de Clinebell (1987) quando fala do Treinamento Profundo para Aconselhamento Criativo, diz este autor: *“Comunicadores da graça precisam ter experimentado graça. Facilitadores de crescimento precisam ser pessoas em crescimento. Agentes de renovação precisam conhecer de primeira mão as lutas, a disciplina e a alegria da renovação pessoal em andamento. Ficar vivo exige que continuemos a crescer ao longo de toda a nossa vida, em nossa consciência da experiência aqui e agora, principalmente de nossas próprias profundezas interiores”* (pág. 409).

Diz ainda Clinebell (1987) quanto ao encaminhamento feito com *segurança*, que um encaminhamento *“sábio é um dos mais significativos serviços”* que um pastor, um conselheiro pode prestar a um aconselhando em sofrimento (pág. 301).

Ainda comentando do Treinamento, o Conselheiro 2 diz: *Foi a primeira coisa tão científica que eu fiz nessa área... eu acho que todos os conselheiros deviam passar por aquela experiência... ela vai mostrar para ele pode ser um melhor conselheiro, que foi o que aconteceu comigo.*

Acreditamos que quando este Conselheiro fala em *coisa tão científica*, ele refere-se ao conteúdo do Treinamento, às aulas ministradas com qualidade, por professores com conhecimento e vivência no assunto ministrado, por exemplo, médicos psiquiatras, psicólogos, todos mestres ou doutores na área em que ministraram as aulas. Os temas e os professores estão citados no item 4.12 da Metodologia.

Como este Conselheiro atende muitas pessoas, sendo algumas por um longo tempo, ele teria vários exemplos para nos contar da aplicação do seu aprendizado no Treinamento, porém prefere fazer um resumo de alguns casos. Conta-nos do atendimento de alguns casais em que constatou que o problema não estava apenas no relacionamento, mas que um deles tinha questões emocionais não resolvidas e isto é que estava afetando o relacionamento no casamento, então encaminhou este para psicoterapia. Este encaminhamento segundo suas palavras foi motivado pelo aprendizado no Treinamento: *eu encaminhei exatamente porque tive a capacidade de avaliar que o problema não era comportamental, nem de instrução que é a atividade do conselheiro, de propor mudanças, mas problema da vida psíquica... a constituição do mundo interior da pessoa que estava complicado, por causa de situações lá da infância.*

Com o aprendizado que teve no Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais o Conselheiro 2 fez uma diferenciação entre um problema conjugal e um problema individual. Diferenciação significando: *“distinguir partes de um todo, desemaranhar... resolver”* (Samuels, 1988).

O Conselheiro 2 inclui entre os assuntos mais frequentes de procura por Aconselhamento, a área da sexualidade, especialmente casais com *noção de imoralidade, de pecado*, conseqüências de ensinamentos na infância e que em sua opinião a causa muitas vezes está no inconsciente. Mesmo quando os pais vêm falar sobre os problemas dos filhos.

Fazendo o tipo de investigação já comentada, para apreender a história de vida do aconselhando, assim podendo *ter uma visão melhor das causas dos problemas...* este Conselheiro trabalha em Aconselhamento de acordo com a orientação de Hillman (1985), suas perguntas não são causadas pela curiosidade e portanto sua observação não é fria, ela é parte da interrogação sobre a natureza humana. *“Perguntas desse tipo não têm respostas, mas evocam correspondência. E essa correspondência é um movimento espontâneo partindo dos dois em direção à essência do assunto a que se lançam.”* Pois: *prudens quaestio dimidium scientiae*, a pergunta cautelosa já é metade do conhecimento. (pág. 26).

7.3 - Conselheiro 3 – Entrevista 1

QUADRO RESUMO -

Igreja: Batista Formação: Bacharel em Teologia Tempo de Aconselhamento: 16 anos Frequência de atendimento: pequena	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como é a sua vivência no Aconselhamento?	
<i>- ... pequena, porque a minha experiência, onde eu trabalho, onde eu atuo é mais na área da evangelização, fui pouco procurado para o aconselhamento...</i> <i>- ... alguns problemas que me procuraram eu encaminhei para um psicólogo, um psicólogo cristão...</i> <i>- Um problema sério, é tipo assim, um rapaz me ligou... dizendo que ia se matar... tive o primeiro encontro com ele, procurei ouvi-lo e vi que uma pessoa mais experiente na área poderia ajudá-lo melhor</i>	<ul style="list-style-type: none"> - pouca experiência - atua na evangelização - faz encaminhamento diretivo
Pergunta 2: Como é para você fazer Aconselhamento?	
<i>- eu gosto muito de conversar com as pessoas, de falar da Bíblia para elas.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - gosta
Pergunta 3: O que você usa no Aconselhamento?	
<i>- ... a primeira coisa é ouvir a pessoa... e dar um suporte espiritual, ser objetivo, ler um texto bíblico e estar orando com ela</i>	<ul style="list-style-type: none"> - ouvir - dar suporte espiritual - usar Bíblia - fazer oração com o aconselhando
Pergunta 4: Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais freqüentes?	
<i>... dúvidas sobre os ensinamentos bíblicos, mais sobre questões espirituais, uma vez ou outra problemas relacionados com criação de filhos, na educação de filhos</i>	<ul style="list-style-type: none"> - dúvidas teológicas e espirituais - educação de filhos
Pergunta 5: Quais são as maiores dificuldades?	
<i>- ... neste novo ministério... vou lidar com pessoas mais velhas, de mais experiência também na igreja e que vão precisar de mais aconselhamento, vou precisar ajudar mais as pessoas.</i>	<ul style="list-style-type: none"> - saber como lidar com pessoas mais antigas na igreja

Esta entrevista com o Conselheiro 3 foi realizada no mesmo local do Treinamento, devido as dificuldades com distância, e teve a duração de apenas 15 minutos. Este Conselheiro é pastor de uma igreja com cerca de 100 membros em um bairro de uma cidade da Região Metropolitana de Campinas. Durante 16 anos trabalhou na implantação de uma nova igreja em um bairro da periferia de Campinas, onde sua ocupação principal foi a evangelização. É Bacharel em Teologia.

De acordo com seu relato, sua experiência em Aconselhamento é pequena, pois como o Conselheiro 1, sua maior área de atuação como pastor é a evangelização. Nesta tarefa ele faz estudos bíblicos nos lares, visando ensinar a Bíblia àqueles que não conhecem.

A evangelização tem como objetivo a conversão religiosa. O termo “conversão religiosa” sugere uma mudança grande e expressiva na vida de uma pessoa. Na Bíblia, foram empregados os termos hebraicos e gregos: *Sob*, *Strephein*; *Ephistrephein* e *Metanóia*, que são traduzidos como *conversão* e que têm o sentido de: voltar, tornar novamente e retornar. Essas palavras são usadas para expressar “*alteração de pensamento, sentimentos e ações*” decorrente de arrependimento e uma retomada da relação pessoal com Deus.

Metanóia, termo empregado nos originais gregos do Novo Testamento é traduzido como: a) arrependimento; b) reversão do passado pela mudança do modo de pensar e agir (Moulton 1977).

Na opinião de Willian James (1995), a conversão pode ser um processo repentino ou gradual de integração de um *eu*, até então dividido, com as realidades religiosas. Este processo acarreta mudanças significativas na personalidade do indivíduo. Tillich (1984) afirma que a conversão tem um papel importante não só para o Cristianismo, mas também para todas as religiões vivas, sendo definida como o momento no qual o indivíduo entra na *comunidade espiritual*. Pode não ser um evento momentâneo, uma experiência marcante, mas um longo processo que ocorre no inconsciente do indivíduo antes de irromper na consciência, *dando a impressão de uma crise súbita, inesperada e que se apodera da totalidade da pessoa*, o que Jung identifica como *numinoso*.

Para entender este fenômeno do ponto de vista psicológico, vamos buscar o conceito de *enantiodromia*, usado por Jung. Embora este conceito não seja originalmente dele, é bem mais antigo, foi usado por Heráclito com a idéia de "passar para o outro oposto". Para Jung este movimento está presente em todos os ciclos da vida, incluindo os processos psicológicos individuais, coletivos, religiosos tanto históricos como biológicos. Jung diz ainda que utiliza a palavra *enantiodromia* "*para caracterizar o aparecimento do contraste inconsciente, numa sucessão temporal. Este fenômeno característico costuma observar-se sempre que na vida consciente predominar uma direção unilateral extrema, de modo que, com o decorrer do tempo, acabará por converter-se numa posição contrária inconsciente que se manifestará, desde logo, como um obstáculo ao rendimento consciente e, mais tarde, como uma interrupção na direção consciente. Um nítido exemplo de enantiodromia é a psicologia de S. Paulo e sua conversão ao cristianismo...*" (CW 6, § 708). É durante a evangelização que este Conselheiro faz a maior parte de seus Aconselhamentos.

O que lhe surge para Aconselhamento são *dúvidas sobre ensinamentos bíblicos e questões espirituais*. Comenta na resposta à terceira pergunta, que na maioria das vezes em que é procurado para aconselhar sobre problemas emocionais, ou de relacionamento, ou *problema sério*, ele faz o encaminhamento para psicólogos cristãos, que em sua opinião podem *dar ajuda mais efetiva, mais completa para a pessoa*.

O encaminhamento que faz está de acordo com o que sugere Ellens: "*De preferência a psicólogo cristão*". Comenta este autor, que a preocupação religiosa não é jamais um bom substitutivo para a qualidade do profissionalismo, porém um profissional cristão deverá "*encarnar a aceitação incondicional de Deus e a confirmação disto para aquela pessoa*". (pág. 56). Além disto, recomenda que os profissionais cristãos (psicoterapeutas) devem cuidar em tratar as obstruções psicológicas antes da libertação espiritual e devem estar suficientemente maduros quanto a sua fé, a fim de não impô-la ao paciente.

Clinebell (1987) cita Thomas Klink, ao falar das diretrizes para o encaminhamento: "*O encaminhamento não é um fracasso pastoral. Trata-se de uma arte de ajudar muito sutil e importante (...) Proponho que consideremos o encaminhamento uma ilustração da habilidade - de utilidade mais genérica - que consiste em ajudar as pessoas a focalizarem suas necessidades e esclarecerem seus sentimentos*". (pág. 300).

Perguntamos então o que é para ele, *problema sério*.

Ele cita um exemplo de um atendimento, cuja pessoa dizia que ia se matar. Além disto, este Conselheiro também acha difícil lidar com casais à beira do divórcio.

De acordo com Dalgarrondo (2000) "*O impulso e o ato suicida parecem ocorrer em todas as culturas. Há, por um lado, em muitos pacientes ansiosos e deprimidos, o desejo de morrer e desaparecer: 'Gostaria de dormir ou apagar por um tempo'. O impulso suicida já envolve o desejo de se matar. Ocorre quase sempre associado a outros sintomas mentais e condições gerais como humor depressivo, desesperança, ansiedade intensa, desmoralização crônica, dor ou disfunções orgânicas crônicas*" (pág. 115). De acordo com Kaplan & Saddock (1993), os homens cometem suicídio três vezes mais que as mulheres, porém as mulheres estão quatro vezes mais propensas a tentarem suicídio que os homens. Estes autores dizem ainda que: "*Historicamente, as taxas de suicídio entre populações católicas são mais baixas do que entre protestantes e judeus. Possivelmente o grau de ortodoxia e integração a uma religião seja uma medição mais acurada do risco nesta categoria do que a simples afiliação religiosa institucional*" (págs. 586-7).

O Conselheiro 3 gosta *muito de conversar com as pessoas*, de manter um diálogo e *de falar da Bíblia pra elas*.

Quanto ao que usa no Aconselhamento, este Conselheiro diz que *a primeira coisa é ouvir a pessoa*, pois *a pessoa tem uma grande necessidade de falar, falar, então eu procuro ouvi-las e dar um suporte espiritual, ser objetivo, ler um texto bíblico e estar orando com ela*.

Quanto ao ouvir, Hillman (1985) nos diz que "*a arte de ouvir mantém a intencionalidade da consciência, mesmo adiantando-se ao seu ímpeto ativo*". Ele ainda conclui que "*ouvir talvez não seja um problema tão grande para ministros e teólogos, já que esta é uma atitude própria da meditação e da oração*". Para este analista pós-junguiano, "*é possível desenvolver uma consciência receptiva através do ouvido...*" Tanto o terapeuta como o conselheiro tem que receber o outro, escutar as narrativas da alma, deixar que o outro se revele a seu modo (pág. 18).

Quando este pastor fala que: *a pessoa tem uma grande necessidade de falar, falar*, também nos lembramos do processo que ocorre na Psicoterapia que é a catarse.

Catarse também tem um sentido teológico, segundo David Miller (in Campbell, 2001). Nas psicoterapias tradicionais, catarse significa "terapia", nas teologias ocidentais tradicionais significa "salvação" e nas teorias tradicionais do drama, "purgação".

Metaforicamente catarse pode significar:

- abrir, limpar;
- joeirar, como na separação de grãos;
- limpar através do cozimento;
- limpar no sentido de podar;
- esclarecer através de uma explicação;
- "cura" de uma doença através da aplicação de um remédio;
- purificação do universo por meio do fogo.

Miller faz a divisão destes sentidos de catarse em dois grandes grupos:

- catarse por subtração, divisão ou separação - quando o terreno é limpo, o grão separado, as árvores podadas, a coisa indesejável é retirada ou separada do desejável;

- catarse por adição ou complementação - quando a doença é curada pela medicação, o indesejável é complementado por um agente transformador que estabelece a harmonia desejada, quando o alimento é limpo pelo cozimento, o universo purificado pelo fogo, o trabalho de transformação purgativa se completa na unificação da adição.

O Aconselhamento Espiritual pode ser catártico, na medida em que este Conselheiro deixa a pessoa falar e procura no primeiro momento ouvi-la. A transformação pela catarse na visão da Psicologia Analítica aponta para um futuro, indica um enredo futuro que solucionará as dificuldades pessoais do momento. Não que isto seja uma indicação otimista sobre a vida futura, mas a catarse pode ser vista como o sonho, como uma imagem de completude. No momento catártico a pessoa entra em contato com as energias libidinais que o suprimirão com visões transformadoras para unificar suas experiências atuais.

Esta dinâmica também é vista na Teologia, em uma visão escatológica (relativo às últimas coisas ou acontecimentos). Assim como na psicologia junguiana, a catarse como metáfora ou paradigma de um novo ser, vai completando um significado pessoal que no momento está incompleto, mas pode ser vivido como uma transformação, a vocação do espírito humano. (Becker, in Giglio, Zula e Giglio, J., coord., 2002, pág. 140 -143).

Suas maiores dificuldades estão no enfrentamento de um ministério novo para ele, pois atualmente é pastor de uma igreja que já existe há alguns anos e seus membros são pessoas que freqüentam uma igreja protestante há algum tempo e no seu entender precisarão de Aconselhamento diferente do que tem experiência na evangelização e com pessoas novas convertidas.

7.3a - Conselheiro 3 – Entrevista 2

QUADRO RESUMO -

Igreja: Batista	
Formação: Bacharel em Teologia	
Tempo de Aconselhamento: 16 anos	
Frequência de atendimento: pequena	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como foi o Aconselhamento depois do treinamento e se tiver algum caso que possa contar onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento	
<p><i>- O curso foi pra mim muito importante, porque me mostrou que o ser humano é muito complexo, tem muitas áreas a ser desvendadas. Eu como pastor sempre me preocupei com a parte espiritual... mostrou que o ser humano enferma não só espiritualmente... agora eu posso ajudá-los melhor encaminhando</i></p> <p><i>- caso de uma pessoa... acusada de ter assediado uma enteada, isto causou um transtorno pra família, depois dessa situação... pessoa entrou numa crise muito difícil, emocional, em depressão... tentamos ajudá-lo com Aconselhamento, várias visitas, bastante conversa, oramos por ele, o tempo foi passando, nós percebemos que não havia melhora, e aí foi quando nós entramos em contato com o Dr. ... marcamos uma consulta... o Dr. o consultou, receitou medicamento pra ele... Hoje o rapaz está aí vivendo a vida dele, até onde nós sabemos bem.</i></p>	<p>- importante para conscientizar sobre o adoecimento em diferentes áreas</p> <p>- pode fazer melhor encaminhamento</p>

O Conselheiro 3 nos recebeu em sua residência para esta segunda entrevista, cerca de nove meses após o Treinamento. Contou-nos que não permaneceu no novo ministério que estava começando quando fez o Treinamento. Passou certo tempo sem trabalho e recentemente voltou ao ministério pastoral em que sempre atuou: o de iniciar uma nova igreja, a partir de um pequeno grupo, através da evangelização.

Apesar da aparência sofrida do período de dificuldade, o Conselheiro 3 mostrou-se entusiasmado com as possibilidades de seu novo empreendimento.

Falando sobre o Treinamento, disse que foi *muito importante, porque me mostrou que o ser humano é muito complexo, tem muitas áreas a ser desvendadas.*

De acordo com Yolanda Forghieri (2007), a reflexão sobre quem é o *ser humano*, nos leva a concluir que “*a nossa existência ainda é um mistério*” (pág. 77).

Este Conselheiro nos diz: *como pastor sempre me preocupei com a parte espiritual*, porém após o Treinamento, sua visão mudou e passou a observar que o *ser humano enferma não só espiritualmente*, mas também adoece física e psicicamente. Com esta visão pode fazer encaminhamentos mais conscientes.

A visão do pastor que só vê o ser humano como um ser espiritual, está de acordo com o pensamento de Jay Adams, o qual já nos referimos.

Dan Blazer nos diz que o centro das doutrinas básicas evangélicas que moldaram o aconselhamento cristão após a 2ª Guerra Mundial, está na vida transformada espiritualmente. A única autoridade na religião é a Bíblia, e o único meio de salvação uma experiência transformada, auxiliada pelo Espírito Santo, através da fé em Jesus Cristo. O aconselhamento cristão evangélico, portanto, desenvolveu-se nesta época em um contexto que desprezava explicitamente a teologia e a psicoterapia tradicional. O aconselhamento cristão era, por natureza, prático e enfatizava a mudança dentro de um curto período de tempo, voltada para a vida transformada. Quanto menos um conselheiro cristão se referisse ao trabalho de um psicólogo ou psiquiatra, melhor (pág. 170).

Esta é em nosso entender a herança em aconselhamento deste Conselheiro.

Percebemos na fala do Conselheiro 3, que houve uma mudança de paradigmas com relação à visão do ser humano e do Aconselhamento.

Ele nos conta de um atendimento em Aconselhamento Espiritual, de uma pessoa que foi acusada de ter assediado uma enteada, isto levando a um conflito familiar e esta pessoa a uma crise de depressão e existencial.

Forghieri (2007) nos ajuda a entender o sofrimento desta pessoa: “...o adoecimento existencial consiste em mal-estar, contrariedade e angústia, caracterizando-se por uma vivência global de impotência, insatisfação em relação a si mesmo, à própria vida e aos seus semelhantes, e por uma revolta, uma apatia, um conformismo pessimista de que nada adianta fazer para melhorar ou mudar essa situação” (pág. 103).

O Conselheiro 3 é chamado para ajudar e com várias visitas, *bastante conversa* e oração percebeu que não havia melhora, então fez o encaminhamento.

C. S. Lewis diz que *o sofrimento insiste em ser ouvido*, por isso o Conselheiro deve sempre estar pronto para ouvir, para conversar, como faz este Conselheiro.

Seu encaminhamento é diretivo, ele próprio marca uma consulta para o aconselhando com um dos psiquiatras que nos ajudou no Treinamento. Foi com o aconselhando à consulta e acompanhou o tratamento recomendado pelo médico com visitas e com notícias que a família trazia. Pelo que tem conhecimento, a pessoa está bem hoje, não houve ruptura nas relações familiares e a crise passou.

Este Conselheiro seguindo o aprendizado no Treinamento, gastou tempo com a pessoa que estava sofrendo problemas emocionais, permitiu que a sua história se revelasse e não hesitou em fazer o encaminhamento para um profissional de Saúde Mental, quando percebeu que a depressão não seria resolvida apenas com o Aconselhamento Espiritual, como indicam os autores White (1987), Ellens (1984) e Clinebell (1987).

7.4 - Conselheiro 4 – Entrevista 1

QUADRO RESUMO -

Igreja: Presbiteriana Formação: Engenharia Mecânica – Pós-Graduando em Teologia Tempo de Aconselhamento: 20 anos Frequência de atendimento: quando é procurado	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como é a sua vivência no Aconselhamento?	
<ul style="list-style-type: none"> - ...<i>não tenho grande vivência, eu não tenho grande experiência</i> -... <i>é comum que um ou outro (adolescentes e jovens) me procure para falar de um problema</i> - <i>na firma... as pessoas sabem que eu sou evangélico e talvez por isso, por esta marca</i> - <i>estou tentando me preparar para o futuro, minha intenção é trabalhar com isto no futuro</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - não tem grande experiência - 2 grupos: igreja e empresa - a marca do cristão - treinamento para após a aposentadoria
Pergunta 2: Como é para você fazer Aconselhamento?	
<ul style="list-style-type: none"> - <i>sou Engenheiro Mecânico... sou gerente industrial, mas eu gosto de trabalhar com pessoas, então resolvi me dedicar ao Aconselhamento para fazer uma coisa que eu gosto, que me sinto bem, diferente do dia-a-dia</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - gosta e sente-se bem - diferente do dia-a-dia profissional
Pergunta 3: O que você usa no Aconselhamento?	
<ul style="list-style-type: none"> - <i>ouvir</i> - <i>caminhar com elas</i> - <i>saber o que está acontecendo</i> - <i>com o pessoal da igreja oro e uso textos bíblicos</i> - <i>com os da fábrica nem sempre posso orar com eles, então eu falo do texto bíblico e digo que vou orar por eles depois</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - ouvir - conhecer a situação - faz distinção do uso de textos bíblicos e oração
Pergunta 4: Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais frequentes?	
<ul style="list-style-type: none"> - <i>problemas de doutrina</i> - <i>testemunho, a respeito da vida dele</i> - <i>da forma da vida da pessoa que não é consoante com o Evangelho</i> - <i>na fábrica... diversos problemas, desde o relacionamento em casa com filhos, com esposa</i> - <i>às vezes eles vêm várias vezes, já vieram tantas vezes que tive que indicar pra psicólogo porque fugiu das minhas possibilidades</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - dúvidas doutrinárias - vida coerente com fé - relacionamentos - faz encaminhamento
Pergunta 5: Quais são as maiores dificuldades?	
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Eu acho todos os assuntos difíceis...</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - todos os assuntos são difíceis

O Conselheiro 4 é Engenheiro Mecânico, trabalha a muitos anos em uma empresa da área têxtil, hoje exerce a função de Gerente Industrial e deve se aposentar em 2 a 3 anos. É membro da Igreja Presbiteriana do Brasil em sua cidade, exerce a função de Presbítero, tendo trabalhado muito tempo com adolescentes, dirige um núcleo de estudos bíblicos em uma residência e tem a intenção de tornar-se Capelão voluntário em empresas quando se aposentar.

Ele nos recebeu em seu ambiente profissional, fora do horário comercial.

Como resposta à nossa primeira pergunta ele afirma que não tem grande vivência no Aconselhamento, não tem grande experiência. Acreditamos que neste comentário está falando da experiência relativa a pastores que fazem o Aconselhamento em gabinete, pois o Aconselhamento que faz é informal e não há estatísticas ou relatórios.

No ambiente da igreja, tem aconselhado mais adolescentes, grupo com o qual trabalhou bastante tempo e com jovens que freqüentam a sua casa. Na empresa as pessoas que o procuram são colegas de trabalho.

Explica o motivo de sua procura por treinamento em Aconselhamento, porque tem a intenção de trabalhar nesta área no futuro. Então perguntamos sobre esta intenção.

Ele tomou conhecimento de uma área em Aconselhamento que não existe no Brasil, que é a Capelania em empresas, seu modelo é norte-americano e tem conhecimento de apenas um serviço voluntário no Paraná, desenvolvido pela Igreja Menonita. A partir daí interessou-se em se preparar para desenvolver voluntariamente esta atividade após sua aposentadoria. Reconhece que o Aconselhamento neste segmento não será somente relacionado a espiritualidade, será também um Aconselhamento de apoio nas crises.

Em nosso entender a função do capelão é de colaborar na formação integral do ser humano, oferecendo oportunidade de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios éticos, tanto cristãos como de diferentes religiões. De uma forma prática, a Capelania existe para auxiliar, orientar, ouvir e ajudar a pessoa quando precisar ou for necessário. Podemos encontrar este serviço em escolas, hospitais, nas forças armadas e mais recentemente em empresas e nas diversas religiões, como os exemplos abaixo, colhidos em diferentes sites da internet:

Forças Armadas (Judaico): *“Faz 190 dias que meu marido, Rabino Capitão Shmuel Felzenberg, deixou nossa base no Havai para ir ao Kwait e depois para o Iraque... O cargo de Shmuel na base é Capelão. O que isso significa em termos práticos é que ele é responsável por cuidar do bem-estar espiritual dos soldados em sua unidade, que atualmente abriga 1000 indivíduos. Seu trabalho tem três aspectos: ele aconselha o Comando sobre ética e a maneira adequada de ajudar os soldados; fornece Aconselhamento Espiritual, religioso ou geral para soldados que precisam; e é responsável por organizar cerimônias ou serviços religiosos. Todo capelão funciona tanto como especificamente em sua fé, e como capelão da unidade. Atualmente, existem apenas oito capelães judeus na ativa, e em todo o Oriente Médio há apenas um capelão judeu na ativa...”*

Empresarial:

Benefícios ao Funcionário:

SALÁRIO: ... SEGURO MÉDICO EM GRUPO... PLANO DE PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS...

ACONSELHAMENTO ESPIRITUAL:

Através do capelão da empresa, os empregados podem obter Aconselhamento psicológico e espiritual. Se um funcionário deseja tratar de problemas pessoais ou familiares com o capelão, deve marcar uma hora com o Gerente do departamento pessoal...

A CITIZENS é uma empresa dinâmica, em constante crescimento, que procura pessoas qualificadas e interessadas em construir uma carreira de longa duração, em um excelente ambiente de trabalho.

Espírita: Técnicas de Curas Espirituais (Geziel Andrade)

Para colaborar no processo de obtenção da cura para muitas enfermidades, decorrentes principalmente de desequilíbrios interiores, o Espiritismo emprega técnicas variadas: Aconselhamento Espiritual, evangelização, oração, passe magnético, água fluidificada, desobsessão e operação espiritual...

ACONSELHAMENTO ESPIRITUAL. *Esta técnica pode ser empregada de forma individualizada, dialogando-se com o paciente sobre seus problemas específicos, ou em grupo de pessoas, tratando abertamente das dificuldades e dos desequilíbrios maiores que afetam os indivíduos. Em ambos os casos, não existe uma regra padrão para se relacionar com os pacientes. Mas, a exigência é que as soluções propostas e os conselhos espirituais, em quaisquer casos, sejam dados, rigorosamente e exclusivamente, baseados nos ensinamentos dos espíritos superiores. Neste processo de cura, destacam-se duas atribuições: a) ao orientador espírita cabe os trabalhos de conscientização para as realidades da vida do espírito eterno, de levantamento das causas reais das doenças, e de apresentação dos conselhos que implicam em mudar para melhor as causas para conter os efeitos doentios; b) ao paciente cabe ter disposição e vontade firme para se reequilibrar e pôr em prática os conselhos que concretizarão a desejada cura.*

Católico:

ACP no Vaticano? CURSO DE COUNSELLING

Curso em Roma de «Aconselhamento Espiritual a partir de perspectiva católica»
Se para ajudar é preciso formação, para ajudar sem dar conselhos é preciso o dobro. Assim entende o Teresianum, a faculdade de teologia e espiritualidade regida pelos carmelitas descalços em Roma, que dada a demanda no «counseling» idealizou um curso trienal de «Aconselhamento Espiritual a partir de uma perspectiva católica», que começará em outubro próximo até dezembro de 2006.

O «counseling» (de aconselhar) é um termo inglês muito usado na Europa que designa a ação de acompanhar-ajudar sem dar conselhos ou, ao menos, evitando dá-los. não deve ser confundido, portanto, com a direção espiritual propriamente dita.

Em três anos, os futuros acompanhantes espirituais seguirão cursos que congregam a teologia, a espiritualidade e a psicologia com um método que a partir das virtudes teológicas (fé, esperança e caridade) e de atitudes como coerência, aceitação e empatia, tentará ajudar pessoas e comunidades para que escutem o Espírito Santo e de maneira livre aceitem viver suas emoções internas.

Os organizadores da proposta entendem que o Aconselhamento é uma das formas tradicionais de ajuda, já mencionadas por João Paulo II na «Novo Milênio Incheute».

Os cursos oferecem a possibilidade de ser acompanhante espiritual ou «counselor» espiritual (esta última possibilidade habilita para uma profissão).

O calendário das aulas corresponde às tardes de segundas-feiras, terças e quartas de outubro de 2003 até dezembro de 2006.

Sua atitude no Aconselhamento é semelhante à dos pastores entrevistados por esta pesquisadora para a dissertação de mestrado, *ouvir as pessoas*. Diz que procura caminhar com os aconselhados, em uma atitude de envolvimento, também procura *saber o que está acontecendo*, a fim de poder descobrir junto com o aconselhado as *atitudes que devem ser tomadas, caminhos que devem ser seguidos...*

Quanto ao ouvir, Hillman (1985) nos diz que "*a arte de ouvir mantém a intencionalidade da consciência, mesmo adiantando-se ao seu ímpeto ativo*". Segundo Hillman, o conselheiro deve "*sentir a natureza da audição...*" que "*é preciso estabelecer a diferença entre ego e consciência*" (pág. 18). É possível separar o ego da consciência fazendo como os órgãos do corpo, cada um exercendo a sua função e dando sua colaboração específica à consciência. Assim pode-se desenvolver uma consciência receptiva através do ouvido. Ouvindo não se magoa ninguém, ouve-se sua história, o seu ritmo, suas repetições temáticas e desarmonias. Nesta atitude o Conselheiro transforma-se em "mitólogo da psique", ou seja, estudioso "*das narrativas da alma, pois mitologia, originalmente, significa, 'narração de histórias'. Se a alma é uma corda que vibra, somente o ouvido poderá revelá-lo.*" (pág. 18).

Hunter (2004) diz que: "*O ouvir ativo requer esforço consciente e disciplinado para silenciar toda a conversação interna enquanto ouvimos outro ser humano.*" Diz ainda que ouvir desta forma exige sacrifício, exige uma doação de si mesmo para silenciar o ruído interno e entrar no mundo da outra pessoa, mesmo que isto seja por alguns minutos. O ouvinte ativo procura ver as coisas do ponto de vista de quem fala.

Saber o que está acontecendo. O Aconselhamento não deve ser gerado pela curiosidade, as perguntas serão partes da interrogação sobre a natureza humana, na qual o Conselheiro está incluído. Quando o Conselheiro faz perguntas desse tipo evocam uma correspondência que é "*um movimento espontâneo partindo dos dois em direção à essência do assunto a que se lançam*" (Hillman, 1985, pág. 26).

Embora o Conselheiro 4 afirme que não tem grande experiência, seus conceitos de Aconselhamento estão de acordo com os conceitos dos autores citados (Clinebell, 1987; White 1987; Ellens, 1982; Ronaldo Satler Rosa, 1996; Lothar Hoch, 1982), como por exemplo, em sua fala: *Este capelão visita as empresas e atende as pessoas que tem problemas, que estão de luto... atender em um momento crítico da pessoa, uma doença, um acidente... Este Aconselhamento nem sempre é só espiritual, seria também um apoio nas crises.*

Quanto ao que utiliza no Aconselhamento, separa em dois grupos: os da igreja e os da *fábrica*. Quando atende as pessoas que são protestantes e freqüentam uma igreja ele utiliza textos bíblicos e ora junto com a pessoa. Quando atende companheiros de trabalho na fábrica fala dos textos bíblicos e compromete-se a orar por aquela pessoa em outro momento.

A mesma divisão aparece quanto aos problemas mais freqüentes: os que freqüentam a igreja vêm mais com dúvidas doutrinárias e dúvidas quanto a integração da vida cotidiana com os ensinamentos bíblicos; os da fábrica vêm mais com problemas de relacionamento em casa, com filhos, com cônjuge.

Não tem uma regra quanto ao tempo, às vezes é procurado pela mesma pessoa várias vezes e seu limite para um encaminhamento está de acordo com as suas possibilidades.

Acha *todos os assuntos difíceis*, devido a sua falta de preparação, e não tem a clareza porque é procurado, ele diz: *as pessoas vêm me procurar, eu sei lá porque, talvez pela amizade, porque tenho algum imã...* Podemos entender este *imã* como tendo este Conselheiro uma *personalidade mana*.

A *personalidade mana* é um conceito da Psicologia Analítica, que pode ser compreendido como *carisma*. Segundo Sammuels (1988) *mana* sugere "a presença de uma força vital avassaladora, uma fonte primeva de crescimento ou cura mágica que equivale a um conceito primitivo de energia psíquica... É um poder quase divino que se prende ao mágico, mediador, padre, médico, trapaceiro, santo ou tolo sagrado - a qualquer um que participa do mundo do espírito o suficiente para conduzir ou irradiar sua energia" (pág. 148).

7.4a - Conselheiro 4 – Entrevista 2

QUADRO RESUMO -

<p>Igreja: Presbiteriana</p> <p>Formação: Engenharia Mecânica – Pós-Graduando em Teologia</p> <p>Tempo de Aconselhamento: 20 anos</p> <p>Frequência de atendimento: quando é procurado</p>	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
<p>Pergunta 1: Como foi o Aconselhamento depois do treinamento e se tiver algum caso que possa contar onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento</p>	
<p><i>... você sabe ... que eu não tenho, não tinha, hoje um pouco mais experiência no Aconselhamento, quero ser conselheiro...</i></p> <p><i>... eu acho que mudou, de qualquer forma muita coisa na forma como eu via o Aconselhamento antes e este momento que agora eu estou vivendo</i></p> <p><i>- é uma mudança mais teórica, eu não cheguei a colocar em prática...</i></p> <p><i>- Eu imagino que vou enfrentar muitos problemas, porque o Aconselhamento industrial existe, mas no Brasil pouquíssimo...</i></p> <p><i>- eu imagino que eles enfrentam os mesmos problemas ao aconselhar os operários, os gerentes, administrativos...seja a pessoa mais humilde até a de mais alta responsabilidade num banco.</i></p> <p><i>- Eu quero ser conselheiro cristão, que possa ajudar a pessoa, que não confunda os problemas emocionais gerados pelo trabalho ou por questões pessoais, com problemas espirituais</i></p> <p><i>- eu ainda não tive esta experiência, mas hoje eu acredito que saberia discernir isto e por onde caminhar.</i></p> <p><i>... hoje a minha visão mudou, eu estou com a mente totalmente aberta...</i></p> <p><i>... eu quero começar com uma indústria pequena, talvez evangélica, que poderá abrir as portas da sua fábrica pra um louco que vai falar de Deus para seus operários... talvez a gente possa formar uma rede de conselheiros cristãos, porque o industrial vai querer unir o útil ao agradável, tendo o funcionário mais tranqüilo, um ambiente mais agradável, que veste mais a camisa, uma vida harmônica, com boa produtividade e ao mesmo tempo nós vamos falar de Jesus Cristo para estas pessoas</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - falta de experiência - mudança de visão - nova área de Aconselhamento - problemas semelhantes em diferentes níveis sociais - diferença entre problemas emocionais, profissionais e espirituais - melhor discernimento - projeto de atendimento em Aconselhamento

A segunda entrevista com o Conselheiro 4, foi realizada em um clima bastante descontraído, cerca de oito meses após o Treinamento na mesma oportunidade em que lhe foi entregue o Certificado de participação no Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros, com cerca de 30 minutos de duração. Esta entrevista foi realizada na residência desta pesquisadora.

Ele começa a entrevista reafirmando sua inexperiência no Aconselhamento, porém em seguida passa ao tempo passado, *não tinha, hoje um pouco mais*, alegando que esta experiência, embora teórica, trouxe uma mudança nos seus conceitos, uma mudança na visão do Aconselhamento. Explica que esta mudança refere-se principalmente ao discernimento entre o que é espiritual e o que é emocional, e que caminhos seguir a partir deste discernimento. Diz ainda que a sua visão mudou porque está *com a mente totalmente aberta*.

Esta fala do Conselheiro 4 nos remete ao texto de Ismênia de Camargo onde ela diz que a formação do conselheiro baseia-se no tripé: teoria; prática e crescimento pessoal. A teoria é necessária e útil para que o futuro conselheiro possa se localizar dentro de um sistema de referências, avaliar o que está fazendo e refletir constantemente sobre o que pretende fazer. O conselheiro precisa, então, de uma teoria, mesmo que não seja formal ou axiomática, ou absolutamente precisa e definitiva, ela representa a estrutura básica de seu relacionamento com o mundo e de suas conseqüentes atitudes. Segundo Ismênia de Camargo: *“...a teoria não pode referir-se apenas ao nível intelectual. Tem que ser internalizada, fazendo parte do mundo interior do conselheiro”* (Rapport, coord. 1987).

A mudança de visão deste Conselheiro nos demonstra que as qualidades de um bom conselheiro não são inatas, mas adquiridas, de acordo com Rollo May (1976), que afirma ainda que não *“existe o aconselhador ‘inato’, mas sim aquele que se desenvolveu”*.

O Conselheiro 4 fala de suas possíveis dificuldades em implantar o Aconselhamento Empresarial. Conforme já havia nos dito na primeira entrevista, ele tem conhecimento de apenas um trabalho deste tipo no Brasil. Acredita que os problemas que vai encontrar nesta área seriam os mesmos encontrados no atual Aconselhamento informal que faz na empresa em que trabalha. Porém, isto não o desanima e confirma sua intenção apresentada na primeira entrevista.

Eu quero ser um conselheiro cristão, que possa ajudar a pessoa... Um conselheiro cristão deve de acordo com Hillman (1985) seguir “a imitatio Christi, ou seja, seguir a tradição de Jesus, que curava e cuidava das almas de muitas maneiras: pregando, andando por aí, fazendo visitas, contando histórias, tocando com a mão, orando, compartilhando, chorando, sofrendo, morrendo – enfim, vivendo a plenitude de seu próprio destino e permanecendo fiel à sua vida” (pág. 45), pois desde a predição de seu nascimento sua vida seria o reflexo de seu nome: “... e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro...” (Isaías 9:6). Desta forma o Conselheiro 4 irá manifestar a “*imagem arquetípica*” de Cristo como Conselheiro.

Para entender este conceito de “*imagem arquetípica*” precisamos observar alguns conceitos de Jung. Para ele a psique seria formada por vários sistemas distintos, interatuantes, sendo os principais o Ego, o Self (ou Si-mesmo), o inconsciente pessoal e seus complexos, o inconsciente coletivo e seus arquétipos (entre outros a *persona*, a *anima*, o *animus* e a *sombra*). Além destes sistemas interdependentes, existiriam ainda as atitudes de introversão e extroversão e as funções de pensamento, sentimento, sensação e intuição.

A psique seria um sistema de energias parcialmente fechado, onde a energia de fontes externas poderia ser acrescentada ao sistema. Os estímulos ambientais também produziram mudanças na distribuição da energia interna do sistema. O fato da dinâmica da personalidade estar sujeita a influências e modificações de fontes externas, significa que a personalidade não é capaz de atingir um perfeito estado de estabilização, o qual só seria possível se ela fosse um sistema completamente fechado, sendo, portanto, um estado ideal.

Jung (1975) acreditava que, quanto mais profundas fossem as camadas da psique, mais perderiam sua originalidade individual. Segundo Jung, “*nossa consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Na infância, desperta gradualmente e, ao longo da vida, desperta cada manhã, saindo das profundezas do sono, de um estado de inconsciência. É como uma criança nascendo diariamente do seio materno*”. (pág. 353). As profundezas mencionadas por ele residiriam em cada ser e suas dimensões seriam incalculáveis: o inconsciente. Logo, seriam dois os níveis de estruturas psíquicas que formam o psiquismo: o consciente e o inconsciente.

A consciência seria um fenômeno intermitente, produto da percepção e orientação no mundo externo, surgindo quando se percebe que se "é". Ela vela o inconsciente e ao mesmo tempo dele brota. Ele afirmava que, teoricamente, seria impossível fixar limites para a consciência, visto que ela poderia estender-se indefinidamente, mas, empiricamente, ela encontraria seus limites quando atinge o desconhecido. Desconhecido este que se dividiria em dois grupos: os exteriores e os interiores, que seriam o objeto da experiência imediata. Aos últimos chamou inconsciente.

Jung foi o primeiro a estabelecer que consciente e inconsciente existiriam em um profundo estado de interdependência recíproca, sendo impossível a existência de um sem o outro. A consciência seria o sonho permanente e mais profundo do inconsciente, que luta sempre por lograr uma consciência cada vez maior, chamada por Jung de "percepção". Essa "percepção" incluiria as formas não-rationais de conhecimento e percepção, bastante preciosas, por serem as pontes no meio da inesgotável riqueza do significado ainda não compreendido do inconsciente coletivo, que estaria sempre disposto a expandir a consciência do homem para as necessidades que se apresentassem. Ou seja, a consciência se renovaria e ampliaria conforme a vida assim o exigisse, através de suas linhas (não-rationais) de comunicação com o inconsciente coletivo.

Jung acreditava que os processos inconscientes compensadores do eu consciente continham todos os elementos que a psique necessita para se auto-regular como um todo. Para ele, porém, o inconsciente encerraria possibilidades que ainda não chegaram ao consciente, já que nele se encontrariam os conteúdos subliminais de tudo que foi esquecido ou passou despercebido, além de tudo o que se depositou em suas estruturas arquetípicas durante milênios.

Jung concebia o inconsciente como que constituído de duas instâncias: uma pessoal e outra coletiva. O Inconsciente Pessoal se constituiria por conteúdos individuais mais ou menos únicos, que não se repetiriam, e seriam formados pelas camadas mais superficiais do inconsciente, que abarcaria as lembranças perdidas, reprimidas, as percepções e impressões subliminais e os conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. Resumidamente falando, o inconsciente pessoal seria formado, então, por aquisições que resultariam da interação do indivíduo com o ambiente, do que é reprimido e do que é percebido, pensado ou sentido, embora muitas vezes de forma subliminar.

A outra, o Inconsciente Coletivo, incluiria estruturas universais que aparecem regularmente. Lá se encontrariam os instintos e os arquétipos. O Inconsciente Coletivo nos revelaria as conexões do indivíduo com o todo. Segundo Jung, "*os conteúdos do inconsciente coletivo constituem como que uma condição onipresente, imutável, idêntica a si própria em toda parte.*" (1975, pág. 355). O inconsciente coletivo seria, então, de natureza distinta, abrangendo em si todos os conteúdos da experiência psíquica humana, sendo, também, neutro, pois seus conteúdos só receberiam determinação de valor depois da confrontação com o consciente. Assim, também, o inconsciente seria objetivo em comparação ao consciente, que seria sempre subjetivo. Ou seja, o inconsciente sempre "diz" claramente, mesmo que através de símbolos, tudo o que deseja "dizer". Já o consciente abriga em si valores aos quais "permitiu" acesso do inconsciente, aos quais já determinou um valor e um significado; tudo nele é muito "particular", muito "pessoal", muito do próprio indivíduo.

Arquétipos seriam um padrão hereditário e característico da espécie, que organiza o desenvolvimento psicológico através dos símbolos, sendo atualizados de acordo com as condições internas e externas do indivíduo. Seriam em si mesmos inobserváveis. Derivariam das matrizes arquetípicas, podendo assumir diversas formas e gerar as imagens arquetípicas. Estas, por sua vez, seriam imagens e/ou vivências formadas a partir de fatores e motivos denominados arquétipos, tornando possível sua observação. Arquétipos, ou imagens primordiais, seriam equivalentes aos instintos dos animais. Temas e figuras que pertenceriam a fatores estruturais do inconsciente humano. Seriam predisposições herdadas que responderiam a certos aspectos do mundo. Suas manifestações repousariam sobre condicionamentos instintivos e nada teriam a ver com a consciência.

Segundo Silveira (1994, pág. 79), Jung considerava os arquétipos "*possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. Matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma. Jung compara o arquétipo ao sistema axial dos cristais, que determina a estrutura cristalina na solução saturada, sem possuir, contudo, existência própria*". Eles não teriam conteúdo determinado; seriam determinados, em grau limitado, em sua forma. Não seria possível provar sua existência, a não ser que eles se manifestassem de maneira concreta (Becker, 2003).

No planejamento de atuação como conselheiro empresarial ou industrial, o Conselheiro 4 pretende começar em uma indústria pequena, cujo proprietário poderá ser evangélico, o que facilitaria sua entrada, de acordo com seus objetivos e a partir de um trabalho pequeno e produtivo levar outros a se interessarem por esta atividade formando uma rede de conselheiros cristãos em organizações empresariais. Sua intenção é que com seu trabalho de Conselheiro cristão, os funcionários tenham uma vida mais harmônica, estejam mais tranqüilos, formem um ambiente mais agradável e que isto implique em uma boa produtividade. Exatamente como comenta Clinebell (1984): *“através da poimênica e do Aconselhamento, as pessoas encontram libertação do cativeiro de seus conflitos interiores e de sua auto-compreensão, superam sua alienação das outras pessoas, aumentam sua capacidade de amar e viver a vida em toda a sua plenitude...”* (pág. 47).

Este Conselheiro fala que o trabalho que pretende fazer, somente encontraria apoio de outro evangélico, que abriria as portas de sua empresa para um *louco*. Na primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo explica que a mensagem do Evangelho *“parece loucura para os que estão se perdendo...”* (1 Coríntios 1:18) e que esta mensagem *“... é ofensa para os judeus e loucura para os não judeus.”* (1 Coríntios 1:23). Entendemos assim o que diz este Conselheiro, para ele somente alguém que entende a mensagem do Evangelho poderia entender sua intenção.

7.5 - Conselheiro 5 – Entrevista 1

QUADRO RESUMO -

Igreja: Batista	
Formação: Bacharel e Pós-Graduada em Educação Religiosa	
Tempo de Aconselhamento: 22 anos	
Frequência de atendimento: informal	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como é a sua vivência no Aconselhamento?	
<i>... não é assim de gabinete, de sala, é informal... pelos corredores... Quando é um assunto mais sério a gente vai pra um lugar mais reservado e conversa...</i>	- aconselhamento informal
Pergunta 2: Como é para você fazer Aconselhamento?	
<i>- acho gratificante... se a pessoa vem falar com você é porque ela vê em você uma pessoa que pode ajudar... porque você está fazendo diferença na vida da pessoa, ela está confiando em você... a gente que se preparou pra ajudar na igreja, pra trabalhar com pessoas, se sente bem quando você pode ajudar alguém...</i>	- gratificante - treinamento para ajudar outros - geradora de confiança no aconselhamento
Pergunta 3: O que você usa no Aconselhamento?	
<i>- uso a Bíblia, oro com a pessoa... a gente trabalha assim, aplicando os princípios que a gente tem, e que estão de acordo com a Bíblia</i>	- uso da Bíblia e oração - aplicação de princípios bíblicos
Pergunta 4: Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais frequentes?	
<i>- pais de crianças... às vezes as crianças, os professores...</i>	- pais - crianças - professores
Pergunta 5: Quais são as maiores dificuldades?	
<i>-...o assunto envolve um testemunho, ou.... uma satisfação perante a igreja.... ou uma coisa assim que envolve outras pessoas... relacionamento entre os pais das crianças</i>	- questões da prática da vida cristã - relacionamentos interpessoais - relacionamento pais e filhos

A Conselheira 5 passou a fazer parte do grupo de Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais, ocupando a vaga de desistência de um pastor que se ausentou por enfermidade. Ela é Bacharel e Pós-Graduada em Educação Religiosa, em uma Faculdade de Teologia. Estes cursos têm como objetivo preparar pessoas para a área de ensino em igrejas e instituições eclesiais, tais como escolas ligadas às denominações protestantes, projetos de assistência social. Porém o principal objetivo é formar educadores para coordenar e orientar a escola dominical, em especial com crianças e adolescentes, e as atividades educacionais extras nas igrejas.

Esta Conselheira atende em Aconselhamento de maneira informal na maioria das vezes, apenas quando o assunto é mais confidencial ela vai a um local reservado para conversar.

O ministério leigo é essencialmente um “*ministério junto a pessoas em necessidade*” (Clinebell, 1987). Como pudemos observar nas entrevistas dos Conselheiros 4, 5 e 6, os leigos têm esta característica, atender no momento de crise, independente de horário e local, estão disponíveis para a informalidade no primeiro momento de busca.

Fazer Aconselhamento é para esta Conselheira, *gratificante*. Este sentimento vem pelo fato de perceber que a outra pessoa vê nela alguém em quem pode confiar e que tem condições de ajudar. O convívio, a liderança geram confiança e sua vida faz diferença na vida da outra pessoa.

Esta Conselheira escolheu e se preparou para uma profissão de ajuda, ou “*profissões de ministério*” como denomina Guggenbühl-Craig (1978) as profissões de médico, padre, professor, psicoterapeuta e assistente social. São chamados assim, porque prestam de uma forma ou outra um serviço à saúde e ao bem-estar do ser humano (pág. 13).

Creemos que podemos acrescentar nesta lista de Guggenbühl-Craig, o Conselheiro, mesmo que estes não possam ser Conselheiros profissionais no Brasil.

Holland (1997) considerou que a escolha de uma determinada profissão expressa a personalidade do indivíduo e que, portanto, membros de uma categoria profissional possuem personalidades e histórias de desenvolvimento pessoal similares.

Definiu que, em nossa cultura, as pessoas podem ser classificadas de acordo com seis orientações de personalidade ou tipos vocacionais: realista, investigativo, artístico, social, empreendedor e convencional. Os conselheiros, assim como os psicólogos e demais profissões de ministério estão enquadrados no tipo social, exceto os experimentais, que são considerados do tipo investigativo.

O indivíduo social, segundo Holland (1997), seleciona metas, interesses e tarefas nos quais pode usar sua habilidade para treinar ou modificar o comportamento de outra pessoa. Está interessado no bem-estar de pessoas dependentes: pobres, desnudados, doentes, instáveis, jovens e velhos. Nestas atividades é recompensado recebendo amor, reconhecimento e status no âmbito pessoal e profissional. Estas características condizem com esta Conselheira.

Quando ela diz: *porque você está fazendo diferença na vida da pessoa, ela está confiando em você...* lembramo-nos do que diz Thierry Janssen (2004): “*Ser capaz de dar sem esperar em troca: eis uma prova de confiança no Universo. Ser capaz de receber, humildemente, aquilo de que precisamos: eis uma prova de confiança no outro. Ser capaz de dar a nós mesmos, generosamente, aquilo que nos é necessário: eis uma prova de confiança em si*” (pág. 134).

Assim como o Conselheiro 4, esta Conselheira manifesta aspectos da *personalidade mana* (Sammuels, 1988). Observamos isto quando diz: *se a pessoa vem falar com você é porque ela vê em você uma pessoa que pode ajudar então aí já é uma gratificação... porque você está fazendo diferença na vida da pessoa...*

Como todos os Conselheiros Espirituais, esta Conselheira faz uso da Bíblia e da oração no Aconselhamento. Manifestando aspectos da figura arquetípica de Cristo como Mestre, esta Conselheira, ensina a aplicação de princípios bíblicos que norteiam as atitudes cotidianas.

Esta atitude também confere com a opinião de Clinebell (1987) quando fala do *Aconselhamento Educativo*: “*Muitas das melhores oportunidades de aconselhamento requerem uma combinação de habilidades de educação criativa e de aconselhamento*

dinâmico. Este tipo de assistência é chamado de aconselhamento educativo, um processo assistencial que integra as instituições e os métodos de duas funções pastorais com objetivo único de promover a integralidade de pessoas. Esta abordagem implica a comunicação personalizada de certo conhecimento, de conteúdos de fé, valores e aptidões de enfrentamento como parte essencial do processo de aconselhamento. Aconselhamento Educativo ultrapassa em muito a mera transmissão de informações. Pela utilização de habilidades e sensibilidades de aconselhamento, ele ajuda pessoas a entender, avaliar e então aplicar a informação relevante ao enfrentar sua situação específica de vida” (pág. 313-314).

O ensino da Bíblia é uma prática das igrejas protestantes que têm *“na palavra revelada, refletida e vivenciada a base de sua prática”* (Giglio, J. e Giglio, Z., 2006, pág. 159). Dizem os autores que do ponto de vista simbólico-psicológico, o leitor ou aprendiz da Bíblia, pode ser visto de dois modos. *“No primeiro, o leitor entende o texto sagrado como uma resultante da ação do Si-Mesmo sobre o ego do autor, ou seja, o homem religioso reconhece uma projeção na Palavra de Deus das verdades arquetípicas que ele próprio possui enquanto ser humano. No segundo, quando a Palavra Sagrada é assumida como verdade absoluta, emanada diretamente de Deus, pode acontecer uma inércia dos processos cognitivos e reflexivos – necessários para a individuação – que permitiriam uma visão mais pessoal e ao mesmo tempo mais ampla e dinâmica da realidade”* (pág. 159). Na opinião dos autores, isso tem maior possibilidade de ocorrer nas religiões autoritárias ou naquelas que tendem a uma interpretação mais literal.

Esta Conselheira foi a única do grupo que durante o Treinamento trabalhava com crianças, porém como veremos na segunda entrevista, ela mudou de função após o Treinamento. Devido a seu trabalho com crianças, as pessoas que mais a procuram para Aconselhamento Espiritual são: pais cujos filhos freqüentam as atividades coordenadas por esta Conselheira, os professores que trabalham com as crianças, as próprias crianças.

É interessante notar que ela comenta que *às vezes as crianças* procuram Aconselhamento porque estão enfrentando problemas. A criança vem *pedir ajuda dizendo: meu pai e minha mãe estão brigando muito, ou então: a minha mãe tá brigando muito com*

o... (que não é o pai)... Isto acontece muito no momento da oração, ela fala: me ajuda, está acontecendo... se a gente fala: vamos orar, então ela fala: ah, eu tenho um pedido... aí você percebe que tem algum problema...

Charles Stewart diz: *“Quando ocorre um colapso na vida familiar é importante saber de alguma maneira o que deu errado, e ajudar pais, filhos e jovens a readquirir habilidades de solução de problemas e certo equilíbrio em sua vida conjunta...”* (in Clinebell, 1987). Diz ainda este autor, que os valores religiosos não devem ser descartados, mas devem ser adaptados a cada membro da família, e que esta é uma tarefa importante da igreja.

A Conselheira 5 também atua na área de Aconselhamento Pré-Nupcial, fazendo orientação sexual com as mulheres.

Seus encaminhamentos são em um primeiro momento para o pastor. Quanto a isto vemos que há um respeito em relação a hierarquia pastoral.

Como uma de suas atividades, a Conselheira 5 está, na época desta entrevista, treinando pessoas para um novo programa de sua igreja que é o cuidado pastoral das crianças. Este programa busca criar para estas um clima de confiança, a fim de que elas busquem ajuda quando necessitarem. Um dos motivos deste treinamento foi a informação *de que o maior índice de suicídio é entre crianças de 10 a 12 anos.*

De acordo com a OMS, no mundo inteiro, o suicídio está entre as cinco maiores causas de morte na faixa etária de 15 a 19 anos. Em vários países ele fica como primeira ou segunda causa de morte entre meninos e meninas nessa mesma faixa etária.

A prevenção do suicídio entre crianças e adolescentes é de alta prioridade.

Atualmente, o suicídio entre crianças menores de 15 anos é incomum e raro até antes dos 12 anos. A maioria dos suicídios ocorre entre as crianças maiores de 14 anos, principalmente no início da adolescência. Porém, em alguns países está ocorrendo um aumento alarmante nos suicídios entre crianças menores de 15 anos, bem como na faixa etária dos 15 aos 19 anos.

Meninos morrem muito mais de suicídio que as meninas; uma razão pode ser porque eles usam métodos violentos mais frequentemente que as meninas para cometer suicídio, como enforcamento, armas de fogo e explosivos. Entretanto, em alguns países o suicídio é mais freqüente entre meninas entre 15 e 19 anos que entre meninos da mesma idade.

Segundo esta Cartilha da OMS, ter pensamentos suicidas uma vez ou outra não é anormal. Eles são parte do processo de desenvolvimento normal da passagem da infância para a adolescência, à medida que se lida com problemas existenciais e se está tentando compreender a vida, a morte e o significado da existência. Estudos com questionários mostram que mais da metade dos estudantes do segundo grau já tiveram pensamentos de suicídio. Pensamentos suicidas se tornam anormais quando a realização desses pensamentos parece ser a única solução dos problemas para as crianças e os adolescentes. Temos então um sério risco de tentativa de suicídio ou suicídio. (www.who.int/mentalhealth/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf)

Embora os dados de informação da Conselheira 5 sejam diferentes dos dados oficiais da OMS, a prevenção do suicídio infantil e de adolescentes, se faz necessária e cremos que a igreja pode auxiliar nesta prevenção através do Aconselhamento Espiritual com crianças e adolescentes.

Ela nos diz ainda, que este treinamento visa: *pastorear a criança, no sentido de cuidar.*

Pastorear, cuidar é o sentido bíblico do trabalho do “pastor”, que nas palavras desta Conselheira, está ampliada, estendida a um grupo que irá pastorear as crianças.

Encontramos as funções do pastor em diferentes textos bíblicos. Seu cuidado é expresso:

- em conhecê-las, João 10:14;
- em ir à frente delas e guiá-las, Salmos 77:20; 78:52; 80:1;

- em buscar bons pastos para elas, 1 Crônicas 4:39-41; Salmos 23:1;
- em enumerá-las ao voltarem do pasto, Jeremias 33:13;
- em vigiá-las à noite, Lucas 2:8;
- na ternura às grávidas e aos filhotes, Gênesis 33:13,14; Salmos 78:71;
- em defendê-las dos ataques das feras, 1 Samuel 17:34-36; Amós 3:12;
- em buscá-las ao se perderem ou desviarem, Ezequiel 34:12; Lucas 15:4-5;
- em ajudá-las quando doentes, Ezequiel 34:16 (grifo nosso).

Esta figura também ilustra:

- Deus como líder de Israel, Salmos 77:20; 80:1;
- Cristo como bom pastor, Ezequiel 34:33; Zacarias 13:7; João 10:14; Hebreus 13:20;
- Os ministros do Evangelho, Jeremias 23:4 (Bíblia Vida Nova, §3268).

O trabalho de pastorear crianças ou adultos assemelha-se ao de um pastor de ovelhas. Apascentar as ovelhas inclui as tarefas descritas acima e também o que detalha o Salmo 23: cuidar das ovelhas para que nada lhes falte, ou seja, que não lhes falte nada do que elas têm necessidade, levar as ovelhas para o descanso, refrigerar a alma; a palavra alma, na poesia hebraica, é freqüentemente usada como sinônimo de "mim" ou "ser".

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes.

Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma.

Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

*Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários,
unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda.*

*Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da
minha vida; e habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.*

7.5a - Conselheiro 5 – Entrevista 2

QUADRO RESUMO -

<p>Igreja: Batista</p> <p>Formação: Graduada e Pós-Graduada em Educação Religiosa</p> <p>Tempo de Aconselhamento: 22 anos</p> <p>Frequência de atendimento: quando é procurada</p>	
<p>Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado</p>	<p>Unidades Significativas</p>
<p>Pergunta 1: Como foi o Aconselhamento depois do treinamento e se tiver conte algum caso onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento</p>	
<p><i>- Eu trabalhava com crianças, agora eu mudei de área, porque já fazia 5 anos, agora o aconselhamento é na parte de evangelismo, então não é tanto assim, como antes... Minha área agora é evangelismo, então quando a pessoa chega dizendo que precisa disto ou aquilo, eu encaminho pra quem está discipulando... Eu tenho duas discipulandas que no início precisavam de muito aconselhamento, mas agora já passou aquela fase de crise, então estão mais tranqüilas.</i></p> <p><i>- foi muito bom mesmo pra abrir nosso entendimento, ter noção das várias linhas e também de que tudo não é espiritual, a noção de que muitas vezes é orgânico ou é psicológico, emocional, mas quanto a isso de estar aconselhando é mais espiritual e não na parte de comportamento... O que ficou foi mais a visão de que foi um início, a partir daí a gente começou a ter mais interesse, isto é nítido e claro, estou lendo mais sobre isto e fazendo outros cursos nesta área</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - mudança de área - nova área: evangelização - aconselhamento no momento de crise - quanto ao curso: <ul style="list-style-type: none"> - foi muito bom para abrir entendimento - diferenciação entre orgânico e espiritual - incentivo a estudar mais o assunto

A Conselheira 5 nos relatou nesta segunda entrevista que mudou de área de atuação, não mais trabalha com crianças, mudou para a área de evangelização, na coordenação do trabalho de discipulado, portanto diminuiu o atendimento em Aconselhamento. Esta entrevista foi realizada cerca de oito meses após o Treinamento, no gabinete pastoral da igreja a qual pertence.

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” (Mateus 20:19)

“...e o que de mim ouviste de muitas testemunhas, transmite-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros.” (2Timóteo 2:2)

Estes dois textos bíblicos são os textos básicos do trabalho de discipulado nas igrejas protestantes.

A palavra discípulo vem do grego *matetes* que quer dizer aprendiz, aquele que aprende de seu mestre. Era um método comum na Palestina entre os judeus. Foi usado nas Escrituras, particularmente no Novo Testamento, cerca de 230 vezes.

No primeiro versículo citado acima, Jesus ordena os doze apóstolos a *irem fazendo* (tradução literal do grego) discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O apóstolo Paulo também foi um excelente discipulador! Nas suas cartas, vemos o seu cuidado para com aqueles os quais ele havia discipulado. Incluía o médico Lucas, Silas, Demas, Timóteo, Tito e outros.

Na história do Cristianismo temos muitos exemplos de discipulado. Na era pós-apostólica, Policarpo, o mártir, influenciou a vida de Irineu e ambos foram influenciados pelo Apóstolo João. Podemos perceber que a influência dos mestres deve ser passada para outros. Ambrósio influenciou a vida de Agostinho em sua conversão e chamado ao ministério da Palavra. Na reforma, João Calvino chamava Farel de seu pai no Senhor. Na modernidade, J. Gresham Machen, o defensor da fé cristã frente ao liberalismo teológico foi influenciado por Francis Patton a quem dava o título de pai espiritual. Com a fundação do seminário teológico de Westminster, Machen influenciou a vida de Francis Schaeffer, grande defensor da fé e ilustre escritor.

O teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer escreveu o livro, *Discipulado*, que tinha o título original *O preço do discipulado*. Bonhoeffer foi um resistente do Nazismo na Segunda Guerra mundial sendo preso por dois anos e depois executado em 1945 pela Gestapo. Este livro escrito no início de sua carreira mostra o discipulado em uma perspectiva individual de seguir a Cristo ainda que se perca a vida. Bonhoeffer discipulou seminaristas da Igreja Confessante (Seminário de Finkwald) resistente ao sistema nazista e registrou isso no livro *Vida em Comunidade*.

No discipulado, o discipulador é no primeiro momento um conselheiro, aquele que lida com a pessoa em seu momento de crise, tanto das questões emocionais como espirituais. No discipulado vemos claramente o Aconselhamento nas Crises, como chama Clinebell (1987), o tipo de Aconselhamento realizado neste momento da vida da pessoa.

A figura do discipulador também nos remete à figura arquetípica do Mentor.

Mentor era um sábio e fiel amigo de Ulisses. Quando Ulisses partiu para a Guerra de Tróia, ele confiou a **Mentor** seu filho Telêmaco e sua esposa **Penélope**. Mentor foi responsável pela educação da criança, formação de seu caráter, valores, pela sabedoria de suas decisões. A presença de **Mentor** era particularmente importante quando *insights* práticos eram necessários ou quando escolhas críticas tinham de ser feitas. No final da jornada, Telêmaco tinha amadurecido e tomava decisões independentemente. Nesse sentido, **Mentor** era visto como uma importante figura de transição na vida de Telêmaco durante sua jornada da infância à maturidade.

“Deixo com você meu filho, a quem amo muito; cuide de sua infância, se você tem amor por mim; afaste-o dos adúladores; ensine-lhe a sobrepujar as paixões”. Telêmaco representa o indivíduo dócil, não dramático e distante do padrão grego, padrão masculino desprezado até hoje. Assim, a vida sujeita à mentoria encontra-se, impopular, à sombra da dramática e heróica avidez pela vida. Os gregos viviam uma tensão justamente porque é sensato ser guiado pelo meigo **Mentor**, mas isto o torna diferente do padrão exigido pela sociedade grega.

O único caso de uso sistemático do mito do **Mentor** na literatura, encontra-se no romance *Lês aventures de Télémaque* (As aventuras de Telêmaco), escrito em 1699 por François Fenelon. É uma série de ensaios pedagógicos, uma fábula de grande seriedade moral.

Fenelon era o filho mais novo de um nobre da Gascônia. Discipulado por Jean Jaques Olier e pelo Pe. Tronson. Fenelon foi inspirado a levar uma vida recatada e a não participar da disputa por promoção social e reconhecimento externo. Foi assim que ele cultivou sua segurança interior e autoridade pessoal, no contexto da presença constante de Cristo.

Apesar destas características, Fenelon serviu como tutor do Duque de Borgonha, neto mais velho do rei Luís XIV e herdeiro do trono francês, no período de 1689 - 1697, quando o menino tinha entre 6 e 14 anos. O Duque era um menino terrível. Saint-Simon observou: *“Ele era tão arrebatado, que tinha ímpetos de quebrar os relógios quando estes lhe anunciavam a hora de fazer algo que ele não queria, e tinha ataques de fúria contra a chuva, quando esta atrapalhava seus planos. Quando enfrentava oposições ficava enfurecido...”* No entanto, quando Fenelon encerrou sua tarefa de mentoria, oito anos depois, o Duque, já com 14 anos, havia se transformado num rapaz amável, paciente, precocemente amadurecido, e amigo de Fenelon pelo resto da vida.

Entretanto, infelizmente para os dois, o ciúme e a insegurança do rei foram manipulados por cortesãos malévolos, pupilo e mentor foram proibidos de se encontrar novamente. Contudo, a correspondência secreta entre Fenelon e o Duque revela o amor e a lealdade mútuos que os uniram cada vez mais pelo resto de suas vidas.

Incluídas nessa correspondência encontravam-se fábulas que Fenelon havia escrito para o Duque, baseado nas supostas peregrinações de Telêmaco em busca de seu pai, na companhia do **Mentor**.

Apesar da publicação de As Aventuras de Telêmaco, ter-se dado por motivos maldosos, o livro tornou-se um dos mais populares nos dois séculos seguintes. Inspirados por essa obra, Voltaire escreveu *Candide* e Rousseau, *Emile*.

Entretanto, embora Fenelon tivesse escrito uma fábula sobre a instrução espiritual, esses escritores do Iluminismo apenas introduziram um novo estilo de romance para a educação secular.

Uma das ironias da história literária é que Fenelon foi considerado um pioneiro de um novo gênero, mas os pensadores seculares não conseguiram ouvir sua voz cristã. Trata-se na realidade, da voz profética de um reformador cristão – não de um protestante e sim de um católico.

Fenelon aprendeu muito com o seu fiel mentor cristão e isso pode ser aferido pela maneira como ele mais tarde aprenderia a escrever suas *Cartas de Aconselhamento Espiritual* para aqueles personagens *ulisseanos* que precisavam de transformação radical. Ele não buscava a fama literária: desejava confortar, aconselhar e guiar de forma específica os corações daqueles que confiavam tão intimamente nele. Fenelon responde a um consulete que lhe escreveu: “*Na quietude e no silêncio escute e procure discernir o que Deus pede a você e depois faça apenas isso. Você verá que tudo que é excessivo irá se retrair e tudo que é insuficiente ensinará a você o meio termo correto*”.

Fenelon escreve a uma orgulhosa dama de companhia da corte:

“Deixe-me mostrar-lhe minha querida filha, o que me parece que Deus quer eu lhe diga. A fonte de apoio que você tem inconscientemente buscado em seu coração desde sua infância é a auto-estima excessiva, oculta sob uma aparente sensibilidade e generosidade histórica – o amor do fantástico, cuja falácia ninguém jamais lhe revelou... todos os seus cuidados derivam de seu temor de não ficar suficientemente satisfeita consigo mesma: esta é chave de seus escrúpulos. Você quer que Deus e os homens fiquem felizes com você, e que você mesma fique contente com tudo que faz...”

Cartas como essas devem ter sido dolorosas para os que as receberam. Porém Fenelon está disposto não só a mentoriar, como a ser mentoriado, vemos isto em uma carta para seu mentor: “*Estou coberto de lama e sinto que peço continuamente porque não sou guiado pelo Espírito. Minha própria eminência me estimula... Sou... fundamentalmente voltado para mim mesmo. Por fim, não consigo entender meu verdadeiro ser*”. Ele se vê

como um instrumento indigno, que busca atuar em prol dos outros. Esta confissão nos evoca a figura do "curador ferido" explorada por Guggenbühl-Craig (1971) com referência à figura do analista e do paciente. Fenelon como um mentor, também sofre, mas isto não o impede de exercer sua função, mas muito pelo contrário enriquecia seu trabalho. (Becker, 2006, Mentor – O Arquétipo que Desperta a Espiritualidade na Psicoterapia, Mini-Curso, XIV Congresso Internacional da Associação Junguiana do Brasil, trabalho não publicado).

No Aconselhamento em casos de crise, o papel dos Conselheiros é o de *despertadores de sentido e de esperança realista*. Como facilitadores de crescimento espiritual, sua função singular é ajudar pessoas acometidas por crises a descobrir o significado último da vida vivida em um relacionamento com Deus (pág. 179), que é o que descreve esta Conselheira quando fala de suas duas discipulandas, que quando iniciaram o processo de discipulado precisavam muito de Aconselhamento, pois estavam em crise.

Embora tenha mudado de área, esta Conselheira ainda demonstra grande interesse pela área de Aconselhamento, dizendo que a partir do Treinamento começou a ter mais interesse e *que foi muito bom mesmo pra abrir nosso entendimento, ter noção das várias linhas e também de que tudo não é espiritual, a noção de que muitas vezes é orgânico ou é psicológico, emocional...*

7.6 - Conselheiro 6 – Entrevista 1

QUADRO RESUMO -

Igreja: Presbiteriana Formação: Pedagoga, Mestre em Aconselhamento Pastoral Tempo de Aconselhamento: 6 anos Frequência de atendimento: 2 tardes por semana	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
Pergunta 1: Como é a sua vivência no Aconselhamento?	
<p><i>-...atendemos o pessoal da igreja, é uma proposta da Igreja... de atender as pessoas da comunidade, não só da igreja, independente se elas pertencem a alguma instituição religiosa. Eu tenho sido procurada por membros da nossa igreja, por membros de outras igrejas, por pessoas que não têm ligação nenhuma com alguma religião.</i></p> <p><i>- ... Minha vivência tem sido bastante gratificante nesta área</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - atendimento como leiga, voluntária - trabalho estruturado com local reservado e horário marcado - serviço ligado à igreja - vivência gratificante
Pergunta 2: Como é para você fazer Aconselhamento?	
<p><i>... Eu gosto muito... Tem sido bastante gratificante no sentido de encaminhar pessoas para profissionais, psiquiatras, psicólogos, têm sido gratificante trabalhar com adolescentes... e eu tenho encontrado facilidade, porque como é um trabalho que a igreja oferece e eu trabalho como voluntária... as pessoas que me procuram normalmente não têm condições de pagar um profissional, então elas se beneficiam.</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> - gosta muito

Pergunta 3: O que você usa no Aconselhamento?	
<p>- ... as pessoas trazem as queixas e a gente vai vendo dentro do quadro familiar, os possíveis estressores emocionais... na área do relacionamento dos membros da família, como eles se relacionam no trabalho, na família de origem, como é a relação do casal com a família de origem do cônjuge. Eu gosto muito da... Logoterapia, porque mesmo que a pessoa chegue ali com um problema não ligado a espiritualidade... a espiritualidade sempre está embutida nos problemas e eu me sinto muito à vontade para lidar com a espiritualidade... Eu me sinto bem à vontade, se a pessoa traz o assunto seja claro ou meio encoberto no decorrer do aconselhamento esse assunto emerge e a gente pode lidar com isso, se não a questão fica de lado. O uso de textos bíblicos depende muito de cada caso, faço isso muitas vezes com a ajuda do meu pastor... mas cada caso é um caso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - identificação dos estressores emocionais - identificação da espiritualidade embutida nos problemas - uso seletivo de textos bíblicos - ajuda do pastor
Pergunta 4: Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais frequentes?	
<p>- Eu tenho lidado bastante com depressão em adolescentes, pânico em alto grau, um vazio existencial... normalmente acham que o adolescente é o problema e querem resolver o problema através do adolescente... Se a família concorda em ser trabalhada, então os resultados são muito melhores... quando o problema é do casal é a mulher que procura ajuda e é a mãe também que procura ajuda para os filhos.</p> <p>- No geral o que mais procuram são problemas de relacionamento, brigas de casais, separação, adultério, é... casais que estão separados e estão com dificuldade na educação dos filhos, e... normalmente crianças eu encaminho pra psicólogo, eu não atendo crianças...</p>	<ul style="list-style-type: none"> - depressão em adolescentes - pânico - vazio existencial - relacionamentos interpessoais e de casal - educação de filhos

Pergunta 5: Quais são as maiores dificuldades?	
<p>- com crianças... e quando o problema é da criança eu encaminho, e se o problema não é da criança, se é dos pais, a criança já é beneficiada com a ajuda aos pais.</p> <p>- Outra dificuldade é quando um paciente de um médico chega já tomando um medicamento, eu tenho essa dificuldade de saber dentro da psicofarmacologia pra o que serve... porque a gente não sabe lidar com isso e falar da Bíblia, da espiritualidade para alguém que, por exemplo, esta deprimida, não adianta nada, embora tenha textos bíblicos que falem disso, ela nem vai ouvir.</p>	<p>- atendimento de crianças</p> <p>- lidar com depressão</p>

A Conselheira 6 nos recebeu em sua residência para esta primeira entrevista. Ela é membro de uma igreja presbiteriana, na qual atende voluntariamente em Aconselhamento Espiritual. Seu atendimento é semelhante ao que pastores fazem no gabinete, pois tem uma sala no edifício ao lado da igreja e atende com hora marcada. Faz também algumas visitas. Outra característica é que está sempre disponível; quando a pessoa a procura, ela marca um horário o mais próximo possível e atende na igreja ou em visita.

Sua vivência no Aconselhamento Espiritual é através do atendimento de pessoas oriundas da comunidade em que está inserida sua igreja, tanto daqueles que são membros da mesma igreja, como membros de outras igrejas e aqueles que não têm nenhuma ligação com qualquer religião.

Nos seis anos em que está envolvida neste voluntariado, sua vivência tem sido *bastante gratificante*, tanto no atendimento como nos encaminhamentos que faz para profissionais da área de saúde mental.

Também tem *encontrado facilidade* nos atendimentos porque percebe que as pessoas que não têm condições financeiras para procurarem psicólogos ou psiquiatras são beneficiadas pelo Aconselhamento.

Rollo May (1976) nos diz que o Conselheiro que sente prazer na companhia de outras pessoas e se interessa pelo desejo delas, será automaticamente o tipo de pessoa que os atrairá, assim como a *personalidade mana* já comentada.

Diz ainda que o Conselheiro deve aprender a ser capaz de “*sentir tanto prazer de viver, como em seus objetivos*”, pois assim será capaz de desenvolver amizades e interesses exteriores. O Conselheiro deve estar certo de que está “*interessado nas pessoas, sem quaisquer outros interesses a não ser elas mesmas*” (pág. 143, 154).

A Conselheira 6 é formada em Educação Física e por muito tempo exerceu a função de Terapeuta Corporal. Depois de sua aposentadoria começou o trabalho de Aconselhamento Espiritual como voluntária, e sentindo a necessidade de se aprofundar no assunto, fez mestrado na área, depois de um curso básico. Na segunda entrevista nos conta que fez um curso especialização para atendimento em ansiedade e depressão no Instituto Pieron (Campinas – SP), após o Treinamento.

Uma das áreas que a Conselheira atende e diz que tem sido bastante gratificante é o Aconselhamento de adolescentes. Na opinião do pastor de adolescentes que entrevistamos para a tese de mestrado, com esta faixa etária os problemas que chegam para Aconselhamento são diferentes. Para os adolescentes o principal motivo que os leva a procurar um pastor é o sentido da vida, depois o relacionamento com os pais e em terceiro lugar as questões da sexualidade. (Becker, 2003).

Como já dissemos o trabalho desta Conselheira é sempre voluntário, ela nos conta que muitas vezes os aconselhados querem retribuir de alguma forma, então dão ofertas tanto para ela, como para a igreja que oferece este serviço. Estas ofertas vêm em forma de cestas básicas, contribuição financeira para transporte, para cursos, e que isto tem dois lados. Por um lado atrai pessoas que não teriam condições de procurar um médico, um psicoterapeuta, porém para alguns é muito difícil aceitar esta condição e outros até deixam de procurar por ser gratuito.

Esta experiência da Conselheira 6 concorda com os dizeres de Clinebell (1987). Segundo este autor os pastores geralmente não cobram pelo aconselhamento. Isso representa limitações e vantagens. Em sua opinião os significados neuróticos do dinheiro em nossa cultura, não estão imediatamente acessíveis ao trabalho terapêutico; além disso pode haver abuso do tempo do Aconselhamento. As vantagens seriam: inclui pessoas muito pobres, é mais fácil o acesso, (pois para marcar um médico pode levar dias), a informalidade facilita o relacionamento, o Conselheiro pode tomar a iniciativa de ir ao encontro de pessoas que necessitam de Aconselhamento (pág. 67-68).

O Aconselhamento Espiritual, seja ele feito pelo pastor ou por um leigo que pertença àquela comunidade eclesial, é um serviço que esta comunidade presta aos necessitados; esta é uma das atuações principais da igreja.

Vamos buscar nas palavras do conhecido teólogo Karl Barth (1981) a explicação do que é "serviço" no trabalho eclesial: *"Trabalho teológico é serviço. Servir, definido de modo geral, é uma forma de querer, de atuar, de agir, na qual a pessoa não procede em defesa da própria causa nem segue seus próprios planos, mas na qual age olhando a causa de outro, age de acordo com as necessidades e as ordens deste... O trabalho do teólogo se identifica com tal ação servidora - seja oração, seja estudo, seja ambas as coisas, simultaneamente. Equivale - mais uma vez por definição geral - ao misterium Verbi divini, ao pé da letra: 'serviço prestado à palavra de Deus'. O termo 'serviço' (atendimento) poderá lembrar o fato de que a palavra neotestamentária diákonos originalmente designava um serviçal, que atendia à mesa. O teólogo será o serviçal da sublime majestade da palavra divina, idêntica ao próprio Deus, a falar em seu agir."* (pág. 109) Na linguagem protestante todo cristão é servo e tem orgulho e prazer em ser *instrumento* nas mãos de Deus.

Outra idéia que aparece na fala desta Conselheira é a igreja como comunidade terapêutica. A idéia de igreja como comunidade terapêutica não é nova. Na compreensão neotestamentária o Aconselhamento é tarefa da comunidade, que funciona como uma comunidade que presta assistência, promove cura e possibilita crescimento. Quando afirmamos que a igreja é uma comunidade terapêutica, estamos afirmando sua natureza curativa e, portanto aceitando que em seu meio existe a saúde e a enfermidade. Nas

palavras do Dr. Jorge Léon (2001) "*Toda comunidade cristã é terapêutica porque se congrega em torno de Jesus Cristo e portanto, as pessoas que dela se aproximam podem receber sua influência curadora. É terapêutica, no sentido de que todos seus integrantes são, ou devem ser, conscientes do abismo existente entre o que são e o que devem chegar a ser. A ação terapêutica da Igreja se expressa então, tanto através do crescimento pessoal de cada um de seus membros, como na missão redentora e terapêutica com as pessoas que se aproximem dela*". (pág. 2).

Um dado interessante no trabalho desta Conselheira é que poucas igrejas têm este tipo de trabalho que ela faz, no Brasil. Um Conselheiro leigo atendendo pessoas tanto da própria igreja como de fora.

Na opinião de Clinebell (1987) há a necessidade de criatividade também na área do Aconselhamento Espiritual: "*Em cada período da história e em cada novo meio ambiente, a igreja precisa encontrar maneiras novas de satisfazer as necessidades de pessoas atribuladas - novos canais para seu secular ministério de assistência, cura e crescimento. É só assim que ela (a igreja, o pastor) pode permanecer relevante para as necessidades das pessoas. Os diversos métodos de poimênica e aconselhamento pastoral proporcionam um canal cada vez mais amplo de cura e crescimento no período da história da igreja em que vivemos... O aconselhamento pastoral precisa achar um novo nível de auto-identidade e maturidade aprofundando suas raízes teológicas, ampliando sua metodologia e descobrindo sua contribuição singular na ajuda à humanidade atribulada, com referência tanto à sua própria herança quanto às outras disciplinas de ajuda*" (pág. 16).

No trecho da fala da Conselheira 6: *...a gente vai vendo dentro do quadro familiar, os possíveis estressores emocionais... na área do relacionamento dos membros da família, como eles se relacionam no trabalho, na família de origem, como é a relação do casal com a família de origem do cônjuge. Eu gosto muito da linha de Viktor Frankl, da Logoterapia, porque mesmo que a pessoa chegue ali com um problema não ligado a espiritualidade... a espiritualidade sempre está embutida nos problemas e eu me sinto muito à vontade para lidar com a espiritualidade...* vemos que ela utiliza os recursos de várias técnicas de psicoterapia e também a espiritualidade.

De acordo com os conceitos da Terapia Familiar Sistêmica, o indivíduo é entendido como fazendo parte de vários sistemas com os quais ele interage e que contribuem para o seu desenvolvimento. A família é o principal sistema já que o acompanha desde o seu nascimento. É na família que o ser humano vai se percebendo e construindo a sua auto-imagem. Nesta ótica, o sintoma é um pedido de socorro, uma tentativa de reequilibrar um sistema ameaçado, a melhor solução encontrada pelo paciente identificado que assumiu a responsabilidade de carregar as mazelas da família.

A Logoterapia é um sistema teórico-prático de psicologia, criado por Viktor Frankl, que se tornou mundialmente conhecido a partir de seu livro "Em Busca de Sentido" (Um Psicólogo no Campo de Concentração) no qual expõe suas experiências nas prisões nazistas e lança as bases de sua teoria. De acordo com Allport: *"trata-se do movimento psicológico mais importante de nossos dias"*.

O termo "logos" é uma palavra grega que significa "sentido". Assim, a *"Logoterapia concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a Logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano... A Logoterapia é considerada e desenhada como terapia centrada no sentido. Vê o homem como um ser orientado para o sentido"*. (Frankl). O homem sempre procurou dar um sentido à sua vida e aprofundar-se em sua existência. A frustração dessa necessidade é um sintoma do nosso tempo. O sofrimento e a falta de sentido configuram o vazio existencial que muitos experimentam.

Podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando uma fatalidade não pode ser mudada. É necessário haver uma mudança de atitude frente ao destino inalterável. O sofrimento não é necessário para encontrar sentido, o sentido é possível apesar do sofrimento, desde que o sofrimento seja inevitável. (Becker, Técnicas Psicoterápicas – Logoterapia, apostila para o Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais, 2004, trabalho não publicado).

Estas palavras da Conselheira 6 também estão de acordo com Collins (1984), quando diz que o Aconselhamento deve: *"prover encorajamento e orientação para aqueles que tenham perdido alguém querido ou estejam sofrendo uma decepção; e para assistir às*

peças cujo padrão de vida lhes cause frustração e infelicidade. Além disso, o conselheiro cristão busca levar o indivíduo a uma relação pessoal com Jesus Cristo e seu alvo é ajudar outros a se tornarem, primeiramente, discípulos de Cristo e depois discipularem outros" (pág. 12).

Os problemas que mais aparecem para Aconselhamento são: depressão em adolescentes, pânico, vazio existencial, relacionamentos, brigas de casais, separação, adultério, educação de filhos.

Esta Conselheira comenta que dificilmente consegue concordância da família para ser trabalhada como um grupo, como indica a técnica da Terapia Familiar Sistêmica. Para ela o mais comum é que os pais queiram resolver os problemas através do filho adolescente.

Raquel Soifer (1989) em seu trabalho com crianças e adolescentes em grupo, junto com orientação dada aos pais, chegou a resultados excelentes: *"Comprovamos que... combinando a técnica da psicoterapia grupal com a orientação dada aos pais na mesma entrevista, e permitindo a estes últimos presenciar o tratamento dos filhos e participar nele, obtínhamos significativas modificações que determinavam não apenas o desaparecimento dos sintomas nas crianças como também seu harmonioso desenvolvimento psíquico e uma fluida e adequada comunicação com os progenitores"* (pág. 16).

Durante a entrevista observamos que o trabalho desta Conselheira é bem diferente dos outros Conselheiros leigos, assemelhando-se aos modelos dos Conselheiros profissionais nos países onde esta profissão é regulamentada, como citado na Revisão de Literatura. Isto foi confirmado na segunda entrevista quando ela nos recebeu em sua sala, em uma Clínica de Terapia Pastoral, onde atende em Aconselhamento junto com dois pastores. Perguntamos então: - Como foi o seu caminho como leiga para o aconselhamento?

Alguns trechos da sua resposta: ... *fui parar no aconselhamento por que... a minha igreja que é pequena, só cerca de 150 membros, nós tivemos muitas trocas de pastores, em 10 anos nós tivemos 4/5 pastores e isso não criava vínculo com a comunidade dali, e como eu estou lá há quase 15 anos, eu tinha mais contato com as pessoas, isto facilitava a procura dessas pessoas por um trabalho de aconselhamento e também o que me despertou foi a questão do stress do pastor, dos problemas emocionais da família do pastor que eu vivenciava ali na comunidade, que gerou a minha dissertação de mestrado, **O stress do ministro religioso**. Isto foi o que me despertou... porque os pastores em geral fazem aconselhamento Sapir breve e não tem uma continuidade, um acompanhamento, um follow up e eu atendo às vezes pessoas até anos, porque ela vai, depois ela volta, e cria aquele vínculo de confiança e que aparece alguma fase da vida que nós não tratamos, aí ela volta. Não tem um limite de tempo para atendimento, é meio rogeriano, a pessoa é que define quando ela está bem, eu vou anotando e passando pra ela as melhoras, as conquistas que o grupo vai tendo e ela mesma vai se desligando, mas fica o vínculo. O psicólogo, o psiquiatra não forma esse vínculo, como eu não sou psicóloga eu posso formar esse vínculo, é lógico que eu tenho um distanciamento necessário e possível, mas existe a proximidade da vivência, na igreja, embora na igreja haja uma dificuldade.... Tem pessoas que por eu ser da igreja se sentem intimidadas para falar sobre problema da família, então algumas preferem pessoas desconhecidas para falar sobre isso... Às vezes eu sinto falta, como leiga, da autoridade do pastor, às vezes eu chamo o pastor para a minha sala, porque a pessoa também sente necessidade da autoridade do pastor.*

O motivo principal que levou esta Conselheira a se interessar pelo trabalho de Aconselhamento Espiritual em sua comunidade eclesial foi a dificuldade com a freqüente mudança de pastores e o próprio stress dos pastores que trabalhavam nesta igreja.

Este parecer concorda com os resultados parciais de uma pesquisa que esta pesquisadora está realizando, junto a pastores de diferentes regiões do país, agrupados no Projeto Timóteo e que foi tema do Exame de Qualificação para este doutorado. Este grupo tem como finalidade trabalhar e equipar pastores para lidar com o stress cotidiano da sua profissão.

Alguns dados colhidos na pesquisa até então nos informavam:

- de 12 entrevistados, 12 afirmaram já ter passado por episódios de stress;
- 4 declaram-se em stress;
- sintomas:
- doenças psicossomáticas: gastrite, cefaléia, hipertensão, hipoglicemia, diabetes, problemas na coluna, sudorese excessiva, obesidade, dor muscular;
- cansaço físico e mental;
- insônia;
- solidão;
- tristeza – melancolia;
- desmotivação;
- medos;
- hipersonia;
- ansiedade;
- transtornos mentais: tricotilomania.

Quanto a manter um distanciamento necessário, sua posição concorda com a opinião de Hillman (1985): *“Manter distância toca a natureza das coisas que são segredo e do respeito exigido por essa área”* (pág. 30).

Na igreja protestante, historicamente, o pastor é uma figura de autoridade representa a sabedoria e por esta razão algumas pessoas não aceitam o trabalho do leigo no Aconselhamento Espiritual e o próprio Conselheiro leigo precisa recorrer ao pastor para que o aconselhando sinta-se melhor com o Aconselhamento laico. Assim também se expressou a Conselheira 5.

Porém de outro lado, alguns preferem o Aconselhamento leigo, pois como sustenta Jung (2001), a razão porque as pessoas hesitam em confessar ao ministro, preferindo ao invés, um psiquiatra, é seu medo de serem condenados pelo ministro.

Suas maiores dificuldades são com crianças, as quais ela não atende, encaminha para psicólogos especializados em psicoterapia com crianças, e com pacientes que tomam medicamentos psiquiátricos. Acha difícil falar da Bíblia e da espiritualidade, por exemplo, para deprimidos, pois estes podem nem sequer ouvir.

Na opinião de White (1987), ao lidar com uma pessoa seriamente deprimida, o Conselheiro Espiritual, *“pode oferecer ajuda, seja qual for a raiz da depressão... ensinar, encorajar os sofredores (se tiverem suficiente capacidade de concentração) a estudar a Bíblia de maneira sólida, indutiva...”* (pág. 1).

7.6a - Conselheiro 6 – Entrevista 2

QUADRO RESUMO -

<p>Igreja: Presbiteriana</p> <p>Formação: Pedagoga, Mestrado em Aconselhamento Pastoral</p> <p>Tempo de Aconselhamento: 6 anos</p> <p>Frequência de atendimento: 2 tardes por semana</p>	
Transcrição do Trecho Pertinente da Fala do Entrevistado	Unidades Significativas
<p>Pergunta 1: Como foi o Aconselhamento depois do treinamento e se tiver, por favor, conte algum caso onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento</p>	
<p><i>... me deu segurança pra trabalhar cada caso de uma maneira mais assertiva, com mais segurança, porque na exigência de encaminhar alguns aconselhados que eu tinha simplesmente um insight que precisava de tratamento medicamentoso e isso se confirmava na consulta com psiquiatra. Então isso foi me dando muito mais segurança dentro do ministério do Aconselhamento.</i></p> <p><i>- ...ela chegou com depressão... tinha possibilidade de fazer um tratamento, uma psicoterapia, mas ela não queria, foi procurar a igreja por indicação... já tinha usado o serviço de Aconselhamento que é oferecido lá na igreja, e ela chegou com depressão profunda. Ela foi num ginecologista...fez uma medicação sem ser apropriada e eu insisti que ela deveria procurar um psiquiatra e depois de um mês nós conseguimos começar o Aconselhamento mesmo, o processo de Aconselhamento... isto durou quase um ano, foi muito bom, os resultados foram excelentes pra ela, pra o marido, pra família toda... ela estava reformando a casa... os dois aposentados, uma fase que deveria já estar usufruindo da sua aposentadoria e ela não conseguia nem escolher um azulejo pra casa, aquilo pra ela era um peso enorme, uma coisa horrível... ela conseguiu integrar-se de novo na família, que estava desintegrando, ela e os dois filhos casados, a família conseguiu uma reintegração e ela conseguiu até se dispor a cuidar de um netinho que surgiu nesse tempo... eu me senti mais firme na exigência de que ela fosse procurar um psiquiatra por saber da importância disso...</i></p>	<p>- adquiriu segurança para o encaminhamento</p> <p>- maior segurança no trabalho do Aconselhamento</p>

Cerca de nove meses após o Treinamento, a Conselheira 6, nos recebeu para esta entrevista em sua sala, em uma Clínica de Terapia Pastoral. Este modelo é semelhante ao descrito na literatura como o trabalho profissional de Conselheiro, comentado por Clarkson (1994), Rollo May (1976), existente em vários países, porém não no Brasil. Neste local e em sua igreja de origem ela atende em Aconselhamento Espiritual, dedicando voluntariamente uma tarde da semana para cada um. Demonstra alegria e prazer em fazer este trabalho voluntário e grande interesse em crescer no conhecimento para exercer este trabalho.

Embora, esta Conselheira tenha bastante experiência em Aconselhamento, já tenha feito um mestrado nesta área, teve um bom aproveitamento do Treinamento. Na primeira entrevista ela nos revelou que sua dificuldade estava em conhecer tanto a medicação, como os efeitos desta em seus aconselhados.

O Treinamento permitiu que esta Conselheira tenha mais segurança para trabalhar no Aconselhamento, seja mais *assertiva* e faça encaminhamentos tendo a certeza desta necessidade. No final da entrevista ela enfatiza a importância do aprendizado para um encaminhamento mais adequado.

M. Scott Peck, dedica um tópico de seu livro: *A Trilha Menos Percorrida*, onde fala sobre o Amor e Psicoterapia, e neste tópico diz: “... *se um terapeuta leigo, com um mínimo de treinamento e sem nenhuma credencial, exercer uma grande capacidade para o amor, ele alcançará resultados iguais aos dos melhores psiquiatras*” (pág. 159). Podemos afirmar que este comentário aplica-se adequadamente à Conselheira 6, embora ela não tenha somente o “*mínimo de treinamento*”, pois é mestre em Aconselhamento Pastoral.

Em seguida ela nos conta do Aconselhamento de uma pessoa que chegou com depressão e que embora tivesse condições financeiras para procurar uma psicoterapia, optou pelo Aconselhamento devido às suas dificuldades de aceitar o tratamento psicoterapêutico ou psiquiátrico.

Esta dificuldade é comum como comenta C. S. Lewis (1977): *“A freqüente intenção de ocultar a dor mental aumenta o peso. É mais fácil dizer ‘me dêi o estômago’, do que dizer ‘tenho o coração quebrantado’. No entanto, se a causa é aceita e enfrentada, o conflito fortalecerá e purificará o caráter e com o tempo a dor geralmente passará”* (pág. 152).

Esta pessoa que a procurou tinha como referência um familiar que já havia utilizado o serviço de Aconselhamento oferecido por esta Conselheira através de sua igreja local.

De acordo com o que foi apreendido em Psicopatologia durante o Treinamento, esta Conselheira faz o diagnóstico de depressão profunda desta aconselhanda, de acordo com a indicação do DSM e IV e de Dalgalarrondo (2000).

Em um primeiro momento esta pessoa vai a um médico não especialista em Saúde Mental e a medicação não apropriada leva esta Conselheira a insistir que sua aconselhanda procurasse um psiquiatra. Depois de cerca de um mês que a aconselhanda estava nesta busca, então se inicia o Aconselhamento que se alonga por meses, com resultados satisfatórios para a Conselheira e aconselhanda.

Peck (1994) vê o sofrimento emocional, especialmente a depressão, como uma oportunidade de crescimento. Quanto a procura de um psiquiatra para tratar a depressão ele diz: *“O ato de decidir procurar a atenção de um psiquiatra, em si mesmo, representa abrir mão da auto-imagem ‘Estou OK’... O sentimento associado à entrega de alguma coisa amada – ou pelo menos de algo que seja parte de nós mesmos e familiar – é a depressão”* (pág. 69).

Para a Psicologia Analítica a depressão é um represamento da energia, que, quando libertada, pode tomar uma direção mais positiva (Sammuels, s/d).

Observamos através dos resultados, que o trabalho desta Conselheira com esta pessoa depressiva toma uma direção positiva. De acordo com suas palavras: *ela conseguiu integrar-se de novo na família... ela e os dois filhos casados, a família conseguiu uma reintegração e ela conseguiu até se dispor a cuidar de um netinho que surgiu nesse tempo.*

O estilo de trabalho desta Conselheira, particularmente com a aconselhanda citada, condiz com o comentário de Yalom, citado por Blazer (2002): *“O sentido, como o prazer, deve ser perseguido indiretamente. Um senso de significância é um subproduto do engajamento... Engajamento é a resposta terapêutica à falta de sentido, independentemente de qual seja sua motivação última... Encontrar um lar, cuidar de outros indivíduos, cultivar idéias e projetos, pesquisar, criar, construir – estas e outras formas de compromisso são duplamente recompensadoras: elas são intrinsecamente enriquecedoras e aliviam o mal-estar que deriva do ser bombardeado com informações contraditórias da existência”* (pág. 227).



8- DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

8.1 – O Treinamento

O Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais foi realizado no segundo semestre de 2004, nas dependências do Seminário Presbiteriano do Sul, em Campinas, cedido gratuitamente, com seis participantes.

Iniciamos o Treinamento em 09 de agosto e terminamos em 13 de dezembro, com encontros semanais de cerca de três horas. Tivemos mais um encontro de encerramento em 18 de dezembro com uma avaliação e confraternização nas dependências da 1ª Igreja Batista de Campinas.

As aulas foram divididas como descritas abaixo com os respectivos professores:

TEMA	PROFESSOR	INSTITUIÇÃO
Introdução ao Aconselhamento Espiritual	Maria Cândida Becker	Doutoranda/FCM/ UNICAMP
Neuroses e Reações de Adaptação	Joel Giglio	Prof./FCM/UNICAMP
Quadros Orgânicos Cerebrais	João Batista Laurito Jr.	Psic./HC/UNICAMP
Psicoses Funcionais e Distúrbios de Personalidade	Fernando Tomita	Psiquiatra Clínico
Noções de Psicofarmacologia	Carlos Cais	Doutorando/FCM/ UNICAMP
Técnicas Psicoterápicas:		
Psicoterapia Psicanalítica	Paulo Augusto C. Moraes	Doutorando/FCM/ UNICAMP
Psicoterapia Analítica	Joel Giglio	
Psicoterapia Existencial	Maria Cândida Becker	
Psicoterapia Cognitivo/Comportamental	Marisa Mauro	Psicóloga/FCM/ UNICAMP
Alcoolismo e Drogadição	Renata Azevedo	Prof./FCM/UNICAMP
Psicologia do Desenvolvimento	Maria Cândida Becker	
Psicologia da Religião	Paulo A. C. Moraes	
Aconselhamento Psicológico e Espiritual	Maria Cândida Becker	

Os inscritos foram seis, havendo uma desistência por problemas de saúde, sendo este substituído por outra pessoa interessada. Os treinandos caracterizaram-se por serem três pastores e três leigos, de Campinas e região.

Entre os leigos, quanto à profissão tivemos: um engenheiro mecânico, uma Educadora Religiosa e uma professora de Educação Física (aposentada).

O nível de envolvimento e de experiência em Aconselhamento Espiritual era variável, indo de um pastor que faz Aconselhamento no gabinete e visitação até onze horários por semana; uma conselheira leiga que atende em sala adequada com horário marcado, nos moldes do conselheiro profissional de países como Estados Unidos e Inglaterra; e conselheiros pastores e leigos, que fazem aconselhamento informal à medida que são procurados.

As aulas transcorreram em clima de cordialidade, sempre com oportunidade para muitas perguntas, o que proporcionava uma discussão mais intensa no assunto ministrado. Os professores entregaram material referente aos temas para os participantes e sugeriram bibliografia.

A escolha dos professores foi feita pela pesquisadora junto com o orientador, procurando profissionais altamente capacitados em suas áreas.

Os temas propostos não fazem parte dos conhecidos cursos de Aconselhamento, porque buscou dar informações novas, diferenciadas dos cursos existentes, especialmente os temas relacionados à Saúde Mental e Psicologia. Temais tais como Noções de Psicofarmacologia, Quadros Orgânicos Cerebrais, e Psicoses Funcionais e Distúrbios de Personalidade eram os mais desconhecidos.

A pesquisadora esteve presente em todas as aulas, sem exceção, como indica a literatura, e ministrou quatro delas.

O tema Alcoolismo e Drogadição, pelo interesse despertado, foi aberto a outros profissionais e contamos com mais seis pessoas nesta aula.

Embora os inscritos foram somente seis, houve muito interesse no Treinamento, inclusive de diferentes regiões do país. Porém outros interessados não puderam participar devido a distância e o custo das viagens. Há pedidos para que esta pesquisadora elabore um Treinamento semelhante, mais resumido, para ser levado a diferentes regiões do país.

8.2 - A Discussão das Entrevistas 1

8.2.1 – A caracterização dos sujeitos

Dentre os dados de caracterização de cada sujeito entrevistado podemos observar que:

- Os Conselheiros 1, 2 e 3 são pastores, bacharéis em Teologia e atuam em igrejas batistas.
- A Conselheira 5 é também membro de uma igreja batista e os Conselheiros 4 e 6 são membros de igrejas presbiterianas.
- Apenas o Conselheiro 1 tem outro curso de graduação, em Direito.
- O Conselheiro 1 já foi professor de Aconselhamento Pastoral em Faculdade de Teologia.
- Os Conselheiros 1 e 3, pastores, atuam na área de evangelização e atendem menos em Aconselhamento que o Conselheiro 2, também pastor.
- Os Conselheiros 4, 5 e 6 são leigos.
- O Conselheiro 4 pretende dedicar-se ao Aconselhamento em empresas após a aposentadoria e está se preparando para isto.
- A Conselheira 5 mudou de área de atuação após o Treinamento e atende em Aconselhamento apenas seus discipulandos.

- Esta Conselheira fez pós-graduação em Educação Religiosa.
- Como leiga, apenas a Conselheira 6, atende em sala apropriada e com hora marcada.
- Esta Conselheira é a única que fez mestrado em Aconselhamento Pastoral.
- O tempo de experiência em Aconselhamento Espiritual varia de 6 a 21 anos.
- A frequência de atendimento varia entre atendimentos informais somente quando o Conselheiro é procurado até a reserva de onze horários por semana para atendimento no gabinete ou visitação.

De acordo com a metodologia proposta, vamos aqui na discussão verificar as convergências e divergências encontradas entre os sujeitos analisados dentro de uma mesma categoria de unidades significativas.

8.2.2 - Como é a vivência no Aconselhamento

Os Conselheiros que participaram do Treinamento têm uma vivência no Aconselhamento Espiritual que se expressa nas atitudes, nos princípios bíblico-teológicos, tendo em comum o intuito de ajudar, colaborar, orientar, ouvir, com vistas a evangelização para conversão, reconciliação com outros e com Deus, transformação de vidas; auxiliados pela presença da fé, pelo discernimento do Espírito Santo e por técnicas psicoterápicas.

A maneira como os Conselheiros descrevem sua vivência no Aconselhamento Espiritual difere de um para outro, pois alguns fazem uma reflexão da sua experiência, outros comentam sobre quem os procura e outros ainda descrevem como fazem Aconselhamento.

Os Conselheiros 1 e 3 têm atividades mais voltadas para a evangelização e o Aconselhamento Espiritual é feito à medida que as pessoas evangelizadas trazem seus problemas. Para estes pastores o Aconselhamento é informal, a vivência é menor do que a do Conselheiro 2 (também pastor), em diferentes aspectos e por diferentes motivos.

O Conselheiro 1, diz que não se envolve muito com Aconselhamento Espiritual porque esta não é sua área. Porém quando a pessoa se converte, ela vem com vários problemas e aí acontece o Aconselhamento. O Conselheiro 3 está mais voltado para a evangelização através de estudos bíblicos nos lares e os problemas que lhe são trazidos, quando complexos, são encaminhados para um profissional da área de saúde mental.

O Conselheiro 4 também afirma que não tem grande vivência, porém o motivo que alega, é porque é leigo, faz o Aconselhamento Espiritual de modo informal. Ele é procurado por dois grupos diferentes: os colegas de trabalho e os jovens e adolescentes da igreja a que pertence.

Forghieri (2007) fala deste atendimento informal, dizendo que isto pode acontecer *“nos mais variados ambientes, e não apenas nos consultórios”* (pág. 111). E, além disto, que à primeira vista este tipo de atendimento pode parecer ser muito fácil, entretanto *“esta é uma tarefa difícil”*, porque em um primeiro momento confrontar uma pessoa que está sofrendo pode nos causar um mal-estar (pág. 112).

De acordo com Wayne Oates, os Conselheiros 1, 2 e 3 por serem pastores não possuem o privilégio de decidir se vão fazer Aconselhamento ou não, a *“opção não é entre fazer aconselhamento ou não fazê-lo, mas entre fazer aconselhamento de uma forma disciplinada e competente e fazê-lo de uma forma indisciplinada e incompetente”* (Oates, in Clinebell, 1987, pág. 44). Esta atividade está implícita na função do pastor.

A Conselheira 5 também faz Aconselhamento informal, sem local específico, e apenas quando há necessidade vai com o aconselhando para um local reservado.

Os Conselheiros 2 e 6 embora 2 seja pastor e 6 leigo, fazem Aconselhamento em gabinete, com hora marcada, dispõem de várias horas por semana para esta atividade. Ambos atendem pessoas de suas próprias igrejas e de outras igrejas protestantes, na maioria. Ambos fazem visitas nos lares.

O atendimento em um local apropriado, um gabinete, à semelhança de um consultório de um analista, pode ser mais bem encarado quando visto como um templo de preservação, ou *temenos*, um santuário libertador que dá proteção. Por *temenos* Jung designa a delimitação, “*o recinto de um templo ou de algum lugar sagrado e isolado*”, um lugar onde a presença de Deus pode ser sentida (Jung, 1984, § 157; Hillman, 1985, pág. 32; Samuels, 1988, pág. 210).

O Aconselhamento informal, tanto feito por leigos como por pastores, de acordo com Clinebell (1987) é informal pelo fato de que: em termos de ambiente, atitude, estrutura, seqüência; “*o ambiente pode ser qualquer lugar – uma esquina de rua, uma mercearia, um quarto de hospital, o salão paroquial, o escritório ou sala de estar de um paroquiano, um avião, um ônibus ou uma piscina. O aconselhamento acontece no contexto de uma relação identificada como aconselhamento – um encontro casual ou uma visita pastoral, talvez depois de uma reunião ou do culto dominical. A disposição mental da pessoa reflete essa atmosfera informal. Ela provavelmente encara o que está acontecendo como ‘discutir um problema com o pastor’, e não como aconselhamento... Esse aconselhamento informal de curta duração pode ser de grande ajuda para algumas pessoas.*”

Falando ainda sobre pessoas que procuram o aconselhamento informal diz que algumas pessoas têm grande dificuldade em marcar formalmente uma hora para o aconselhamento, mesmo que estejam às voltas com problemas muito dolorosos. Elas acham que fazer isso seria admitir um fracasso, o que intensificaria seus sentimentos de baixa auto-estima e impotência. É por isso que a capacidade do conselheiro de ir “*até as pessoas, colocar-se emocionalmente à disposição, oferecer ajuda e estabelecer relações informais de aconselhamento*” é um recurso inestimável, que deveria ser usado ao máximo. (págs. 185-186)

A Conselheira 6, assim como a Conselheira 5, diz que sua vivência tem sido bastante gratificante. Ambas se prepararam para este trabalho; a Conselheira 5 graduou-se e tem pós-graduação em Educação Religiosa, feitas em faculdade de Teologia e a Conselheira 6, quando iniciou seu trabalho como Conselheira voluntária em sua igreja, fez um mestrado em Aconselhamento Pastoral, além de outros cursos voltados para a área.

A necessidade, a intenção e o desejo de maior conhecimento de áreas que contribuam para um atendimento em Aconselhamento com uma melhor qualidade, são expressos por todos os Conselheiros que participaram do Treinamento, na primeira entrevista:

- **Conselheiro 1:** *...eu tenho que me aperfeiçoar nessa área, eu vejo que as minhas frustrações são mais pela minha falta de preparo...*
- **Conselheiro 2:** *... tenho procurado fazer mais cursos, conhecer novas técnicas para me aperfeiçoar, para me dedicar melhor a este ministério.*
- **Conselheiro 3:** *... vou lidar com pessoas mais velhas, de mais experiência também na igreja e que vão precisar de mais aconselhamento, vou precisar ajudar mais as pessoas.*
- **Conselheiro 4:** *Na verdade estou tentando me preparar para o futuro, a minha intenção é trabalhar com isto no futuro... Fui me envolvendo, fiz um curso de liderança... estou fazendo pós-graduação em Teologia...*
- **Conselheiro 5:** *... a gente se preparou pra ajudar na igreja, pra trabalhar com pessoas...*
- **Conselheiro 6:** *...fiz um curso básico de aconselhamento... e a partir daí fui incentivada a fazer um mestrado na área de aconselhamento e me equipar melhor para o atendimento.*

O crescimento, a reciclagem, os novos conhecimentos, devem ser constantes para os Conselheiros, de acordo com Clinebell (1987), já citado.

De acordo com este autor o aperfeiçoamento das aptidões em Aconselhamento é um desafio contínuo, que dura a vida toda. O cerne da arte do Aconselhamento somente pode ser aperfeiçoado pela experiência. O Conselheiro é um canal finito e por vezes defeituoso para o poder de “cura” do universo.

Este poder de “cura” nas palavras de Paul Tillich (1972) é o que “*torna possível a aceitação, é o recurso em toda poimênica. Ele está atuando naquele que presta ajuda e precisa tornar-se efetivo naquele que recebe ajuda... Isto significa que tanto o pastor como o aconselhando... se encontram sob o poder de algo que transcende a ambos. Pode-se chamar este poder de ‘a nova criatura ou o Novo Ser’. O aconselhador pastoral somente pode ajudar se ele próprio é tomado por este poder*” (pág. 4).

8.2.3 - Como é fazer Aconselhamento

1	<i>... totalmente incapaz...tentativa frustrada...não procuro me envolver muito</i>
2	<i>... sinto bem... gosto... me aperfeiçoar para me dedicar melhor a este ministério</i>
3	<i>...gosto de conversar com as pessoas... falar da Bíblia</i>
4	<i>... fazer uma coisa que eu gosto, que me sinto bem, diferente do dia-a-dia... gosto de trabalhar com pessoas</i>
5	<i>.... gratificante... eu gosto...</i>
6	<i>.... eu gosto muito... tem sido bastante gratificante... tenho encontrado facilidade</i>

Com exceção do Conselheiro 1, os demais expressam prazer e realização no aconselhar. Independente da função principal de cada um, pastores ou profissionais de outras áreas que se dedicam ao Aconselhamento Espiritual, expressam que fazer Aconselhamento é positivo.

O Conselheiro 1, diz sentir-se *totalmente incapaz* na tarefa de aconselhar; este sentimento foi gerado por tentativas frustradas de aconselhar pessoas que foram procurá-lo com questões para as quais ele não se sentia preparado. Quando fala de sua vivência, explica que na medida em que as pessoas que ele evangeliza passam pela conversão, trazem problemas tais como: alcoolismo, drogadição, relacionamentos familiares, pais e filhos.

Notamos que nestes casos, ele sente-se mais seguro em mostrar que a vivência após a conversão poderá ajudá-la a resolver os problemas. Porém a incapacidade é sentida por ele quando é procurado para Aconselhamento por problemas de relacionamentos de casal; ou quando na tentativa de aconselhar ele não observa resultados. Sua percepção muda após o Treinamento, o que veremos na segunda entrevista.

Os Conselheiros 2, 3, 4, 5 e 6 utilizam a palavra “gostar” para dizer como é para eles fazer Aconselhamento.

O Conselheiro 2 diz sentir-se bem, o que é observável pelo entusiasmo com que fala deste trabalho, pelo interesse em se preparar para uma melhor atuação, ou na sua linguagem: *dedicar melhor a este ministério*.

O Conselheiro 3 embora tenha dito que sua vivência no Aconselhamento é pequena, que sua experiência é maior na Evangelização, afirma que gosta de conversar, de modo especial falar da Bíblia para as pessoas.

A evangelização, função principal dos Conselheiros 1 e 3 é uma das atividades do Conselheiro cristão, de acordo com Clinebell (1987). O Conselheiro cristão lida com pessoas em crise e além disso “... busca levar o indivíduo a uma relação pessoal com Jesus Cristo e seu alvo é ajudar outros a se tornarem, primeiramente, discípulos de Cristo e depois discipularem outros” (pág. 12).

O Conselheiro 4 tem uma experiência diferenciada e uma expectativa também diferente. Ele trabalha em uma empresa como gestor de uma área. Neste local e nas suas atividades de liderança em sua igreja é que faz Aconselhamento informal. Pelo prazer que tem em realizar esta atividade, tem um plano de após a aposentadoria iniciar no Brasil um tipo de Aconselhamento quase inédito que é o Aconselhamento Industrial, ou Empresarial. Para este intento está se preparando intensamente nos últimos anos. Ao falar como é fazer Aconselhamento, ele diz que esta atividade é diferente do seu dia-a-dia na empresa, pois gosta de trabalhar com pessoas.

Para a Conselheira 5, fazer Aconselhamento é uma maneira de ser útil na vida de outra pessoa, e para ela é gratificante ser procurada para aconselhar, pois isto revela que é digna de confiança.

Com um intenso trabalho como voluntária no Aconselhamento, a Conselheira 6 diz que esta atividade tem sido gratificante e tem encontrado facilidade na mesma. Entendemos que a gratificação vem através dos resultados que obtém no seu trabalho, que se tornou mais fácil pela habilidade adquirida nos cursos preparatórios, já citados e através da experiência.

Estes Conselheiros que demonstram prazer em aconselhar, o fazem ligados ao sentimento do prazer de “servir”, no sentido bíblico-teológico, de atuar, de agir, não em defesa da própria causa nem de seus próprios planos, mas agindo na causa de outro, de acordo com as necessidades daquele, tendo como norteador as palavras de Jesus: “... sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizeste” (Mateus 25:40).

8.2.4 - O que é usado no Aconselhamento

- **Conselheiro 1** – oração – texto bíblico – técnicas psicoterápicas de apoio
- **Conselheiro 2** – encontros de 45m a 1h – perguntas reflexivas – texto bíblico – “prontuário” – encaminhamento
- **Conselheiro 3** – ouvir – texto bíblico – oração – encaminhamento
- **Conselheiro 4** – ouvir – textos bíblicos – oração – encaminhamento
- **Conselheiro 5** – aplicação de textos bíblicos – oração – encaminhamento para pastor
- **Conselheiro 6** - elucidação da queixa – técnicas psicoterápicas – textos bíblicos – condução à espiritualidade – encaminhamento

Observamos que os Conselheiros 1, 3, 4 e 5 referem-se a utilização da oração no Aconselhamento Espiritual. Embora os Conselheiros 2 e 6 não tenham se referido diretamente à oração no Aconselhamento, o contexto das duas entrevistas nos faz deduzir que eles também a utilizam.

A prece, a oração é uma prática milenar em diversas e distintas religiões, tradicionalmente associada a bem-estar, promoção da saúde, introspecção, espiritualidade. Essa prática passou a ser tema de pesquisa e discussão intensa desde a década de 80, com diversas e distintas posições e achados. (Guimarães, Rev. Psiq. Clín. 34, supl. 1, pág. 91, 2007).

A “*linguagem da experiência religiosa*” é como Johnson (1964) define a oração.

Para Vergote (1975) oração é: “... *freqüentemente o grito do homem ameaçado... um grito de socorro. Na medida em que o homem sente-se ameaçado em seu desejo de viver, conjura o destino apelando ao Pai Onipotente. Incluindo os céticos, em situações de extrema angústia, sentem tentação de orar*”.

Diz ainda Vergote que as explicações mágico-religiosas da existência suscitam algumas respostas, por parte do indivíduo, quando diante das contingências da vida, como, por exemplo, a doença. Estas respostas seriam as explicações do por que da doença, justificando-se a existência da mesma como castigo divino diante do pecado, possessão por espíritos malignos, obra de feitiçaria, entre outras.

Outra resposta humana, possível diante do sofrimento seriam as intervenções, como por exemplo: “*os exorcismos, ações penitenciais, práticas rituais para aplacar a ira da divindade, lamentos e súplicas individuais e coletivas, pessoais e litúrgicas... que envolvem o plano divino, da Força Superior que governa a existência. Entre estes últimos estaria a oração*” (Enzo 1999).

Para Bonhoeffer (1980), “*a oração é uma necessidade natural do coração humano*” (pág. 95), que simboliza a relação do ser humano com o divino.

Há uma diferença citada pelo Conselheiro 4, dizendo que quando aconselha pessoas de sua igreja ora *com* eles e quando aconselha pessoas da empresa em que trabalha, utiliza textos bíblicos, porém diz que vai orar pela pessoa em momento posterior. Acreditamos que este cuidado é para não intimidar a pessoa e não indicar proselitismo.

De acordo com Hillman (1985) o conselheiro que segue a *imitatio Christi* deve ter como prática a oração (pág. 45).

Todos os Conselheiros que participaram do Treinamento utilizam no Aconselhamento Espiritual textos bíblicos aplicados propriamente a queixa do aconselhando.

A utilização de textos bíblicos, a leitura da Bíblia é uma prática freqüente no meio protestante, embora hoje esteja mais disseminada em grande parte das pessoas. A Bíblia sempre mereceu grande atenção do protestantismo histórico e também do pentecostalismo clássico.

Embora Jung critique o protestantismo pela perda da autoridade da Igreja, diz que em compensação “... *o protestantismo reforçou a autoridade da Bíblia*” (Jung, 1975, § 34).

O Conselheiro 2 faz uma aplicação direcionada dos textos bíblicos, como um “receituário”, incluindo horários, manhã, tarde e noite, segundo ele aprendido no livro *Psiquiatria de Deus*, “*eu pego a Palavra, trabalho muito na área da esperança, na área do amor de Deus e sempre mostrando pra ela que há um caminho, que o caminho é viável, isso amarro com que ela volte outra vez, eu receito pra ela três textos bíblicos, pra ela ler todos os dias, um pela manhã, um à tarde e um à noite, de caso a caso eu escolho os textos bíblicos. Às vezes a pessoa está sem esperança, eu escolho textos bíblicos relacionados com isso, às vezes a gente descobre uma questão de auto-estima muito grave, eu trabalho muito com ela sendo amada pelo Senhor, a importância que a Bíblia dá à pessoa. Às vezes é um problema de insegurança, seja no casamento, seja patrimonial, escolho textos bíblicos a partir do sustento de Deus, que ela deve ter segurança no Senhor para o futuro. Se é uma ansiedade, escolho texto que se relacionam com isto. Eu tenho visto coisas*

maravilhosas, de elas chegarem recuperadas mesmo, de forma admirável. Eu aprendi isso com aquele livro A Psiquiatria de Deus, muito interessante, ele usava muito o Salmo 23. Em qualquer caso, pela manhã indico o Salmo 23”.

O livro *A Psiquiatria de Deus* de Charles L. Allen, foi publicado no Brasil em 1977. O autor fala de textos como o Salmo 23, Os Dez Mandamentos, a Oração do “Pai Nosso” e as Bem-Aventuranças, como textos que revelam o que ele chama de “psiquiatria de Deus”. Suas indicações do uso de textos bíblicos em alguns momentos se assemelham às indicações de Jay Adams (já comentado), em outros à posição de Hillman. Diz o autor “*Muitas vezes, um ministro do evangelho tem que ser um verdadeiro psiquiatra, pois lida não apenas com a mente das pessoas, mas com a sua alma também*” (pág. 9) Porém em outro trecho diz: “*...a terapia principal, a mais importante é a psiquiatria de Deus, cuja essência está revelada em quatro das passagens mais conhecidas da Bíblia...*” (pág. 10).

A Conselheira 5 aplica os ensinamentos contidos nos textos bíblicos: “*aplicando os princípios que a gente tem, e que estão de acordo com a Bíblia, então não tem como a gente separar uma coisa da outra*”.

Os textos bíblicos aplicados no Aconselhamento são poder sustentador na vida de muitas pessoas, são sabedoria necessária para criticar, corrigir e enriquecer compreensões dos problemas que afligem as pessoas em crise. (Clinebell, 1987).

Clinebell ainda nos fala de cinco formas de utilizar a Bíblia no Aconselhamento Espiritual com sabedoria e também em três falhas básicas no uso de textos bíblicos.

As cinco formas de utilizar:

- Permitir que a sabedoria bíblica informe o processo, o espírito e os objetivos de relações de poimênica/aconselhamento;
- Consolar e fortalecer pessoas em crise;
- Como um meio de diagnose;
- Ajudar a curar patologia espiritual e a mudar crenças patogênicas;

- Como subsídio fundamental na dimensão de ensino e de fomento de crescimento inerente à poimênica.

As três falhas:

- Não integrar a sabedoria bíblica com a sabedoria contemporânea das ciências humanas e das disciplinas psicoterápicas;
- O método Adams que encoraja a dar conselhos autoritariamente, reforçado pelo mau uso da autoridade da Bíblia;
- O ‘bíblicismo’ rígido do método de Adams que tende a impedir as pessoas a descobrir a Bíblia como a Palavra viva que fala para sua situação particular de maneira transformadora.

Quando mal usada, a Bíblia é convertida em autoridade última, num fim em si mesma. Converter um meio em fim é, basicamente, o que significa a idolatria, sendo que não há meios mais suscetíveis a essa distorção do que símbolos religiosos. Com a Bíblia, a flexibilidade do Espírito Santo é substituída pela rigidez do texto sagrado. O valor da Bíblia para o aconselhamento depende de sua função mediadora: Ela é um meio pelo qual o Espírito “testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:16), que ela é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Timóteo 3:16). (págs. 121- 123)

Sendo um dos objetivos desta pesquisa-ação, capacitar pessoas que trabalham em Aconselhamento em áreas nas quais tenham pouco conhecimento, tais como: Psicopatologia, Técnicas Psicoterápicas, Fundamentos de Psicofarmacologia, Técnicas de Psicoterapia e o uso da Espiritualidade no Aconselhamento, nossa intenção era também capacitá-las a fazer encaminhamentos mais conscientes, compreendendo melhor a necessidade de outro tipo de tratamento e compreender as reações dos aconselhados que estivessem tomando medicação psiquiátrica.

Observamos então que antes do Treinamento, os Conselheiros 2, 3, 4 e 6 faziam encaminhamento para psicólogos e psiquiatras, porém com insegurança, como comentam; em algumas situações fora do momento adequado, por insistirem no Aconselhamento quando este já não dava resultados e até por “preconceitos” gerados pela formação teológica de alguns deles.

Como já comentamos tanto na Revisão Bibliográfica, como na Interpretação das entrevistas, há indicações de autores como White (1984), Ellens (1982) e Clinebell (1987) quanto aos limites do Aconselhamento Espiritual e a necessidade de encaminhamento.

Com relação aos limites do Aconselhamento podemos ainda fazer um paralelo com os estágios da psicoterapia desenvolvido por Jung, publicado em 1929. Jung considera estes estágios como aspectos do processo analítico e não como um plano progressivo. Acreditamos que o Conselheiro pode trabalhar em parte deste processo, porém há o momento em que ele não tem preparação para continuar e deve encaminhar.

“O primeiro estágio é a ‘confissão’ ou catarse, que envolve o relato do paciente sobre o que ele considera relevante na sua história, e do seu problema como ele o vê. Para muitas pessoas, isso constitui enorme alívio porque algo oculto atua como um ‘veneno psíquico’. Isso pode levar a uma redução da culpa, e o paciente poderá verificar a reação do analista a ele e à sua história de vida. Isso, por si só, é uma ampliação de perspectiva

Jung se referiu ao segundo estágio como ‘elucidação’... em especial, se referiu à elaboração da reação de transferência, envolvendo explicação reductiva. Viu, porém, um limite para o que pode ser obtido através da elucidação, a qual, por si só, não produz mudança profunda.

Tal mudança sobrevém no terceiro estágio, o da ‘educação’. Jung diz que esse... envolve uma extensão das compreensões, recolhidas na elucidação, para o campo social e do comportamento. Mesmo após o estágio de elucidação, o paciente ainda precisa ser instigado para outros caminhos”.

Nós acreditamos que até este estágio o Conselheiro pode atuar, porém o quarto estágio pertence somente ao campo de atuação da psicoterapia.

“O quarto estágio é o da ‘transformação’. É nesse estágio que a ênfase de Jung sobre o envolvimento do analista se torna mais pertinente. O segundo e o terceiro estágios lidam, respectivamente, com a normalidade e a adaptação social (atuação do Conselheiro). Para algumas pessoas, isso não é o suficiente: será limitador ou mesmo prejudicial para elas. As mudanças que poderiam ocorrer durante o estágio de transformação são mudanças no sentido da pessoa se tornar autêntica, e não ‘normal’ ou ‘adaptada’; portanto, é o estágio da análise mais preocupado com a individuação.” (Samuels, pág. 212).

A Conselheira 5, faz o encaminhamento para o pastor. Entendemos que por ser leiga, tem necessidade da figura de autoridade que representa o pastor, que é a mesma colocação da Conselheira 6: *Às vezes eu sinto falta, como leiga, da autoridade do pastor, às vezes eu chamo o pastor para a minha sala, porque a pessoa também sente necessidade da autoridade do pastor.*

Na igreja protestante, historicamente, o pastor é uma figura de autoridade que representa a sabedoria. Pode ser visto como um aspecto de uma imagem arquetípica que aparece no Antigo Testamento, o sacerdote. O sacerdote é um ministro investido de autoridade, devidamente autorizado para officiar perante uma divindade, em favor de um povo, e tomar parte em outros ritos. No Antigo Testamento os sacerdotes tinham a obrigação de: ministrar no santuário diante do Senhor, ensinar o povo a guardar a lei de Deus e tomar conhecimento da vontade divina, consultando o Urim e Tumim (Êxodo 28:30) (Davis, 1960). A atitude simbólica do pastor como sacerdote é expressa no sentido que a presença pastoral significa a presença na fé, presença da ação de Deus.

Do Aconselhamento Espiritual faz parte em primeiro lugar, o ouvir para os Conselheiros 3 e 4.

Ouvir é uma arte que mantém a intencionalidade da consciência, segundo Hillman (1985), que ainda diz que para "*sentir a natureza da audição, é preciso estabelecer a diferença entre ego e consciência*" (pág. 18). É possível separar o ego da consciência fazendo como os órgãos do corpo, cada um exercendo a sua função e dando sua colaboração específica à consciência. Assim pode-se desenvolver uma consciência receptiva através do ouvido. Ouvindo não se magoa ninguém, ouve-se sua história, o seu ritmo, suas repetições temáticas e desarmonias. Nesta atitude os conselheiros transformam-se em "mitólogos da psique", ou seja, "*estudiosos das narrativas da alma, pois mitologia, originalmente, significa, 'narração de histórias'. Se a alma é uma corda que vibra, somente o ouvido poderá revelá-lo*" (pág. 18).

De acordo com Janssen (2004): "*Ouvir é uma atividade cada vez mais difícil, porque se trata de uma 'atividade passiva' vai de encontro à eficácia buscada por nossas sociedades modernas baseadas na 'atividade ativa'. Desse modo, comunicar-se, resume-se muitas vezes em enviar informação para fora de si mesmo, e muito mais raramente em colocar-se em posição de receber informação. Ao desenvolver sua capacidade de ouvir a si mesmo e aos outros, descobrirá que não se trata de uma atividade tão passiva quanto parece. Exige um esforço constante para permanecer abertos, aqui e agora, à informação contida no instante, sem bloquear o fluxo das informações disponíveis comparando-as a nossas referências do passado ou nossas expectativas em relação ao futuro*" (pág. 158).

Quanto a utilização de técnicas psicoterápicas, assim se expressam os dois Conselheiros que falam da utilização destas no Aconselhamento, além do Conselheiro 2 que também utiliza técnicas pelos exemplos que deu.

- Conselheiro 1: *alguns casos que eu tenho o conhecimento melhor de alguma técnica, de alguma maneira de ajudar além da Bíblia, por exemplo, no caso do envolvimento com álcool, eu estudei muito sobre isto, então eu tinha dicas práticas para dar para a esposa, para os pais, então eu trabalhava nessa linha... também sobre relacionamento conjugal eu tenho lido e pesquisado ultimamente, e então tenho usado uma ou outra técnica como um apoio...*

- *Conselheira 6: o que eu procuro detectar são os fatores estressores na área da afetividade, na área do relacionamento dos membros da família, como eles se relacionam no trabalho, na família de origem, como é a relação do casal com a família de origem do cônjuge. Eu gosto muito da linha de Viktor Frankl, da Logoterapia, porque mesmo que a pessoa chegue ali com um problema não ligado a espiritualidade, mesmo que as pessoas sejam católicas, espíritas, a espiritualidade sempre está embutida nos problemas...*

Clinebell (1987) orienta os Conselheiros a utilizar técnicas no Aconselhamento, dizendo que elas são úteis quando “*O aconselhamento consiste no estabelecimento e na subsequente utilização de um relacionamento cuja qualidade pode ser descrita como ‘terapêutica’ (curativa), ‘maiêutica’ (facilitadora de nascimento e crescimento) e ‘reconciliadora’ (restauradora de relacionamentos). Esse é o ambiente psicológico onde melhor podem ocorrer resolução de problemas, cura e crescimento efetivos*” (pág. 71) Esta foi nossa intenção ao incluir Técnicas Psicoterápicas de diferentes linhas da Psicologia como assunto no Treinamento.

O Conselheiro 2, por sua larga experiência, formação e conhecimento, utiliza algumas técnicas adaptadas tanto de modelos diferentes de Aconselhamento Pastoral, como de técnicas psicoterápicas e procedimentos médicos: *eu reservo, de 45m a 1h esse encontro. Nesse primeiro encontro eu pergunto tudo que eu acho que é importante saber sobre a pessoa, sobre a vida da pessoa... nessa pergunta eu uso muito a pergunta reflexiva, eu vou investigando a pessoa mais com reflexão do que com perguntas... eu receito pra ela três textos bíblicos, pra ela ler todos os dias, um pela manhã, um à tarde e um à noite, de caso a caso eu escolho os textos bíblicos... Por exemplo, no aconselhamento de casais eu tenho um acompanhamento, um envelope, tipo um prontuário, aonde vou anotando tudo, porque eu passo tarefas.*

Podemos ver aqui que ele utiliza a *reflexão* com o objetivo de fazer o aconselhando olhar para si mesmo como uma valiosa ajuda para a pessoa sondar e apropriar-se da sabedoria de sua tradição religiosa a respeito da vida.

Seu segundo passo é receitar textos bíblicos para serem lidos em diferentes horários do dia, como doses de medicação homeopática. Além disto, utiliza com casais um “prontuário”, onde anota tanto “tarefas” indicadas, nos moldes da Terapia Familiar Sistêmica, como os resultados trazidos no encontro posterior.

Os resultados das intervenções destes Conselheiros, com a utilização dos recursos citados, são semelhantes aos resultados das pesquisas realizadas para verificação do impacto das intervenções religiosas ou espirituais citado por Koenig no artigo *Religião, espiritualidade e transtornos psicóticos* (já citado) (Rev. Psiq. Clin. 34, supl 1, 91-104, 2007).

Podemos também entender a utilização destes recursos sob o ponto de vista de Jung. Para ele, Deus "*comunica-se conosco por meio de imagens do inconsciente profundo, assim como por meio do testemunho dos acontecimentos históricos, de outras pessoas, das escrituras e das comunidades religiosas*" (Ulanov, in Young, coord., 2002, pág. 276).

Em sua opinião, os dogmas e credos religiosos colocam-se em claro contraste com as experiências imediatas com o divino, e ele sempre valoriza estas sobre aqueles. Jung dá muito valor ao dogma e aos credos, contanto que não sejam colocados no lugar das experiências imediatas com o divino.

Entendemos que os dogmas e credos comentados por Jung, fazem parte do Aconselhamento, através da oração, da leitura e aplicação de textos bíblicos e da ajuda que os Conselheiros prestam aos que deles se aproximam.

Ao ligar os confrontos psíquicos imediatos com o numinoso ao conhecimento coletivo de Deus contido nos credos e dogmas religiosos, realiza-se o que Jung enfatizava como significado original da religião (CW 11 §8).

Estas atitudes dos Conselheiros nos lembram o comentário que Boisen, um dos precursores do Aconselhamento Espiritual faz: "*Quando dá o melhor de si, o padre ou pastor traz certos ‘insights’ para a tarefa de ajudar os atribulados de espírito. Ele é versado nas expressões dos grandes e nobres da raça humana, investigou as aventuras do espírito humano, tanto individuais como coletivas, em sua busca de vida mais abundante.*

Ele compreende os profundos anseios do coração humano e a importância das forças construtivas que estão manifestas de modo semelhante na experiência da conversão religiosa e na doença mental aguda. Ele reconhece a necessidade fundamental de amor, o negro desespero relacionado à culpa, à alienação daqueles que amamos, e o significado do perdão através da fé no Amor que rege o universo...” (in Clinebell, 1987, pág. 65).

8.2.5 - As pessoas que mais procuram e os problemas mais freqüentes no Aconselhamento

Conselheiro	Pessoas que mais procuram	Problemas mais freqüentes
1	<i>...pessoal ligado a álcool e drogas... o marido me procurava, ou a esposa procurando ajuda para a família que estava desestruturada...</i>	<i>... o maior problema na favela era a bebida</i>
2	<i>... basicamente são os membros da igreja, talvez... uns 5%, devem ser de fora, mas mesmo quando são de fora, muito raramente alguém não evangélico... de outras igrejas evangélicas, não batistas... pessoas de igrejas pentecostais, que não têm este ministério, tem nos procurado, mas poucos...</i>	<i>Depressão... desânimo, ansiedade, a respeito de decisões que querem tomar... educação cristã, filho, seja de escolha de carreira... pré-conjugal... questão de culpa... alguma tristeza, alguma ansiedade, alguma quebra de relacionamento... outra igreja... pessoas com perturbações espirituais... questão de endemoninhamento...</i>
3	<i>As pessoas que estou evangelizando ou que já estiveram alguma vez na igreja</i>	<i>Mais dúvidas sobre os ensinamentos bíblicos, mais sobre questões espirituais, uma vez ou outra problemas relacionados com criação de filhos, na educação de filhos...</i>
4	<i>... jovem da igreja, um adolescente... ...na firma também, as pessoas sabem que eu sou evangélico e... por esta marca, as pessoas me procuram com um ou outro problema. Em geral são as pessoas mais íntimas que me procuram pra aconselhamento</i>	<i>... problemas de doutrina, da igreja mesmo, testemunho, a respeito da vida dele, muito mais da forma da vida da pessoa que não é consoante com o Evangelho... conflitos, entre o que se fala e o que se crê. ... na fábrica... diversos problemas, desde o relacionamento em casa, com filhos, com esposa.</i>
5	<i>... pais de crianças, porque eu trabalho no ministério com crianças... às vezes as crianças, os professores...</i>	<i>... disciplina, eles estão sem limites... e ... quando chega uma criança nova... já aconteceu de uma criança vir pedir ajuda... acontece muito no momento da oração...</i>
6	<i>...bastante... depressão em adolescentes, pânico em alto grau, um vazio existencial... quando o problema é do casal é a mulher que procura ajuda e é a mãe também que procura ajuda para os filhos.</i>	<i>... são problemas de relacionamento, brigas de casais, separação, adultério, é... casais que estão separados e estão com dificuldade na educação dos filhos, e... crianças eu encaminho pra psicólogo...</i>

As pessoas que mais procuram Aconselhamento na experiência destes Conselheiros são: os membros da mesma igreja do Conselheiro, membros de outras igrejas protestantes, casais, jovens, adolescentes, em resumo como disse o Conselheiro 4: *as pessoas mais íntimas*. Este Conselheiro, por sua atividade profissional é também procurado por colegas de trabalho. A Conselheira 5 inclui crianças, pois este é seu campo de trabalho. Os Conselheiros 1 e 3 recebem para Aconselhamento pessoas que estão sendo evangelizadas por eles.

Na opinião de Filmam (1985) estas pessoas não procurariam um analista, pois: *“Outras são as expectativas que levam o paroquiano ao ministro; elas não são as mesmas que o fariam buscar um analista. A incumbência do ministro não é tarefa médica. Ele não está lá para curar, no sentido médico do termo... Como um pastor que encaminha almas para Deus, sua missão central é a dedicação à alma, a começar pela sua própria”* (pág. 46).

O Conselheiro 1 trabalhou durante muito tempo com a evangelização em favelas. Por este motivo perguntamos a ele, quais os problemas que eram mais freqüentes lá; a bebida foi sua resposta, e também a drogadição.

De acordo com Dalgarrondo (2006), a área relacionada ao uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas é possivelmente a área da “epidemiologia da religião” em que são encontrados os resultados menos dúbios, mais consistentes. Podemos admitir que alguns fatores estejam na base desta associação negativa entre religiosidade e uso de substâncias psicoativas: *“valores negativos associados ao uso e abuso de álcool, tabaco e drogas ilícitas, recomendações e proibições explícitas aos jovens e demais adeptos para não experimentarem ou utilizarem as substâncias, uma rede social de apoio mais intensa que, além de apoiar, também vigiaria o comportamento do membro em sua vida pessoal. A associação de uso de substâncias com noções de ‘pecado’, ‘tentação’, ‘queda’, ‘afastamento da fé’, talvez também contribua para que alguns membros recusem a experimentação ou o uso contínuo de substâncias psicoativas”*.

Os Conselheiros 2 e 6 falam da procura por Aconselhamento de pessoas com depressão, o Conselheiro 2 faz uma ressalva que não são *pessoas* com depressão profunda, e a Conselheira 6 fala de adolescentes com depressão.

Falando dos Tipos Psicológicos descritos por Jung, Whitmont (1995), diz que muitas depressões de adolescentes devem-se a atitude cultural que ainda demonstra uma profunda desconfiança em relação ao *introvertido*. O mundo da adolescência é um mundo *extrovertido*, o adolescente *introvertido* é exortado a ser um indivíduo *extrovertido*, mas deve ter cuidado para não sê-lo. O adolescente *introvertido* não consegue encontrar com facilidade seu lugar neste mundo se não estiver “por dentro” como todo mundo. (pág. 125)

De acordo com Dalgalarrodo (2006), é bastante recorrente as pesquisas sobre depressão e religiosidade, apresentarem como primeira associação o fato que: quanto maior a frequência aos cultos, menos sintomas depressivos. Entretanto há também um segundo achado, não inédito, que levanta uma considerável polêmica. *“É possível que os indivíduos mais acometidos com sintomas depressivos, sentimentos de solidão, desespero e angústia, sejam também aqueles que buscam a dimensão espiritual, incrementando a sua espiritualidade. São talvez as pessoas que mais avidamente buscam respostas e soluções para seu sofrimento. Também é plausível que pessoas mais sensíveis, mais voltadas para seu mundo interno, experimentem mais intensamente tanto a espiritualidade como a depressão. Uma última possibilidade, não desprezível, é de que o envolvimento com a espiritualidade implique maior possibilidade de conflitos e questionamentos que gerem ou estejam associados a estados depressivos”*.

Diz ainda Dalgalarrodo: *“... três em cinco estudos de intervenção, nos quais os participantes com depressão receberam ou participaram de intervenções religiosas (orações, conselhos religiosos...), indicam que aqueles que receberam tais intervenções (mais as ‘intervenções seculares’) melhoraram mais rapidamente do que aqueles que só receberam ‘intervenções seculares’ (psicoterapia, aconselhamento ou medicação)”*.

O Conselheiro 2 fala também da culpa, da ansiedade, da tristeza, de problemas de relacionamento e também de casos de endemoninhamento, já comentados na análise de sua primeira entrevista.

Medard Boss (1988), psicanalista que trabalhou com Jung na Universidade de Zurique e grande amigo de Martin Heidegger, diz o mesmo que Tournier, já citado: "*Angústia e culpa são fatores dominantes na vida dos seres humanos*". Boss dedica a este assunto o livro *Angústia, Culpa e Libertação*. Fala que o sentimento de culpa está ligado ao medo de castigos, medo que vem desde a infância. Fala também que as igrejas *cristãs* "*ameaçam seus fiéis culposos com o diabo*" (pág. 29), e que não há sentimento de culpa vindo de fora que possa ser "*implantado*", mas o sentimento de culpa vem de encontro aos conteúdos internos do indivíduo. Isto seria o mesmo que dizer que este sentimento está já presente no inconsciente pessoal.

A ansiedade em geral é a reação do organismo humano a qualquer coisa percebida como uma ameaça ao que consideramos essencial para nosso bem-estar ou nossa segurança.

A ansiedade existencial surge da própria natureza da existência humana. Tillich (1972) salienta que a ameaça de não-ser, que produz ansiedade existencial, possui três formas: a ameaça de destino e morte, de vazio e perda de sentido, de culpa e condenação. Essa ansiedade permeia todo o nosso ser. Ela faz parte da nossa "herança de finitude", a sombra negra que toca todas as outras ansiedades e lhes confere seu poder.

De acordo com Tillich, a ansiedade neurótica é o sofrimento causado pelo fato de entregarmos nosso ser-no-mundo autêntico a esperanças ilusórias de estarmos seguros, de evitarmos tragédias. A única maneira construtiva de lidar com a ansiedade existencial é uma vida religiosa autêntica, que possibilite a realização da imagem de Deus dentro da pessoa.

Em uma das mais conhecidas citações de Jung ele diz: "*Entre todos os meus pacientes na segunda metade da vida – isto é, com mais de trinta e cinco anos – não houve sequer um cujo problema não fosse, em última análise, o de encontrar uma perspectiva religiosa para a vida*". (CW XI, § 509). Isto está de acordo com a observação de Tillich de que o "*poder divino*" é aquilo em que "*o não-ser está eternamente vencido*". A religião que incrementa a vida capacita as pessoas a defrontar-se com sua ansiedade existencial ao invés de evitá-la. Conforme Tillich, somente na medida em que essa ansiedade normal é enfrentada e incluída em nossa auto-identidade é que ela pode incrementar a vida ao invés de mutilá-la.

Os Conselheiros 3 e 4 têm recebido para Aconselhamento pessoas com dúvidas teológicas, com dúvidas sobre a vida cristã. Quanto a isto Clinebell (1987) alerta: *“Quando questões teológicas explícitas são ‘problemas de apresentação’ no aconselhamento, o pastor deveria estar consciente de que elas podem ser manifestações superficiais de problemas psicológicos mais profundos. Normalmente é apropriado começar lidando com problemas teológicos em si mesmos, estando, contudo, alerta para outros problemas que possam estar ocultos nas sombras”* (pág. 100).

Outros problemas frequentes mencionados pelos Conselheiros são: relacionamento entre casais, pais e filhos, interpessoais, disciplina e delimitação de limites com crianças, separação de casais, adultério, escolha profissional. Quanto aos problemas que aparecem no contexto do Aconselhamento Espiritual, Hillman (1985) diz: *“Qualquer problema contemporâneo pode também ser encontrado dentro das igrejas: alcoolismo, adultério, homossexualismo, psicopatia, sonegação de impostos, suicídio”*. (pág. 47).

8.2.6 - As maiores dificuldades

Conselheiro	Dificuldades
1	<i>... é compreender qual a verdadeira raiz do problema, chegar ao âmago da questão, eu raramente sei quando eu estou trabalhando com os efeitos e não com a causa do problema, na periferia do problema e... não chegou ao cerne da questão.</i>
2	<i>... saber diferenciar os problemas emocionais, as doenças mentais, quando encaminhar</i>
3	<i>... neste novo ministério... vou lidar com pessoas mais velhas, de mais experiência também na igreja...</i>
4	<i>... acho todos os assuntos difíceis... o que a gente não tem experiência é difícil.</i>
5	<i>... problemas mais difíceis são de relacionamento entre os pais das crianças...</i>
6	<i>... com crianças ... se é dos pais, a criança já é beneficiada com a ajuda aos pais. Outra dificuldade é quando um paciente de um médico chega já tomando um medicamento... saber dentro da psicofarmacologia pra o que serve...</i>

Foi interessante notar que as dificuldades apresentadas por estes Conselheiros, são muito semelhantes ao que foi anotado na pesquisa que gerou a tese de mestrado desta pesquisadora e da qual surgiu o desejo desta pesquisa e Treinamento.

O Conselheiro 1 diz ter dificuldade de compreender a verdadeira raiz do problema.

De acordo com Boss (1975), *“a essência de todos os sofrimentos humanos fundamenta-se no fato de que a pessoa perdeu a capacidade de decidir livremente acerca de suas possibilidades de comportamento normal”* (pág.24). O Conselheiro precisa saber que todo sintoma necessita exatamente de cuidado e atenção. Que essa atitude é a mesma que a alma precisa para ser sentida e ouvida. É preciso também não se espantar ao perceber que quase sempre é necessário surgir uma depressão ou uma doença verdadeira para que alguém chegue a relatar as experiências mais extraordinárias de um novo sentido de tempo, de paciência e de espera, e em linguagem religiosa, de chegada ao centro, de encontro consigo mesmo, de abandono e entrega. (Hillman, 1985, pág. 56-57).

Baseada nisto, este Conselheiro deve no encontro humano, fazer *“despertar o amor enquanto forma arquetípica”* de forma que, como *“orientador deverá alegrar-se pelas barreiras que surgem naturalmente entre as pessoas, pois elas são defesas espontâneas. Essas defesas não são fabricadas pelo ego; são a maneira que o desabrochar do crescimento da psique tem de se proteger em timidez e segredo, distância e frieza, reserva e dignidade até que se estabeleça o eixo vertical interior, a conexão humana deverá equilibrar o desenvolvimento das relações em nível externo entre as pessoas. Só quando isso tiver acontecido, quando o acesso ao amor por mim mesmo como sou me inundar de fé e esperança em mim mesmo tal como sou, poderá então haver um encontro, no sentido numinoso da palavra. Somente aí existirá alguém com acesso à sua vitalidade individual, alguém em quem ressoam reações e respondem sentimentos vivos, numa presença plena...”* (Hillman, 1985, pág. 38).

O Conselheiro 2 tem como sua maior dificuldade fazer a diferença entre problemas emocionais e doença mental, além de saber quando encaminhar.

De acordo com Ellens (1982) a base para um encaminhamento está no fato do conselheiro considerar que está tratando de uma necessidade de seus aconselhados e não a sua própria; isto faz parte de sua integridade; e deve sentir-se bem quanto ao encaminhamento, quando consegue aceitar suas próprias patologias e limitações humanas. Diz ainda Ellens: *“existem patologias facilmente reconhecíveis, que são aquelas que envolvem alienação psicótica da realidade, além de: rigidez excessiva, ansiedade neurótica não proporcional à ameaça, obsessão ou compulsividade, culpa exagerada, auto-estima diminuída, depressão mascarada, raiva internalizada e achatamento do afeto, acompanhado de compensação exagerada em uma forma falsa de excitação, que indicam psicopatologias e não apenas deficiências espirituais”*. Seus critérios para o encaminhamento são: *“as patologias mencionadas acima, quando há tristeza profunda e insuperada por uma perda que cresce desproporcionalmente, quando há uma defasagem entre a percepção cognitiva e racional de uma situação e a reação emocional, quando há uma defasagem entre a vontade (ou intenção) e a ação comportamental”*. Ellens adverte quanto ao perigo do conselheiro de entrar no jogo do comportamento ou conselho religioso do paciente e exagerar a patologia, ao invés de reduzi-la. Para ele este perigo existe quando há preocupação do paciente com questões religiosas no confronto com a patologia (pág. 56).

Saber como lidar com pessoas mais antigas na igreja era o desafio e a maior dificuldade do Conselheiro 3 nesta entrevista.

Neste sentido, Clinebell (1987) nos diz que os pastores tendem a ser percebidos como figuras de autoridade religiosa, como *“figuras de transferência”* religiosa. Sua presença pode desencadear, em algumas pessoas, uma variedade de lembranças e sentimentos, que remontam à infância, concernentes a questões como Deus, pais, céu, inferno, sexo, escola dominical, sepultamentos, igreja, certo errado e outros pastores que tenham conhecido. Os pastores deverão estar conscientes destas questões espirituais não resolvidas, oriundas do passado, e que têm a oportunidade de ajudar essas pessoas a corrigir velhas distorções e adquirir atitudes mais construtivas a assuntos religiosos. (pág. 66).

Neste mesmo sentido nos ajuda o conceito de Aconselhamento Pastoral de Ronaldo Sathler-Rosa, citado na íntegra na Revisão de Literatura: *Aconselhamento Pastoral não é resolver "problemas dos outros". As diversas situações-problemas das pessoas são oportunidades de avanços em termos de capacidade para enfrentar e superar condições adversas... No Aconselhamento Pastoral não deve haver espaço para julgamento moral a respeito de atitudes ou comportamentos das pessoas. Aconselhamento Pastoral não é "exortação", "pregação" ou censura...*

Para o Conselheiro 4, que está se preparando para um tipo de Aconselhamento Espiritual diferente até então, e que alega não ter muita experiência no Aconselhamento, todos os assuntos são difíceis. Isto pode ser uma verdade tanto para os Conselheiros como para os terapeutas e por isso, tanto o analista, como o Conselheiro devem: *"... continuar sempre aprendendo e nunca esquecer que cada novo caso traz à luz novos problemas, e, portanto, dá origem a conjecturas inconscientes nunca antes consteladas. Poderíamos dizer, sem exagero, que uma boa metade de todo tratamento que se propõe a investigar em profundidade consiste no exame que o próprio médico (ou o conselheiro) faz de si mesmo, pois somente poderá aplicar no paciente (aconselhando) aquilo que conseguiu aplicar a si próprio. Também não é nenhuma perda se ele sentir o paciente passando na sua frente ao até mesmo vencendo-o; é sua própria ferida que dá a medida do seu poder de cura. Esse, e nenhum outro, é o significado do mito grego do médico ferido."* (Jung, 1986c, § 239).

As dificuldades da Conselheira 5 estão relacionadas à sua área de atuação, crianças; e também: a coerência da vida cristã, os relacionamentos dos filhos com os pais, a disciplina e limites das crianças.

Como esta Conselheira mudou de área após o Treinamento, não pudemos observar se o que foi ensinado no Treinamento ajudou-a nestas dificuldades.

Lidar com a medicação que o aconselhando toma é a maior dificuldade da Conselheira, que acreditamos ter sido minimizada pelas Noções de Psicofarmacologia que foram dadas no Treinamento.

Na Introdução dissemos que, nossa preocupação central neste Treinamento seria mostrar aos Conselheiros Espirituais a possibilidade de adquirir conhecimentos em Saúde Mental que sejam relevantes ao Aconselhamento Espiritual. Se tivermos alcançado esta intenção veremos na segunda entrevista como estas dificuldades foram sanadas.

Veremos também se nosso objetivo de capacitar pessoas que trabalham em Aconselhamento Espiritual em áreas nas quais tenham pouco conhecimento, tais como: Psicopatologia, Técnicas Psicoterápicas, Fundamentos de Psicofarmacologia, Técnicas de Psicoterapia teve o resultado esperado. Este resultado é que: após o Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais, estes terão maior facilidade em desempenhar a atividade de Aconselhamento por terem adquirido informações que não tinham até então.

8.3 – Discussão das Entrevistas 2:

Como foi o Aconselhamento depois do Treinamento? Se tiver, por favor, conte algum caso onde tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento.

8.3.1 – A Opinião dos Participantes

CONSELHEIROS

1	<p><i>... achei importante, o tempo bastante limitado... foi um aprofundamento daquilo que a gente tinha ouvido falar... deu pra aprofundar um pouco da teoria, na prática eu não pude tirar muita coisa pra o dia-a-dia, mas deu... ter uma noção de algumas áreas, de alguns comportamentos que como pastor... não tenho condições de... trabalhar, a gente tem limitações... foi o ponto de partida, despertou pra área... Despertou para o assunto, eu tive mais aconselhamentos após o curso, mas também é um pouco frustrante a gente ver que precisa de mais, porque a gente passa a compreender que algumas coisas vão além do aconselhamento pastoral... mas eu já indiquei, coisa que em outro tempo eu continuaria aconselhando... depois do curso eu disse pra pessoa: olha eu posso chegar com você até aqui.</i></p>
2	<p><i>... gostei de ter feito, foi importante na minha vida, na minha formação, pelos conteúdos e pela abertura de visão, foi interessante, um estímulo a continuar pesquisando, estudando, aprofundando, tendo em vista que o propósito era nos ajudar a ajudar, porém só o curso é difícil a gente sair e aplicar, pois a visão foi sintética... a gente não podia sair de lá e se achar capacitado para aplicar tudo aquilo... mas o que lá aconteceu teve influência em nossa vida profissional, foi o pontapé inicial e a gente sempre usa na atividade pastoral os conceitos... A partir de lá a gente faz uma leitura diferente, tem uma visão diferente... encaminha com mais facilidade, com mais segurança... pra... ter capacidade de avaliar um caso... mais facilidade pra um encaminhamento, foi muito jóia. Foi a primeira coisa tão científica que eu fiz nessa área... com sinceridade eu acho que todos os conselheiros deviam passar por aquela experiência... ela vai mostrar para ele que ele pode ser um melhor conselheiro, que foi o que aconteceu comigo.</i></p>
3	<p><i>O curso foi pra mim muito importante, porque me mostrou que o ser humano é muito complexo, tem muitas áreas a ser desvendadas. Eu como pastor sempre me preocupei com a parte espiritual, o curso me mostrou que o ser humano enferma não só espiritualmente... agora eu posso ajudá-los melhor encaminhando a um profissional da área.</i></p>
4	<p><i>... eu não tenho, não tinha, hoje um pouco mais, experiência no aconselhamento. Me dispus a fazer o curso porque meu objetivo é aprender a fazer aconselhamento, quero ser um conselheiro cristão... eu acho que mudou, de qualquer forma, muita coisa na forma como eu via o aconselhamento antes e este momento que agora eu estou vivendo... é uma mudança mais teórica... hoje a minha visão mudou, eu estou com a mente totalmente aberta</i></p>
5	<p><i>... foi muito bom mesmo pra abrir nosso entendimento, ter noção das várias linhas e também de que tudo não é espiritual, a noção de que muitas vezes é orgânico ou é psicológico, emocional... O que ficou foi mais a visão de que foi um início, a partir daí a gente começou a ter mais interesse, isto é nítido e claro, estou lendo mais sobre isto e fazendo outros cursos nesta área.</i></p>
6	<p><i>Com relação ao aporte de conhecimentos, eu achei que isto me deu segurança pra trabalhar cada caso de uma maneira mais assertiva, com mais segurança, porque na exigência de encaminhar alguns aconselhados que eu tinha simplesmente um insight que precisava de tratamento medicamentoso e isso se confirmava na consulta com psiquiatra. Então isso foi me dando muito mais segurança dentro do ministério do Aconselhamento.</i></p>

Para os Conselheiros 1, 2 e 3 o Treinamento foi importante. Para o Conselheiro 3, muito importante. E para o Conselheiro 2, foi importante para a vida e para a profissão.

De acordo com Peck (1994), se o leigo, com um mínimo de treinamento, mesmo que sem nenhuma credencial, exercer uma grande capacidade para o amor, ele alcançará resultados iguais aos dos melhores psiquiatras (pág. 159).

Falando ainda da importância do treinamento, concordamos com Hillman (1985) quando diz que um terapeuta pode ter necessidade de ser instruído, ensinado, educado, pois isso preenche uma dimensão que lhe é essencial e que transforma sua vocação específica em ação. (pág. 14)

O treinamento de conselheiros é importante porque visa aumentar as aptidões de relacionamento de maneira que ajudem e fortaleçam outras pessoas. E, além disso, é no treinamento que se pode entender as maneiras em que se criam relacionamento de ajuda e se conscientiza da teologia de tais relacionamentos. (Clinebell, 1987, pág. 394).

Robert R. Carkhuff, pioneiro na área de treinamento de leigos, faz a seguinte afirmação surpreendente (e perturbadora para certos profissionais) sobre a pesquisa que compara a eficiência de treinamento e tratamento leigos e profissionais: *“Em síntese, a evidência disponível indica que programas de treinamento leigo têm sido mais eficientes no que tange ao demonstrativo de mudança baseado em índices que medem mudança construtiva da pessoa auxiliada”*. Experiência com programas de assistência leiga nas igrejas tem mostrado que leigos mal-treinados e não supervisionados realmente podem causar dano, principalmente quando tentam trabalhar com indivíduos ou famílias que precisam de aconselhamento ou terapia. (A mesma coisa naturalmente poderia ser dita com respeito a pastores e outros profissionais mal-treinados). Entretanto a evidência bem clara é de que ao exercer assistência pastoral, leigos bem treinados podem prestar uma contribuição construtiva e singular para o ministério assistencial global de uma igreja, de um hospital ou de outra instituição (in Clinebell, 1987, pág. 386).

O tempo foi limitado para tudo aquilo que eles gostariam de ver, na opinião dos Conselheiros 1 e 2.

Os Conselheiros 1, 2 e 5 têm a opinião que o Treinamento foi o ponto de partida para buscarem mais conhecimentos nesta área.

Dar noções sobre áreas desconhecidas ou pouco conhecidas dos conselheiros foi um dos critérios do curso por ser um treinamento. Esta atitude está de acordo com a literatura específica citada na Revisão de Literatura. O treinamento implica necessariamente em visão sintética e tempo limitado.

Um pouco diferente dos outros que fizeram curso de Teologia, o Conselheiro 1 teve várias disciplinas no curso de Teologia que lhe deram base para o Aconselhamento; porém foi o único que expressou sua incapacidade para esta tarefa, além de mencionar duas tentativas frustradas de aconselhar casais que não sabia como conduzir.

Embora tenha aprofundado assuntos que apenas havia visto superficialmente, este Conselheiro está consciente de seus limites e de que o aprendizado teórico necessita da prática para ter seu valor completado. Após o Treinamento, demonstra que sua frustração diminuiu, mas que a consciência da necessidade de conhecer mais, lhe traz ainda algumas frustrações.

Concordamos com Ruth Scheffer (1978) quando diz: “... *As técnicas são racionais, persuasivas, reforçadoras, modeladoras... por outro lado... sem alguns princípios teóricos para sistematizar sua atuação, o Conselheiro agiria de forma desordenada e sem propósito*” (pág. 13).

Podemos dizer ainda que a teoria nos proporciona pontos de referência para observações sistemáticas e propicia o aparecimento de novas idéias em Aconselhamento.

O Conselheiro 1 que procurava não se envolver muito com Aconselhamento antes do Treinamento, comenta que mesmo durante aquele semestre já havia mais pessoas o procurando para Aconselhamento. Acreditamos que isto se deve a sua disponibilidade para esta tarefa.

Exceto o Conselheiro 1, que não fazia encaminhamento antes do Treinamento, todos os outros já faziam. O Conselheiro 1 diz que isto mudou após o Treinamento em sua segunda entrevista: *mas eu já indiquei, coisa que em outro tempo eu continuaria aconselhando... depois do curso eu disse pra pessoa: olha eu posso chegar com você até aqui*. Esta fala também demonstra que ele aprendeu os limites do Aconselhamento.

Durante o desenvolver do nosso trabalho, muito falamos sobre o encaminhamento, sobre quando e a quem encaminhar que isto não deve ser entendido como um fracasso do Conselheiro, mas sim um serviço ao aconselhando, baseado nos autores Clinebell (1987), Klink (1962), White (1984), Ellens (1982), entre outros.

Com relação ao encaminhamento os Conselheiros tiveram grande aproveitamento. O Conselheiro 1, que não encaminhava, passou a encaminhar; os Conselheiros 2, 3 e 6 dizem que ficou mais fácil e fazem isto com maior segurança; o Conselheiro 3 conta um caso de um encaminhamento bem sucedido. Apenas os Conselheiros 4 e 5 não comentam sobre encaminhamento, pois não relataram nenhum caso de atendimento após o treinamento.

As principais áreas que o conselheiro precisa de ajuda de outros profissionais ou de instituições especializadas são: adoção e colocação de crianças, alcoolismo, ajuda financeira, problemas de negócios, orientação infantil, bem-estar do menor, abuso de crianças, crime e delinqüência, drogas, educação, emprego, excepcionais, saúde, moradia, problemas industriais, assistência jurídica, saúde mental, grupos minoritários, velhice, planejamento familiar, gravidez problemática, aposentadoria, mãe/pai solteiro, aconselhamento sexual, orientação vocacional. (Clinebell, 1987, pág. 305)

Para o Conselheiro 2 o Treinamento alcançou o propósito de ajudar os Conselheiros a ajudar pessoas. Como tem feito vários cursos na área, sua opinião é que este Treinamento foi *a primeira coisa tão científica* que fez nesta área. Sua visão mudou, a leitura que faz dos problemas que lhe são trazidos é diferente, ficou mais fácil encaminhar.

Na opinião deste Conselheiro, todos os conselheiros deveriam passar por um Treinamento como este, para serem melhores conselheiros como ele sente que é melhor agora.

Entretanto, assim como o Conselheiro 1, o Conselheiro 2 afirma que o curso foi sintético e que é difícil sair e imediatamente aplicar as técnicas aprendidas.

A Conselheira 6 enfatiza a sua segurança especialmente com relação aos encaminhamentos. O que era feito apenas por *insight*, agora é feito com conhecimento e segurança. Sua dificuldade inicial com relação à pessoas que vinham para o Aconselhamento tomando medicação psiquiátrica também foi sanada.

As expectativas de Aconselhamento do Conselheiro 3 não se cumpriram entre as duas entrevistas. O novo ministério em que estava inserido no início do Treinamento não se concretizou. Ele passou alguns meses sem um ministério específico, porém não deixou de ser procurado para Aconselhamento. O Treinamento lhe mostrou que *o ser humano é muito complexo, tem muitas áreas a serem desvendadas*.

A visão deste Conselheiro antes do Treinamento é similar a de Jay Adams, já comentada, pois sempre se preocupou com a parte espiritual do ser humano, como característica de sua ocupação principal, que é a evangelização. Nas palavras do teólogo brasileiro Valdir Steuernagel evangelização é: “... *a proclamação das boas novas àqueles que são pobres no sentido bíblico. A evangelização objetiva uma relação pessoal com Cristo a partir da proclamação do evangelho. Toda evangelização deve visar um encontro com Cristo... visando a conversão integral do ouvinte*”. Este autor entende como “*conversão integral*” a mudança em todas as áreas do ser humano, este visto como um ser bio-psico-social e espiritual, como é o entendimento deste Conselheiro após o Treinamento.

Como já havia falado na primeira entrevista, este Conselheiro acredita que um tipo de ajuda que pode dar, é fazer um encaminhamento correto.

O Conselheiro 4, embora tenha características bem diferenciadas dos outros Conselheiros, também teve como os Conselheiros 1, 2, 3 e 5 uma mudança de visão, com relação ao Aconselhamento e à Saúde Mental. Sua mudança foi semelhante a dos Conselheiros 1 e 2, uma mudança teórica, pois ele está se preparando para o Aconselhamento em empresas e não atua com frequência.

A frase do Conselheiro 4: *hoje a minha visão mudou, eu estou com a mente totalmente aberta...* e a frase da Conselheira 5: *... foi muito bom mesmo pra abrir nosso entendimento...* são muito semelhantes e expressam esta mudança de conceitos, de visão, assim como expressam os outros Conselheiros.

Os Conselheiros 4 e 5 falam de uma mente aberta, caracterizando com isto um novo entendimento do que é o Aconselhamento especialmente o que é realizado por leigos.

Como Peck (1994), acreditamos que precisamos estar sempre mudando nossos paradigmas (pág. 175) e acreditamos também que neste Treinamento houve uma mudança de paradigmas do Aconselhamento Espiritual para aqueles que participaram, incluindo esta pesquisadora.

Os paradigmas estão diretamente ligados a determinadas visões de mundo da comunidade científica, e determinam ações e estratégias terapêuticas e de prevenção. Durante um período de tempo detectam problemas e sugerem soluções modelares para uma comunidade. A partir dessa concepção, temos um primeiro sentido sociológico do conceito de paradigma indicando toda a constelação de crenças, valores, procedimentos e técnicas partilhadas no consenso de certo grupo ou cultura.

Em outras palavras, paradigma refere-se a modelo, padrão e vivências compartilhadas, configurando-se em um esquema exemplar de descrições e compreensão da realidade. É, portanto, mais que teoria, pois implica em uma estrutura que gera teorias, produzindo pensamentos e explicações, representando um sistema de aprender a aprender ao qual vincula todo processo futuro de aprendizagem e indica também um método para a investigação.

Um novo paradigma implica, pois, um outro olhar sobre o Aconselhamento, uma outra atitude de cidadania e uma distinta estratégia terapêutica. Nesse sentido evocamos a figura de Nise da Silveira, seu atelier terapêutico, seu museu de imagens do inconsciente, seus gatos co-terapeutas, seu método convicto no imaginário enquanto fonte de produção terapêutica. Como dizia a autora "*...a criatividade é o catalisador por excelência da aproximação de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos são levados a reconhecer-se, a associar-se*". (Silveira, 1981)

Assim, ousamos sinalizar que a partir deste Treinamento, o Aconselhamento Espiritual parece tomar a direção de um novo paradigma nesta área. (Reflexões sobre a transição paradigmática em saúde mental, Vietta, E. P., Kodato, S., Furlan, R., 2006).

Podemos sugerir que um novo paradigma seja: **É possível ao Conselheiro Espiritual aplicar concomitantemente na sua prática de Aconselhamento Espiritual conhecimentos adquiridos de três campos epistêmicos: herança religiosa, conhecimentos de Psicologia Clínica e de Psicopatologia.**

8.3.2 – Os casos relatados

1	<p>... tivemos 4, 5 encontros e a pessoa não progrediu... vi que a questão dela não era espiritual... investigando vi que a pessoa tinha outro quadro de depressão na família, o pai se suicidou... então eu trabalhei com ela uma questões teológicas, pois ela estava se condenando pela situação que estava vivendo, a questão do perdão... eu disse: olha a gente chegou até aqui e como nós não estamos progredindo eu proponho que você faça um acompanhamento com psicólogo, sobre este assunto a gente não conversa mais, porque depois de 5 encontros você não progrediu, não adianta nós nos vermos mais... se fosse em outra ocasião... eu teria espiritualizado, teria continuado... eu não sei que danos eu poderia trazer à pessoa... Essa pessoa relutou bastante, queria que eu dissesse que era espiritual, chegou a ficar um pouco agressiva, empurrou um sofá... outro dia ela ficou muito alterada na igreja, chegando a perder o controle. Eu argumentei com a família da necessidade de um psiquiatra, usando o exemplo de que quando você tem uma doença física procura um médico, então a nossa mente é a mesma coisa. Então marquei aqui na igreja, aqui tem atendimento gratuito com psicóloga, mas ela desmarcou e também não pediu mais aconselhamento. Fiquei um pouco frustrado... porque eu não identifiquei antes e cheguei a atender 5 vezes, ganhei a confiança dela, mas ainda tenho a esperança que por ter ganhado a confiança dela posso encaminhá-la a um psicólogo porque o problema dela persiste. Tive dois aconselhamentos mais longos depois do curso...</p>
2	<p>... casos que me senti capacitado para agir, para encaminhar... Casos com casais, por exemplo, onde eu pude perceber que o problema não era um problema de relacionamento, era um problema na vida afetiva de um deles, que se a pessoa não resolvesse aquilo, ela não iria dar certo com aquele relacionamento, como com qualquer outro... precisou encaminhar, eu tenho pelo menos uns três casais, quatro casais, que eu encaminhei exatamente porque tive a capacidade de avaliar que o problema não era comportamental, nem de instrução que é a atividade do conselheiro, de propor mudanças, mas problema da vida psíquica... a constituição do mundo interior da pessoa que estava complicado, por causa de situações lá da infância. Inclusive uma coisa muito interessante na área sexual, a gente trabalha muito com isso, é a proporção maior, não só do adolescente, mas de casais que vem com aquela noção de imoralidade, de pecado, e se isto está acontecendo há uma causa... muitas vezes inconsciente, basicamente inconsciente, inclusive criança. Eu não trabalho com crianças... mas eu trabalho com os pais, que vem falar sobre as crianças, e pelo que o pai fala já dá pra ter uma idéia do que está acontecendo com essa criança e o quanto isto está acontecendo por causa de como os pais estão criando esta criança.</p>
3	<p>Nós ajudamos num caso de uma pessoa que foi acusada de ter assediado uma enteada, isto causou um transtorno pra família, depois dessa situação ter ocorrido, essa pessoa entrou numa crise muito difícil, emocional, em depressão, foi quando nós tentamos ajudá-lo com Aconselhamento, várias visitas, bastante conversa, oramos por ele, o tempo foi passando, nós percebemos que não havia melhora, e aí foi quando nós entramos em contato com o Dr. ... marcamos uma consulta, essa pessoa esteve com ele, o Dr. o consultou, recebeu medicamento pra ele e foi assim, a situação. Hoje o rapaz está aí vivendo a vida dele, até onde nós sabemos bem... eu acompanhei, fui com ele até o consultório do Dr. ... depois acompanhei o tratamento com visitas e indiretamente com notícias pela família.</p>
4	<p>... imagino que vou enfrentar muitos problemas, porque o aconselhamento industrial existe, mas no Brasil... apenas uma organização no Paraná... o aconselhamento corporativo, industrial... é um aconselhamento para operários... imagino que eles enfrentam os meus problemas ao aconselhar os operários, os gerentes, administrativos das fábricas, imagine... aconselhar todos, seja a pessoa mais humilde até a de mais alta responsabilidade... quero ser um conselheiro cristão, que possa ajudar a pessoa, que não confunda os problemas emocionais gerados pelo trabalho ou por questões pessoais, com problemas espirituais. Eu ainda não tive esta experiência, mas hoje eu acredito que saberia discernir isto e por onde caminhar... minha intenção é realmente esta, eu vou me aposentar daqui uns dois anos, então eu quero começar...</p>
5	<p>Minha área agora é evangelismo... quando a pessoa chega dizendo que precisa disto ou aquilo, eu encaminho pra quem está discipulando... Eu tenho duas discipulandas que no início precisavam de muito aconselhamento, mas agora já passou aquela fase de crise, então estão mais tranquilas.</p>
6	<p>Um caso que pode ilustrar... uma aconselhanda... eu vou botar o nome fictício de Vera... ela chegou com depressão... tinha possibilidade de fazer... uma psicoterapia, mas ela não queria, foi procurar a igreja por indicação... ela chegou com depressão profunda. Ela foi num ginecologista... fez uma medicação sem ser apropriada e eu insisti que ela deveria procurar um psiquiatra e depois de um mês nós conseguimos começar o Aconselhamento mesmo... isto durou quase um ano, foi muito bom, os resultados foram excelentes pra ela, pra o marido, pra família toda.... ela estava reformando a casa, ela não conseguia... os dois aposentados... ela não conseguia nem escolher um azulejo pra casa, aquilo pra ela era um peso enorme, uma coisa horrível. Depois ela conseguiu integrar-se de novo na família, que estava desintegrando, ela e os dois filhos casados, a família conseguiu uma reintegração e ela conseguiu até se dispor a cuidar de um netinho que surgiu nesse tempo... eu achei que este caso foi muito ilustrativo...</p>

Os Conselheiros 2, 3 nos contam de casos de Aconselhamento em que o resultado positivo acontece no encaminhamento bem sucedido. A Conselheira 6 não só foi bem sucedida no encaminhamento, como o tempo de Aconselhamento teve bons resultados. O Conselheiro 1 embora tenha feito o encaminhamento no momento oportuno, não conseguiu que a aconselhanda fosse fazer psicoterapia. Os Conselheiros 4 e 5 não trouxeram nenhum caso, o primeiro porque ainda não iniciou efetivamente o tipo de Aconselhamento que deseja. E a Conselheira 5 por ter mudado de área não tem tido oportunidade de fazer Aconselhamento a não ser com suas discipulandas.

No caso da Conselheira 5 poderíamos ter aprofundado a entrevista, indagando sobre o Aconselhamento a suas duas discipulandas quando estavam em crise, porém no momento da entrevista não percebemos a disponibilidade para entrar neste assunto.

O Conselheiro 2, preferiu fazer um resumo de alguns casos em que aplicou o que foi aprendido no Treinamento. Quatro dos casais que atendeu em Aconselhamento Espiritual, encaminhou para psicoterapia por perceber que o problema não era o relacionamento do casal, mas distúrbios emocionais de um deles, e que isto deveria ser resolvido primeiro, pois do contrário não poderia trabalhar com o relacionamento dos dois. Sua percepção foi de que havia questões cuja causa estava na infância de um deles.

Jung fala de casamento em seu artigo “Casamento como um relacionamento psicológico” (CW 17), onde observa que o laço do casamento estimula propensões regressivas inconscientes, na busca de harmonia. (Samuels, 1989, pág. 265).

O trabalho deste Conselheiro nos faz lembrar dos estágios da psicoterapia explicitados por Jung. Observamos que este Conselheiro passa pelos estágios da *confissão ou catarse*, da *elucidação* e da *educação*, mesmo que seja a educação para a procura de outro tipo de ajuda, porém ele não avança no estágio da *transformação* por entender que aí está o seu limite como conselheiro.

De acordo com Hillman (1985), este é exatamente o trabalho do conselheiro, do pastor; *“Hoje em dia, cuidar de almas significa dedicar-se ao inconsciente. O ministro pode fazê-lo de acordo com seu próprio fundo arquetípico e à sua própria maneira, sem ter*

que recorrer ao empréstimo de método clínico ou à linguagem psicopatológica da psicologia” (pág. 64); embora em vários momentos as técnicas pareçam bem semelhantes, a atitude, a presença no Aconselhamento Espiritual, é diferente, o espírito é diferente (Becker, 2003).

Outros comentários que faz sobre seus atendimentos são as questões na área da sexualidade, onde predominam idéias de imoralidade, de pecado, cujas raízes, a seu ver, estão no inconsciente; e crianças, que embora não atenda, encaminha para atendimento psicoterápico em sua própria igreja, mas que ao trabalhar com os pais já pode perceber o que eles estão passando para a criança e que tal ensinamento pode ser a causa dos problemas apresentados por esta criança.

No mesmo artigo citado acima sobre casamento, Jung reafirma sua idéia de que os filhos sofrem a influência da vida psicológica não vivida por seus pais, fato que este Conselheiro observou de acordo com seu fundo arquetípico, como comentado por Hillman acima.

Para Clinebell (1987): o objetivo geral do Aconselhamento em uma crise matrimonial bem como da terapia de casal é ajudar os casais a aprender como fazer com que seu relacionamento proporcione maior satisfação mútua de necessidades e por isso fomente melhor seu crescimento. Diz ainda que: “... *uma dimensão importante do enriquecimento e do aconselhamento de casais está em ajudar os casais a liberar seu potencial de desfrutar o sexo (uma das maiores dádivas de Deus) de forma mais plena*”. (págs. 251 e 263).

O caso que o Conselheiro 3 nos conta de um rapaz com depressão devido a acusação de que havia abusado de sua enteada, é exatamente de um encaminhamento bem sucedido, assim como as técnicas aplicadas no tempo de Aconselhamento se nortearam pelos conceitos aprendidos no Treinamento.

A característica diferenciada deste Conselheiro é que ele fez várias visitas ao aconselhando tanto antes do encaminhamento como depois, para acompanhar o tratamento medicamentoso. Além das várias visitas, conversou muito e orou, como é peculiar ao

trabalho de Aconselhamento. O Conselheiro 3, fez o encaminhamento para um psiquiatra, ele mesmo marcou a consulta e acompanhou o aconselhando ao médico, como já comentamos, fez um encaminhamento diretivo. Com a medicação e o Aconselhamento a pessoa teve uma boa melhora. Depois de acompanhar com visitas, continuou acompanhando indiretamente através da família e tem a informação que a pessoa está bem.

Esta atitude do Conselheiro 3 confere com a orientação de White, de que um sinal de um limite para os conselheiros pastorais é: se depois de mais ou menos um mês de aconselhamento o desânimo continuar, eles devem “*suspeitar da necessidade de outro tipo de tratamento e devem encaminhar o aconselhando a um médico, um psicólogo ou um psiquiatra competente.*” (pág. 168).

Quanto a característica deste Conselheiro de fazer visitas aos aconselhados, confere com a opinião de Hillman (1985) que “*A tradição do atendimento pastoral mostra que o ministro não só pode como deve fazer visitas. O pastor é aquele que toma conta do rebanho. O seu cão busca os desgarrados, tem a orelha levantada para captar problemas, e enfia o nariz em todos os cantos. Isto só se torna possível quando o pastor sente realmente o significado da distância, e não se sente diminuído ou vencido ao entrar no espaço do outro.*” (pág. 30)

Clinebell (1987) também fala da oportunidade que tem o pastor ao fazer visitas: “*Oportunidades de aconselhamento informal em casos de crise ocorrem com frequência durante visitas do pastor aos membros da igreja em seus lares e no hospital. Muito do que é feito durante essas entrevistas é poimênica geral.*”

O caso que a Conselheira 6 nos conta do atendimento de um caso de uma pessoa com depressão, que tinha condições financeiras de procurar um psicoterapeuta, mas não aceitava o tratamento com psicólogo e optou pela ajuda de uma Conselheira Espiritual por indicação de uma pessoa da família que já havia sido atendida por esta Conselheira. Em um primeiro momento esta aconselhanda procura um médico de outra área que lhe receita uma medicação que não traz resultados. Então a Conselheira 6 insiste na visita a um psiquiatra. O tratamento medicamento acompanhado de um longo Aconselhamento traz os resultados esperado.

Embora a literatura indique o encaminhamento, não há nenhuma recomendação para que se for feito o encaminhamento seja cessado o Aconselhamento, portanto entendemos que há a possibilidade de continuidade do Aconselhamento, durante o tratamento medicamentoso, como fazem os Conselheiros 3 e 6. De acordo com White (1984) qualquer método usado para ajudar pacientes em depressão leva tempo, “às vezes muitas semanas” (pág. 167). White também fala que: “De modo geral, as formas mais sérias de depressão são tratadas pelos psiquiatras e psicólogos clínicos, enquanto que as variedades menos malignas recebem ajuda de muitos tipos de conselheiros. Algumas depressões provavelmente recebem tratamento médico, quando na realidade precisam de aconselhamento psicológico ou espiritual, enquanto que outras que necessitam de tratamento médico são tratadas por conselheiros.” (White, 1984, pág. 49)

Quando esta Conselheira fala em *depressão profunda*, podemos entender que ela observou nesta aconselhanda identificadores tais como nos indica Dalgalarondo (2000): “tristeza, melancolia, choro fácil e/ou freqüente, apatia (indiferença afetiva)... sentimento de tédio, de aborrecimento crônico, irritabilidade aumentada, angústia ou ansiedade, desespero, desesperança... fadiga, cansaço fácil e constante, desânimo, diminuição da vontade...” (pág. 190).

A dificuldade que esta aconselhanda apresenta negando-se a procurar um psicólogo ou psiquiatra é comum no meio protestante. Aconteceu o mesmo problema com o caso contado pelo Conselheiro 1.

Isto nos remete à fala do Dr. Tournier: Temos visto um grande número de enfermos que pelo fato de serem cristãos, se obstinam em buscar a cura de seus problemas psíquicos somente na religião. Acreditam que somente um médico (ou psicólogo) cristão pode ajudá-los, pois não têm nenhuma confiança nos médicos e psicólogos que não professam sua mesma fé. Desejam que estes orem com eles, e esperam que como um toque de uma vara mágica se produza uma cura sensacional. Em alguns casos o trabalho espiritual não só é inútil como também perigoso, pois pode agir dentro do jogo da enfermidade.

Uma vez com a saúde mental restabelecida, com as funções psíquicas normais, com uma esclarecida consciência deles mesmos, poderão conhecer a harmoniosa vida espiritual que em vão buscam. Há também enfermos, cuja piedosa família não quer confiá-los à medicina, pretendendo que se convertam e assim sejam curados. (Tournier, Técnica o Fé, www.cristanet.com.ar).

Podemos observar também que esta Conselheira demonstra aspectos da imagem arquetípica do médico com relação a "fazer o diagnóstico", como já citamos anteriormente.

Na primeira entrevista a Conselheira 6 fala *eu me sinto muito à vontade para lidar com a espiritualidade*, portanto deduzimos que neste caso para que essa pessoa pudesse integra-se novamente à família, com o marido, com os filhos e a disposição para cuidar de um neto recém-nascido, ela tenha também lidado com a espiritualidade desta aconselhanda.

Encontrar um sentido através da espiritualidade, consiste em encontrar essas camadas mais profundas do inconsciente e assimilá-las no viver consciente. Jung define as pessoas que alcançaram isso como: *“Elas voltaram-se para si mesmas; puderam aceitar-se; foram capazes de reconciliar-se consigo mesmas e assim se reconciliaram também com situações e acontecimentos adversos. Trata-se, quase sempre, do mesmo fato que outrora se expressava nestas palavras: ‘Fez as pazes com Deus, sacrificou a própria vontade, submetendo-se à vontade divina’.”*

Nestes quatro casos vemos que estes Conselheiros embora cada um de acordo com sua maneira de ser, reafirmam com a prática aquilo que comentaram ter aprendido na teoria durante o Treinamento. Atitudes tais como: limites do Aconselhamento Espiritual, consciência da necessidade de encaminhamento, da necessidade de medicação para alguns casos, diferenciar problemas emocionais, doença mental e questões espirituais, entre outros, demonstram a mudança de visão, a mudança de paradigmas no Aconselhamento realizado por estes Conselheiros.

No caso de uma jovem com depressão, descrito pelo Conselheiro 1, observamos que ele aplicou vários conceitos apresentados no Treinamento: percebeu que se tratava de uma Depressão Maior, corroborada com fatores tais como o suicídio do pai e outros casos de depressão na família. Observou a necessidade de trabalhar questões espirituais tais como o perdão, devido ao sentimento de culpa pela própria doença, porém procurou fazer o encaminhamento para um profissional de Saúde Mental. No entanto, não conseguiu seu intento devido a resistências da aconselhanda provindas da própria educação religiosa.

Embora ainda um pouco “frustrado” pela falha no encaminhamento, demonstra mudanças conceituais que o levaram a uma prática diferente e uma disponibilidade maior para atender, que deixou transparecer dizendo que haviam aparecido mais pessoas para Aconselhamento, desde o início do treinamento. Ele sentiu-se disposto a separar alguns horários na semana para fazer Aconselhamento no gabinete.

Este Conselheiro comenta que se fosse antes do Treinamento, ele teria continuado o Aconselhamento com esta jovem. Com o aprendizado fez o encaminhamento, pôs seus limites para a aconselhanda. Todavia, diz ele, que se continuasse com o Aconselhamento, não sabe que danos poderia trazer àquela pessoa. Esta sua opinião confere com a de Martinez (1993) já citado: “*A carência de uma formação conceitual adequada no campo da psicologia pode induzir a práticas catastróficas*”.

Sobre o insucesso diz também Rollo May (1976) que o Conselheiro Espiritual deve desenvolver a *coragem da imperfeição*, isto é, ser capaz de falhar; e, estar certo de que está *interessado nas pessoas, sem quaisquer outros interesses a não ser elas mesmas*, acreditar que as ama por amor a Deus e que isto não seja desculpa por não conseguir admirar as pessoas pelo que elas são em si mesmas (pág. 154).

O Conselheiro 4, também acredita ter mudado sua visão e seus paradigmas, porém somente vai iniciar um trabalho mais estruturado e freqüente em Aconselhamento após a sua aposentadoria e a dedicação ao voluntariado nesta área, com vistas ao início de um tipo de Aconselhamento de modelo norte-americano, como o citado na análise de sua primeira entrevista.

Se tomarmos como base a opinião de Clarkson (1994) quando diz que: algumas características do aconselhamento são: os conselheiros trabalham por menos tempo, trabalham com pessoas com distúrbios menos sérios e com áreas de ajustamento da vida, dão suporte nas crises, dão orientação e ajudam na solução de problemas e trabalham com pessoas imaturas. Além disto, que: "*Os conselheiros ajudam a lubrificar a engrenagem da experiência de alguém de forma que ele possa gerenciar um melhor funcionamento*" (op. cit. pág. 9 tradução livre da autora), podemos entender como irá atuar o Conselheiro 4 na nova função que pretende.

Clarkson diz também que os conselheiros devem ter treinamento especial, experiência e habilidade para a relação de Aconselhamento, para capacitar pessoas a encontrar seu próprio crescimento e alcançar seus objetivos pessoais, que são os objetivos deste Conselheiro.

A Conselheira 5, mudou de atividade na igreja a que pertence, logo após o Treinamento, passou a coordenar a área de discipulado.

O discipulado é um ministério das igrejas protestante, embora com conceitos e práticas diferenciadas, é tido como um ministério muito importante nas igrejas.

Bonhoeffer (1980), já citado na análise da entrevista 2 desta Conselheira diz que: "*Ser discípulo implica dar determinados passos. Logo o primeiro passo que segue ao chamado, separa o discípulo da sua existência anterior. Assim o chamado ao discipulado cria imediatamente uma nova situação*" (pág. 23). Bonhoeffer fala aqui do chamado de Cristo para que o cristão seja seu discípulo, porém este mesmo princípio é usado no discipulado nas igrejas. Observamos pela fala desta Conselheira que mesmo estando em função de coordenação, ela mesma tem discipulandas e que neste contexto é que irão aparecer as oportunidades de Aconselhamento.

Estes casos contados, a título de ilustração do aprendizado que os Conselheiros tiveram no Treinamento, nos indicam que:

- a ajuda para necessidades agudas dos indivíduos que buscam aconselhamento pode sempre ser levada a efeito tanto por leigos quanto por pastores;
- pode-se ajudar muitas pessoas em crise sem ser especialista em psicoterapia ou psiquiatria;
- todo Conselheiro por mais habilitado que seja, fracassa em ajudar certas pessoas;
- o aperfeiçoamento das aptidões de Aconselhamento é um desafio contínuo, que dura a vida toda;
- o aprendizado pode ser acelerado enormemente com treinamento e experiência;
- ser genuinamente amoroso gera realização no trabalho do aconselhamento.



8- CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Gostaria de iniciar estas considerações finais com as palavras de Yolanda Forghieri com as quais me identifico plenamente. Em sua “*Tentativa de Encerramento*” no último capítulo de seu livro mais recente, escrito no alto de seus mais de oitenta anos, esta psicóloga e pesquisadora diz:

“Merleau-Ponty nos diz que ‘o mundo é inesgotável’, dando ao mundo o sentido deste, conforme é vivido e significado pelo ser humano.

Assim sendo, os cientistas em geral, e principalmente os psicólogos, estão e estarão sempre seguindo adiante, na busca de verdades que imaginam ser definitivas.

Porém, a cada descoberta, novas questões se descortinam, cujas respostas levam a novos questionamentos, e assim sucessivamente.

Podemos sentir isso em nossa própria vida; conforme vamos avançando em nossas vivências e em nossos conhecimentos, verificamos haver sempre algo a ser conhecido e compreendido.

O existir humano abarca muitos mistérios que estamos longe de desvendar”.
(pág. 143)

Observamos através das entrevistas e dos “casos” contados, que os Conselheiros que participaram do Treinamento, mesmo usando as noções de Técnicas Psicoterápicas e de Psicopatologia aprendidas, trabalham com a espiritualidade de seus aconselhados, quer seja na aplicação de textos bíblicos; na oração; no lidar com: o perdão, a mágoa, crises nos relacionamentos, crises financeiras e outros reveses da vida. Em todos os casos de crise em que o Conselheiro atua, o papel da espiritualidade é muito relevante.

De acordo com Giglio, J. e Giglio, Z. (2006) as circunstâncias adversas ameaçam o ego, “*colocando-o em constante vigília em prol da sobrevivência e segurança material, afastando-o da alma (do Self), uma vez que a psique, no homem, funciona analogicamente como um sistema energético semifechado, onde o quantum total de energia disponível permanece mais ou menos constante...*” Assim sendo, nos casos de crises, a energia disponível não é suficiente “*...para satisfazer as necessidades mínimas de*

tranqüilidade e paz que favoreceriam um diálogo fluente entre o ego e o Self. O ego está sempre em estado constante de alerta, em ativação adrenérgica, que dificulta esse diálogo”.

“Porém... dizem ainda os autores, (com o que concordamos),... de acordo com a teologia, Deus, através da graça pode fortalecer a alma mesmo nos momentos mais atribulados da vida de uma pessoa, e fazê-la experimentar paz e segurança. Em termos psicológicos, Deus pode suprir o desequilíbrio energético, restaurando as forças do indivíduo, de maneira que possibilita a retomada das condições de tranqüilidade da alma que favorecem o diálogo ego-Self”. (Cadernos Junguianos, nº 2, pág. 160).

Na vivência desta pesquisa, no planejamento e realização do Treinamento, das entrevistas e na redação desta tese verificamos o quanto foi possível avançar em nosso conhecimento e compressão do Aconselhamento Espiritual, mas também o quanto estamos longe de desvendar todas as possibilidades deste campo de conhecimento e ação.

Dissemos no início que a nossa motivação para esta Pesquisa-Ação foi ter observado o despreparo dos pastores que fazem Aconselhamento com relação à psicopatologia e idéias confusas com relação a técnicas psicoterápicas. Através da metodologia da Pesquisa-Ação, dos recursos da Psicologia Analítica e de referências bíblico-teológicas, acreditamos ter ultrapassado, ao menos minimamente, o senso comum e a subjetividade a que o pesquisador está exposto durante este processo. Procuramos manter a atitude de objetividade necessária a esta atividade científica, para alcançar os objetivos propostos.

9.1 – Com relação ao Objetivo Geral

Quanto ao Objetivo Geral que foi o de “Treinar Conselheiros Espirituais para o Aconselhamento com um maior conhecimento em Saúde Mental e pesquisar os resultados deste Treinamento”, observamos a partir da análise da primeira entrevista e da análise da avaliação do Treinamento e dos casos contados pelos Conselheiros na segunda entrevista, que:

- o Aconselhamento Espiritual pode ajudar os indivíduos em suas necessidades agudas;
- o Aconselhamento Espiritual pode levado a efeito por leigos tanto quanto por pastores;
- o Conselheiro Espiritual pode ajudar muitas pessoas em crise tendo noções de técnicas psicoterápicas e de psicopatologia;
- o conhecimento nestas áreas conduz a um Aconselhamento mais consciente, e encaminhamentos mais adequados;
- o Aconselhamento Espiritual é sempre gratuito e o Conselheiro é voluntário;
- o Aconselhamento Espiritual pode ser uma contribuição para o atendimento de pessoas que não têm condições de um tratamento psicoterápico ou psiquiátrico, nas condições sócio-econômicas que vivemos em nosso país;
- o Conselheiro mesmo que bem habilitado tem limitações e está sujeito ao insucesso em alguns casos;
- o crescimento na capacitação em Aconselhamento é um desafio permanente na vida de todo Conselheiro;
- o conhecimento teórico é importante e a experiência é fundamental;

- o Conselheiro genuinamente amoroso pode ser bem sucedido no trabalho e sente-se realizado nele.

9.2 – Com relação aos Objetivos Específicos:

Com relação ao objetivo de: “Planejar e realizar um treinamento para Conselheiros Espirituais, com o auxílio de outros profissionais da área da Saúde Mental, para capacitar pessoas que trabalham em Aconselhamento em áreas nas quais tenham pouco conhecimento, tais como: Psicopatologia, Técnicas Psicoterápicas, Fundamentos de Psicofarmacologia, Técnicas de Psicoterapia e o uso da Espiritualidade no Aconselhamento”, já demonstramos que:

- O Treinamento em Saúde Mental para Conselheiros Espirituais foi realizado no segundo semestre de 2004;
- A escolha dos professores foi feita pela pesquisadora junto com o orientador, procurando profissionais altamente capacitados em suas áreas;
- Nos temas propostos buscamos dar informações novas, diferenciadas dos cursos existentes, especialmente os temas relacionados à Saúde Mental e Psicologia;

E observamos que:

- Temais tais como Noções de Psicofarmacologia, Quadros Orgânicos Cerebrais, e Psicoses Funcionais e Distúrbios de Personalidade eram os mais desconhecidos;
- O tema Alcoolismo e Drogadição despertou muito interesse por esse motivo foi aberto a outros profissionais;
- Muitas dúvidas dos participantes, nos temas abordados foram esclarecidas.

Com relação a “Pesquisar a vivência no Aconselhamento, dos que participaram do Treinamento, antes do Treinamento e após sua conclusão”:

- Foram realizadas duas entrevistas:
 - a primeira antes do Treinamento, com cinco perguntas, procurando saber como é a vivência do Conselheiro no Aconselhamento Espiritual; com relação a como se sente ao fazer Aconselhamento; o que usa; quais as pessoas que mais o procuram e com quais problemas; e quais as suas dificuldades maiores;
 - a segunda procurando saber como foi o Treinamento para aquele Conselheiro; pedimos que contasse um caso onde tivesse usado algo aprendido no Treinamento.

Com relação a “Observar e analisar o resultado do Treinamento no atendimento em Aconselhamento Espiritual dos que participaram do Treinamento” observamos que:

- Para os Conselheiros 1, o Treinamento foi importante, para o Conselheiro 3, muito importante e para o Conselheiro 2, importante para a vida e para a profissão;
- O tempo foi limitado para tudo aquilo que eles gostariam de ver, na opinião dos Conselheiros 1 e 2;
- O parecer dos Conselheiros 1, 2 e 5 é que o Treinamento foi o ponto de partida para buscarem mais conhecimentos nesta área;
- O Conselheiro 1, que procurava não se envolver muito com Aconselhamento antes do Treinamento, no mesmo semestre já atendeu mais pessoas do que normalmente atendia;
- O Conselheiro 1, que não fazia encaminhamento antes do Treinamento, passou a fazer;

- Com relação ao encaminhamento os Conselheiros tiveram grande aproveitamento, para os Conselheiros 2, 3 e 6 ficou mais fácil e têm maior segurança;
- Os Conselheiros 4 e 5 não comentam sobre encaminhamento, pois não relataram nenhum caso de atendimento após o treinamento;
- Para o Conselheiro 2 o Treinamento alcançou o propósito de ajudar os Conselheiros a ajudar pessoas;
- Na opinião do Conselheiro 2, todos os conselheiros deveriam passar por um Treinamento como este, para serem melhores conselheiros como ele sente que é melhor agora;
- Para os Conselheiros 1 e 2 o curso foi sintético e é difícil sair e imediatamente aplicar as técnicas aprendidas;
- As dificuldades principais dos Conselheiros foram sanadas;
- Para o Conselheiro 3 o Treinamento mostrou que *o ser humano é muito complexo, tem muitas áreas a ser desvendadas*;
- Os Conselheiros 4 e 5 falam de uma *mente aberta*, caracterizando com isto um novo entendimento do que é o Aconselhamento especialmente o que é realizado por leigos;
- Aparentemente as imagens arquetípicas do Médico (Curador), Mestre e Sacerdote se constelam com certa frequência no trabalho dos Conselheiros;
- Neste Treinamento houve uma mudança do paradigma de Aconselhamento Espiritual, para aqueles que participaram como treinandos e também para esta pesquisadora;
- Ousamos sinalizar que a partir deste Treinamento, o Aconselhamento Espiritual parece ter tomado a direção de um novo paradigma nesta área.

Com estes resultados nos sentimos na liberdade de novamente parafrasear Hillman, porém de modo diferente da Introdução dizendo: *Minha tentativa de colaboração possivelmente escapou à linha costumeira do Aconselhamento Espiritual, continuo acreditando que o trabalho do Conselheiro, ao invés de tentar atingir a sofisticação clínica, pode agir de modo mais amplo e profundo, atingindo mais pessoas, sendo desenvolvido dentro de sua própria tradição; ainda acredito que sua missão difira fundamentalmente daquela do analista e dos psicólogos clínicos e acadêmicos, que sua tradição remonta a Jesus, que curava e cuidava das almas de muitas maneiras: pregando, andando por aí, fazendo visitas, contando histórias, tocando com a mão, orando, compartilhando, chorando, sofrendo...* Nosso desejo é que o *Conselheiro Espiritual siga o 'imitatio Chisti'*.

Com estes resultados podemos ainda dizer que através de um Treinamento como o que está descrito neste trabalho, é possível o Conselheiro Espiritual fazer em nossos dias aquilo que o pastor Pfister fez tão bem em sua época, isto é, reunir três correntes de cura em uma só ação terapêutica utilizando: os recursos da herança religiosa, as elucidações apreendidas da psicologia e as noções de psicopatologia.

E por último seguir o conselho de Jung aos psicoterapeutas (e que podemos tomar emprestado para os Conselheiros):

“Aprendam as suas teorias tão bem quanto puderem, mas ponham-nas de lado quando tocarem no milagre da alma viva.

Não teorias, mas a sua própria individualidade criativa é que precisa decidir sozinha”. (Jung, 2001, pág. 73)



10- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, Jay E., *Conselheiro Capaz*, São Paulo, Editora Fiel, 1977
- _____ *La práctica de aconsejar*. Barcelona: Ed. CLIE, 1984.
- Allen, C. L., *A Psiquiatria de Deus*, Editora Betânia, Venda Nova, MG, 1977.
- Almeida, A. M., *Fenomenologia das Experiências Mediúnicas, Perfil e Psicopatologia de Médiuns Espíritas*, Tese de Doutorado, USP, 2004.
- Almeida, Filho N., *O Conceito de Saúde Mental*, Revista da USP, vol. 23, São Paulo, 1999.
- _____ *Migração, inserção produtiva e Saúde Mental na Modernidade Tardia*, Revista de Psiquiatria Clínica, Set/Out. 99, vol. 26.
- _____ *O Conceito de Saúde: Ponto-Cego de Epidemiologia*, Ver. Brás. Epidemiologia, vol. 3, nº. 1-3, 2000.
- Amaro, J., *Psicoterapia e Religião*, São Paulo, Lemos, 1996.
- Amatuzzi, Mauro M., *Apontamentos Acerca da Pesquisa Fenomenológica*, in Estudos de Psicologia, vol. 13, Revista Quadrimestral do Instituto de Psicologia - PUCCAMP, Campinas, 1997.
- Augé, Marc., *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*, Campinas, SP, Papirus, 1994.
- Barnhouse, R. T, The Journal of Pastoral Care, 33, set. 1979.
- Bardin, L., *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 1995.
- Barth, Karl, *Introdução à Teologia Evangélica*, Editora Sinodal, São Leopoldo, 1981.
- Becker, M.C., *Aconselhamento Pastoral na Depressão: Uma Análise Psico-Teológica do Aconselhamento Pastoral na Depressão*, www.unicamp.br, 2003.
- _____, *Catarse e Graça, o Mito de Orestes*, in Giglio, Z. G. e Giglio, J. S., (org.), *Anatomia de uma Época*, Instituto de Psicologia Analítica de Campinas, Campinas, 2002.

Blazer, D., *Freud versus Deus*, Editora Ultimato (Viçosa, MG) e Editorial Press (São Paulo, SP), 2002.

Bíblia, A na Linguagem de Hoje, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, 1988.

Bíblia Sagrada, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª edição, sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, 1993.

Bíblia Vida Nova, Edições Vida Nova, São Paulo, 1976.

Bittencourt Filho, *Matriz Religiosa Brasileira: notas ecumênicas*, in *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, CEDI, nº. 264.

Bogdan, R. & Biklen, S. KI., *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal, Porto, 1994.

Bonhoeffer, D. *Discipulado*, Editora Sinodal, São Leopoldo, 1980.

Boss, Medard, *Angústia, Culpa e Libertação*, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1988.

Campbell, J., *Mitos, Sonhos e Religião*, Ediouro, São Paulo, 2001.

Capra, A. F., *O Ponto de Mutação*, 20ª ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1982.

Cardoso, C.A. & Rodrigues, N. "Idéia de 'sofrimento' e Representação Cultural da Doença na Construção da Pessoa". In: Duarte e Leal (orgs.). "Doença, Sofrimento, Perturbação: Perspectivas Etnográficas". Rio de Janeiro, RJ: Ed. Fiocruz, 1993.

Carvalho, A. V., *Treinamento em Recursos Humanos*, Pioneira, São Paulo, 1988.

Chizzotti, A., *Pesquisa em Ciências Humanas*, Cortez, São Paulo, 1991.

Clinebell, Howard J., *Aconselhamento Pastoral-Modelo Centrado em Libertação e Crescimento*, Porto Alegre, Co-edições Paulinas e Editora Sinodal, 1987.

Clarkson, Petruska, and Pokorny Michael (Editors), *The Handbook of Psychotherapy*, Routledge London and New York, 1994.

Collins, Gary, *Aconselhamento Cristão*, São Paulo, Edições Vida Nova, 1984.

_____ *Ajudando uns aos Outros*, São Paulo, Edições Vida Nova, 1982.

_____ *Helping People Grow* - Vision House, 1980.

Crabb Jr., Lawrence, *Princípios Básicos do Aconselhamento Bíblico*, São Paulo, Editora Refúgio, 1984.

Dalgalarrondo, P., *Religiões Evangélicas e Diagnóstico Psiquiátrico: Dados de uma pesquisa transcultural*, Revista ABP:APAL, 1996; 18.

_____ *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*, Porto Alegre, Artmed, 2000.

_____ *Religião, Psicopatologia & Saúde Mental*, Artmed, Porto Alegre, 2008.

_____ et. al, *O Olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão*, Rev. de Psiquiatria Clínica, vol. 34, 2007.

Davis, J., *Dicionário da Bíblia*, Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1960.

Denzin, N. K. & Lincoln Y., Editors, *Handbook of Qualitative Research* Thousand Oaks, Sage Publications, 1989.

DSM - IV, *Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

Durkheim, E., *As formas elementares da vida religiosa*, Editora Paulus, São Paulo, 2ª edição.

Edelmann, G, *Neural Darwinism: The Theory of Neuronal Group Selection*, Basic Books, NY, 1987.

Ellens, J. Harold, *Graça de Deus e Saúde Humana*, Porto Alegre, Editora Sinodal, 1982.

Eliade, M., *Tratado de História das Religiões*, Martins Fontes, São Paulo, 1995.

_____ *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Estartdt, B. K., Anchette, M.C., Compton, J. R., *Pastoral Counseling*, Prentice Hall, New Jersey, 1991.

Ey, H., Bernard, P., Brisset, C., *Manual de Psiquiatria*, 2ª edição, São Paulo, Campinas, Ed. Masson do Brasil, 1985.

Forghieri, Y. C. , *Aconselhamento Terapêutico*, Thomson, São Paulo, 2007.

_____ *Psicologia fenomenológica – fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo, Editora Pioneira, 1993.

França, C., *Psicologia Fenomenológica: Uma das maneiras de se fazer*, Ed. UNICAMP, 1989.

Frankl, Viktor E., *Em Busca de Sentido*, Editora Vozes/Editora Sinodal, 1991, São Leopoldo- RS/Petrópolis –RJ.

_____ *Um Sentido para a Vida*, Editora Santuário, 1989, Aparecida – SP.

_____ *O Homem Incondicionado*, Armênio Amado, Editor, Sucessor, 1968, Coimbra – Portugal.

_____ *A Presença Ignorada de Deus*, Imago, Sinodal, Sulina, São Leopoldo, RS, 1985.

Freud, Ernest L., Meng Heinrich, (Org.), *Cartas entre Freud & Pfister*, Viçosa, Ultimato Editora, 1998.

Freud, S., *O Futuro de uma Ilusão*, Imago, Rio de Janeiro, 1997.

_____ *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975. vol. XXIII.

_____ *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987a. vol. XXI.

_____ *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987b. vol. V.

Fuller, Andrew R., *Psychology & Religion: Eight Points of View*, London, Littlefield Adams Quality Paperbacks, 3^o edition.

Galvis, C., *Correlates of Alcohol and Drug use among low – income Hispanic immigrant*, Inst. J. Nurs Study, 1999.

Giglio, J. S. e Giglio, Z. G., *Os Caminhos da Espiritualidade no Processo de Individuação*, in Cadernos Junguianos, nº 2, Revista Anual da Associação Junguiana do Brasil, 2006.

Giglio, J.S., *Psicoterapia e Espiritualidade*, Monografia apresentada na Associação Junguiana do Brasil, São Paulo, 1987.

Giorgi, A., *Phenomenology and Psychological Research*, Pittsburgh, Duquesne University, 1985.

Goas, Cabaleiro Manuel, *Aportaciones a la Fenomenologia Psicopatologica*, Madrid, Editorial Paz Montalvo, 1970.

Goldenson, R. M., *The Encyclopedia of Human Behavior*, Psychology, Psychiatry and Mental Health, Doubleday & Company Inc., Vol. 2, Nova York, 1970.

Gorenstein, C., Andrade, L., Zuardi, A., *Escalas de Avaliação Clínica em Psiquiatria e Psicofarmacologia*, Lemos Editorial, 2000.

Gouveia, E. H., *Comunidades Eletrônicas de Consolo*. Revista da Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul. Porto Alegre, RS, ano 1, vol.1, 1999.

Guimarães, M. J. L., *O ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais*. Trabalho apresentado no Grupo Temático “A sociedade da informação e a transformação da sociologia”, do IX Congresso Brasileiro de Sociologia.

Guggenbühl-Craig, Adolf, *O Abuso do Poder na Psicoterapia*, Portinho Cavalcanti Editora Ltda., 1971.

Heinrich, K. F., *Psiquiatria Junguiana*, Paulus, São Paulo, 1997.

Helman, C. *Cultura, Saúde e Doença*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.

Hillman, J., *Uma busca interior em Psicologia e Religião*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985, 2ª edição.

_____, *Uma Escuta Atenta da Depressão*, newtherapist.com/hillman8.html.

Holland, J. L., *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments*, Odessa, Par, 1997.

Hoch, Lothar C., *Algumas Considerações Teológicas e Práticas sobre a Pastoral de Aconselhamento*, in *Estudos Teológicos*, nº. 2, 1980.

_____, *Perguntando pelo Sentido da Vida*, Editora Sinodal, São Leopoldo, RS, 1991.

Hoguette, T.M.F., *Metodologias Qualitativas na Sociologia*, Petrópolis, 1995.

Hunter, Rodney J., (General Editor), *Dictionary of Pastoral Care and Counseling*, Abingdon Press, Nashville, 1990.

James, W., *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*, São Paulo, Cultrix, 1995.

Jaspers, Karl, *Psicopatologia Geral*, vol. 1 e 2, Rio de Janeiro, Livraria Atheneu, 1987.

Jorge, M.R., *The Latin American Guide for Psychiatric Diagnosis – A Cultural overview*, Psychiatric Clinic Of North America, vol. 24, 2001.

Journal of Psychology & Theology, Published by Rosemead School of Psychology, Biola University, Vol. 25, number 4, 1997.

Jung, C.G., *Psicologia da Religião*, São Paulo, Editora Vozes, 2ª edição, 1984.

_____, *O Homem e seus Símbolos*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 10ª edição.

_____ *Memórias, Sonhos, Reflexões*, 21^a. ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2001.

_____ *Chegando ao Inconsciente*. in: O Homem e seus Símbolos. 12^a ed. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1993.

_____ *Obras Completas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986a. vol. XI.

_____ *Obras Completas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986b. vol. IX/2.

_____ *Obras Completas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986c. vol. XII.

_____ *Obras Completas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986d. vol. XV.

_____ *Obras Completas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986e. vol. VIII.

_____ *Obras Completas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1986f. vol. V.

Kanaane, R e Ortigoso, S., *Manual de Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano*, Atlas, São Paulo, 2001.

Kaplan, H. & Sadock, B., *Compêndio de Psiquiatria*, Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.

Katz Rosa y David, *Manual de Psicologia*, Ediciones Morata, 9^a edição, Madri, 1977.

Koenig, H. G., *Religião, Espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental*, Rev. de Psiquiatria Clínica, vol. 34, 2007.

_____ *Religião, espiritualidade e transtornos psicóticos*, Rev. de Psiquiatria Clínica, vol. 34, 2007.

Kvale, S., *Interviews: Introduction to Qualitative Research Interviewing*, Thousand Oaks, 1996.

Lake, Frank, *Clinical Theology*, Darton, Lonnhman and Todd, Londres, 1973.

Laplanche, J./ Pontalis, J-B, *Vocabulário de Psicanálise*, Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1988.

Laplantine, F. *Antropologia da Doença*, Vozes, 1991.

León, Jorge, *Psicologia Pastoral para todos los Cristianos*, 12ª edición, Ediciones Kairos, Buenos Aires 2000.

_____ *Psicologia de la Experiencia Religiosa*, Ediciones Pleroma, Buenos Aires, 1973.

_____ *Psicologia Pastoral de la Iglesia*, 3ª edición, Editorial Caribe, Miami, 1984.

_____ *Hacia una psicología para los años 2000*, Editorial Caribe, Miami-Nashville, 1996.

_____ *Introdução a Psicologia Pastoral*, Editora Sinodal, São Leopoldo, R.S. 2ª edição, 2001.

_____ *La Iglesia como Comunidad Terapéutica*, www.cristianet.org.ar, dezembro 2001.

Lévi-Strauss, C. , *O Pensamento Selvagem*, Papirus Editora, São Paulo, 1997.

Lotufo Neto, F., *A Prevalência de Transtornos Mentais entre Ministros Religiosos*, Tese de Livre Docência, São Paulo, USP, 1997.

_____ *O Pastor e o Aconselhamento*, in SAÚDE PASTORAL E COMUNITÁRIA, São Paulo, CPPC, 1985.

_____ *Os Frutos do Pioneirismo de Paul Tournier, A Influência da religião sobre a saúde*, Viçosa, Revista Ultimato, nº. 234 - 235, 1999.

Maahfoud, Miguel e Massimi Marina (Org.), *Diante do Mistério*, São Paulo, Edições Loyola, 1999.

Mari, J.J., *Esquizofrenia: Evolução do Conceito e Delimitação Diagnóstica*, Boletim de Psiquiatria, v. 28, n. 2, p. 5-8, 1995.

Maroni, A., *Jung O Poeta da Alma*, Summus Editorial, São Paulo, 1998.

Martinez y otros, *Biblioteca de teología y psicología pastoral*. Vol. I. Barcelona: Alianza Evangélica Española, 1993.

_____ *Biblioteca de teología y psicología pastoral*. Vol. III. Barcelona: Alianza Evangélica Española, 1995.

May, Rollo, *A Arte do Aconselhamento Psicológico*, São Paulo, Editora Vozes, 1976.

Mackinnon, R. e Michels, R., *Current Perspectives on Personality Disorders*, Journal of the American Psychoanalytic Association, 1987.

McArtur, J. y Mack, W., *Una mirada a la consejería bíblica*, Nashville: Ed. Caribe, 1996.

Merleau-Ponty, M., *Fenomenologia da Percepção*, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.

Minayo, M.C.S. – *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*, 3ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro, Editora Hucitec-Abrasco, 1994.

Minkowski, E., *Le Temps Vecu*, Nechatel/Suisse, Delachaux et Niestlé, 1968.

Moreira, Daniel Augusto, *O Método Fenomenológico na Pesquisa*, São Paulo, Pioneira Thomson, 2002.

Mouton, H. K., *Analytical Greek lexicon revised*, Gran Rapids/Michigan: Zondervan Publishing House, 1997.

Nogueira, Oracy, *Pesquisa Social: Introdução à suas técnicas*. São Paulo, Nacional, 1975.

OMS, Actas Oficiales de la OMS, nº 2, pág. 100.

Palomino, H., *Introducción a la consejería cristiana*. Asunción, Pistilli Producciones, 1996.

Pessini, L. & Barchifontaine, Christian de Paul, *Problemas atuais de Bioética*, Edições Loyola e Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 6ª ed. 2002.

Pinto, O. P., *Técnicas de Aprendizagem em Ação*, in Boog G.G. (coord.) Manual de treinamento e Desenvolvimento, 2ª edição, São Paulo, Makron.

Polischuk, P., *El consejo terapéutico*. Barcelona: Ed. CLIE, 1994.

Prevenção do Suicídio: Manual para Professores e Educadores (OMS), tradução Neury Botega e Sabrina Stefanello,

www.who.int/mentalhealth/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf .

Rabelo, M.C. *Religião, Ritual e Cura*, in: Alves e Minayo (orgs.) "Saúde e Doença: Um Olhar Antropológico". Rio de Janeiro, RJ: Ed. Fiocruz, 1993.

Rey, L. *Dicionário de Termos Técnicos de Medicina e Saúde*, 2ª edição, Rio de Janeiro 2003.

Ricouer, P., *O Conflito das Interpretações*, Rio de Janeiro, Imago, 1979.

Rogers, C. R., *Tornar-se Pessoa*, São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1976.

Rey, F. G.(1993) *Personalidad, Salud y Modo de Vida*, México, UNAM.

Saraceno, B. e Funk, M., *Mental Health policy and Plans: Promoting an Optimal Mix of Services in Developing Counties*, International Journal of Mental Health, vol. 13, 2001.

Sathler-Rosa, Ronaldo, *Aconselhamento Pastoral e Educação*, in Estudos de Religião, nº. 12, UMESP, 1996.

Sammuels, A., *Jung e os Pós Junguianos*, Imago, s/d.

_____ *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*, Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1988.

Sarles, K., *La enseñanza de los "médicos del alma"*. Artículo publicado en: *Apuntes pastorales*. Costa Rica, Vol. XVI, No.4, julio-setiembre, pp.62-64, 1999.

Schimidt, M. L. S in Rapport, C. R. (Org.), *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*, Coleção Temas Básicos de Psicologia vol. 21, São Paulo EPU, 1987.

Schipane y Jimenez, (Eds), *Psicología y consejo pastoral: perspectivas hispanas*. Miami: AETH, 1997.

Silveira, N., *Imagens do Inconsciente*, Alhambra, 1981.

Soifer, R., *Psicodinamismos da Família com Crianças*, Editora Vozes, Petrópolis, 1989.

Stone, W. H., Clements, W. M, (Editors) *Handbook for Basic Types of Pastoral Care & Counseling*, Nashville, Abingdon Press, 1993.

Stott, J., *A Base Bíblica da Evangelização*, in *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje*, ABU Editora, São Paulo, 1982.

Stuart, G.W., Laraia, M.T., *Enfermagem Psiquiátrica: Princípios e Prática*, 6ª edição, Artmed, Porto Alegre, 2001.

Switzer, David K., *The Minister as Crisis Counselor*, Nashville, Abingdon Press, 1986.

The Journal of Pastoral Care, A Professional Publication in Pastoral Care, Counseling, and Education, Vols. 33, 50 - 53, Georgia, 1996 – 1998.

Thiollent, M., *Metodologia da Pesquisa-Ação*, Cortez, São Paulo, 2005.

Tillich, P., *A Coragem de Ser*, Paz e Terra, São Paulo, 1972.

_____ *Teologia Sistemática*, Editora Sinodal (São Leopoldo, RS) e Edições Paulinas (São Paulo), 1984.

Triviños, Augusto N.S., *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo, Editora Atlas, 1987.

Tournier, Paul, *Culpa e Graça*, São Paulo, ABU Editora, 1985.

Tournier, Heckert, Lisboa, Lotufo Neto, Faria, *Psicologia e Ajuda Pastoral*, São Paulo, Nascente Livraria e Editora LTDA., s/d.

Turato, E. R., *Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Construção Teórico-Epistemológica, Discussão Comparada e Aplicação nas Áreas da Saúde e Humanas*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

VandeCreek, L., Bender H., Jordan. M. R., *Research in Pastoral Care and Counseling, Quantitative and Qualitative Approches*, Journal of Pastoral Care Publications, Inc., 1994.

Weber, M., *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Thompson Pioneira, São Paulo, 2001.

White, John, *As Máscaras da Melancolia*, São Paulo, ABU Editora, 1987.

Wicks, Robert J., Parsons, Richard D., Capps, Donald, (Editors), *Clinical Handbook of Pastoral Counseling*, Vol. 1, New Jersey, Paulist Press, 1993.

Ulanov, A. in Young, Polly, Eisendrath, Dawson, T., *Manual de Cambridge para Estudos Junguianos*, Artmed, 2002.



11- ANEXOS

ANEXO 1 - ENTREVISTAS

Conselheiro 1 – Entrevista 1

- Como é a sua vivência no aconselhamento pastoral?

- Bem, eu não me envolvo muito com aconselhamento, não é assim, vou dizer o meu forte, éééé... eu sou pastor muito voltado para a área de evangelização e aí dentro da evangelização, quando a pessoa vem pra Jesus, ela vem com vários problemas familiares, álcool, droga, problemas com filhos, e aí a gente vai aconselhando, mostrando como através do Evangelho ela pode sair daquela situação. Agora, busca para um aconselhamento específico éééé, eu desde quando seminarista, desde quando formado, eu creio que eu tinha assim a média de uma pessoa por mês que me procurava para aconselhar.

- Como você se sente no aconselhamento?

- Totalmente incapaz, recentemente aconteceu uma coisa interessante, eu sou pastor auxiliar do Pr... e por estar ligado a um grupo que eu trabalho mais junto, um casal que trabalha mais diretamente comigo, me procurou para um aconselhamento, e depois que eles expuseram a dificuldade que estavam tendo, eu fiquei diante deles me perguntando: o que eu falo, o que eu faço, porque eu me vi diante de uma situação que eu não sabia o que fazer. Eu me lembro que eu tive também como seminarista uma tentativa frustrada de aconselhar um casal, cujo marido era muito restrito, ele gostava das coisas nos mínimos detalhes, tinha o jeito certo que ferver o leite, o jeito certo de cortar a cebola, e a mulher não agüentava mais, eles não estavam vivendo como marido e mulher há bastante tempo, e ele me procurou. Eu conversei com ele, aconselhei e aí me coloquei à disposição pra fazer um aconselhamento, eu era seminarista, não era casado, eu achei até interessante eles se colocarem diante de um rapaz solteiro, sem nenhuma experiência e eu pensei, eles já tendo filhos, e nós fizemos algumas sessões de aconselhamento, mas a situação era muito complicada, ela estava muito magoada por aquilo que ele havia feito. Então o que eu pude perceber é que as queixas dele era com a atitude, coisas que ela fazia e as queixas dela era mais com o ser que ele era, então pude detectar que a raiz do problema estava na maneira

dele ser, ele teria que mudar o jeito dele. No começo quando eu tentei encontrar alguns pontos de acordo entre os dois, pedi que ela falasse o que ela via de positivo nele, o que ela concordava com ele no que ele dizia e o que ele concordava com ela no que ela dizia, até abrirmos um diálogo no começo, mas depois ela não quis continuar e decidiu partir para a separação mesmo. Então foi assim uma tentativa frustrada, desde então eu procuro cuidar daqueles casos que me procuram, mas não procuro me envolver assim com o este ministério.

- Como é fazer o aconselhamento?

- Quando eu vejo que surtiu algum efeito, tem algum resultado eu saio feliz, mas muitas vezes frustrado por não conseguir fazer nenhum sucesso por assim dizer. Ultimamente, e talvez foi a razão de eu fazer este curso, eu tenho sido procurado mais pra aconselhamento, tanto na Missão que eu pastoreio, como aqui na igreja e eu passar a ter também um dia aqui para aconselhar. Então eu tenho que me aperfeiçoar nessa área, eu vejo que as minhas frustrações são mais pela minha falta de preparo, falta de incentivo próprio, de ... No curso de Teologia eu só tive: Introdução à Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Religião, Aconselhamento, Auto-Compreensão, que eu me lembro, só isso. Duas dessas foram bastante interessantes: Aconselhamento e Auto-Compreensão.

- O que você usa no aconselhamento?

- Eu uso a oração, o texto bíblico, alguns casos que eu tenho o conhecimento melhor de alguma técnica, de alguma maneira de ajudar além da Bíblia, por exemplo, no caso do envolvimento com álcool, eu estudei muito sobre isto, então eu tinha dicas práticas para dar para a esposa, para os pais, então eu trabalhava nessa linha, e usava a Bíblia como textos de apoio, e também sobre relacionamento conjugal eu tenho lido e pesquisado ultimamente, e então tenho usado uma ou outra técnica como um apoio, mas geral é mais oração e a Bíblia.

- Você disse que trabalho em favela, como é o aconselhamento neste ambiente?

- Geralmente na favela o problema maior é o pessoal ligado a álcool e drogas, então a pessoa que estava envolvida com a bebida, o marido me procurava, ou a esposa procurando ajuda para a família que estava desestruturada, então eu creio que o maior problema na favela era a bebida.

- Quais são as maiores dificuldades?

- Maior dificuldade que eu vejo é compreender qual a verdadeira raiz do problema, chegar ao âmago da questão, eu raramente sei quando eu estou trabalhando com os efeitos e não com a causa do problema, na periferia do problema e você não chegou ao cerne da questão. Essa é a maior dificuldade para mim.

Conselheiro 1 – Entrevista 2

- Como foi o aconselhamento depois do Treinamento e se tiver algum caso que possa contar que tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento

- Eu achei importante, o tempo bastante limitado, porém os temas bem abrangentes, pra dar uma noção de alguma coisa que a gente ouve falar, ou mesmo no seminário a gente viu muito por cima, então foi um aprofundamento daquilo que a gente tinha ouvido falar e no seminário a gente faz uma ou duas matérias, alguns até mais, dentro do aconselhamento eu acho que fiz três matérias, é, mas assim bem superficial. Então deu pra aprofundar um pouco da teoria, na prática eu não pude tirar muita coisa pra o dia-a-dia, mas deu pra gente ter uma noção de algumas áreas, de alguns comportamento que como pastor a gente não tem condições de entrar, a gente não tem condições de trabalhar, a gente tem limitações do aconselhamento pastoral. Acho que o curso foi o ponto de partida, despertou pra área, após o curso eu li dois livros sobre a área de psicologia e aconselhamento. Despertou para o assunto, eu tive mais aconselhamentos após o curso, mas também é um pouco frustrante a gente ver que precisa de mais, porque a gente passa a compreender que algumas coisas vão além do aconselhamento pastoral, mas você também não pode entrar porque você não tem conhecimento, mas eu já indiquei, coisa que em outro tempo eu continuaria aconselhando, então depois do curso eu disse pra pessoa: olha eu posso chegar com você até aqui. Nós tivemos 4, 5 encontros e a pessoa não progrediu, eu vi que a questão dela não era espiritual, mas investigando eu vi que a pessoa tinha outro quadro de depressão na família, o pai se suicidou e ela estava apresentando um quadro depressivo, então eu trabalhei com ela uma questões teológicas, pois ela estava se condenando pela situação que ela estava vivendo, a questão do perdão na vida dela. Mas eu disse: olha a gente chegou até aqui e como nós não estamos progredindo eu proponho que você faça um acompanhamento com psicólogo, sobre este assunto a gente não conversa mais, porque depois de 5 encontros você não progrediu, não adianta nós nos vermos mais. Então eu creio que se fosse em outra ocasião, pela falta de conhecimento que eu perdi com o curso, eu teria espiritualizado, teria continuado, teria ééé... eu não sei que danos eu poderia trazer à pessoa, né. Eu quero dizer que no geral foi isso. Essa pessoa relutou bastante, queria que eu dissesse que era espiritual, chegou a ficar um pouco agressiva,

empurrou um sofá, certo dia, e outro dia ela até ficou muito alterada na igreja, chegando a perder o controle. Eu argumentei com a família da necessidade até de um psiquiatra, usando o exemplo de que quando você tem uma doença física procura um médico, então a nossa mente é a mesma coisa. Então marquei aqui na igreja, aqui tem atendimento gratuito com psicóloga, mas ela desmarcou e também não pediu mais aconselhamento.

Fiquei um pouco frustrado, se eu tivesse mais conhecimento da área, mas não como antes, foi frustrante porque eu não identifiquei antes e cheguei a atender 5 vezes, ganhei a confiança dela, mas ainda tenho a esperança que por ter ganhado a confiança dela ainda posso encaminhá-la a um psicólogo porque o problema dela persiste.

Tive dois aconselhamentos mais longos depois do curso, antes eu não atendia mais do que 1 vez, agora tenho usado como parâmetro que é possível ir um pouco mais longe com cada um.

Conselheiro 2 – Entrevista 1

- Eu gostaria de saber como é a sua vivência no Aconselhamento.

- Bem, é eu tenho, as pessoas nos procuram aqui, basicamente são os membros da igreja, tem talvez aí um percentual, quem sabe, de uns 5%, falando apenas das minhas impressões, eu não tenho estatística quanto a isto, né, que devem ser de fora, mas mesmo quando são de fora, muito raramente alguém não evangélico, de fora, de outras igrejas evangélicas, não batistas, sabendo que nós temos aqui este ministério do AP, então eles procuram, né, pessoas de igrejas pentecostais, que não têm este ministério, tem nos procurado, mas poucos, mais são os membros da igreja mesmo, ééééé, o tipo de casos que recebo, ééééé, eles são variados. Nós temos, o problema de relacionamento, é o que mais vem aqui. Depressão, um número grande de pessoas em situação depressiva, não estou usando a palavra depressão em termos técnicos aqui, mas desânimo, ansiedade, depressão, né, desânimo especialmente, né, eu tenho pessoas também que procuram para aconselhamento a respeito de decisões que querem tomar, que é um outro aspecto do aconselhamento, que é pra fazer um trabalho mais na área emocional, mas orientação, assistência, né, para uma orientação em alguns aspectos, seja de educação cristã, filho, seja de escolha de carreira. Faço muito aconselhamento também pré-conjugal, que também é um aconselhamento educativo, formativo, não é aconselhamento no aspecto psicológico e Basicamente isso. E a gente começa a descobrir questão de culpa também, né, mas vem por tem alguma tristeza, alguma ansiedade, alguma coisa ou alguma quebra de relacionamento, não tenho coisas muito complicadas aqui não. Aqui nesta igreja. Numa outra igreja que eu pastoreava até cinco anos atrás, eu tive uma incidência muito grande de pessoas com perturbações espirituais, e muitas delas detectado questão de endemoninhamento mesmo e algumas não era endemoninhamento, era distúrbio mesmo mental, alguma coisa como comentei ontem, uma psicose, e que nós encaminhamos, fizemos as famílias entenderem que não era caso espiritual. Algumas resistem, chamam outros pastores porque não acreditam na gente, mas até hoje, graças a Deus, todos os casos que eu detectei que não era, que não tinha nada a ver com as questões espirituais, era mental, eram realmente mentais e foram tratadas e ajustadas ao tratamento, hoje essas pessoas estão ajustadas à sociedade, graças a Deus.

- Como é para o senhor detectar isto, a diferença entre o endemoninhamento e uma questão de doença mental?

- Olha, primeiro eu levanto o histórico da pessoa, a gente tem aprendido que pessoas que mexeram com religiões afro ou mesmo catolicismo, elas são mais propensas a manifestar estas questões de endemoninhamento e eu faço um procedimento, né, de oração por ela, e nesta oração, via de regra, as pessoas endemoninhadas, elas manifestam alguma coisa, ou não se sentem bem, se sentem incomodadas, quando a gente vai fazer o estudo da palavra com ela, peço pra ela ler, há resistência em grande parte delas, se bem que, as que estão com distúrbios mentais, elas têm resistência, isso já aconteceu, ééé... da gente fazer estudo, e eu previno a pessoa e digo: olha, se acontecer de você não estar entendendo, se você não estiver nem me ouvindo, né, e já aconteceu isso, de eu estar ministrando e a pessoa dizer: eu não estou entendendo nada do que o senhor está falando, e não era coisa difícil, não estava compreendendo mesmo as palavras, e a primeira reação seria mesmo, pode ser endemoninhamento, que a gente tem tido a experiência de que quando a pessoas está endemoninhada ela rejeita a leitura da Bíblia, mas não, não era endemoninhamento, aí acontece, se eu faço esse trabalho em uma, duas, três sessões, levo a pessoa ao ponto de aceitar a Cristo e fazer uma oração de entrega e o assunto não resolve, eu concluo que não é, não assim isoladamente, mas eu peço no mínimo pra pessoa passar por uma avaliação psiquiátrica. Se bem que eu sempre faço essa pergunta, viu Maria Cândida, você toma medicamento? você já consultou algum médico? pra fazer esse levantamento do histórico da pessoa, não tenho uma coisa objetiva, não é mais uma coisa do dia-a-dia do ministério mesmo, mais aquela questão da pessoa confessar que Jesus Cristo é o Filho de Deus que veio em carne, e o inimigo não confessa, isso a gente usa um pouco, mas eu já tive caso que a pessoa confessava e tava endemoninhada, é meio complicado isso aí. Em regra, por exemplo, ela..... mudança de vozes, muito radical, éééé, a pessoa está consciente, mas não é aquela pessoa que está consciente, o ser que está ali, você conversa com ele, ele te responde, com todas as manifestações diferentes, energia física, de bater, de pular, de coisas extremadas muitas vezes, bater várias vezes com a cabeça na parede sem fazer hematoma, em Tupã tive um caso desse, batia sem fazer hematoma, não sei se batia, se forjava, naquela agitação, mas no momento dava a impressão que batia. Eu fui na casa dessa moça 7 vezes, na sétima vez, não na sétima vez eu não fui, mandei um irmão e esse irmão já não tão

envolvido com o processo deste o início, ele descobriu, que ela não estava endemoninhada e ali ele me avisou, porque ele percebeu que quando ela ia bater com a cabeça no chão ela dava uma paradinha antes, pra não bater tão forte, não sei como ele percebeu isso, aí então ele falou: pastor como ela é muito pobre, de favela, o senhor foi lá com seu carro, para na porta dela, deu atenção pra o pai dela, o pai é ébrio, então era uma jovem de 16/17 anos, ela começou a forjar isso aí. Aí eu mudei minha postura e realmente eles não me chamaram mais, eu disse que não poderei mais atender e com isso ela não teve mais, aí tentou mais uma vez, ligou de madrugada, interessante que sempre ligava em horários impróprios quase que pra forçar você dar atenção pra ela e quando eu cortei, ela parou. Não falei pra ela que ela estava forjando nada disso, arrumei umas justificativas e não atendia, e dizia: Não, mas eu posso mandar uma outra pessoa aí. Aí não aceitava e parou. Essa moça parava a respiração e falava como se fosse o demônio: eu vou levar ela e segurava a respiração dela por bastante tempo, não vou dizer que além do que o ser humano pode agüentar, mas bastante tempo, um minuto, sei lá, mas é bastante pra quem não é treinado a isso e eu falava na hora com autoridade e tudo mais, que a vida dela não é sua, que Jesus Cristo já comprou essa vida, com a sua morte, essa vida é dele, né.

- Como é pra o senhor fazer o aconselhamento?

- Eu me sinto bem, eu gosto de fazer aconselhamento, tenho procurado fazer mais cursos, conhecer novas técnicas para me aperfeiçoar, para me dedicar melhor a este ministério.

- O que você usa para fazer aconselhamento?

Eu faço o aconselhamento assim, encontros, eu reservo 1h, de 45m a 1h esse encontro, nesse primeiro encontro eu pergunto tudo que eu acho que é importante saber sobre a pessoa, sobre a vida da pessoa, né, e depois disso eu uso a palavra e nessa pergunta eu uso muito a pergunta reflexiva, eu vou investigando a pessoa mais com reflexão do que com perguntas, primeiro encontro eu faço algumas perguntas preliminares e depois começa a refletir, e depois eu pego a Palavra, trabalho muito na área da esperança, na área do amor de Deus e sempre mostrando pra ela que há um caminho que o caminho é viável, isso amarro com que ela volte outra vez, eu receito pra ela três textos bíblicos, pra ela ler todos

os dias, um pela manhã, um à tarde e um à noite, de caso a caso eu escolho os textos bíblicos. Às vezes a pessoa está sem esperança, eu escolho textos bíblicos relacionados com isso, às vezes a gente descobre uma questão de auto-estima muito grave, eu trabalho muito com ela sendo amada pelo Senhor, a importância que a Bíblia dá à pessoa. Às vezes é um problema de insegurança, seja no casamento, seja patrimonial, escolho textos bíblicos a partir do sustento de Deus, que ela deve ter segurança no Senhor para o futuro. Se é uma ansiedade, escolho texto que se relacionam com isto. Eu tenho visto coisas maravilhosas, de elas chegarem recuperadas mesmo, de forma admirável. Eu aprendi isso com aquele livro A Psiquiatria de Deus, muito interessante, ele usava muito o Salmo 23. Em qualquer caso, pela manhã indico o Salmo 23.

- Até quantos encontros o senhor faz de aconselhamento?

- Olha, eu não tenho limite, mas se eu faço em torno de 6 encontros se a melhora não é significativa, aí eu já fico meio perturbado... (risos), sabe eu não faço aqui o trabalho do psicólogo, não, se é depressão eu faço o trabalho pastoral com toda essa ajuda pra auto-estima, pra esperança, mas a melhor coisa que eu faço é mandar ela se tratar, encaminhar, dou nome, ligo pra psicólogo, ligo pra psiquiatra, pra médico da igreja, esse encaminhamento é diretivo, mas é muito difícil uma pessoa me procurar e ela não esteja sendo tratada, é muito raro. Acho que como hoje em dia a depressão é a doença do século e todo mundo já perdeu aquele estigma de quem não tem fé, elas estão procurando até antes do pastor. Aí depois elas vêm porque como o tratamento pra depressão é longo, elas entendem que não está surtindo efeito, aí elas procuram o pastor e começam a questionar se é depressão, se é possessão ou opressão demoníaca. Eu não me lembro de eu ter detectado a depressão antes de um médico.

Por exemplo, no aconselhamento de casais eu tenho um acompanhamento, um envelope, tipo um prontuário, aonde vou anotando tudo, porque eu passo tarefas.

Eu atendo muitas pessoas, dou aconselhamento em média pra uma 6 pessoas por semana, em média, eu tenho 3 horários na sexta à tarde, 3 horários na quarta à tarde, 3 horários na terça à noite e às vezes eu atendo na quinta à noite também, quando necessito. Eu marco até 11 horários regulares por semana. Na quinta eu divido entre atendimento aqui ou visita. Só que geralmente não enche todos os horários.

- Quais são as maiores dificuldades?

- Talvez saber diferenciar os problemas emocionais, as doenças mentais, quando encaminhar, por isso escolhi fazer este treinamento, acho que terá muita novidade e devo aprender bastante.

Conselheiro 2 – Entrevista 2

- Como foi o aconselhamento depois do Treinamento e se tiver algum caso que possa contar que tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento

- Eu gostei de ter feito, foi importante na minha vida, na minha formação, pelos conteúdos e pela abertura de visão, foi interessante, um estímulo a continuar pesquisando, estudando, aprofundando, tendo em vista que o propósito era nos ajudar a ajudar, porém só o curso é difícil a gente sair e aplicar, pois a visão foi sintética. Algumas coisas é preciso aprofundar, a gente não podia sair de lá e se achar capacitado para aplicar tudo aquilo, nem poderíamos, mas o que lá aconteceu teve influência em nossa vida profissional, foi o pontapé inicial e a gente sempre usa na atividade pastoral os conceitos, não as técnicas. A partir de lá a gente faz uma leitura diferente, tem uma visão diferente, então você encaminha com mais facilidade, com mais segurança, neste sentido a gente usa bastante. Nos sentido de aplicar alguma técnica que foi exposta, os princípios não aconteceu tanto. Mas pra gente ter capacidade de avaliar um caso, ter mais facilidade pra um encaminhamento, foi muito jóia. Foi a primeira coisa tão científica que eu fiz nessa área, mas com sinceridade eu acho que todos os conselheiros deviam passar por aquela experiência, porque se ela não é suficiente para capacitá-lo para usar, ela vai mostrar para ele pode ser um melhor conselheiro, que foi o que aconteceu comigo.

Tenho vários casos para contar, casos que me senti capacitado para agir, para encaminhar. Caso com casais, por exemplo, onde eu pude perceber que o problema não era um problema de relacionamento, era um problema na vida afetiva de um deles, que se a pessoa não resolvesse aquilo, ela não iria dar certo com aquele relacionamento, como com qualquer outro. Então a gente precisou encaminhar, eu tenho pelo menos uns três casais, quatro casais, que eu encaminhei exatamente porque tive a capacidade de avaliar que o problema não era comportamental, nem de instrução que é a atividade do conselheiro, de propor mudanças, mas problema da vida psíquica, vamos dizer assim, a constituição do mundo interior da pessoa que estava complicado, por causa de situações lá da infância. Inclusive uma coisa muito interessante na área sexual, a gente trabalha muito com isso, é a proporção maior, não só do adolescente, mas de casais que vem com aquela noção de imoralidade, de pecado, e se isto está acontecendo há uma causa, né, muitas vezes

inconsciente, basicamente inconsciente, inclusive criança. Eu não trabalho com crianças, tem um departamento pra isso, mas eu trabalho com os pais, que vem falar sobre as crianças, e pelo que o pai fala já dá pra ter uma idéia do que está acontecendo com essa criança e o quanto isto está acontecendo por causa de como os pais estão criando esta criança. A gente começa a perguntar, como foi, o que aconteceu e começa a ter uma visão melhor das causas dos problemas por causa do que aprendemos lá no curso.

Conselheiro 3 – Entrevista 1

- Como é sua vivência no aconselhamento?

- A minha vivência foi assim pequena, porque a minha experiência, onde eu trabalho, onde eu atuo é mais na área da evangelização, fui pouco procurado para o aconselhamento, o que eu mais tenho feito na realidade é evangelização, estudos bíblicos nos lares, abordando pessoas na rua falando do Evangelho pra elas, enfim, eééé... mais um trabalho básico na área de crescimento de igreja. Então como eu disse, minha vivência foi pouca, alguns problemas que me procuraram eu encaminhei para um psicólogo, um psicólogo cristão, alguém que pudesse dar ajuda mais efetiva, mais completa para a pessoa. Então acho que basicamente é isso.

- O que o senhor chamaria de um “problema sério”?

- Um problema sério, é tipo assim, um rapaz me ligou uma vez, dizendo que ia se matar, aí eu tive o primeiro encontro com ele, procurei ouvi-lo e vi que uma pessoa mais experiente na área poderia ajudá-lo melhor, então foi quando procurei ajuda, entendeu? E também na área de divórcio, uma vez eu ajudei com alguns encontros, mas vi que a coisa era mais profunda, também procurei ajuda específica, um profissional, cristão no caso, que pudesse dar uma ajuda melhor. Que eu me lembre estes foram os dois casos mais sérios.

- Como é para você fazer aconselhamento?

- Como está muito ligado a evangelização e este é o meu ministério, eu gosto muito de conversar com as pessoas, de falar da Bíblia para elas.

- O que você usa para fazer aconselhamento?

- O que eu procuro fazer, a primeira coisa é ouvir a pessoa, a pessoa tem uma grande necessidade de falar, falar, então eu procuro ouvi-las e dar um suporte espiritual, ser objetivo, ler um texto bíblico e estar orando com ela. Depois disso o encaminhamento profissional.

- No seu ministério específico de evangelização, quais os problemas que mais aparecem?

- Mais dúvidas sobre os ensinamentos bíblicos, mais sobre questões espirituais, uma vez ou outra problemas relacionados com criação de filhos, na educação de filhos é o que mais me lembro.

- Quais as maiores dificuldades?

- Acredito que neste novo ministério que estou há 1 mês, vou lidar com pessoas mais velhas, de mais experiência também na igreja e que vão precisar de mais aconselhamento, vou precisar ajudar mais as pessoas.

Conselheiro 3 – Entrevista 2

O curso foi pra mim muito importante, porque me mostrou que o ser humano é muito complexo, tem muitas áreas a ser desvendadas. Eu como pastor sempre me preocupei com a parte espiritual, o curso me mostrou que o ser humano enferma não só espiritualmente, estou falando da parte psicológica, e agora eu posso ajudá-los melhor encaminhando a um profissional da área.

Nós ajudamos num caso de uma pessoa que foi acusada de ter assediado uma enteada, isto causou um transtorno pra família, depois dessa situação ter ocorrido, essa pessoa entrou numa crise muito difícil, emocional, em depressão, foi quando nós tentamos ajudá-lo com Aconselhamento, várias visitas, bastante conversa, oramos por ele, o tempo foi passando, nós percebemos que não havia melhora, e aí foi quando nós entramos em contato com o Dr. Tomita, marcamos uma consulta, essa pessoa esteve com ele, o Dr. o consultou, receitou medicamento pra ele e foi assim, a situação. Hoje o rapaz está aí vivendo a vida dele, até onde nós sabemos bem.

- O senhor o acompanhou até o psiquiatra?

- Sim eu acompanhei, fui com ele até o consultório do Dr. Tomita, depois acompanhei o tratamento com visitas e indiretamente com notícias pela família.

Conselheiro 4 – Entrevista 1

- Como é sua vivência no aconselhamento?

- Bem, não tenho grande vivência, eu não tenho grande experiência, tenho.... a não ser o aconselhamento informal, seja um jovem da igreja, seja um adolescente, porque eu trabalhei bastante tempo com adolescentes na minha igreja, depois tenho bastante contato com jovens, tenho três filhos jovens e a minha casa tá sempre lotada com jovens, então é comum que um ou outro me procure para falar de um problema, na firma também, as pessoas sabem que eu sou evangélico e talvez por isso, por esta marca, as pessoas me procuram com um ou outro problema. Em geral são as pessoas mais íntimas que me procuram pra aconselhamento. Na verdade estou tentando me preparar para o futuro, a minha intenção é trabalhar com isto no futuro.

- Qual a sua intenção para o futuro?

- Eu tenho 57 anos, a minha intenção é me aposenta com 60, o mais tardar com 61 e então eu pretendo trabalhar na área do aconselhamento, gerei até a hipótese de trabalhar com capelania industrial, não existe isto no Brasil, então eu imaginei que na firma onde eu trabalho, muitas pessoas têm problemas da mesmo forma que tem nos hospitais, no exército, que são lugares onde existe capelania, então eu levantei a hipótese de trabalhar com capelania dentro de uma organização, uma indústria, um banco, por exemplo. Sei que existe isto nos EUA, no Paraguai com a Igreja Menonita, é um serviço voluntário. Este capelão visita às empresas e atende as pessoas que tem problemas, que estão de luto por perderem alguém da família, atender em um momento crítico da pessoa, uma doença, um acidente e coisas assim. Nos EUA tem um ministério forte nesta área. Este aconselhamento nem sempre é só espiritual, seria também um apoio nas crises.

- Como é para você fazer aconselhamento?

- Eu sou Engenheiro Mecânico, mas trabalho no dia-a-dia com a área burocrática, hoje sou gerente industrial, mas eu gosto de trabalhar com pessoas, então resolvi me dedicar ao aconselhamento para fazer uma coisa que eu gosto, que me sinto bem, diferente do dia-a-dia. Fui me envolvendo, fiz um curso de liderança no Instituto

Haggai, estou fazendo pós-graduação em Teologia. Procurei o CPPC pra ver se eles tinham algum curso de Psicologia voltado pra o aconselhamento e aí eles me indicaram este curso.

- O que você usa para fazer aconselhamento?

- Eu procuro ouvir as pessoas, caminhar com elas, saber o que está acontecendo, e pela prática descobrir atitudes que devem ser tomadas, caminhos que devem ser seguidos, com o pessoal da igreja oro e uso textos bíblicos, com os da fábrica nem sempre posso orar com eles, então eu falo do texto bíblico e digo que vou orar por ele depois.

- Quais os tipos de problemas que aparecem mais?

- Boa parte deles vem trazer problemas de doutrina, da igreja mesmo, testemunho, a respeito da vida dele, muito mais da forma da vida da pessoa que não é consoante com o Evangelho. Então este é um dos assuntos principais, até porque eles são da igreja. São assim conflitos, entre o que se fala e o que se crê. Este é um aspecto, e na fábrica é... diversos problemas, desde o relacionamento em casa, com filhos, com esposa. Atendi um caso de um rapaz que tem um filho doente mental, ele e a esposa têm dificuldade de aceitar. Como não é nada formal, às vezes fica só numa conversa, às vezes eles vêm várias vezes, já vieram tantas vezes que tive que indicar pra psicólogo porque fugiu das minhas possibilidades.

- Quais as maiores dificuldades?

- Eu acho todos os assuntos difíceis, como eu nunca me preparei pra isso, as pessoas vêm me procurar, eu sei lá porque, talvez pela amizade, porque tenho algum imã, não sei, mas eu me sinto totalmente despreparado, a gente fala meio de experiência própria, o que a gente não tem experiência é difícil.

Conselheiro 4 – Entrevista 2

- O que mudou no seu aconselhamento depois do Treinamento?

- Então, você sabe muito bem que eu não tenho, não tinha, hoje um pouco mais, experiência no aconselhamento. Me dispus a fazer o curso porque meu objetivo é aprender a fazer aconselhamento, quero ser um conselheiro, então o que acontece é seguinte, eu não tive nenhum caso que eu pudesse aplicar tudo aquilo que eu aprendi no curso, eu acho que mudou, de qualquer forma, muita coisa na forma como eu via o aconselhamento antes e este momento que agora eu estou vivendo. Mas eu tenho que confessar a você que é uma mudança mais teórica, eu não cheguei a colocar em prática ainda e espero vir a colocar, estou me preparando para isto, pois meu objetivo é trabalhar como conselheiro na área industrial. Eu imagino que vou enfrentar muitos problemas, porque o aconselhamento industrial existe, mas no Brasil pouquíssimas, apenas uma organização no Paraná, ligada à Igreja Menonita, no sul. Mas eu queria dizer pra você que o aconselhamento corporativo, industrial, não sei bem ainda que nome vai ter no Brasil, é um aconselhamento para operários, no EUA ele é praticado no país todo. Eu imagino que eles enfrentam os meus problemas ao aconselhar os operários, os gerentes, administrativos das fábricas, imagine um banco, aconselhar todos, seja a pessoa mais humilde até a de mais alta responsabilidade num banco. Eu quero ser um conselheiro cristão, que possa ajudar a pessoa, que não confunda os problemas emocionais gerados pelo trabalho ou por questões pessoais, com problemas espirituais. Eu ainda não tive esta experiência, mas hoje eu acredito que saberia discernir isto e por onde caminhar.

Mas eu acho que o curso foi muito mais produtivo pra quem tem experiência no aconselhamento como os pastores, mas hoje a minha visão mudou, eu estou com a mente totalmente aberta e eu acho que o treinamento vai me ajudar muito, mas eu não tenho grandes experiências. Mas minha intenção é realmente esta, eu vou me aposentar daqui uns dois anos, então eu quero começar com uma indústria pequena, talvez de pessoa evangélica, que poderá abrir as portas da sua fábrica pra um louco que vai falar de Deus pra os seus operários, eu acho que nós vamos ter resultados e aí outros vão se interessar pelo programa e talvez a gente possa formar uma rede de conselheiros cristãos, porque o industrial vai querer unir o útil ao agradável, tendo o funcionário mais tranqüilo, um ambiente mais

agradável, que veste mais a camisa, uma vida harmônica, com boa produtividade e ao mesmo tempo nós vamos estar falando de Jesus Cristo para estas pessoas. Creio que isto vai ter sucesso.

Conselheira 5 – Entrevista 1

- Como é sua vivência no Aconselhamento?

- Bem, a minha vivência não é assim de gabinete, de sala, é informal, né, pelos corredores e tal. Quando é um assunto mais sério a gente vai pra um lugar mais reservado e conversa, e é assim, informal.

- Como é pra você fazer este tipo de trabalho?

- Eu acho gratificante, porque primeiro se a pessoa vem falar com você é porque ela vê em você uma pessoa que pode ajudar então aí já é uma gratificação, né, porque você está fazendo diferença na vida da pessoa, ela está confiando em você, então eu acho interessante neste sentido. Segundo, porque a gente que se preparou pra ajudar na igreja, pra trabalhar com pessoas, se sente bem quando você pode ajudar alguém, então neste lado também eu gosto e eu acho também que é uma maneira de você ser útil na vida da pessoa.

- O que você usa pra fazer o Aconselhamento?

- Eu uso a Bíblia, oro com a pessoa, porque, tipo assim, uma vez uma pessoa veio falar comigo que o filho do marido, ele era viúvo e ela casou com ele, estava preso porque usava droga e tal, e ela não queria contar pra filha dela que é irmã, né, por parte de pai, então agente foi ver na Bíblia, sobre a mentira, você gostaria que alguém mentisse pra você, a mentira, e a gente foi trabalhando nesse sentido, e por mais que ela fosse se assustar com a atitude, e também o que alguém sentiria se a mãe escondesse algo dela, porque a menina ia se sentir muito mais mal de saber que a mãe mentiu do que saber que o irmão estava preso, então a gente trabalha assim, aplicando os princípios que a gente tem, e que estão de acordo com a Bíblia, então não tem como a gente separar uma coisa da outra.

- Quais as pessoas que mais procuram e os problemas mais comuns?

- Geralmente são pais de crianças, porque eu trabalho no ministério com crianças, os pais, às vezes as crianças, os professores que trabalham com algumas crianças que eles têm problemas, então vem compartilhar, porque a gente tem uma regrinha aqui que

o professor não pode ir direto falar com o pai, reclamar, porque cada professor tem seu limite, a sua paciência, e eu já percebi que alguns tem uma paciência muito pequenininha, então aí a gente combinou assim, se tiver algum problema tem que falar comigo e aí junto analisar o que fazer, falar com os pais se precisar, combinamos o que fazer, como agir, pra que aquele aluno entre dentro daquele padrão esperado, alguma coisa assim.

- Acho que é a disciplina, eles estão sem limites, não sabem como agir quando estão juntos, sabe? e também quando chega uma criança nova, ela não tem os espaço dela, aí é que eu te falo, a professora quer que todas tenham aquele padrãozinho, então por isso é que eu falo, não é pra falar com os pais, fale comigo. Então eu sento, eu converso com ela, eu pergunto a opinião dela, o que ela acha que poderíamos fazer. Eu converso também com a criança que criou o problema, fazemos um acordo, a gente tem um relacionamento legal, assim, com as professoras e as crianças.

Também já aconteceu de uma criança vir pedir ajuda dizendo: meu pai e minha mãe estão brigando muito, ou então: a minha mãe ta brigando muito com o... (que não é o pai), então aí sentamos, conversamos, oramos. Isto acontece muito no momento da oração, ela fala: me ajuda, está acontecendo..., se a gente fala: vamos orar, então ela fala: ah, eu tenho um pedido, aí você percebe que tem algum problema, então a gente vai conversa com ela.

Em janeiro a gente vai começar um novo trabalho no sentido de pastorear a criança, no sentido de cuidar, de saber se ela está diferente, se tem algum problema, pra que ela tenha em você alguém em que ela possa confiar, se abrir e você poder ajudar, porque muitas crianças hoje em dia não têm este relacionamento com o pai, com a mãe, então de alguma maneira a gente quer ajudar. É um grupo pequeno, a gente está fazendo um treinamento pra começar com este programa. Nós temos nos preocupado porque temos ouvido, por exemplo, que o maior índice de suicídio é entre crianças de 10 a 12 anos, então se eles vêm na gente alguém com quem eles podem contar, de repente este número pode diminuir.

- Quais as maiores dificuldades?

- É, se eu vejo que o assunto envolve um testemunho, ou... uma satisfação perante a igreja... ou uma coisa assim que envolve outras pessoas ou que envolve, assim, ... não sei como te dizer... alguns assuntos a pessoa tem que procurar o pastor, tem que ter a palavra final do pastor, eu escuto, eu digo: eu vou orar por você, mas eu acho que você tem que conversar com o pastor sobre isso, porque alguns assuntos são meio complicados. Os problemas mais difíceis são de relacionamento entre os pais das crianças que eu trabalho, aí eu encaminho para o pastor, eu trabalho mais a relação dos pais com os filhos. Às vezes quando é a mulher que vem falar comigo eu atendo e se percebo que a questão deve ser trabalhada com os dois eu encaminho pra o pastor. Quando o pastor faz aconselhamento pré-nupcial eu converso com a moça, eu trabalho com a mulher, o tipo de relacionamento, o relacionamento sexual, então a gente conversa.

Conselheira 5 – Entrevista 2

- Como foi o aconselhamento depois do Treinamento e se tiver algum caso que possa contar que tenha usado algo que foi aprendido no Treinamento

- Eu trabalhava com crianças, agora eu mudei de área, porque já fazia 5 anos, agora o aconselhamento é na parte de evangelismo, então não é tanto assim, como antes. Mas foi muito bom mesmo pra abrir nosso entendimento, ter noção das várias linhas e também de que tudo não é espiritual, a noção de que muitas vezes é orgânico ou é psicológico, emocional, mas quanto a isso de estar aconselhando é mais espiritual e não na parte de comportamento, de ... fiquei mais distante disto tudo. Minha área agora é evangelismo, então quando a pessoa chega dizendo que precisa disto ou aquilo, eu encaminho pra quem está discipulando. Eu não estou trabalhando mais direto com as pessoas, mas com o discipulador. Eu tenho duas discipulandas que no início precisavam de muito aconselhamento, mas agora já passou aquela fase de crise, então estão mais tranqüilas. O que ficou foi mais a visão de que foi um início, a partir daí a gente começou a ter mais interesse, isto é nítido e claro, estou lendo mais sobre isto e fazendo outros cursos nesta área.

Conselheira 6 – Entrevista 1

- Como é sua vivência no aconselhamento?

- Basicamente nós atendemos o pessoal da igreja, é uma proposta da Igreja Presbiteriana de Limeira de atender as pessoas da comunidade, não só da igreja, independente se elas pertencem a alguma instituição religiosa. Eu tenho sido procurada por membros da nossa igreja, por membros de outras igrejas, por pessoas que não têm ligação nenhuma com alguma religião. Minha vivência tem sido bastante gratificante nesta área.

- Como é para você fazer aconselhamento?

- Eu gosto muito, eu comecei mais ou menos há 6 anos e fiz um curso básico de aconselhamento com um casal de pastores da Igreja Menonita e a partir daí fui incentivada a fazer um mestrado na área de aconselhamento e me equipar melhor para o atendimento. Tem sido bastante gratificante no sentido de encaminhar pessoas para profissionais, psiquiatras, psicólogos, têm sido gratificante trabalhar com adolescentes, que me procuram também para o trabalho de aconselhamento, e eu tenho encontrado facilidade, porque como é um trabalho que a igreja oferece e eu trabalho como voluntária, é... as pessoas que me procuram normalmente não têm condições de pagar um profissional, então elas se beneficiam. Se eu vejo que elas podem, se eu vejo que elas têm condições, se elas acham que é importante um tratamento, então eu encaminho pra um profissional da área.

- O que você usa para fazer aconselhamento?

Normalmente as pessoas trazem as queixas e a gente vai vendo dentro do quadro familiar, os possíveis estressores emocionais, o que eu procuro detectar são os fatores estressores na área da afetividade, na área do relacionamento dos membros da família, como eles se relacionam no trabalho, na família de origem, como é a relação do casal com a família de origem do cônjuge. Eu gosto muito da linha de Victor Frankel, da Logoterapia, porque mesmo que a pessoa chegue ali com um problema não ligado a espiritualidade, mesmo que as pessoas sejam católicas, espíritas, a espiritualidade sempre está embutida nos problemas e eu me sinto muito à vontade para lidar com a espiritualidade, eu deixo bem claro que ali não estamos querendo arrebanhar membros para

a igreja, as pessoas são livres. Eu me sinto bem à vontade, se a pessoa traz o assunto seja claro ou meio encoberto no decorrer do aconselhamento esse assunto emerge e a gente pode lidar com isso, se não a questão fica de lado. O uso de textos bíblicos depende muito de cada caso, faço isso muitas vezes com a ajuda do meu pastor, os textos são muito confortadores, mas é tudo muito sutil, mas cada caso é um caso.

- Quais as pessoas que mais a procuram?

- Eu tenho lidado bastante com depressão em adolescentes, pânico em alto grau, um vazio existencial e normalmente, são poucas as famílias que se dispõe a trabalhar numa linha sistêmica e normalmente acham que o adolescente é o problema e querem resolver o problema através do adolescente, tenho visto muito isso. Se a família concorda em ser trabalhada, então os resultados são muito melhores, mas não tenho visto isto muito freqüente, não tenho visto disponibilidade da família em trabalhar junto com o adolescente. Normalmente quando o problema é do casal é a mulher que procura ajuda e é a mãe também que procura ajuda para os filhos.

No geral o que mais procuram são problemas de relacionamento, brigas de casais, separação, adultério, é... casais que estão separados e estão com dificuldade na educação dos filhos, e... normalmente crianças eu encaminho pra psicólogo, eu não atendo crianças, essa é uma das dificuldades que eu tenho, eu acho que a criança precisa ir pra uma pessoa que se especializou nessa área e eu não tenho essa facilidade.

- Como foi o seu caminho como leiga para o aconselhamento?

- Na verdade, eu fui para no aconselhamento porque na igreja, a minha igreja que é pequena, só cerca de 150 membros, nós tivemos muitas trocas de pastores, em 10 anos nós tivemos 4/5 pastores e isso não criava vínculo com a comunidade dali, e como eu estou lá há quase 15 anos, eu tinha mais contato com as pessoas, isto facilitava a procura dessas pessoas por um trabalho de aconselhamento e também o que me despertou foi a questão do stress do pastor, dos problemas emocionais da família do pastor que eu vivenciava ali na comunidade, que gerou a minha dissertação de mestrado, O stress do ministro religioso. Isto foi o que me despertou, não ter um atendimento popular, porque os

pastores em geral fazem aconselhamento super breve e não tem uma continuidade, um acompanhamento, um follow up e eu atendo às vezes pessoas até anos, porque ela vai, depois ela volta, e cria aquele vínculo de confiança e que aparece alguma fase da vida que nós não tratamos, aí ela volta. Não tem um limite de tempo para atendimento, é meio rogeriano, a pessoa é que define quando ela está bem, eu vou anotando e passando pra ela as melhoras, as conquistas que o grupo vai tendo e ela mesma vai se desligando, mas fica o vínculo. O psicólogo, o psiquiatra não forma esse vínculo, como eu não sou psicóloga eu posso formar esse vínculo, é lógico que eu tenho um distanciamento necessário e possível, mas existe a proximidade da vivência, na igreja, embora na igreja haja uma dificuldade, eu acho. Tem pessoas que por eu ser da igreja se sentem intimidadas para falar sobre problema da família, então algumas preferem pessoas desconhecidas para falar sobre isso, então a gente respeita esse desejo, essa vontade. Às vezes eu sinto falta, como leiga, da autoridade do pastor, às vezes eu chamo o pastor para a minha sala, porque a pessoa também sente necessidade da autoridade do pastor.

- Quais as dificuldades maiores?

- Como já te disse, com crianças que normalmente eu detecto o problema dentro da família, dentro grupo e quando o problema é da criança eu encaminho, e se o problema não é da criança, se é dos pais, a criança já é beneficiada com a ajuda aos pais. Outra dificuldade é quando um paciente de um médico chega já tomando um medicamento, eu tenho essa dificuldade de saber dentro da psicofarmacologia pra o que serve, acho que este curso vai me ajudar muito nisso, porque a gente não sabe lidar com isso e falar da Bíblia, da espiritualidade para alguém que, por exemplo, esta deprimida não adianta nada, embora tenha textos bíblicos que falem disso, ela nem vai ouvir.

Conselheira 6 – Entrevista 2

Com relação ao aporte de conhecimentos, eu achei que isto me deu segurança pra trabalhar cada caso de uma maneira mais assertiva, com mais segurança, porque na exigência de encaminhar alguns aconselhados que eu tinha simplesmente um insight que precisava de tratamento medicamentoso e isso se confirmava na consulta com psiquiatra. Então isso foi me dando muito mais segurança dentro do ministério do Aconselhamento.

Um caso que pode ilustrar isto, é o caso de uma aconselhanda de Cosmópolis, que eu vou botar o nome fictício de Vera, né, ela chegou com depressão, não queria, tinha possibilidade de fazer um tratamento, uma psicoterapia, mas ela não queria, foi procurar a igreja por indicação de uma cunhada dela que não era da igreja, mas já tinha usado o serviço de Aconselhamento que é oferecido lá na igreja, e ela chegou com depressão profunda. Ela foi num ginecologista, o ginecologista fez uma medicação sem ser apropriada e eu insisti que ela deveria procurar um psiquiatra e depois de um mês nós conseguimos começar o Aconselhamento mesmo, o processo de Aconselhamento mesmo, né, e isto durou quase um ano, foi muito bom, os resultados foram excelentes pra ela, pra o marido, pra família toda. Ela chegou, ela estava reformando a casa, ela não conseguia, ela estava numa fase de reforma da casa, os dois aposentados, uma fase que deveria já estar usufruindo da sua aposentadoria e ela não conseguia nem escolher um azulejo pra casa, aquilo pra ela era um peso enorme, uma coisa horrível. Depois ela conseguiu integrar-se de novo na família, que estava desintegrando, ela e os dois filhos casados, a família conseguiu uma reintegração e ela conseguiu até se dispor a cuidar de um netinho que surgiu nesse tempo. Então foi assim, eu me senti mais firme na exigência de que ela fosse procurar um psiquiatra por saber da importância disso, eu achei que este caso foi muito ilustrativo e foi logo depois do curso. E a partir daí a gente vai adquirindo mais segurança mesmo, é isso mesmo, e a gente fala: você precisa de um tratamento, e também a segurança de saber fazer a diferenciação da pessoa que está passando por um período de ansiedade, que não é o caso de depressão, tudo isso foi muito importante pra mim, dentro do meu ministério.

ANEXO 2 – PROJETO PEDAGÓGICO – TREINAMENTO EM SAÚDE MENTAL PARA CONSELHEIROS ESPIRITUAIS

Local: Seminário Presbiteriano do Sul - Campinas - SP

Período: agosto a dezembro/2004

I - Introdução e Justificativa

A grande maioria das oportunidades de Aconselhamento surge em torno de crises. Há vários tipos de crises, entre as quais podemos destacar duas: crises no desenvolvimento, que ocorrem por ocasião das transições estressantes, porém normais na jornada da vida, tais como: casamento, nascimento, formatura, aposentadoria, e crises acidentais, que causam tensões e perdas não esperadas, tais como: doenças, acidentes, cirurgias, mudanças de moradia, desemprego, catástrofes naturais e que podem sobrevir em qualquer etapa da vida. Um dos objetivos do Aconselhamento é capacitar as pessoas a reagir às suas crises, encarando-as como oportunidade de crescimento. Toda crise é também uma oportunidade de crescimento espiritual.

No contexto brasileiro vamos encontrar o Aconselhamento como parte integrante das funções clericais, pois não temos como em outros países a profissão regulamentada do Conselheiro. Desta forma o que podemos observar é que a orientação espiritual faz parte do Aconselhamento em nosso contexto, quer seja realizada nos gabinetes pastorais ou clericais, nas capelanias hospitalares, educacionais, presidiárias ou nas forças armadas.

A literatura nos fala da possibilidade do Aconselhamento informal (Rollo May 1976, Clinebell 1987, Collins 1982, Clarkson 1992 e outros). Encontramos também na pesquisa realizada por esta pesquisadora (Aconselhamento Pastoral na Depressão – tese de Mestrado):

- pastores que fazem o Aconselhamento no gabinete com um modelo semelhante ao de médicos e psicoterapeutas como nos indica Hillman (1985);
- pastores que contam com uma rede de voluntários para o Aconselhamento que têm um desconhecimento dos recursos apropriados para o Aconselhamento;
- pastores-capelães que contam com a ajuda de voluntários.

Observamos ainda o desconhecimento dos pastores, especialmente com relação a psicopatologia, a técnicas psicoterápicas, a psicofarmacologia e outras disciplinas ligadas ao Aconselhamento.

Surgiu então o desejo de proporcionar um treinamento, visando desenvolver ao máximo, aptidões nos conceitos teóricos para uma prática no Aconselhamento que seja eficaz e promova qualidade de vida com uma abordagem da espiritualidade. Como encontramos além de clérigos outros profissionais como psicólogos, enfermeiros, médicos, professores e além líderes de igrejas, das mais diversas formações, que formal ou informalmente fazem Aconselhamento, propomos este projeto de Treinamento em Saúde Mental para os profissionais de diferentes áreas e que chamaremos aqui de "Conselheiro Espiritual".

II - OBJETIVOS

- Treinar “Conselheiros Espirituais” para o Aconselhamento promovendo um maior conhecimento em Saúde Mental e pesquisar os resultados desse treinamento, através de entrevistas.
- Capacitar pessoas que trabalham em Aconselhamento em áreas nas quais tenham pouco conhecimento, tais como: Psicopatologia, Técnicas Psicoterápicas, Fundamentos de Psicofarmacologia, Técnicas de Psicoterapia, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Religião, Aconselhamento Psicológico, uso da Espiritualidade no Aconselhamento.

III - Público Alvo

Quanto ao perfil dos que pretendem fazer o treinamento, será dada a preferência a:

- a) Profissionais ou alunos do último ano dos seguintes cursos: Teologia, Psicologia, Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Pedagogia.
- b) Capelães
- c) Professores, Clérigos, Voluntários que trabalham com Aconselhamento

Quanto aos requisitos pessoais, é muito importante que os profissionais tenham em sua personalidade características como: respeito próprio, solicitude para com os outros, capacidade de compreensão empática e autenticidade ou congruência, e capacidade de lidar com a espiritualidade em situações de Aconselhamento (Clinebell, 1987).

As vagas serão limitadas a 30, sendo necessário para a realização da pesquisa o mínimo de 05 participantes.

IV - Conteúdo Programático e Carga Horária

- **Psicopatologia** - 13 h
- Neuroses e reações de adaptação
- Quadros orgânicos cerebrais
- Psicoses Funcionais e Distúrbios de Personalidade
- Alcoolismo e Drogadição
- **Noções de Psicofarmacologia** - 3 h
- **Técnicas Psicoterápicas** - 12hs

- Psicoterapia Psicanalítica
- Psicoterapia Analítica (Junguiana)
- Psicoterapia Existencial
- Psicoterapia Cognitiva
- **Psicologia do Desenvolvimento - 3 h**
- **Psicologia da Religião - 3hs**
- **Aconselhamento Psicológico - 3hs**
- **Aconselhamento Espiritual - 3hs**

Carga Horária - 44hs

1 aula em um sábado do semestre (a escolher com os participantes) de 4hs

14 aulas às segundas-feiras das 19 às 22hs sendo:

1 aula de Introdução e uma Pesquisa sobre a vivência do participante em Aconselhamento - 2hs

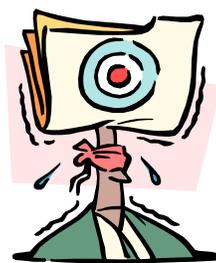
12 aulas de 3hs

1 aula de avaliação do treinamento - 2hs

V - Professores Convidados

Joel S. Giglio, Fernando Tomita, João Batista Laurito Jr., Renata Azevedo, Marisa Lúcia Fabrício Mauro, Claudemir Rapeli (UNICAMP); Ricardo Agreste da Silva (Seminário Presbiteriano do Sul - Doutorando/UMESP); Paulo Augusto Costivelli de Moraes (Mestrando em Saúde Mental/UNICAMP).

FOLDER DE PROPAGANDA



CURSO DE SAÚDE MENTAL PARA CONSELHEIROS

A grande maioria das oportunidades de Aconselhamento surge em torno de crises. Há vários tipos de crises: **crises no desenvolvimento**, que ocorrem em ocasiões estressantes, porém normais na jornada da vida (casamento, nascimento, formatura, aposentadoria), **crises acidentais** (tensões e perdas não esperadas, doenças, acidentes, cirurgias, mudanças de moradia, desemprego, catástrofes naturais) e **crises espirituais**.

Um dos objetivos do Aconselhamento é capacitar as pessoas a reagir às suas crises, encarando-as como oportunidade de crescimento. Toda crise é também uma oportunidade de crescimento espiritual.

Encontramos na literatura especializada e também na pesquisa que resultou em dissertação de Mestrado tanto pastores que fazem o Aconselhamento no gabinete com um modelo semelhante ao de médicos e psicoterapeutas, como pastores que contam com uma rede de voluntários para o Aconselhamento. Observamos que há a necessidade de um maior conhecimento de áreas ligadas ao Aconselhamento.

Surgiu então o desejo de proporcionar um treinamento, visando desenvolver ao máximo, aptidões nos conceitos teóricos para uma prática no Aconselhamento que seja mais eficaz e promova um crescimento na qualidade de vida, na espiritualidade e ajude os conselheiros a fazer os encaminhamentos para profissionais da área da Saúde Mental.

Conteúdo Programático

- **Psicopatologia**
 - Neuroses e reações de adaptação
 - Quadros orgânicos cerebrais
 - Psicoses Funcionais e Distúrbios de Personalidade
 - Alcoolismo e Drogadição
- **Noções de Psicofarmacologia**
- **Técnicas Psicoterápicas**
 - Psicoterapia Psicanalítica
 - Psicoterapia Analítica (Junguiana)
 - Psicoterapia Existencial
 - Psicoterapia Cognitiva
- **Psicologia do Desenvolvimento**
- **Psicologia da Religião**
- **Aconselhamento Psicológico**
- **Aconselhamento Espiritual**

Período – 09 de agosto a 06 de dezembro/2004

14 aulas às segundas-feiras das 19 às 22 s (exceto feriado prolongado)

1 aula em um sábado do semestre (a escolher com os participantes) de 4hs

Coordenadores: Dr. Joel S. Giglio e Psicóloga Maria Cândida Becker

Professores Convidados: UNICAMP: Dr. Joel Giglio, Dr. João Batista Laurito Jr., Dr. Fernando Tomita, Dr. Carlos Cais, Dra. Renata Azevedo, Dra. Marisa Mauro, Psicólogos: Maria Cândida Becker e Paulo Augusto Costivelli de Moraes; Seminário Presbiteriano: Rev. Ricardo Agreste, entre outros.

Público Alvo:

- Clérigos, Voluntários que trabalham com Aconselhamento.
- Capelães, Professores, Estudantes e Profissionais das áreas de Saúde, Educação e Humanas.

Local: Seminário Presbiteriano - Av. Brasil 1200 - B. Guanabara - Campinas – SP (estacionamento próprio).

Forma de Pagamento: R\$ 100,00 na inscrição e cheques de R\$ 125,00 para setembro e outubro ou R\$ 300,00 à vista na inscrição

Contatos: Maria Cândida Becker

Fones (16) 3987-7803 (quarta a domingo)/(19) 97038820

E-mail:974661@dac.Unicamp.br

FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____ **ESTADO:** _____ **CEP:** _____

E-mail: _____ **FAX** _____

PROFISSÃO: _____

FORMAÇÃO: _____

ONDE FAZ ACONSELHAMENTO? ___ **IGREJA** ___ **HOSPITAL** ___ **ESCOLA**

___ **PRESIDIO** ___ **OUTRO** (especificar) _____

Depósito: Banco do Brasil – ag. 3375-8 c/c 12.352-8 ou Bradesco – ag. 1946-1 c/c 0500664-3

Enviar a ficha de inscrição e o comprovante de depósito por e-mail: m974661@dac.unicamp.br, ou Fax: (16) 687-3603 ou por correio para Maria Cândida Becker – Rua Nagib Melik Issa 53 – Dom Camilo – Serrana – SP – 14150-000

Modelo de Certificado entregue aos participantes do Treinamento

CERTIFICADO

Certificamos que _____ participou do CURSO DE SAÚDE MENTAL PARA CONSELHEIROS no período de agosto a dezembro de 2004, com 44 horas/aula, realizado pelo Laboratório de Saúde Mental, Cultura, Epistemologia e História do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Prof. Dr. JOEL S. GIGLIO
Coordenador
Laboratório de Saúde Mental
Cultura, Epistemologia e História
DPMP/FCM/UNICAMP

Profa. Dra. MARIA CÂNDIDA BECKER
Coordenadora
Curso de Saúde Mental
para Conselheiros
DPMP/FCM/UNICAMP